

"Um épico magistral."

People Magazine

As MULHERES do CASTELO



*Três mulheres marcadas pela guerra e por segredos
familiares que nunca serão esquecidos.*

JESSICA SHATTUCK

AUTORA BEST-SELLER DO THE NEW YORK TIMES



Harper
Collins



JESSICA SHATTUCK

As
MULHERES
do
CASTELO



*Três mulheres marcadas pela guerra e por segredos
familiares que nunca serão esquecidos.*

Tradução de
Livia Koeppl



Rio de Janeiro, 2017



Título original: *The Women in the Castle*

Copyright © 2017 by Jessica Shattuck

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela Casa dos Livros Editora LTDA. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copyright.

Rua da Quitanda, 86, sala 218 – Centro – 20091-005

Rio de Janeiro – RJ

Tel.: (21) 3175-1030

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES EDITORES DE LIVROS, RJ

S541m

Shattuck, Jessica

As mulheres do castelo / Jessica Shattuck; tradução Livia Koepl. – 1. ed. – Rio de Janeiro:
HarperCollins, 2017.

Tradução de: The women in the castle

ISBN: 9788595082144

1. Ficção americana. I. Koepl, Livia. II. Título.

17-44172

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

SUMÁRIO

Prólogo: Burg Lingenfels, 9 de novembro de 1938

PARTE I

Capítulo 1: Burg Lingenfels, junho de 1945

Capítulo 2: Turíngia, final de maio de 1945

Capítulo 3: Frühlinghausen, 12 de março de 1938

Capítulo 4: Burg Lingenfels, junho de 1945

Capítulo 5: Weisslau, 20 de julho de 1944

Capítulo 6: Burg Lingenfels, julho de 1945

Capítulo 7: Burg Lingenfels, agosto de 1945

Capítulo 8: Burg Lingenfels, agosto de 1945

Capítulo 9: O Warthegau, janeiro de 1945

Capítulo 10: Burg Lingenfels, agosto de 1945

Capítulo 11: Burg Lingenfels, agosto de 1945

Capítulo 12: Berlim, final de abril de 1945

Capítulo 13: Burg Lingenfels, dezembro de 1945

PARTE II

Capítulo 14: Tollingen, maio de 1950

Capítulo 15: Ehrenheim, maio de 1950

Capítulo 16: Tollingen, maio de 1950

Capítulo 17: Momsen, junho de 1950

Capítulo 18: Ehrenheim, junho de 1950

Capítulo 19: Tollingen, junho de 1950

Capítulo 20: Ehrenheim, junho de 1950

Capítulo 21: Momsen, julho de 1950

Capítulo 22: Tollingen, julho de 1950

Capítulo 23: Momsen, agosto de 1950

Capítulo 24: Castelo de Salem, setembro de 1950

Capítulo 25: Burg Lingenfels, outubro de 1950

PARTE III

Capítulo 26: Dortmund, 11 de janeiro de 1923

Capítulo 27: Dortmund, 1934

Capítulo 28: Dortmund, 1935

Capítulo 29: Warthegau, 1943

Capítulo 30: Frühlinghausen, dezembro de 1950

Capítulo 31: Frühlinghausen, dezembro de 1950

PARTE IV

Capítulo 32: Deer Isle, Maine, julho de 1991

Capítulo 33: Cambridge, Massachusetts, julho de 1991

Capítulo 34: Burg Lingenfels, outubro de 1991

Capítulo 35: Burg Lingenfels, outubro de 1991

Capítulo 36: Burg Lingenfels, outubro de 1991

Capítulo 37: Burg Lingenfels, outubro de 1991

Capítulo 38: Burg Lingenfels, 1991

Agradecimentos

Em memória de minha mãe, Petra Tölle Shattuck,
e de minha avó, Anneliese Tölle

BURG LINGENFELS, 9 DE NOVEMBRO DE 1938

O dia da famosa festa da colheita da condessa começou com uma chuva forte que castigou os principais pontos do antiquíssimo castelo VonLingenfels — causando vazamentos, encharcando o assoalho e fazendo com que sua fachada amarela assumisse uma cor preta escorregadia, como uma carapaça de besouro. No jardim, as lanternas de papel e espigas de trigo cuidadosamente penduradas estavam no chão, destruídas.

Marianne von Lingenfels, esposa do sobrinho da condessa, trabalhava sem alegria preparando o local para os convidados. Era muito tarde para cancelar a festa. Agora que a condessa estava presa a uma cadeira de rodas, Marianne tinha virado a anfitriã oficial; uma anfitriã que deveria ter escutado seu marido e cancelado a festa na semana passada. Em Paris, Ernst vom Rath jazia num leito de hospital, vítima de uma tentativa de assassinato, enquanto em Munique os nazistas acabavam com o país em um frenesi de vingança. Pouco importava que antes disso ninguém conhecesse Vom Rath — um obscuro diplomata alemão de classe média —, que o atirador fosse um garoto de 17 anos, ou que o tiro em si fosse um ato de vingança: a família do rapaz estava entre os milhares de judeus amontoados na fronteira, expulsos da Alemanha e barrados na entrada da Polônia. Os nazistas não se detinham em fatos complexos.

Mais um motivo para reunir pessoas sensatas aqui no castelo, longe de toda essa loucura!, Marianne tinha dito no dia anterior. Hoje, no meio da chuva, o argumento parecia banal.

Era tarde demais. Portanto, Marianne fiscalizava o lugar das velas, as flores e as toalhas de mesa, e fiscalizava o difícil transporte, debaixo de chuva, de *champagne*, gelo e manteiga, peixe em conserva e carnes defumadas, água mineral e botijões de gás. Burg Lingenfels ficava vazio durante a maior parte do ano, não tinha água encanada e o gerador só tinha força para a vitrola da condessa e poucos e caros pontos de luz elétrica. Dar essa festa era como colonizar a lua. Mas era justamente isso que fazia as pessoas continuarem indo

ano após ano, apesar dos desastres — pequenos incêndios, aposentos caindo aos pedaços, automóveis elegantes atolados na lama, ratos nos quartos de hóspedes. A festa tinha se tornado famosa pela atmosfera anárquica, nada germânica. Era conhecida como um quartel-general da cultura liberal e boêmia, no coração da própria aristocracia.

No meio da tarde, o vento começou a soprar, para alívio de Marianne, levando embora a tristeza do dia com rajadas de ar fresco e promissor. Até as paredes de pedra pareciam ter sido esfregadas e o fosso, cheio de água lodosa, parecia limpo. Os crisântemos do jardim cintilavam sob os raios de sol.

O espírito de Marianne se animou. Na frente do forno de assar pão, um arquiteto conhecido da condessa tinha transformado um velho bebedouro de cavalos em uma fonte. O efeito era, ao mesmo tempo, mágico e cômico. O castelo era um elefante vestido de fada.

— Albrecht — chamou Marianne, ao entrar na grande biblioteca de teto baixo, na qual estava seu marido, sentado na imponente escrivaninha que outrora pertencera ao conde. — Venha ver! É como um parque de diversões!

Albrecht ergueu os olhos para ela, ainda compondo uma frase na cabeça. Era um homem alto, de rosto enrugado e testa alta, com sobrelanceiras obstinadas que o deixavam quase sempre de cenho fechado, quando na verdade não estava.

— Só por um momento... antes que todo mundo chegue. — Ela esticou a mão. — Venha. O ar fresco vai ajudá-lo a pensar melhor.

— Não, não, ainda não — disse ele, expulsando-a com um gesto da mão e voltando a atenção à carta que escrevia.

Ah, por favor, normalmente Marianne o repreenderia, mas nessa noite, por causa da festa, ela mordeu a língua. Albrecht era um perfeccionista, viciado no trabalho. Isso ela nunca mudaria. Ele estava preparando uma carta a um velho colega da faculdade de Direito, que trabalhava no Ministério de Relações Exteriores britânico, e pediu várias vezes a opinião dela sobre a construção de uma ou outra frase. *A anexação dos Sudetos é só o começo. Peça que tome cuidado com a agressão do nosso líder* ou *Se não tomarmos cuidado, as intenções agressivas do nosso líder serão apenas o começo...*

Ambas as frases transmitem seu ponto de vista, fora a resposta de Marianne. É só escolher uma. Porém Albrecht era um deliberador. Nem ao menos percebera a irritação na voz dela. Suas emoções nunca eram complicadas ou

mesquinhas. Era o tipo de homem que contemplava grandes abstrações como os Direitos Inalienáveis do Homem ou os Problemas da Democracia enquanto fazia a barba. Isso o deixava alheio às coisas do cotidiano.

Marianne limitou-se a suspirar, deu meia-volta e deixou-o com seu trabalho.

Na sala de jantar, a condessa, na cadeira de rodas, repreendia um de seus jovens discípulos:

— Schumann não — disse ela —, Deus me livre! Podemos tocar logo Wagner... não, algo italiano. Algo decadente o bastante para chocar qualquer Camisa Parda¹ idiota que apareça esta noite.

Mesmo de idade avançada, a condessa era uma rebelde, imitada por jovens artistas e *socialites*. Francesa de nascimento, alemã por casamento, sempre foi uma figura controversa. Quando jovem, tinha organizado noitadas famosas pela improvisação nas danças e pelos debates intelectuais sobre assuntos “indecentes” como arte moderna e filosofia francesa. Por que ela havia casado com o velho conde — sério e antiquado, um homem vinte anos mais velho e famoso por adormecer na mesa de jantar —, era assunto de muitas conversas, algumas não muito amáveis.

A condessa sempre havia sido objeto de admiração para Marianne, fruto de uma educação prussiana opressivamente impecável. A mulher não teve medo de ir além do papel de mãe e *Hausfrau*² e brigar pelo poder masculino e pela vida intelectual. Ela falava o que lhe vinha à cabeça e fazia as coisas do jeito dela. Desde seu primeiro encontro com a condessa, anos atrás, quando Marianne era uma jovem universitária namorando o professor (Albrecht), ela quisera ser uma mulher como a condessa.

— Está maravilhoso aqui fora — Marianne disse, com um gesto para o jardim. — *Monsieur Pareille* é um mágico.

— Ele é um artista, não? — a condessa proclamou.

Eram quase seis da tarde. Os convidados chegariam a qualquer momento.

Marianne subiu apressada as escadas até o gélido corredor que levava aos quartos; as filhas estavam em um deles, entocadas numa antiquíssima cama cortinada, relíquia do passado feudal do castelo. Seu filho de um ano de idade, Fritz, estava em casa, em Weisslau, com a babá, graças a Deus.

— Mamãe! — Elisabeth, seis anos, e Katarina, quatro, gritaram de alegria. Elfie, a babá meiga e gentil, olhou para Marianne constrangida.

— Não é verdade que agora Hitler vai pegar de volta a Polônia? — Elisabeth perguntou, pulando no colchão.

— Elisabeth! — Marianne exclamou. — De onde você tirou essa ideia?

— Ouvi *Herr Zeppel* dizer para o papai — respondeu ela, ainda pulando.

— Não — Marianne disse. — E por que acha que devemos ficar felizes com essa notícia? Isso significaria guerra!

— Mas ela já era nossa antes —, Elisabeth fez beicinho, parando no meio do pulo. — E, além do mais, *Herr Zeppel* disse que os poloneses não sabem cuidar deles mesmos.

— Que bobagem — Marianne disse, irritada com Albrecht por ter permitido que a criança ouvisse a conversa. Zeppel era superintendente dos bens da família na Silésia e um ardente nazista. Albrecht tolerava as bobagens do homem porque tinham crescido juntos. Weisslau era uma cidade pequena.

— Mas era nossa, não era? — Elisabeth insistiu. — Antes da guerra?

— Elisabeth — Marianne disse, suspirando —, preocupe-se com o que é *seu*, por favor. E isso inclui o livro que você deveria estar lendo agora com a Elfie.

A criança exasperava Marianne com sua eterna obsessão pela posse. Parecia ter absorvido o sentimento nacional de ressentimento, como se ela, pessoalmente, fosse vítima de grande injustiça. Era uma menina tão favorecida, mas sempre queria mais — um vestido ainda mais novo, uma saia ainda mais bonita. Se ganhasse um coelhinho, iria querer um cachorro. Se lhe dessem um bombom, iria querer dois. Na sua mente, o mundo parecia inteiramente à sua disposição. Marianne, que tinha recebido uma educação caracterizada por firme parcimônia e moderação, ficava sempre estarecada com essa criatura exigente que supostamente tinha criado.

— Elfie. — Virou-se para a babá. — Você pode apagar as velas às oito? As meninas estão autorizadas a descer até o patamar da escada, mas não devem descer.

— Mas... — Elisabeth começou, e Marianne a calou com um olhar.

— Boa noite — disse ela, dando um abraço a mais na doce e quieta menina de cabelos escuros, Katarina, e beijando a cabecinha castanha irritante de Elisabeth.

AO DESCER A ESCADA, Marianne parou no patamar para observar o salão abaixo, seus arcos de pedra iluminados por candelabros. A luz cintilante

emprestava ao aposento um brilho excitante, quase fantasmagórico. Os primeiros convidados tinham começado a chegar: homens de colete e fraque, alguns em uniformes com insígnias nazistas espalhafatosas costuradas nas lapelas; as mulheres com vestidos novos e elegantes. Sob a liderança de Hitler, a economia crescia forte: as pessoas tinham novamente dinheiro para seda, veludo e os novos modelitos vindos de Paris. De sua cadeira no meio do salão, que mais parecia um trono, a condessa recebia os convidados — a cadeira de rodas cuidadosamente escondida essa noite. Ela parecia uma montanha de seda azul e verde, o tipo de tecido que nenhuma alemã da sua idade (ou de qualquer outra) usaria. Seu riso era estrondoso para alguém de saúde debilitada — alguma vez existiu uma mulher que amasse tanto uma festa? E fazendo uma reverência a ela, lá estava o convidado que provocara essa gargalhada: Connie Fledermann. Marianne sentiu um arrepio de excitação. Quem mais seria alvo dessa recepção? Connie era o grande favorito da condessa, uma estrela por direito, um homem cuja ousadia de caráter, sagacidade e inteligência lhe rendiam o amor de todos — era encantador para as mulheres e digno de confiança e confidências para os homens. Ninguém, do louco Hermann Göring ao sombrio George Messersmith, era imune ao carisma de Connie.

— Connie! — Marianne chamou ao se aproximar. Ele virou-se, e um sorriso amplo se espalhou em seu rosto.

— Aha! A mulher que eu estava procurando! — Ele levou as mãos dela aos seus lábios. — Você está adorável. — Ele levantou os olhos até o patamar da escada. — Poderei ver minhas princesas ou você as escondeu?

— Estão escondidas — disse ela, com uma risada. — Assim espero.

— Que pena. — Ele levou as mãos ao coração e fingiu um desmaio. — Bom, pelo menos posso conviver com a rainha-mãe. — Ele estendeu o braço a ela. — Venha conhecer minha Benita!

O sorriso de Marianne congelou. Com a confusão da semana passada, ela tinha esquecido. Martin Constantine Fledermann iria se casar. Parecia impossível. Mesmo com a data marcada (dali a duas semanas!), ainda lhe soava como uma brincadeira.

Porém ele estava sério, até mesmo nervoso, enquanto levava Marianne pelo braço.

— Seja amiga dela — pediu ele. — Ela não conhece ninguém. Eu disse a ela que você seria uma aliada. — Ele virou-se para Marianne. — E você sabe que

ela vai precisar de uma aqui.

— Por que diz isso? — Marianne perguntou. — Você está entre amigos.

— Verdade — Connie disse. — Mas ela não.

Marianne franziu as sobrancelhas a essa lógica circular, mas não havia mais tempo para discutir porque subitamente lá estava ela, sua Benita, uma mulher lindíssima com o tipo de rosto nórdico que emanava placidez. O cabelo loiro trançado caía em volta do rosto, no estilo tão adorado pelos nazistas, uma Brunhilde wagneriana em um virginal vestido de camponesa. Ela estava parada entre dois jovens que trabalharam com Albrecht nas Relações Exteriores, ambos encantados. Marianne sentiu uma incomum pontada de ciúmes. Não que invejassem a beleza ou o ar palpável de sexualidade da mulher mais jovem (ela mesma havia traçado um caminho alternativo para receber a admiração masculina), mas é que nesse momento, na companhia destes três homens — dois garotos bobos que acabaram de atingir a maioridade e um amigo querido, amor de sua infância, luminar da oposição —, a beleza da outra mulher a deixava sem chão. Aos 31 anos de idade, Marianne se via como uma adulta em uma brincadeira de criança, uma professora entre alunos excitados.

— Com licença, rapazes — disse Connie, distribuindo cotoveladas, e empurrando um deles para o lado. — Preciso tomá-la emprestada. — Ele pôs a mão no braço de Benita e a levou até Marianne.

— Meu amor — disse ele a Benita (quão estranho era ouvi-lo dizer isso) —, conheça minha... Como devo chamá-la? — Virou-se para Marianne. — Minha amiga mais antiga, minha conselheira mais inflexível, a pessoa que me mantém sempre íntegro?

— Ah, pare com isso, Connie — disse Marianne, tentando esconder a irritação. — Marianne — ela apresentou-se e estendeu a mão para a mulher mais jovem, que, avaliou, parecia não ter mais que vinte anos.

— Obrigada — disse a garota, piscando como um cervo assustado. — Que bom conhecê-la.

Mais convidados chegaram e Marianne podia senti-los indo em sua direção, a pressão de mãos a apertar, boas-vindas a distribuir, política a discutir. Lá estava Greta von Viersdahl, já tentando captar o olhar dela; desde que Hitler havia começado a invadir, Greta só falava das roupas de inverno que comprava dos alemães dos Sudetos, tão recentemente trazida de volta à “Pátria-Mãe”,

por muito tempo “oprimida pelos escravos...”. Marianne não queria falar de política com Greta. Impulsivamente, pegou Benita pelo braço.

— Nos dê uma chance de sermos amigas — disse a Connie por cima do ombro, já levando Benita pela porta dos fundos até o jardim repleto de lanternas.

— Que lindo! — Benita exclamou.

— Não é? — concordou Marianne. — Como um conto de fadas. A condessa Von Lingenfels tem talento para surpreender as pessoas.

Benita fez que sim com a cabeça, observando tudo de olhos arregalados.

— Bom, me fale de você antes que sejamos cercadas por uma multidão de admiradores — pediu Marianne. — Fez uma boa viagem? Encontrou seu quarto? — Ela se ateu às questões primordiais, ouvindo, um pouco desatenta, as respostas.

De toda parte, ela podia sentir o olhar das pessoas as observando.

— Conte-me como conheceu Connie. — Marianne agarrou duas taças de *champagne* de uma mesa e entregou uma a Benita, que a aceitou sem agradecer.

— Nos conhecemos na praça da cidade mesmo — disse a garota. — Eu estava com minha tropa, minha tropa da LMA³...

— Meu Deus! A LMA? Quantos anos você tem? — Marianne exclamou.

— Oh, não. Não a LMA para garotinhas, a LMA das meninas mais velhas. Crença e Beleza. Tenho 19.

— Ah — Marianne deu um tapinha no braço dela —, realmente é uma anciã.

A garota olhou para ela.

— Não são adoráveis? — Marianne apontou para os crisântemos brancos e as anêmones escuras, que florescem no outono, arranjadas em vasos ao longo da balaustrada. Bem acima, nuvens pálidas passavam rapidamente pelo céu escuro. À distância, a floresta se destacava como tinta preta no crepúsculo. — Então, na praça da cidade...

Benita deu um gole em sua *champagne* e tossiu.

— Não tem muito o que contar. Nos conhecemos, conversamos e então depois fomos jantar.

Marianne colocou a taça dela sobre o muro do jardim.

— E agora você vai se casar.

— Do jeito que você fala — Benita hesitou —, parece esquisito.

Marianne sorriu e inclinou a cabeça para o lado, franzindo a sobrancelha. Ela tinha aprendido essa expressão de profunda análise com a condessa e descobriu que era útil para arrancar confissões e explicações de crianças e membros da família, até mesmo de homens adultos.

Porém não obteve o efeito desejado sobre a garota. Em vez disso, a expressão pareceu lhe dar coragem, e Benita endireitou o ombro:

— Aconteceram outras coisas também.

— É claro — disse Marianne. Por que insistiu em fazer esse interrogatório? A garota iria ser a esposa de Connie. Não seria bom para Marianne começar desse modo. — Desculpe, não quis me intrometer. Venha. — Ela olhou em volta do jardim, procurando uma saída pelo jardim, que se enchia rapidamente, e, com alívio, reconheceu Herman Kempel, um dos garotos simplórios que tinha ficado tão encantado por Benita anteriormente. — Vamos falar com seu mais recente admirador.

CONFORME CAÍA A NOITE, uma energia frívola e desenfreada dominava a festa. Uma figura engraçada, vestida com calças curtas de couro e meias até o joelho, tocava acordeão — era alguém que a condessa tinha contratado ou um convidado local? —, enquanto as pessoas começavam a ensaiar passos da dança típica da região nas pedras irregulares do chão. As mulheres chegaram a lançar os sapatos para longe, apesar do frio. Dentro do castelo, o trio de *jazz* americano que a condessa tinha convidado finalmente chegara. Eles tocavam *ragtime* no grande salão, enquanto os convidados mais ousados e cosmopolitas praticavam passos de danças com nomes bobos, como “Big Apple” e “Lindy Hop”. De alguma maneira, apesar do fogão improvisado e da falta de água encanada, o chef conseguiu servir um fluxo incessante de iguarias: tradicionais almôndegas de carne de porco com um delicado molho de salsa, gordos bolinhos de batata cozidos no vapor e panquecas redondas como uma moeda de um dólar, acompanhadas de salsichas. Ele também tinha novidades: aspargos envoltos em fatias de presunto, finas como folhas de papel, formas de gelatina, abacaxi flambado e torradinhas com caviar... como a música, a comida abrangia toda a variedade da vida cultural alemã.

Marianne vagava envolta numa névoa, não de álcool (a anfitriã jamais bebia mais que uma taça de ponche — isso ela também tinha aprendido com a condessa), mas de alívio. De alguma forma, tinha conseguido perpetuar a

exagerada tradição da festa da colheita, mesmo com o país varrido pela sombria e rígida onda de militância. E tinha conseguido superar sua própria educação (o quão mortificado seu pai não ficaria ao vê-la dando uma festa com uma banda de jazz, pessoas dançando e fazendo brindes com *champagne*?) e proporcionar a essas pessoas algo adorável, libertador e etéreo.

Impelida por esse pensamento, cumprimentou convidados e verificou se estava tudo bem com a bebida no bar e a comida no *buffet*.

— A mais nova condessa! — gritou um alegre primo de Connie, bem-humorado, envolvendo o ombro dela com o braço gordo. — Que festa! Mas onde está seu estimado marido? E todos os amigos intelectuais dele? Não vejo nenhum desses ogros há pelo menos uma hora. Estão entocados em algum tipo de reunião seleta, sem seu velho amigo Jochen?

— Não, não. — Marianne o afastou com um beijo na bochecha.

Porém tinha feito uma boa pergunta. *Onde* estava Albrecht? E, por falar nisso, onde estavam Connie, Hans e Gerhardt Friedlander? Ela não os via há algum tempo. Albrecht provavelmente tinha levado todos até a biblioteca para que o ajudassem a revisar sua carta. O pensamento a irritou. A seriedade de Albrecht — a constante habilidade de se concentrar num mundo além do que estava bem abaixo do nariz — soava como censura. Ele estava certo, é claro. O pobre Ernst vom Rath jazia em alguma cama de hospital e milhares de judeus dormiam ao relento na fronteira gelada. A Alemanha era governada por um demagogo gritalhão que queria arrastar outras nações para a guerra e tornar desagradada a vida de inúmeros cidadãos inocentes. E lá estavam eles — bebendo *champagne* e dançando Scott Joplin.

Num estado de irritação defensiva, ela irrompeu violentamente no escritório de Albrecht, onde, de fato, estavam todos os seus convidados desaparecidos: Albrecht e Connie, Hans e Gerhardt, Torsten Frye, o americano Sam Beverwill, e alguns outros, muitos dos quais, como Connie, trabalhavam como funcionários no *Abwehr*, o departamento de inteligência militar.

— O que é isso? — perguntou ela, tentando suavizar a voz. — Uma festa secreta e muito séria? A condessa não vai gostar de saber que estão aqui se escondendo no estúdio em vez de dançar.

— Marianne... — Albrecht começou.

— Albrecht! Deixe seus convidados saírem e aproveitarem a noite...

Conforme falava, ela percebeu uma pessoa nova: um homem baixo, de cabelos escuros e ralos e com certa intensidade no rosto comum. Havia um clima estranho no aposento; os homens continuaram com um semblante grave e inalterado apesar da sua presença.

— Desculpe — ela disse ao estranho —, acho que não fomos apresentados.

— Pietre Grabarek. — Ele deu um passo à frente e estendeu a mão.

Um polonês. Albrecht e Connie tinham muitos contatos no Partido Nacional Polonês.

— Marianne von Lingenfels. Esposa do seu austero anfitrião — disse ela, apontando para Albrecht.

— Marianne... — Albrecht começou, novamente. — Pierre veio de Munique com algumas notícias alarmantes. Esta noite...

— Vom Rath morreu? — Marianne sentiu um arrepio.

— Morreu. — Albrecht assentiu. — Mas não é só isso.

Marianne sentiu-se desconfortável no centro daquele pequeno grupo, todos observando sua reação. Era uma posição a que ela não estava acostumada: a de ignorante.

— Parece que Goebbels deu ordens à SA para incitar tumulto e destruição de propriedades judias. Estão apedrejando vitrines de lojas, saqueando, e se divertindo com isso...

— Nada de diversão! Uma batalha! Um ataque organizado! — o homem interrompeu. — Para destruir vidas humanas.

— Que horror! — exclamou Marianne. — Lutze aprovou? O que isso significa? — Lutze era o chefe de polícia da SA: um homem desagradável que ela conhecera recentemente e de quem não tinha gostado.

— Parece que sim — Albrecht respondeu.

Houve uma troca de olhares.

— É uma descida ao inferno. Hitler é exatamente o maníaco que pensávamos! — Hans exclamou, mas ninguém prestou atenção. Ele era um garoto ingênuo e gentil. *Há pensadores e atores*, Connie havia dito uma vez. *Hans é um ator*. Apesar disso, Albrecht tinha relutado em aceitar essa dicotomia, segundo ele, muito preto no branco, reducionista e implacável. Deveriam pensar antes de agir e esse pensar incluía uma cuidadosa deliberação. Mas não era assim que Connie agia. Ele mesmo era como um

ator, e suas opiniões, após declaradas e consideradas, raramente eram reformuladas, sempre imutáveis.

— Isso é uma vergonha para a Alemanha aos olhos do mundo — Albrecht disse.

Todos concordaram.

— E sofrimento — disse Connie —, isso significa sofrimento para muitas, muitas pessoas...

O grupo caiu em silêncio enquanto o som de risadas e da música do acordeão entrava suavemente pelas janelas de chumbo.

— E isso significa que os cidadãos racionais devem agir — Connie continuou —, nem todos nós somos assassinos e vilões. Mas seremos se não tentarmos mudar a situação.

Era uma declaração ousada, quase um desafio, e Marianne viu isso registrado nas faces dos homens, com resultados variados. Hans assentiu de forma dramática, fascinado. Eberhardt von Strallen, claramente desaprovando a conversa imprudente, ficou procurando fiapos na lapela. Albrecht franziu a testa pensativo.

— É nosso dever — disse Connie. — Se não trabalharmos ativamente para derrotar Hitler, só vai piorar. Esse homem, esse zelote que se autointitula nosso líder, vai arruinar tudo que conquistamos como uma nação unida. Se não começarmos a mobilizar pessoas contra ele, que compartilham da nossa opinião, se não começarmos a alistar ativamente nossos contatos pelo mundo, os ingleses, os americanos, os franceses, ele vai nos levar à guerra, e a algo pior. Se ouvirem as coisas que esse homem diz, se realmente ouvirem e lerem... Está tudo lá naquele livro horrendo dele, *Mein Kampf*; sua “luta” vai nos transformar em animais! Leiam, *leiam* mesmo, *conheçam teus inimigos*. Ele tem uma visão medieval! Pior que medieval, anárquica! A vida dele nada mais é que uma luta por recursos, a ser travada entre as raças. Essa “Raça Superior” que ele gosta de citar, e os perfis raciais que inventou são as ferramentas que ele vai usar para nos dividir e conquistar.

Marianne já tinha ouvido antes o ponto de vista de Connie — quantas vezes não conversaram em Weisslau, tarde da noite, em volta do fogo?

Hitler era um louco e um assassino, todos concordavam. Desde o *Putsch* isso estava claro. Connie, assim como Albrecht, gastou boa parte dos últimos anos ajudando vítimas dos nacionais-socialistas — judeus que desejavam

emigrar, comunistas presos, artistas cujos trabalhos tinham sido banidos. *Sem lei*, Albrecht sempre dizia, *não somos melhores que os macacos*. Seu trabalho era tanto defender e fortalecer a lei, através de sua prática, como vencer cada batalha individual.

Connie, porém, tinha desistido do Direito, já que o regime nazista castrava cada vez mais essa arte. Ele era um dissidente natural e acreditava em ação direta. Era uma das coisas que Marianne mais amava nele — Connie, seu parceiro de brincadeiras de infância, amigo mais querido e homem que ela mais admirava, depois de Albrecht, é claro. Ele sempre fora um agitador, um defensor apaixonado do que acreditava ser *certo*. Quando criança, ele e Marianne passaram verões com suas famílias em Ostsee, e Connie sempre os liderara em missões contra injustiças, conspirações para revelar que o gerente do hotel maltratava cachorros ou os preconceitos equivocados dos próprios pais. E geralmente ele triunfava, através da pura força de caráter ou de firme determinação.

— *Devemos encontrar maneiras de trabalhar contra ele* — Connie continuou. — Não apenas para mostrar ao mundo suas terríveis aspirações, mas para que nós mesmos possamos agir. Se ficarmos sentados e julgarmos por trás da segurança de nossas mesas, só poderemos culpar a nós mesmos. Então sugiro que, de hoje em diante, nos comprometamos com uma resistência ativa. Tentar guiar nosso país para longe do caminho de destruição de Hitler.

Connie terminou. Gotas de suor brotavam da sua testa e ele estava sem fôlego.

Houve murmúrios e gestos de concordância entre os homens reunidos.

— *Concordo com o princípio* — Albrecht disse lentamente após a onda de concordância. — Mas uma conspiração ativa contra nosso governo, este governo, é uma coisa perigosa. E temos que levar em conta nossas esposas e famílias. Não estou dizendo que não deveríamos fazer isso, apenas que devemos pensar com cuidado...

— *Suas esposas e famílias apoiarão* — Marianne interrompeu, surpreendendo a si mesma e ao resto do aposento. Sua fala tinha um tom de censura. Albrecht era sempre tão ponderado, devagar e pensativo. Uma tartaruga lenta, em comparação ao cervo saltitante que era Connie.

— *Todas as esposas?* — perguntou Von Strallen ironicamente.

— Todas — repetiu Marianne. Von Strallen era um chauvinista. Não falava com sua tola esposa, Missy, e não a levava a lugar algum.

Pobre Missy, tratada como uma estúpida e gorda vaca leiteira.

— E aguentariam os riscos? — Albrecht perguntou gentilmente.

— Aguentariam os riscos — Marianne repetiu.

— Tudo bem — disse Connie, fitando Marianne com seu intenso olhar. — Então você vai se certificar de que as famílias fiquem bem. Você será a comandante das esposas e crianças.

Marianne encontrou seu olhar. *Comandante das esposas e crianças*. Ela sabia que ele não tinha intenção de diminuí-la, mas isso soou como um tapa.

A REUNIÃO — se é que dava para chamá-la assim — terminou e, com uma sensação de irreabilidade, Marianne voltou à festa para retomar suas responsabilidades de anfitriã. Conversas surgiram e morreram, o trio de jazz tocava e, do topo da escada, alguém recitava Cícero em latim.

Contudo, lá fora, além dos muros do castelo, coisas terríveis aconteciam. Marianne podia imaginar os assassinos Camisas Pardas de Hitler assolando as ruas aos bandos, vangloriando-se e gritando com a costumeira violência desmedida. Ela os tinha visto em Munique, no último verão, marchando em um desfile. Dois homens tinham rompido a formação e corrido em direção a ela, na calçada. Por um momento ela ficou petrificada, com medo de ser atacada: mas por qual motivo isso aconteceria? Em vez de atacá-la, nocautearam o estudante universitário à sua frente e o chutaram quando ele caiu no chão, abraçando os joelhos como uma bola, as botas pretas reluzentes pisoteando suas costas. Aconteceu tão rápido que ela simplesmente ficou lá, parada.

Por quê? O que ele fez? Perguntara a um homem ao lado assim que a SA foi embora. *Ele não ergueu suas mãos num Heil decente*, o homem sussurrara, enquanto se abaixavam para ajudar o pobre estudante a se levantar.

Dias após esse acontecimento, ainda via o rosto dos homens que correram em direção a ela: rostos comuns, de meia-idade, dominados pela estupidez e violência.

— O que foi? Parece que você viu um fantasma — Mimi Armacher perguntou, interrompendo a lembrança. Mimi era uma mulher gentil, prima distante de Albrecht, uma pessoa de quem Marianne sempre gostara.

— Acabei de saber... — Marianne, vacilou. Do que ela chamaria isso? Era como algo passado em uma época menos civilizada, não tinha nem palavras para descrever. — Tivemos notícias de Munique de que há tumulto. A SA... espancando pessoas, destruindo lojas judias...

— Notícias? — Mimi repetiu, como se fosse algo incompreensível.

— De um amigo de Connie que acabou de chegar — Marianne explicou.

— Oh, que horror — Mimi disse, consternada. — Em todas as cidades?

Outras pessoas juntaram-se a elas. Marianne estava ciente de que Berna e Gottlieb Bruckner estavam na extremidade do grupo, e também Alfred Klausner: amigos judeus cuja própria permanência na Alemanha estava cada vez mais difícil. Gerações de assimilação cultural não mais parecia separá-los dos imigrantes judeus do leste que Hitler estava obcecado em deportar. Ninguém estava a salvo.

De repente, Marianne sentiu-se exausta.

— Foi o que ouvi.

— Destruindo propriedades? — alguém perguntou. — Aleatoriamente?

— Propriedades de judeus — Mimi afirmou com uma frieza assustadora. — Só propriedades de judeus. — Ela virou-se para Marianne. — Não foi isso que disse?

Marianne olhou para ela.

— Não sei. — Ela endireitou as costas. — E isso importa? Nosso governo está incitando um bando de assassinos.

— É o começo do fim — a condessa proferiu dramaticamente quando soube da devastação do que mais tarde seria chamada de *Kristallnacht*, a “Noite dos Cristais”. — Aquele austríaco vai acabar com nosso país.

Com isso, ela foi para a cama.

Marianne invejou a liberdade. Ela teria que conduzir a festa até o amargo fim.

Conforme as notícias se espalhavam, convidados com cargos governamentais ou propriedades grandes em cidades próximas foram embora, subindo a colina, acelerando nas curvas, bêbados, buzinando e piscando faróis. Foram seguidos, mais sobriamente, pelos poucos convidados judeus. Alguns idiotas *voyeurs* dirigiram até a cidade vizinha de Ehrenheim para ver até que ponto o tumulto tinha se espalhado.

Do lado da fonte de *champagne*, Gerhardt Friedlander discutia com os gêmeos Stollmeyers, devotados nazistas, bêbados e de rosto vermelho. A multidão formou um círculo tenso em volta.

— A conspiração mundial dos judeus não vai parar no assassinato de Vom Rath — um dos Stollmeyers vociferou. — Temos que agir contra eles...

— Não seja idiota — Gerhardt cuspiu. — Vom Rath foi morto por um menino desequilibrado de 17 anos, não foi uma conspiração.

— Um menino de 17 anos judeu e bolchevique — o oponente retrucou —, que quer acabar com o orgulho e a união do *Volk* Alemão...

Marianne não conseguiu ouvir mais. Essa tagarelice absurda dos nazistas estava por toda parte, pronta para ser adotada e apreciada por pessoas tão ignorantes quanto os Stollmeyers. Como esses dois entraram na lista de convidados? Ainda bem que havia Gerhardt para colocá-los em seu devido lugar.

No salão principal, o trio de jazz tinha desaparecido. (Voltaram para Berlim? Tinham sido pagos?) E alguns imbecis tentavam colocar uma marcha nazista na vitrola, apenas para serem atingidos por uma porção de almôndegas de porco *Frikadellen* recém-saídas da frigideira, que o chef acabara de mandar servir. Os *voyeurs* que tinham dirigido até Ehrenheim voltaram, parecendo quase decepcionados em relatar que não, não havia tumulto. O que esperavam? Era uma cidade bávara, completa e teimosamente católica. Não havia moradores ou negócios judeus.

Sem temer as notícias ou a partida dos convidados, o cozinheiro continuava oferecendo iguarias: uma nova rodada de carne de porco assada, tortas de maçã, um bolo *Frankfurter Kranz*. E o garçom servia drinques.

Marianne desejava que os convidados restantes fossem embora. Eram todos egocêntricos e frívolos. Mas, ainda assim, a festa continuou, arrastando-se em uma morte lenta.

Perto da meia-noite, ela permitiu-se um momento de privacidade em uma sala de troféus vazia, decorada por antigos caçadores Von Lingenfels. As paredes eram forradas com crânios de cervos, brancos e delicados, e animais empalhados bolorentos — javalis, ursos e até mesmo um lobo. Uma sala cruel, mas serviria a seu propósito. Ela iria descansar por cinco minutos. Um minuto a mais e ela não conseguiria voltar. Ao sentar-se, deixou toda expressão

abandonar seu rosto, e o relaxamento que substituiu esse vazio a fez sentir-se velha, a mãe de três crianças pequenas em uma súbita terra selvagem.

— Aha! — Uma voz veio detrás dela, e duas mãos pousaram em seus ombros antes que ela tivesse oportunidade de virar-se: Connie. Ela achava que ele já tinha ido embora há muito tempo, de volta a Berlim para reparar o dano ou ido para cama com sua noiva, um homem mudado, com novos hábitos. Mas lá estava ele. Sua intransigência a tranquilizou.

— Peguei você — ralhou ele.

— Oh, Connie — disse ela, se virando. — Devo dizer a eles para irem para casa? É tão estranho continuar com essa festa sendo que fora daqui sabe Deus o quê...

— Deixe-os ficar. — Connie afundou na cadeira à frente dela. — Eles estão bêbados demais para irem embora.

— Acho que sim. — Marianne suspirou. — O que está acontecendo lá fora?

— Bom — Connie disse, recostando-se. — Greta von Viersdahl está interpretando um ganso na pista de dança, o velho *Herr* Frickle achou uma nova mulher da vida para dançar em seu colo e tem alguém que não conheço vomitando no fosso.

— Ah, céus. — Marianne sorriu.

A quantas festas foram juntos? Muitas, incontáveis, desde que eram crianças. E Connie sempre fora um repórter divertido — um observador interessado no animal humano.

Foi o que forjou a amizade deles: a capacidade de observação de Connie e a capacidade de Marianne em apreciar essa dádiva, sendo alguém menos capacitada para isso.

— E Benita? — Ela não resistiu em perguntar. — Está dormindo?

— É uma boa garota — Connie respondeu, esticando as pernas, a lareira criando um efeito divertido das longas sombras que seus sapatos projetavam. O rosto bonito parecia cansado. Estava com olheiras.

— Ser uma boa garota facilita ou dificulta dormir?

Connie encolheu os ombros.

— Ela estava exausta.

Marianne endireitou-se na cadeira e olhou de forma interrogativa para seu amigo.

— O que ela acha? Sobre esse tumulto e os assassinatos, sobre o que está acontecendo com o mundo?

Connie afastou a cabeça do encosto da cadeira para olhar para ela. Mesmo cansado, seu rosto era impressionantemente bonito: os traços belos e sinceros que tinha quando menino nunca perderam a delicadeza ou a suavidade. Em vez disso, acentuaram-se e tornaram-se ainda mais uniformes — ainda capazes de surpreendê-la com sua simetria.

— Você não gostou de Benita. Sabia que não aprovaria.

— Isso não é justo, Connie... por que acha isso?

— Conheço você.

— O quê? Não sou uma pessoa de mente aberta e receptiva, que está feliz de ver o amigo apaixonado?

Connie estreitou os olhos.

— De mente aberta, sim. Receptiva, não. Você é implacável.

Marianne franziu as sobrancelhas.

— Bom, ela é jovem.

Connie riu.

— Ela será sua parceira? Em tudo que fizer? — perguntou ela.

Connie sentou-se subitamente e, por um momento, Marianne temeu ter ido longe demais. Mas ele não ficou furioso. Ele virou sua cadeira a fim de encará-la e inclinou-se à frente, apoiando os cotovelos no joelho.

— Não como você e Albrecht, não. Mas há outros tipos de união. E eu a amo.

Ela ficou surpresa com a intensidade dessa declaração. Havia, nessa afirmação, uma crítica implícita ao seu próprio casamento?

— Você precisa me prometer uma coisa — Connie pediu.

— O que é? — Marianne franziu as sobrancelhas.

Ele empurrou a cadeira à frente para pegar sua mão e um choque percorreu o corpo de Marianne.

— Se tudo der errado, e pode ser que isso aconteça, você deve ajudá-la. Ela é uma garota simples e eu posso arrastá-la a uma encrenca que não merece. — Uma timidez incomum e expressão quase infantil passou pelo rosto dele. — E você deve ajudá-la a criar meu filho.

— Seu o quê? — Marianne exclamou, perplexa. — Ela está....?

Connie fez que sim.

— Você me promete?

— Connie, é claro que sim, você sabe que o farei, mas...

— Me dá sua palavra?

Marianne o encarou, ele estava tão sério como nunca, e ela sentiu um arrepio de premonição.

— Você tem minha palavra — ela disse suavemente, e sentiu a plena gravidade dessa promessa pairar ao seu redor.

E, então, um momento que Marianne reviveria em sua mente inúmeras vezes — não apenas naquela noite, mas durante os anos seguintes, bem depois da morte de Connie, de Albrecht, e da própria Alemanha morrer, bem depois que metade da festa estava morta ou coberta de vergonha, ou algo no meio. Ele deu um passo à frente e, com a mesma intensidade que tinha usado para arrancar a promessa dela, a beijou. Era um beijo isento de qualquer romantismo ou flerte, que superava (e lá estava uma questão que iria remoer de forma irritante e irrelevante em sua mente para sempre) até mesmo o desejo e iria diretamente para o oceano de amor e conhecimento. Ali estavam duas pessoas que se entendiam. Lá estavam duas pessoas alinhadas em algo maior que elas mesmas.

Quem se afastou primeiro? Sempre que relembrava o momento, nunca ficava claro para Marianne. Tudo se passara em minutos? Segundos? Era, ao mesmo tempo, límpido como a água, mas também confuso. Dias depois ela ainda podia sentir o lugar onde a mão de Connie tinha afastado o cabelo de sua bochecha. A lembrança vinha com um arrepio, era quente e fria ao mesmo tempo.

— Connie — ela disse quando se separaram novamente. Ele avançou e levou a mão dela aos seus lábios. Mas, antes que ela pudesse pensar em dizer ou perguntar algo, ele se levantou e foi embora.

[1.](#) Em alemão, *Sturmabteilung*, abreviado para SA, milícia paramilitar nazista (N.T.).

[2.](#) Dona de casa em alemão (N.T.).

[3.](#) Liga das Moças Alemãs. Organização da Alemanha nazista para moças de 14 a 18 anos, o equivalente feminino da Juventude Hitlerista (N.T.).

PARTE I

BURG LINGENFELS, JUNHO DE 1945

Benita passou toda a viagem de carroça, da estação de trem até Burg Lingenfels, meio entorpecida, deitada nos fardos de palha mofados, sem ligar mais para a aparência: uma puta ou uma vagabunda deitada a céu aberto, cruzando o país com a dignidade de um saco de batatas. Sentia-se nauseada. O estômago revirava, e as órbitas dos olhos doíam. Possivelmente era por causa da salsicha que Marianne havia trazido — uma carne forte e saborosa, do tipo que Benita não punha na boca havia anos. Ela não conseguia pensar nela agora sem sentir ânsia de vômito.

A viagem de trem a partir de Berlim tinha levado, então, três dias, incluindo uma noite em estação de pouso apinhada com todo tipo de gente: vítimas de estupro, mães desafortunadas e soldados feridos a oeste do Oder. Benita estava farta de pessoas desesperadas. Berlim já era ruim o bastante, com russos bêbados e virgens quase mortas de fome escondidas em porões, com incontáveis mortos — alguns ainda soterrados na montanha de entulhos — e abrigos antiaéreos fedorentos e superlotados, transformados em campos de refugiados. E a parte oeste da cidade ainda pior, cheia de sofrimento e todo tipo de lixo humano. Era como se o grande continente europeu tivesse dado de ombros e deixasse todos à própria sorte. Benita não tinha ilusões. Era um animal como eles, não se importava mais com a dor e o sofrimento dos outros, e eles não se importavam com ela. A carroça sacolejava na colina esburacada e, acima, as nuvens passavam de tempos em tempos pelo céu, gordas e amigáveis, tão inocentes como sempre foram. Eram a melhor coisa que ela via em semanas. Sua mente divagava de letargia e exaustão.

Em Berlim, era raro dormir. Se não era o capitão russo entrando sem pedir licença no que sobrara do apartamento bombardeado, era algum outro desgraçado que não entendera ainda que ela pertencia ao capitão. Era assim que as coisas funcionavam nas ruínas do que antes fora a rua Meerstein, 27. Nas manhãs, soldados russos jogavam cartas ruidosamente na mesa da cozinha, e *Frau* Schiller, uma velha medrosa, cozinhava rapidamente as

mercadorias ilícitas que os soldados lhe davam. Benita não dormira uma noite inteira desde que Berlim caíra, o que talvez fosse uma benção. Porque com o sono vinham sonhos. E seus sonhos eram a essência de cada horror que vivera no ano anterior.

Quando a carroça parou, Benita acordou com um tranco. Tinham chegado a Burg Lingenfels. Ela se sentou rapidamente, pontos de luz dançaram em frente a seus olhos. Quando melhorou, lá estava ele: o castelo, exatamente o mesmo de que ela se lembrava, e totalmente diferente. Pedras brutas, janelas de chumbo na frente e o carvalho gigante e intimidador na porta principal. A construção em si estava intocada — o que era mais uma guerra para essa antiga fortaleza? Mas não mostrava nada da grandeza que a tinha impressionado tanto quando a vira pela primeira vez na festa da condessa. Todas as velas e a música e os belos vestidos, os carros elegantes estacionados desordenadamente ao longo da colina... era difícil acreditar que aquilo tinha acontecido apenas sete anos antes. Parecia que a memória era de outra vida. Agora os aristocratas, artistas e intelectuais que a tinham intimidado tanto estavam mortos, aleijados ou irrevogavelmente culpados. E não estavam melhor do que ela.

— Você se lembra do castelo? — dizia Marianne, levantando Martin da carroça e o colocando no chão. Doce Martin, garotinho precioso de Benita, amor da sua vida, a criança que ela pensara que jamais veria de novo.

Ela fez que sim com a cabeça e tentou escalar a carroça para sair.

— Deixe-me ajudá-la — disse Marianne. — Você está exausta.

Queria andar com seu filho. Mas Martin já estava à frente dela, seguindo o filho de Marianne, Fritz, de oito anos.

— Que criança saudável. Isso é uma bênção — disse Marianne, segurando Benita pelo cotovelo.

E apesar dos muitos anos desde que Benita a vira, apesar do fato de que ela nunca tinha conhecido Marianne de verdade, de que ela tinha — se é que tinha mesmo — se irritado com a segurança e língua afiada da mulher mais velha, ela se permitiu ser guiada.

NA MANHÃ SEGUINTE, quando Benita acordou, o sol se levantava róseo por trás do contorno escuro da castanheira, do estábulo, do corvo empoleirado no telhado. A cena a fez lembrar das figuras feitas com a máquina de recortes que ela apreciava quando menina: exóticas formas

bidimensionais de crianças brincando, donzelas dançando com roupas típicas de camponesas bávaras, campanários de igrejas assomando em cidades adormecidas. No mercado de sábado, sempre parava na banca do artista para admirar essas visões em preto e branco de uma vida simples.

Ela rolou para fora da cama e olhou em volta. O quarto já tinha sido usado como despensa antigamente — muitas prateleiras vazias nas paredes e uma antiquíssima batedeira de manteiga jazia num canto. Ele cheirava a pedra úmida e, ligeiramente, a pickles em conserva e temperos de Natal. Cheiros velhos, impregnados nas paredes.

Martin dormia enrolado ao lado dela no fino colchão, o cabelo louro espalhado como um leque no travesseiro, os traços doces e perfeitos vulneráveis pelo sono. Era um garoto tão bonito — lindo, na verdade. Ainda mais lindo do que Connie. E ao vê-lo ali, embaixo do cobertor (aliado ao fato de terem não apenas um, mas *dois* cobertores e *dois* colchões), Benita foi tomada pela vontade de juntar-se a ele e pressionar o rosto na pele macia do seu pescoço, de aspirar o cheiro de menino e juventude e sono. Ela quase desejava devorá-lo — esse melhor e mais perfeito fragmento de si mesma. Ela queria *tornar-se* ele, e, fazendo isso, tornar-se de novo ela mesma. Benita Gruber, a beleza da cidade, inocente menina de 19 anos, garota saída de uma máquina de recortes.

Contudo, ela o deixou dormir. A respiração dele fazia vibrar as linhas felpudas do cobertor. Estremeceu enquanto ela o observava. O que assombrava os seus sonhos? O estrondo das sirenes antiaéreas e o barulho dos aviões sobrevoando Berlim? Os mortos soterrados nos escombros? Ou sabe-se lá o que ele encontrara na “Casa das Crianças”, para onde a Gestapo o mandara depois que Benita fora presa. Ela nunca tinha visto essa casa. Tinha sido Marianne quem — miraculosamente — encontrara Martin quando Benita o tinha como morto. *Era uma típica instituição nazista*, Marianne tinha dito, fora do prédio, *muita marcha e nenhum aprendizado*. Sendo Marianne, ela tinha prestado mais atenção à ideologia do que aos confortos materiais do lugar. Havia o suficiente para comer? Os cuidadores eram gentis? Davam tempo para brincar? Essas perguntas permaneciam sem resposta, mas Marianne tinha encontrado Martin e o devolvera a Benita, e, por isso, lhe era eternamente grata.

Ela deve ter divagado novamente, pois, quando abriu os olhos, o quarto estava vazio. Benita sentou-se, sobressaltada. Onde estava Martin? O sangue subiu à cabeça e depois ela se acalmou. Certamente estava bem. A guerra tinha acabado. Eles não estavam mais em Berlim, estavam em Burg Lingenfels, zona americana, era seguro. Estavam sob os cuidados de Marianne.

Porém, ainda assim, ele já tinha sido tomado dela uma vez. Ela não conseguiria sobreviver a isso de novo.

Benita colocou uma saia por cima da camisola e desceu correndo até o salão de pedra escura. Sem fôlego, conseguiu encontrar a cozinha. Estava vazia. Nenhum sinal de Martin ou de qualquer um. Então detectou movimento lá fora. Duas figurinhas — Fritz, filho de Marianne, e Martin — agachadas no jardim, cutucando com gravetos uma poça de lama. O alívio a inundou.

Obrigada, obrigada, meu Deus, por proteger meu filho... A prece era involuntária, uma reminiscência nervosa de sua criação católica. Os fundamentos religiosos de sua juventude foram retomados na prisão e serviram de âncora no mar de silêncio infinito.

Sem eles, tinha certeza de que perderia a razão. Não acreditava neles, mas ainda assim a salvaram — não Deus, somente as palavras.

Sabia que tinha sorte de terem-na mandado para a cadeia e não para um campo de concentração depois que Connie foi executado por seu papel na conspiração de assassinato. Basicamente, foi assim que seu anseio por uma posição e um bom casamento foi recompensado: como esposa de um traidor de nobre linhagem prussiana, foi sentenciada a confinamento na solitária, em vez de pena de morte. Ela podia reconhecer, se não ainda rir, o sinistro humor nisso tudo. Mas o vazio que a invadiu nessa época permanecera. Ela tinha gasto muitas horas olhando para o teto, as palmas das mãos, os cantos da cela onde a pintura estava descascada. Agora tentava superar isso somente pelo bem de Martin.

Enquanto Benita observava os meninos, Marianne irrompeu com estardalhaço na cozinha, empurrando um carrinho com cenouras, repolhos e até mesmo framboesas, que Benita não via há anos.

— Deus abençoe *Herr Kellerman* por cuidar do jardim — Marianne exclamou. — Poucos homens plantaram batatas e cenouras na última primavera, e certamente não plantaram na terra alheia. — Estava corada, e seu

cabelo formava um halo crespo em volta do rosto. — Benita! Como você dormiu, minha pobre querida? Coma uma tigela de mingau. — Ela apontou para uma panela no fogão.

— Obrigada — disse Benita.

Marianne já estava tirando uma tigela do guarda-louça — de linda porcelana Meissen branco-azulada.

— Não posso dizer que está gostoso, mas é comestível. — Ela jogou uma porção de mingau na tigela e a colocou na mesa. — Sente-se. Você deve comer e descansar.

Benita sentou-se.

Ficou olhando Marianne esvaziar o carrinho num turbilhão de vigorosa e caótica atividade. A guerra não a tinha mudado tanto como aos outros. Ela ainda era um enigma para Benita, uma mulher capaz de rastrear Martin até um obscuro esconderijo nazista, mas incapaz de cuidar do próprio cabelo. Quando Benita se casou com Connie, tinha ficado maravilhada com os paradoxos dessa mulher. Marianne adorava receber as pessoas, mas não dava a mínima para comida ou moda. Trabalharia como uma escrava preparando a casa para uma festa fabulosa apenas para descer usando o mesmo vestido displicente do ano anterior. Ela convidaria os membros mais distintos do Ministério de Relações Exteriores e do setor de inteligência e então serviria a eles *Sauerbraten* e *Wildschweingulasch*, comida caseira. Era uma mãe distraída e desorganizada com os filhos, mas cuidava dos adultos de forma eficiente e organizada.

Não era bela, com seus traços fortes, quase masculinos, e as maçãs do rosto altas (um rosto de falcão, Benita tinha dito uma vez a Connie, e foi duramente repreendida). Mas era agradável, e, em alguns momentos, seu rosto alcançava uma graciosa e surpreendente simetria. Era um rosto de que não se esquecia tão cedo.

Nas festas de salão e de fim de semana que Marianne e Albrecht davam no começo da guerra, Benita tinha reparado que os belos barões, condes e a juventude nobre das famílias mais aristocráticas da Alemanha bebiam as palavras de Marianne. Eles discutiam alegremente num estilo de linguagem que fazia Benita se sentir idiota. Estavam brincando ou falavam sério? Provocando ou brincando entre si? Na presença dos amigos elegantes de Connie, Benita descobriu que a linguagem era mais um obstáculo do que uma

ponte para conhecer as pessoas, mas para Marianne parecia um caminho suave e direto que sempre esteve a seu alcance.

— Você ainda está de camisola! — Marianne exclamou, inclinada sobre os legumes que descascava. — Encontrou as roupas que deixei no seu quarto?

Benita corou. Tinha levantado com tanta pressa que se esquecera completamente de trocar de roupa.

— Desculpe... estava com pressa.

— Desculpe? Imagine. Não há por que pedir desculpas. Apenas não parece algo que você faria. Mas é claro, não se espera que as pessoas sejam as mesmas, não é? — Marianne levantou o carrinho pela alça e o empurrou para fora da cozinha. — Contanto que você tenha o que precisa.

Nesse momento, as duas filhas de Marianne apareceram na soleira da porta carregando um balde.

— Bem na hora — Marianne gritou. — Trouxemos leite para você, *Tante* Benita!

Benita não sabia o que a deixara mais surpresa — a presença do leite ou o título *Tante*, “tia”. De alguma forma, a humilde Benita Gruber, última de uma longa linhagem de trabalhadores braçais e camponeses da Vestfália, tornara-se *Tante* das garotas Von Lingenfels.

— Digam olá, meninas, e se apresentem — Marianne instruiu.

As garotas se aproximaram — as duas de cabelos escuros e altas, talvez tivessem dez e doze anos. Katarina e Elisabeth. E Benita lembrou-se das duas cabecinhas espreitando os convidados do topo da escada, no dia na festa da condessa. Ela tinha desejado tão ardentemente ter uma filha como elas, uma doce garotinha para vestir com roupas típicas de camponesa e um delicado vestido branco de batizado, cheio de frufus. Parecia algo distante agora — um sonho inocente. Quem gostaria de trazer uma garota a um mundo como esse? Graças a Deus Martin era um menino.

— Aqui — disse Katarina, a mais nova, mergulhando uma xícara dentro do balde e a oferecendo a Benita. — Está delicioso. — Ela tinha um jeito doce e tímido, cílios longos e grossos, pernas compridas e desajeitadas.

— Onde está Martin? — perguntou a outra, Elisabeth. Ela era a mais incisiva das duas, na aparência e no modo de falar.

— Lá fora no jardim... Você não o viu? — Benita saltou da cadeira para olhar. A poça de lama estava agora abandonada. — Ele estava com Fritz,

brincando...

Fez menção de ir até a porta, mas Marianne a impediu.

— Deixe ele — Marianne ordenou. — Um garoto deve ser livre. — Tocando o rosto de Benita, ela suavizou a voz: — Tudo aqui é muito seguro, Benita. De verdade.

EM SEU QUARTO, Benita tirou o sutiã surrado e a roupa que tinha lavado e vestido tantas vezes que já quase se desfazia, as gotas de sangue perto da barriga transformadas em inocentes manchas marrons. Ela encontrou uma pia e um jarro de água em uma prateleira quase vazia. Jogou um pouco de água no rosto e puxou para trás os cabelos ralos e quebradiços, amarrando-os na nuca.

Houve uma batida forte na porta.

— Estou deixando aqui um par de sapatos para você — disse a voz de Marianne. — Veja se servem.

Benita usava um pobre par de botas terrivelmente gasto, roubado de um apartamento destruído pelas bombas, que ela tinha vasculhado junto com as mulheres do seu prédio. Ninguém quis saber o que tinha acontecido com os moradores — se jaziam mortos sob os escombros do bombardeio ou se estavam em segurança no interior ou mortos em um campo de concentração. Para começar, os sapatos eram baratos, e agora estavam quase totalmente gastos.

Benita esperou até que os passos de Marianne ficassem mais distantes para pegar as botas novas. Eram certamente as mais bonitas que já vira: verde-escuras, quase novas, com um salto elegante e distinto. O couro era macio e suave, e, em contato com ele, a pele do seu dedo parecia monstruosamente rachada. As botas eram bonitas demais para uma mulher com mãos assim, o tipo de bota que sonhara um dia calçar. Parecia uma piada cruel o fato de que hoje fosse esse dia. *Cuidado com o que deseja*, as botas pareciam zombar. Não poderia calçá-las.

Quando surgiu, vestida, Martin estava sentado à mesa da cozinha entre Elisabeth e Katarina. Sua boca estava manchada com sumo de framboesa, os olhos arregalados diante de tanta comida.

— Ah, assim está melhor! — Marianne disse sobre a camisa branca limpa e a saia de lã que Benita vestia. — Os sapatos não serviram?

— Não — Benita mentiu.

Subitamente ouviu-se um barulho vindo de Martin, e o rosto do garotinho enrubesceu. Ao lado dele, as meninas empalideceram.

— Oh! — Benita exclamou, sentindo a vergonha dele como se fosse a sua. É claro que a pobre barriga não estava acostumada a tanta fruta. Ele provavelmente tinha comido sabe Deus quantas tigelas de mingau, e agora as framboesas, e qualquer outra coisa. O cheiro era pútrido — cheiro de bile de um intestino disfuncional.

— Pobre menino — disse Marianne. — Não deveríamos ter lhe dado tanta comida! — Ela estendeu a mão para ele, assumindo o controle da situação com a calma e competência habituais. — Temos que achar para você um novo par de calças.

Devagar e humilhado, Martin levantou-se, os fundilhos das calças manchados, e a mancha aumentando cada vez mais.

— Venha. — Marianne inclinando a cabeça. — Sei exatamente do que precisamos. Benita — acrescentou por cima do ombro —, você daria uma mexida naquela panela?

Benita concordou com a cabeça e observou Marianne desaparecer com o seu filho.

TURÍNGIA, FINAL DE MAIO DE 1945

No orfanato, Martin não era mais Martin Constantine Fledermann. Seu nome era Martin Schmidt, assim como Berthold von Stauffenberg era Berthold Meister e Liesel Stravitsky era Liesel Falkman, e assim por diante. Todas as crianças receberam nomes alemães, bons e comuns. E o mais vergonhoso era que Martin quase esquecera que era um Fledermann.

Ele se esqueceu de muita coisa no orfanato. De seu pai, por exemplo: a vaga figura a que Marianne chamou, mais tarde, de herói, e que sua mãe nunca mencionava. E da vida antes da guerra, antes das sirenes antiaéreas e das noites no porão, antes do barulho ensurdecedor dos bombardeiros que voavam baixo.

Porém ele também se lembrava de algumas coisas no orfanato. De como chegara lá, por exemplo. Uma longa viagem de trem em um vagão militar, o rosto esburacado do seu acompanhante da SS e o gosto salgado e picante de carne-seca na língua — era a primeira vez que provava algo assim, uma carne-seca quente e farinhenta por ter ficado no bolso do homem da SS. Ele a vomitou mais tarde, segurando a cabeça para fora da janela do trem em movimento, para que o vômito não respingasse no rosto.

Ele também se lembrava do apartamento ensolarado em Berlim, do ar cheio de poeira grossa e da vista da escura e elegante rua Meerstein, com prédios brancos rebocados e o café na esquina. E do calor do corpo da sua mãe enrolado no seu, de noite na cama. Do pingente de camafeu encaixado no buraquinho da garganta dela. Da letra da música que ela cantava para ele — *Kommt ein Vogel geflogen, setzt sich nieder auf mein', Fuss, hat ein Zettel im Schnabel von der Mutter ein' Gruss* (“Passarinho veio voando e sentou no meu pezinho, uma carta no bico, da minha mãe um beijinho”). Mas no orfanato não tinha pássaro, nem carta, nem beijinho. Apesar disso, lugar não era de todo mau. Era uma casa de taipa confortável, localizada fora de um vilarejo na encosta das montanhas. Tinha um bonito jardim cheio de árvores frutíferas e flores,

uma fonte quebrada e um muro alto de tijolos. As crianças não podiam sair da propriedade.

Frau Vortmuller, a avozinha com cara de batata responsável pela instituição, não era malvada. Era firme, ordeira, e fazia com que seus pupilos estivessem banhados, vestidos e alimentados. Toda noite, ela os deixava ouvir música na vitrola: tristes baladas folclóricas sobre pobres filhas de moleiros e príncipes, bruxas, e filhos mais novos inteligentes, mas negligenciados. Eram melodias mais doces e suaves do que as canções nazistas que as crianças aprendiam com *Herr* Stulper, supervisor de reeducação das crianças. Ele ensinou a elas “Os Ossos Podres Tremem”, “A Canção de Horst Wessel” e “Alemanha Vigilante”, canções cheias de versos sanguinolentos sobre escravidão e vingança; política e guerra.

Todo dia *Frau* Vortmuller usava a mesma saia de tweed e uma jaqueta verde com uma *Mutterkreuz* na lapela, a Cruz de Honra das Mães Alemãs, condecoração nazista que tinha recebido por ter dado à luz oito crianças. Quatro delas estavam mortas: duas na guerra, uma natimorta e outra tinha “sucumbido” em uma instituição para “idiotas”. *Frau* Vortmuller tinha uma fotografia desta última criança na despensa, onde podia ver seu rosto toda vez que ia pegar ingredientes para o jantar. Das crianças sobreviventes, os filhos ainda não tinham voltado de onde estavam lutando e as filhas já eram elas mesmas mães e estavam casadas. Martin achava lindo o broche da *Mutterkreuz* — de um azul brilhante com pontos dourados —, e a forma como ela limpava e polia orgulhosamente a condecoração com um lenço lhe dava um ar quase sagrado.

Nas semanas que se sucederam ao fim da guerra, *Frau* Vortmuller, uma mulher religiosa, começou a falar com as crianças sobre Deus. Já que ela era a única supervisora que sobrara no orfanato — *Herr* Stulper tinha fugido ao primeiro sinal dos americanos —, quem poderia repreendê-la? Os americanos, que iam à igreja do quartel todo domingo e usavam cruzeiros debaixo do uniforme? Ela incluiu na rotina das crianças leituras da Bíblia e orações antes de dormir. *Herr* Stulper a teria denunciado. Ele ensinou às crianças sobre a pureza racial, a Pátria Alemã e a sabedoria divina do seu *Führer*, e não tinha paciência para o que chamava de “superstições cristãs”. A maioria das crianças o odiava, mesmo que, de vez em quando, ele as levasse a algumas caminhadas maravilhosas pelas montanhas e as deixasse ouvir os programas de rádio

aprovados pelos nazistas. Martin passou a amar uma canção que sempre tocava: “Erika”, que ele entendia como uma balada folclórica sobre uma flor e um casal que se amava desde a infância. Isso até que Liesel “Falkman” cochichou que cantar essa música era tão ruim quanto cuspir no túmulo do seu pai. Martin não entendeu essa afirmação. Como poderia ser a mesma coisa que cuspir no túmulo do seu pai? Os pais e mães das crianças da casa tinham cometido “erros”, ele sabia. E agora estavam mortos. E era o trabalho de *Frau Vortmuller* e *Herr Stulper* prepará-los para novas famílias — famílias nazistas ricas e poderosas que iriam ensiná-los a ser bons alemães.

Mentira, Liesel dissera. Nossas mães não morreram — estão na prisão ou em campos de concentração.

Mas por quê?, Martin quisera saber.

Por conspirarem para matar Hitler, seu idiota.

Martin se encheu de vergonha. Conspiraram para matar o *Führer*, que *Frau Vortmuller* lhes garantiu, de muitas formas, ser todo bondade, sabedoria e justiça? Seus próprios pais?

Aos 11 anos, Liesel tinha uma noção de mundo mais ampla e sombria do que Martin. Quando *Frau Vortmuller* parou de acender velas à noite, Liesel pulava na cama de Martin e lhe contava segredos, aos sussurros. Ela disse que não deveria estar nessa casa com as outras crianças. Seus pais eram comunistas, não aristocratas. Sua linhagem não remontava a Frederico, o Grande, ou a Bismarck, ou a qualquer um com alguma significância nacional. Mas, por algum motivo, quando seus pais foram levados pela Gestapo, Liesel foi parar na casa. Talvez porque ela fosse bonita, loira e de olhos azuis. Disso Martin tinha certeza. Liesel era a garota mais bonita que ele conhecia. Ela seria uma boa filha para uma importante família nazista. Mas ela não ficou feliz quando cometeram esse erro? Não, Liesel, olharia para ele com desconfiança se lhe fizesse tais perguntas. Não queria morar com os porcos nazistas.

E, então, subitamente pareceu-lhe que Liesel estava certa. Suas mães *estavam* vivas. A primeira a chegar foi a mãe de Adalbert “Schmedding” — uma mulher abatida e de face encovada, com um bebê de cabelos escuros no colo. Ela chorou e gritou enquanto o abraçava, empurrando o rosto dele contra sua barriga, como se, ao invés de se reencontrarem, estivessem dizendo adeus. As outras vieram em “lotes”: as tias ricas de Claus e Gretel, vindas da

Inglaterra, que iam levá-los até sua mãe, na Suíça; a gentil e cansada mãe dos “Becker”, recém-saída da prisão em Ravensbrück, onde fora confinada à solitária; a mãe dos “Hanser”, escoltada em um elegante carro das Forças Armadas americanas. No começo, sempre que a campainha do portão tocava, o coração de Martin dava um salto. Era sua mãe! Ele pensou nas brincadeiras que faziam juntos, em sua cabeça loura inclinada enquanto jogavam bolinhas de gude, os raios de sol brilhando em seus lindos cachos — a sua mão apertando forte a dele enquanto andavam lado a lado após terem ido à farmácia ou ao mercado. Ele lembrava-se de encostar seu rosto contra o tecido duro recém-lavado do seu vestido e, por baixo dele, sentir a maciez do seu seio.

Porém a mãe de Martin não veio e nem a de Liesel.

Meus pardaizinhos, Frau Vortmuller os chamara, parecendo cada vez mais preocupada. Era o começo de junho. Sua filha mais nova, Magda, veio visitá-la com seus dois filhos, garotinhos malvados que os chamavam de “filhotes de traidores”.

— Por que você não se livra deles? — Martin ouviu por acaso Magda perguntar a sua mãe uma noite. — A guerra acabou! Sua responsabilidade aqui acabou!

Dáí em diante, Martin começou a ser ainda mais cuidadoso. Não queria que se livrassem dele. E sabia que era verdade: *Frau Vortmuller* não precisava mais ficar com eles. Não havia ninguém mandando — ou pagando. *Ela só quer as rações extras*, dissera Liesel. Mas ele não acreditava. Ela os amava do seu jeito, pensava.

E então um dia uma senhora de rosto sério chamada Marianne von Lingenfels chegou. Martin achou que ela parecia um soldadinho de brinquedo com sua capa e as botas altas. *Essa é sua mãe?*, Liesel cochichara, enquanto observavam pela janela a mulher andando a passos largos pelo acesso à casa.

Logo ouviram a voz dela no saguão. Era uma voz alta e clara que ecoava pelos azulejos da escada. Ela viera reivindicar Martin Fledermann (o som do seu nome estalou dentro dele como uma faísca levada por fios condutores: Martin Fledermann, é claro que esse era seu nome). Era uma amiga da família. Ela o levaria para ver a mãe em Berlim.

Ao lado de Martin, Liesel estava imóvel. Ela ficaria sozinha. Martin podia ver que ela também pensava nisso.

A mulher andou rapidamente pelo salão, e *Frau* Vortmuller foi atrás, subindo ofegante a escada, parecendo alarmada.

— Martin Fledermann — a mulher anunciou, batendo palmas. Tinha um rosto comprido e inteligente, e olhos castanhos surpreendentemente brilhantes. O cabelo estava preso atrás, de forma severa. — Marianne von Lingenfels — apresentou-se, ajoelhando-se até a altura dele e estendendo a mão. — Você não se lembra de mim. Seu pai era um amigo querido.

Martin ficou olhando.

— E você quem é? — A mulher levantou-se e fitou Liesel, cujo belo rosto assumiu uma expressão petulante.

— Liesel... — *Frau* Vortmuller disse pausadamente —, Stravitsky. — Ela lançou um olhar nervoso em direção à garota. Martin nunca tinha ouvido esse nome.

— Ah — *Frau* Von Lingenfels franziu a sobrancelha. — Qual é o nome do seu pai, garota?

— Bartosz — Liesel murmurou, então pareceu considerar algo, e olhou para cima. — Você conhece minha mãe? Johanna? Ela está viva?

Frau Von Lingenfels pareceu indecisa.

— Não sei — disse ela, por fim. — Não a conheci.

Martin nunca tinha ouvido esses nomes, mas sentia algo que não conseguia colocar em palavras, então alcançou a mão de Liesel e a apertou forte.

— *Ach mein liebes Gott* — disse *Frau* Vortmuller, fazendo o sinal da cruz.

Liesel puxou a mão.

— Por que não vem conosco? — a mulher sugeriu. — Vou tentar ajudá-la a encontrar sua família.

Liesel balançou a cabeça.

— Ora! Liesel! — *Frau* Vortmuller até engasgou com a grosseria, mas a mulher afastou com um gesto os protestos.

— Você pode ficar aqui com *Frau* Vortmuller, que obviamente não pode fazer nada para ajudá-la a encontrar sua mãe ou vir comigo, embora eu não lhe prometa nada. Mas pelo menos tentarei.

Liesel olhou, desconfiada, e então finalmente fez que sim com a cabeça.

— Está combinado, então — a mulher disse, estendendo a mão aos dois. — E você — virou-se para *Frau* Vortmuller — pode se explicar aos americanos.

A JORNADA DO ORFANATO até Berlim foi, para Martin, como uma viagem a uma terra estrangeira. Ele não tinha ido a lugar algum, nem visto nada, no ano em que morara na casa. Os passeios de domingo de *Herr Stulper* eram, no mínimo, raros, e sempre levavam as crianças até lugares longe da civilização, subindo as colinas. E, como a maioria das crianças, Martin tinha chegado de carro à noite, sequer tinha visto o vilarejo.

Então pela manhã partiram com Marianne von Lingenfels. Martin e Liesel a seguiam de olhos arregalados. Panos e lenços brancos enlameados estavam pendurados nas janelas das casas — lembranças da rendição, Marianne explicou. *Vocês não foram à cidade quando os americanos chegaram?* Martin ficou subitamente envergonhado. Como permitiram que ficassem tão completamente isolados? Com exceção dos lençóis pendurados nas janelas, o vilarejo parecia intocado pela guerra. As casas em estilo enxaimel permaneciam intactas, com gerânios crescendo no parapeito das janelas. Uma velha igreja de pedra permanecia de pé na praçinha, e, ao lado dela, uma bomba de água alimentava um cocho de pedra. Dois soldados americanos, sentados num jipe, distribuíam goma de mascar.

— Querem ir lá pedir um pouco? — *Frau* Von Lingenfels perguntou.

A ideia de pedir doce a soldados americanos pareceu algo absurdo a Martin. Os perigos da América tinham sido um tema recorrente para *Frau* Vortmuller. Na América, ela alertou as crianças, os nazistas tinham que usar suásticas nas lapelas. Assim como os judeus usavam estrelas aqui. Ela não precisou falar muito. Obviamente não era uma coisa boa.

O dia estava quente e a mochila que continha os pertences de Martin (três camisas, uma calça, um casaco Loden usado que *Frau* Vortmuller tinha desenterrado sabe Deus de onde) batia a cada passo, esquentando suas costas. Apesar disso, era lindo lá fora. Dentes-de-leão e ipomeias floresciam à beira da estrada e os campos de couve-nabiça brotando eram um mar amarelo. *Frau* Von Lingenfels ou “*Tante* Marianne”, como ela desejava ser chamada, guiava as crianças em silêncio. Martin ouvia o assobio do vento passando em suas orelhas e nas árvores entre os campos.

A próxima cidade ao longo da estrada, que era maior, tinha sido bombardeada, e a torre de uma igreja projetava-se de uma enorme pilha de escombros como uma cabeça decapitada. Soldados americanos e mulheres alemãs trabalhavam juntos aplanando as ruínas, empurrando carrinhos de

mão, retirando pedras com pá e carregando-as até um caminhão de transporte militar.

Quando caiu a noite, a lua surgiu no céu, enorme. *Tante* Marianne contratou um fazendeiro que possuía uma carroça de feno vazia para levá-los a uma cidade onde ela tinha ouvido que possivelmente ainda haveria trens funcionando. Na traseira da carroça claudicante, Martin permitiu-se, pela primeira vez, fechar os olhos e dormir.

Era de noite quando abriu os olhos novamente. Estava cheio de gente em volta, pessoas velhas e novas, mulheres e crianças, soldados ainda com o uniforme da *Wehrmacht*... todos sentados em pilhas de pertences: malas, caixas e sacolas sujas. Ele pulou para fora da carroça, depois de *Tante* Marianne e Liesel, olhando em volta e vendo uma velha sentada num tamborete, ninando um relógio de madeira intrincadamente entalhado.

Porém ele, *Tante* Marianne e Liesel não se juntaram às massas desse lado do trilho. Atravessaram para o outro lado, na esperança de pegar um trem para o leste. O caminho errado. Martin pensou nos avisos de *Frau* Vortmuller de que os russos eram como animais, brutos e ferozes, que enfiavam baionetas em soldados alemães e faziam coisas indescritíveis com as mulheres. (*O que eles fazem?*, as crianças sempre perguntavam, ao que ela parecia consternada.) Eles estavam indo encontrar sua mãe. Estavam indo para Berlim.

Mas se sua mãe estava viva, Martin ponderou, por que não veio buscá-lo? Contudo, guardou a pergunta para si.

— Como eles foram mortos? — Liesel perguntou a *Tante* Marianne quando estavam sentados na plataforma, recostados em suas bagagens. Ele sabia a quem ela se referia: os pais dela.

— Não é algo que uma criança deva saber — *Tante* Marianne respondeu, em tom cortante.

— Mas eu quero saber — Liesel insistiu.

— Saiba que seu pai foi um homem corajoso. E que ele fez o que achava certo para seu país.

— Ele foi fuzilado ou enforcado? — Liesel persistiu com uma voz dura e incomum para ela.

Tante Marianne suspirou, um longo e profundo suspiro, quase pior do que qualquer resposta.

— Enforcado. Eles quase sempre eram enforcados.

Era a primeira vez que Martin ouviu uma coisa dessas. Ele apertou com força os olhos fechados e fingiu ter dormido de novo. Seu pescoço começou a doer, mas não se mexeu. Era essencial continuar fingindo.

Quando o trem finalmente chegou, era enorme e brutalmente barulhento. Um trem de carga. Quase que imediatamente após as rodas pararem as pessoas se arremessaram, subindo aos socos e empurrões as escadas estreitas, arrastando-se até os vagões de carvão abertos. Havia apenas alguns guardas, todos americanos, e estavam ocupados desengatando o último vagão do trem. Um deles disparou a arma para cima: era proibido subir a bordo dos trens de carga, especialmente daqueles que levavam carvão — o inverno ainda não havia chegado, mas já se previa que seria terrível. Carvão logo seria tão precioso quanto ouro.

— São só os americanos — *Tante* Marianne disse —, eles não querem atirar em ninguém... Se fossem os ingleses, teríamos que nos proteger.

Martin gostou do otimismo. Quando o trem começou a esquentar, soltando fumaça, espalhou o cabelo dela para todo lado. Ela pareceu mais jovem e gentil. Um homem passou-lhe uma garrafa, que ela recusou, mas a generosidade implícita no gesto foi contagiosa. Outra mulher ofereceu punhados de aveia fresca. Marianne distribuiu um pão inteiro. Entre eles pairava uma alegria quase exuberante. Acima, as estrelas estavam tão brilhantes e tridimensionais que pareciam mais próximas do que os borrões escuros de cidades e bosques pelos quais o trem passava voando. Torres de igreja bombardeadas, casas e estradas desapareciam numa confusão insignificante.

— Seu pai iria adorar isso aqui — Marianne disse, assustando Martin. — Ele sempre gostou de criar caso.

Martin ficou confuso. A imagem do pai foi ficando mais difusa, em vez de visível.

— Quando ele era menino — Marianne continuou —, começou a treinar boxe para se rebelar contra o pai, que era muito severo e correto. Um Fledermann lutando boxe! Era chocante... seria algo como — ela pensou, procurando uma analogia —, você dançar sapateado!

Martin nunca tinha ouvido falar em sapateado. Parecia-lhe frívolo. Algo de que um garoto devesse ficar longe. Boxe, por outro lado, era bem masculino. Ele desistiu de tentar entender. Mal conseguia ouvir a voz dela com o barulho

do vento. Ao lado dele, Liesel tinha caído no sono. Ele deixou que as palavras de Marianne penetrassem nele. Ela tinha amado seu pai. Isso ele entendia.

O TREM PAROU em algum momento da noite. Não havia mais trilhos. A estação de Berlim tinha sido bombardeada pelos Aliados e depois inundada pela SS, que temia que os russos usassem os muitos túneis para simular uma invasão. Corpos de pessoas afogadas ainda apareciam nas ruas — ouviram isso de um velho de cabelo grisalho muito determinado em manter Marianne longe de lá. Liesel e Martin ouviam, meio sonolentos. *Então vamos a pé*, Marianne respondera, inabalável. As crianças não protestaram. O sonho de liberdade de Martin esmoreceu, no entanto. Seu pé doía e a estrada estava apinhada de refugiados alemães. Na luz cinzenta da madrugada, os subúrbios da cidade pareciam cruéis e selvagens. Em algum lugar no meio de todos aqueles tijolos espalhados no chão, a mãe esperava por ele. Martin tentou preencher a mente com a figura dela, mas descobriu que mal conseguia se lembrar daquele rosto.

Eles andaram o dia inteiro pelos subúrbios, descendo as ruas até chegar na cidade destruída. Caminharam com dificuldade por ruas que mais pareciam cavernas, cheias de entulho. A fachada dos prédios surgia no meio dos destroços como recortes de revista. Os prédios sempre foram assim tão frágeis? Como castelos de areia varridos pelas ondas? As paredes restantes estavam cobertas de papéis, com nomes rabiscados e mensagens. Martin viu que Liesel olhava para elas.

— Pessoas desaparecidas — disse ela, com seu jeito insolente. — Provavelmente mortas.

Chaminés improvisadas surgiam entre os destroços, como braços acenando.

Na última parte da viagem, Marianne fez sinal para um jipe militar americano. Primeiro, o motorista balançou a cabeça sem ao menos olhar, mas o soldado no banco do passageiro lhe deu uma cotovelada. Ele diminuiu a velocidade e parou, estendendo a mão. Martin hesitou antes de aceitar, porém as feridas no pé e o cansaço generalizado venceram. Os avisos de *Frau Vortmuller* sobre os americanos quase lhe pareciam algo de outra vida. Marianne sentou na frente com os soldados, falando inglês, enquanto Liesel e Martin se apertaram no banco de trás. Para espanto deles, o soldado que havia acenado de volta, virou-se e entregou uma barra de chocolate. Depois disso,

por algum tempo, nada mais importou. Havia apenas a doçura estranha do chocolate, derretendo deslizante pela língua. Qual foi a última vez que Martin provara algo tão delicioso?

Quando chegaram, a Meerstein não parecia uma rua habitável. Não havia mais plátanos altos forrando as calçadas, nem o alegre café na esquina, não havia mais a fonte borbulhante de água. Mas, ainda assim, núcleos de memória se abriram em Martin. O cheiro de pedra úmida, podridão e produtos químicos; a visão de pessoas cobertas de pó saindo de porões... a gaiola de latão, vazia, pendurada no abrigo deles, o balde de urina num canto. As horríveis máscaras com tromba de elefante e olhos de vidro.

Marianne saltou do jipe e agradeceu aos americanos.

Ainda meio grudentos e levemente tontos por causa do chocolate, Martin e Liesel saltaram depois. Ela puxou um envelope amassado do casaco e o olhou por um momento antes de atravessar a rua e pedir informações a um bando de mulheres tirando água da bomba. O papel parecia muito velho e pouco promissor. Mas a letra nele tinha algo de comovente a Martin — era familiar. A letra do seu pai.

Enquanto Marianne falava, uma das mulheres tentava encher uma cesta trançada. A água vazava pelas tramas, mas ela parecia não notar. Agarrado em seu quadril, um bebê olhava fixamente para Martin.

— É lá — outra mulher disse, apontando para um prédio, se é que poderiam chamá-lo disso.

Marianne leu de novo a carta como se esperasse por outras indicações, antes de levar Martin e Liesel até os resquícios do que havia sido o número 27.

— Prédio cheio — rosnou um soldado russo quando se aproximaram. — Vão embora.

Para surpresa de Martin, Marianne respondeu em russo. Um sorriso largo se espalhou pelo rosto do soldado.

— *Ty govorish' poRusski?* — perguntou ele.

Mais russo saiu dos lábios de Marianne e o soldado deu pulinhos com sua bota, como uma criança extasiada.

— Jiri — chamou ele.

Logo ficaram no meio de um pequeno grupo de russos, todos sorridentes dando tapinhas nas costas de Marianne.

Benita Fledermann — Martin entendeu o nome da mãe.

— Ah. — O homem assentiu, o rosto sério. Mais russo.

— Você morava aqui? — Liesel cochichou. Ela também parecia impressionada com o fato de Marianne falar russo.

Martin fez que não. Sua casa não era assim.

O russo fez um gesto para que o seguissem.

O que outrora tinha sido um jardim agora estava entulhado de destroços e entremeado de trilhas estreitas.

— Não caiam — Marianne disse enquanto andavam. Ela estava séria de novo; a liberdade que tinha pousado nela no trem se fora.

Eles seguiram o homem pela entrada do prédio, passaram por uma sala escura e subiram uma escada, tateando cegamente. O prédio cheirava a mofo, repolho e merda humana. A mão seca de Marianne agarrou forte a de Martin, o suficiente para machucar. Ele ficou grato pela dor; sem isso seu corpo poderia desaparecer na escuridão.

E então surgiu luz. Um homem estava sentado na frente de uma porta fechada, ao lado dele, uma lanterna elétrica. Era terrivelmente feio: tinha a pele trigueira, o rosto marcado de cicatrizes, a testa baixa, e usava o uniforme do Exército Vermelho. Ao vê-los, cruzou o rifle no colo. Os russos trocaram palavras e, com um aceno sucinto a Marianne, o acompanhante foi embora.

O homem da porta não se impressionou com o russo de Marianne. Respondeu com um grunhido gutural curto, que soou a Martin completamente diferente de qualquer idioma que já tinha ouvido.

Atrás dele, um cheiro delicioso e picante de bacon pairava pelo apartamento, e havia, adiante, um cheiro forte de álcool. O homem bateu na porta, entrou, fechou-a atrás de si, e então voltou, abrindo para eles. Lá dentro, vários homens reuniam-se em volta de uma mesa, jogando cartas. Martin não precisava falar o idioma para entender que estavam se divertindo.

Sua mãe morava ali? Com todos esses homens? Martin estava confuso. Uma parede tinha sido completamente destruída, revelando vigas, tijolos e encanamento, além de pedaços de jornal usados como isolamento térmico. Havia uma banheira que recolhia a água pingando de um canto do teto. Mas o cheiro — bacon, cebolas e talvez até mesmo manteiga derretendo — era de coisas deliciosas, que ele não comia há anos. Sua boca encheu-se de água. Ele via latas de feijões e frutas em conserva alinhadas no balcão.

Mas, afinal, onde estava sua mãe? Um sentimento terrível cresceu dentro dele. *Odores do demônio*, *Frau Vortmuller* diria. Havia uma velha mexendo num fogão e uma jovem com lábios brilhantes e bochechas coloridas parada na frente dele, usando apenas um roupão de seda sujo que revelava o peito esquelético, de ossos magros como os de um frango.

— Onde está *Frau Fledermann*? — Marianne dirigiu-se à velha mulher, cuja expressão mudou de hostilidade para surpresa.

— Meu Deus! — exclamou ela, ao ver as crianças, e fez o sinal da cruz.

No fogão, as batatas começaram a queimar.

— Vou buscá-la — disse a mulher de robe. Ela apagou o cigarro em um prato. Quando passou, um dos soldados agarrou-a pelo punho e lhe disse algo que a fez rir.

Marianne não riu.

— Vou com você — anunciou, enxotando Martin e Liesel para fora da sala.

De volta à escuridão, frente ao homem assustador com a arma, até mesmo Liesel ficou quieta. A lâmpada elétrica lançava longas sombras fantasmagóricas. Por fim, a porta do apartamento abriu-se de novo. A mulher que surgiu por trás de Marianne era quase irreconhecível para Martin: magra, olhos vidrados e cheiro forte de perfume e suor. Parecia apavorada e suas mãos — longas, brancas e trêmulas — procuraram por Martin, flutuando na frente do seu rosto e ombros como as mãos de uma cega.

— Meu menino! Oh, meu menino! — exclamou ela, caindo de joelhos. — Meu filho querido!

Martin quis falar para tranquilizá-la, mas não sabia como.

— Oh, meu menino — a mulher, sua mãe, repetiu, abraçando-o contra o peito.

E Martin apenas conseguiu ficar parado, duro como uma tábua, tentando manter ambos de pé.

FRÜHLINGHAUSEN, 12 DE MARÇO DE 1938

O dia em que Benita conheceu Martin Constantine Fledermann estava atipicamente quente para março. Parecia Itália ou Grécia, ela dizia o tempo todo, esperando que suas palavras soassem cosmopolitas, de alguém que realmente tivesse viajado a esses países, experimentado tal calor. Apesar de todo mundo saber que ela não tinha feito nada disso, é claro, e de todo mundo também não ter ido a nenhum lugar exótico, Frühlinghausen sendo a cidade que era.

Foi o dia do *Anschluss*. A quinhentos quilômetros ao sul, Hitler tinha dirigido pessoalmente até sua cidade natal — a cidadezinha austríaca de Braunau am Inn, na fronteira com a Alemanha —, para anunciar ao país o “retorno ao *Reich*”. O rádio só tinha relatos de multidões empolgadas, bandeiras tremulando e flores caindo das janelas, de gente dançando nas ruas. Funcionários públicos de Frühlinghausen, ávidos para capturar um pouco dessa alegria para a cidade, organizaram uma celebração improvisada — um comício a ser liderado pelo próprio prefeito e uma banda local. Quem não gostaria de celebrar a união de duas populações de falantes de alemão? Esse era um grande tema para Hitler e, logo, para Frühlinghausen, que apoiava completamente o homem e seu partido: a jornada para unir toda a raça alemã pelo continente sob uma só bandeira.

Benita Gruber tinha 19 anos e vestia seu melhor uniforme da *Bund Deutscher Mädel*, a Liga das Moças Alemãs: uma saia de lã azul-escura e blusa branca que tinha comprado com seu próprio dinheiro — não o conjunto azul e branco improvisado que tinha ganhado no primeiro ano de filiação, mas o uniforme verdadeiro, com o monograma da LMA. Ela tinha arrumado habilmente o cabelo espesso em duas tranças, e sabia que parecia linda e saudável, a representação exata da *Jungfrau*, a donzela alemã. Foram jovens como ela que inspiraram a visão de Hitler de raça superior. Sua missão era engravidar e ter um bebê após o outro, a fim de povoar a pátria com crianças arianas que cresceriam felizes e saudáveis, e se tornariam alemães capacitados

para o trabalho duro, leais a sua terra natal — pelo menos era essa a ideia propagada por *Fräulein* Brebel, a austera líder de Benita no grupo da LMA, que não tinha filhos.

E, então, depois de tomar café da manhã, Benita foi até a praça da cidade com sua tropa de *Mädels*, todas de olhos arregalados. O prefeito de Frühlinghausen, uma estrela em ascensão na seção nazista local, era considerado um excelente partido. Naquela tarde, pelo menos entre as garotas da LMA, havia um sentimento de expectativa ao tomarem seus lugares no pódio, sentiam-se como Cinderelas no baile.

Contudo, apesar de promissor, o prefeito não era nem bonito nem carismático. Tinha o rosto largo e gordo, e, quando falava, rios de suor escorriam pelas bochechas e estacionavam nas verrugas. Mas era cheio de convicção.

— Hoje anunciamos uma nova e importante era... — Ele tentava imitar o jeito de falar de Hitler, em *staccato*, mas as palavras quase se perdiam ao vento, engolidas pelas paredes de pedra da igreja de setecentos anos na qual ele discursava. — Hoje iniciamos o caminho que fará mais uma vez unida e poderosa raça alemã...

Benita estava entediada. Ela não tinha dúvidas de que conseguiria atrair os olhares desse figurão. Mas para quê? Só a ideia de ficar ao lado dele, permitir que a beijasse, já era repulsiva. Imaginava o cheiro dele: suor e lã mofada e, por baixo disso, fedor de chiqueiro. Como muitos jovens da cidade, ele vivia com a família na fazenda que possuíam há centenas de anos, e na qual trabalhavam com pouco sucesso. Durante a colheita, labutaria nos campos como todo mundo, atirando longe fardos de feno e suando como um porco.

Benita aproveitou a pequena multidão e saiu, tomando cuidado para não atrair a atenção de *Fräulein* Brebel. Uma vez livre, mergulhou na pequena viela para pedestre que levava ao velho tanque do moinho e à farmácia do Beiderman, onde podia comprar um pote de creme para mãos que prometia destacá-la entre todas as garotas de Frühlinghausen, cujas mãos eram rachadas por causa do sabão em pó. Para quê? Quem saberia dizer... Para quem? Outra boa pergunta. Mas as perguntas em si deixavam Benita excitada. Estava destinada a algo melhor do que Frühlinghausen. Então, subitamente, dobrando a esquina, Benita viu-se confrontada com o homem mais bonito e sofisticado que já vira. Ele estava encostado na parede do reservatório do

moinho de água, acendendo um cigarro, vestido em um terno de qualidade. Benita soube disso imediatamente — era feito com algum tipo de lã inglesa, e seus sapatos eram de um couro vermelho-escuro brilhante. Era alto e esbelto, obviamente um aristocrata.

— Desculpe — disse ele, endireitando-se e olhando por cima do ombro, para ver se estava bloqueando seu caminho. — Estou...?

Benita corou.

— Ah, não, não estou esperando ninguém.

— Porque todos estão tão absortos no brilhante discurso do prefeito?

Ela riu, surpresa. Ele falava num tom refinado, em alto-alemão, e seu sarcasmo era algo tão distante de Frühlinghausen quanto sua aparência.

— Você estava ouvindo?

O homem deu de ombros e tragou, pensativo, o cigarro que finalmente tinha conseguido acender.

— Eu estava presente.

Ambos ficaram em silêncio por um momento. Benita sentiu necessidade de alisar a saia, arrumar o lençinho que provavelmente estava torto — mas parou a meio caminho e ficou olhando para ele.

— É chato — disse ela, e seu coração bateu mais forte com a imprudência.

O homem sorriu.

— O discurso ou o *Anschluss*?

— Os dois. — Benita deu de ombros, fingindo sofisticação entediada.

O homem riu. Ela sobressaltou-se e um lampejo de medo a atingiu: tinha dito algo estúpido?

— O *Anschluss* — disse ele, desencostando da parede na qual estava — não é chato. — Ele estendeu sua mão. — Connie Fledermann. Posso pagar um café em algum lugar onde possamos debater esse assunto?

O toque da sua mão era quente, seco e fez correr lampejos de excitação pelas veias de Benita. Seus olhos tinham um tom quase misterioso de azul — não pálido como os dela, mas intensos —, o azul do Mar do Norte sob o sol ou das pequeninas flores que cresciam em Frühlinghausen por poucos e magníficos dias a cada primavera

Mas como ela poderia dizer sim? Estava presa pela sua própria falta de imaginação. *Fräulein* Brebel e as outras garotas estariam procurando por ela.

Era *Heimatabend*, Dia da Pátria, e deveriam ir diretamente ao salão de Olga Meisner para ouvir um concerto de piano após o discurso do prefeito.

— Não posso — disse Benita educadamente e com genuíno pesar —, mas obrigada pelo convite.

— Por que não? — pressionou ele. — Você tem que voltar para aquela chatice?

— Não. — Benita corou. — Para o meu grupo.

— Seu grupo? Aha! — Ele estreitou os olhos e a avaliou. — Você não é velha demais para a Juventude Hitlerista?

— Ah, não... é a Liga das Moças Alemãs — explicou ela, surpresa com o erro dele.

O homem deu de ombros.

— Um desses... *grupos*. — Ele disse a palavra com óbvio desdém, e ela corou ainda mais, sentindo profundamente o abismo que os separava.

— Adeus — ela conseguiu dizer.

— Espere... eu aborreci você? — perguntou ele. — Não quis ofendê-la... É só meu jeito de... Bem, não importa. — Ele inclinou-se teatralmente e tirou um chapéu imaginário. — Foi maravilhoso conhecê-la, bela donzela.

Naquela noite, Benita virou-se sem parar na cama, no quarto encardido que dividia com os dois irmãos, sob o telhado de palha embolorado do chalé dos Gruber, revendo a oportunidade perdida e a tentadora possibilidade que o homem havia sugerido. Como tinha deixado o *Heimatabend* de *Fräulein* Brebel privá-la disso? Era o seu momento, a chance que o destino lhe oferecera e ela tinha dito não! Com essa terrível consciência, o chalé da família lhe pareceu particularmente mofado e úmido, os cobertores da cama vergonhosamente imundos e os roncos dos irmãos tão vulgares e estúpidos quanto os grunhidos de um suíno adormecido.

NOS PRÓXIMOS DIAS, Benita ficou amuada e passou horas no pequeno gramado atrás do chalé, olhando para o céu em vez de ajudar a mãe a lavar roupa para fora.

Mesmo para os padrões de Fröhlinghausen, os Gruber eram pobres. O pai de Benita, morto havia muito tempo, tinha sido pedreiro, assim como o pai dele, primeiramente empregado pelo hospital psiquiátrico da cidade — um estabelecimento úmido e sinuoso, situado num prédio que havia sido

monastério e que necessitava constantemente de ramificações. A residência dos Gruber era uma das sete casas alinhadas na muralha norte do terreno, como uma fileira de crustáceos sujos. Nas noites quietas de verão, os Gruber dormiam com os gritos e lamentos perturbados dos reclusos.

Dos três filhos que ainda viviam na casa, Benita era a única que não tinha um emprego remunerado. Os dois irmãos tinham conseguido trabalho na construção de estradas através do Plano de Quatro Anos de Hitler e sempre eram bem rápidos em salientar que Benita não conseguiria fazer esse trabalho tão bem. Havia trabalho para mulheres. Mas Benita escolheu ajudar a mãe com os consertos e a lavagem de roupas. Ela não queria se comprometer com qualquer coisa que a prendesse a Frühlingshausen. Porque, em sua vida real, em seu futuro, ela iria a Berlim e encontraria um trabalho como datilógrafa ou algo assim, tinha certeza, apesar de nunca ter tocado em uma máquina de escrever.

Frau Gruber incentivava o sonho de Benita, para irritação dos outros filhos. Benita era a favorita da mãe — a quinta de seis crianças e de longe a mais bonita. Entre os irmãos, era famosa por sua incompetência e preguiça. A irmã mais velha, Lotte, a chamava de *Faulpelz*, algo como “bichinho dorminhoco”, mas não de um jeito carinhoso.

Todos os filhos mais velhos começaram a trabalhar com 14 anos e foram criados a base de batatas manchadas e sopa de semente de dente-de-leão. Era uma época desesperadora, durante e depois da guerra. Eles tinham inveja do *status* privilegiado de Benita, membra da geração de Hitler, um grupo cheio de orgulho e idealismo e, acima de tudo, cheio de excitação sobre o futuro.

Benita não se interessava muito por política, mas absorveu o senso de possibilidade que o novo regime oferecia. E *Frau* Gruber, depois de tantos anos vivendo uma realidade dura e nada emocionante, parecia ter encontrado nos devaneios da garota sua própria capacidade pisoteada de ambição. Ela tolerava na filha caçula todas as bobagens impraticáveis que tinha arrancado dos filhos mais velhos.

Então foi condizente, de certo modo, que a própria *Frau* Gruber tivesse um papel no segundo encontro de Benita com Connie Fledermann. Era sábado, dia de mercado, e Benita levantou da cama resmungando porque teria que ajudar a mãe a comprar e trazer para casa as compras da semana. Ainda amuada, colocou uma velha saia cinza, uma blusa, e mal penteou os cabelos.

Quem a veria, afinal? Ulrich Heschel? Mannfred Becker? No despertar do seu encontro com Connie Fledermann, a voz em sua cabeça tinha assumido um tom sarcástico. Caminhou com dificuldade ao lado da mãe, cujo silêncio estoico de camponesa alemã, estúpido e estéril, lhe parecia a exata representação de tudo que a Benita parecia faltar.

No mercado, Benita delongava, olhando distraidamente as flores de *Frau* Mullman e a barraquinha do artista até *Frau* Gruber voltar e puxar-lhe a manga, lembrando-a de carregar os salsichões, a farinha e o pedaço de carne salgada, *Salzfleisch*.

E, então, virando a esquina da banca do queijeiro, Benita viu-se subitamente confrontada com a visão de Connie Fledermann, em um lindo traje militar completo. Ficou mortificada, em vez de encantada. O horror de ser vista assim, nessas roupas horríveis, carregando um saco pesado de carne e seguida pela mãe corcunda, que apertava e cheirava as frutas!

No entanto, ele abriu um largo sorriso.

— A *Fräulein* do *Anschluss*! — disse em voz alta, fazendo com que vários transeuntes se virassem para olhá-los. O rosto de Benita, de branco ficou púrpura. — Fiquei me perguntando se a veria novamente.

Ele então virou-se com um ar de grande respeito e formalidade para *Frau* Gruber.

— Posso me apresentar? Oficial Martin Constantine Fledermann. Conheci sua filha aqui outro dia e discutimos o recente episódio do *Anschluss*.

Frau Gruber sacudiu a cabeça repetidamente, como uma surda-muda. Benita, ainda distraída pelo saco protuberante nos braços e pelo caimento particularmente feio da blusa, registrou de forma lenta a presença de dois outros homens, pequenos e monótonos ao lado do oficial Martin Constantine Fledermann. Sendo objeto da atenção dele, tudo o mais parecia envolto em sombras. Mas imaginou tê-los visto revirando os olhos.

— Posso levá-la para jantar? Essa noite, talvez?

Benita o encarou.

— Não? — Ele piscou.

— Sim — respondeu Benita.

— Sim? — perguntou ele, virando-se para *Frau* Gruber.

— *Ja, sicher*. Sim, é claro — *Frau* Gruber disse quando finalmente encontrou a língua, e sua resposta foi tão incondicional — tão totalmente desprovida da

contenção maternal que algo em Benita estalou.

Daquele momento em diante, uma mudança sutil, porém profunda ocorreu em sua relação com o homem que viria a ser seu marido. Em face da admiração muda da mãe, quase de menina, Benita percebeu que teria de agir como sua própria figura paterna — criando as barreiras e combinações que tornam o jogo do cortejo fascinante. Era algo que ela nunca tinha pensado em fazer com os vários rapazes de Frühlinghausen que demonstravam seu interesse: não havia nenhum jogo com eles, não havia necessidade disso, ela não levava nenhum deles a sério, não tinha interesse em nada além da confirmação do interesse deles.

— Posso, então, buscá-la às sete e meia — disse ele. — Em...?

— Na Krensig, número sete — disse ela, encolhendo-se à ideia dele vendo o chalé Gruber. — Mas às oito seria melhor — acrescentou, começando sua nova estratégia como criadora de obstáculos.

— Aha. — Ele pareceu agradavelmente surpreso.

Benita endireitou-se levemente e segurou o saco com uma espécie de inclinação lisonjeada dos ombros.

— Oito horas, então — concordou ele, com uma reverência.

NAQUELA NOITE, se preparando para o jantar, Benita deleitou-se com um banho quente. Os Gruber ainda dependiam da velha instalação que esquentava água no fogão, puxada da cozinha para um tubo que ficava frente a uma janela improvisada. *Frau* Gruber, tão excitada quanto Benita, sugeriu o banho, deixando de lado o próprio trabalho para prepará-lo. A mãe tinha sido, de fato, tão tomada pelo nervosismo que isso acabou acalmando Benita. Ela penteou o cabelo e rejeitou a oferta de *Frau* Gruber de trançá-lo e prendê-lo em volta do rosto em seu típico arranjo dominical e, em vez disso, prendeu-o com grampos, num estilo mais moderno, como estava na moda na América, com três rolinhos na base da cabeça. O irmão mais novo de Benita fez uma algazarra batendo na porta do banheiro e cantando velhas canções românticas em *falsetto*.

Quando finalmente deu oito horas, Benita colocou seu vestido mais bonito — um *Dirndl* tradicional, em azul e vermelho, que havia pertencido à irmã — e seus minúsculos sapatinhos de domingo. Ela sentou-se, fingindo estar absorta no bordado, enquanto a mãe preparava um prato de biscoitos e abria a

garrafa de *Schnapps* de ameixa, em uma embaraçosa tentativa de adulação. Às oito e quinze, quando o oficial Martin Constantine Fledermann finalmente bateu à porta, Benita já tinha vivenciado e superado o nervosismo, e o cumprimentou friamente.

— Oficial Fledermann — disse ela, olhando para o relógio —, me pergunto se você foi atacado por um dos cães de *Herr Schulte*.

Frau Gruber ficou de boca aberta com essa impertinência.

— Eles tentaram — replicou ele, sorrindo —, mas fui mais rápido. Me chame de Connie, por favor.

Sem se demorarem mais, e, certamente, sem participar da troca de cortesias envolvendo biscoitos ou aguardente, Benita e Connie saíram.

Fora do chalé, a lua brilhava e o carro esporte Horsch de Connie resplandecia como um objeto de outro mundo. Ela detectou o forte cheiro de gelo derretendo — o feno que cobria a horta durante toda a estação estava grosso de geada e mofo, traços de animal morto. Contudo, por cima de tudo, sentia-se a fragrância fresca e limpa de primavera, das primeiras sanguinárias e rosas de inverno florescendo. Passando pela porta que Connie abria para ela, Benita mal podia acreditar na sua sorte.

— Ao Gold Onion? — perguntou ele, de uma forma que zombava do local e de todas as pretensões provincianas, mesmo sugerindo que fossem lá.

— É claro. — Ela sorriu, mantendo o mesmo tom dele, fingindo que não eram dois estranhos desempenhando algum solene ritual de cortejo em uma cidadezinha num canto obscuro do *Reich*, mas, ao invés disso, fossem dois amantes sofisticados, cosmopolitas, que já se conheciam intimamente e faziam um jogo de faz de conta: faziam de conta que eram dois caipiras num fim de mundo do império, se encontrando pela primeira vez. Faziam de conta que não sabiam nada um do outro ou para onde estavam indo. Faziam de conta que o desfecho desse encontro casual ainda não tinha sido previsto.

Por que essa falsa familiaridade tinha sido o ponto de partida? Era confuso e perturbador para Benita, mas ao mesmo tempo parecia essencial — vital para a emoção. Ela iria se perguntar isso mais tarde, quando fosse o tempo de ponderar a respeito. Connie e a velha *Frau Gruber* já estariam mortos, e seus irmãos teriam sido mortos no front. E não sobraria ninguém com qualquer discernimento.

No Golden Onion, sentaram-se numa mesa frente a uma agradável lareira crepitando, e Connie pediu para os dois uma taça da cidra local e *Schnitzel*⁴. Benita achou engraçado — um oficial elegante de Berlim pedindo isso.

— Então me conte — começou ele quando a cidra estava na frente deles e o molho de cogumelos *Jägerschnitzel* fumegava no prato. — O que você realmente acha dessas marchas, saudações e da repatriação dos povos germânicos da Europa?

Benita ficou espantada com a pergunta — a implicação e o tom desinibido com que ele tratava o assunto. Poderia ser, talvez, uma pegadinha, pensou. Afinal, ele não tinha dito que estava na cidade por questões oficiais?

— Acho que é bondade do nosso *Führer* trazê-los de volta à pátria mãe. Também acho que o povo alemão precisa de mais terra e espaço — repetiu as palavras de *Fräulein* Brebel num impulso confuso.

— Quem disse isso a você? — Connie perguntou, rindo.

— Ninguém, é o que eu penso — ela empertigou-se.

— E o que fazer com todos os oponentes, comunistas e judeus que foram presos?

Benita o encarou, incrédula. Essa linha de pensamento lhe parecia traição. E a base da pergunta ficou confusa em sua cabeça — em Frühlingshausen certamente quase ninguém foi preso. Ela olhou as suas mãos e pôde sentir o sangue subindo às bochechas.

— Ah, não! Eu a aborreci! Minha querida donzela — Connie disse, usando de novo sua alegre voz teatral. — Não deixe que minha conversa a confunda. Aqui... Falemos da famosa cidra de Frühlingshausen. É tão boa quanto seus arrogantes destiladores apregoam? — Ele bebeu a cidra de um trago só e fez uma expressão engraçada de avaliação. — Eles colocam meias em cada barril?

— Só em barris que guardam para visitantes como você! — Benita recuperou-se e ficou deliciada em ouvi-lo rir.

— Bem, é deliciosa — declarou ele, pondo a taça sobre a mesa. — Em Berlim, só bebemos cerveja. — Fez uma careta.

— E *champagne*. Não é verdade? Que há bares em Berlim onde servem somente *champagne*?

— Verdade absoluta. — Connie inclinou-se à frente e pegou a mão dela. Benita estremeceu ao toque. — Irá a um deles comigo, *mademoiselle* Gruber?

— Você é esquisito! — Benita não pôde deixar de exclamar e, por um momento, ficou preocupada em ter arruinado o jogo.

Connie jogou a cabeça para trás e riu.

— Tenho certeza de que está certa, *Fräulein*. E você deve me prometer lembrar-me disso toda vez que eu estiver sendo um grosseirão.

O RESTO DA NOITE passou agradável. Não falaram mais de política e Connie pareceu genuinamente interessado em saber tudo sobre ela. Benita nunca tinha respondido tantas perguntas — sobre a família, a infância, a cidade, o grupo da LMA de *Fräulein* Brebel, sobre o qual Connie estava notavelmente interessado. A cidra a deixou livre e leve. E através dos olhos de Connie, viu-se sob um novo ângulo. Não era apenas bonita e jovem, ou a futura mãe de crianças arianas corajosas e fortes, mas também uma mulher que podia contar histórias engraçadas. E sua vida — na monotonia provinciana e enfadonha de Frühlinghausen — tornou-se um assunto merecedor da atenção desse homem: o desfile do ano passado, no qual foi coroada rainha, o açougueiro mal-humorado que confundia os pedidos de todo mundo, a vez em que os porcos de *Frau* Meltzer escaparam e entraram no hospital psiquiátrico. Connie parecia ter um apetite insaciável pelas histórias. E toda vez que seu joelho roçava no dela, ela sentia um choque de eletricidade.

Quando chegaram na rua Krensig, número sete, as janelas estavam escuras. *Frau* Gruber não era de ficar acordada até depois das dez, mesmo em ocasiões especiais. Connie correu para abrir a porta do carro para Benita e segurou-a até que ela descesse. Então, enquanto ela estava de pé, encostada no carro ainda quente, ele inclinou-se e a beijou — um beijo leve e experiente, inclinando a cabeça dela com a mão. Foi inteiramente diferente das grosseiras investidas de Herbert Schmidt ou dos beijos desajeitados de Torsten Finkenberg, e ela sentiu o corpo todo vibrar ao contato com aquele queixo liso e barbeado, aproximando-se de cima. Ela abandonou-se ao cheiro da loção pós-barba, de cravo picante, e ao toque do terno de lã recém-passada.

— Posso vê-la novamente? — perguntou ele. — Vou embora amanhã, mas se disser sim, volto em duas semanas.

— Sim — disse ela, deixando de lado a timidez e a estratégia.

— Então está decidido, e eu espero aqui até que esteja segura em casa.

Com isso, Benita, totalmente mudada, conseguiu encontrar o caminho estreito até a sujeira feia e confortável da casa onde crescera. Era uma donzela que encontrara seu príncipe.

[4.](#) Tipo de bife empanado, feito com carne de porco. É mais tradicional no sul da Alemanha (N.T.).

BURG LINGENFELS, JUNHO DE 1945

O garotinho sentado no balcão em frente a Marianne era uma versão em miniatura do pai. Os mesmos impressionantes olhos azuis, as maçãs do rosto altas e os traços francos e elegantes. O comportamento, porém, certamente diferia das atitudes do seu pai como homem, mas também como criança. Esse Martin era solene, impassível e contido, enquanto aquele Martin tinha sido exuberante, alegre e espontâneo. O rosto desse Martin era um livro fechado. Deus sabia que tinha seus motivos — Marianne nunca iria se esquecer da primeira vez em que o vira, espreitando pela janela, o rosto colado no vidro daquele horrível orfanato nazista.

— Dói aqui? — Marianne perguntou, enquanto esticava a perna machucada do menino, com a intenção de fazer um curativo.

Ele fez que não com a cabeça.

— E aqui?

Ele balançou de novo a cabeça, mas dessa vez hesitou.

— Bom, então vamos lavar esse machucado e enfaixá-lo, e você vai ficar novo em folha.

Marianne mergulhou um pano numa bacia de água e o pressionou contra o talho ensanguentado. Ela pôde sentir o menino rangendo os dentes ao contato com a carne ferida. Mas ele não chorou.

Foi uma queda feia. Ele e Fritz estavam brincando nas vigas do velho estábulo. Tinha sido ideia de Fritz, claro. Seu filho não conseguia ficar longe de problemas. Parecia que toda a agitação, as ideias tolas e bobagens insensatas que ele tinha reprimido durante a cansativa viagem que fizeram do oeste, de Weisslau, tivessem voltado redobradas. De onde tinha vindo esse traço de imprudência? Nem ela nem Albrecht tinham sido impulsivos ou desorganizados quando crianças. Até mesmo Elisabeth, com toda sua teimosia, era pelo menos cuidadosa.

Por sorte, o chão do estábulo ainda era o original, de terra compactada e firme. E Martin aterrissou nela como um gato. Ele parecia ter herdado a sorte

do pai, que sempre tinha uma carta na manga... até que a sorte lhe falhou.

— Você não sabe como brincar nessas vigas — Marianne disse. — Acho que não precisamos deixar sua mãe preocupada com esse incidente contanto que você me prometa ser mais cuidadoso. E — ela levantou as sobrancelhas — prometa que não vai permitir que Fritz o coloque em apuros... Ele pode ser bem travesso.

— Não vou deixar — disse Martin, a voz infantil séria. Ela às vezes se esquecia do quão jovem ele era. — Eu prometo.

Não era fácil fazer Martin chorar. Ela teve uma amostra quando o viu dizer adeus à garotinha do orfanato: Liesel Stravitsky. Era óbvio que ele a amava. Mas quando encontraram a família dela, ou que sobrara dela — uma tia acanhada, com três crianças pequenas, o pai, morto, e a mãe vista pela última vez em Auschwitz — até mesmo os olhos de Marianne não ficaram secos. A pobre menina tinha abraçado Martin e chorado como se o pequenino coração fosse explodir, mas ele permaneceu estoico.

Marianne amarrou a última tira de seda em volta do corte.

— Por que você não se senta na cozinha e ajuda Elisabeth e Katarina a descascar as ervilhas?

Martin abriu a boca como se fosse falar algo.

— O que é? — perguntou ela, colocando a mão no joelho não machucado, ossudo e magro.

— Quando poderei vê-la? Minha mãe.

— Logo — Marianne respondeu. — Eu prometo que logo.

Benita tinha caído doente com difteria uma semana após chegarem a Burg Lingenfels. Diziam que isso ocorria com frequência: assim que a pessoa se via em segurança, a doença dava as caras. Marianne e seus filhos tinham sido vacinados no hospital inglês de Braunschweig. Como eram a esposa e os filhos de Albrecht von Lingenfels, foram classificados como *Opfer des Faschismus*, “Vítimas do Fascismo”, e muito bem tratados pelas autoridades britânicas, que os passou na frente dos muitos contrerrâneos refugiados que esperavam numa longa fila, na fronteira entre as zonas. Era um aglomerado de miseráveis, constituído principalmente por velhos, mulheres e crianças fugidos do leste. Isso fez com que Marianne se sentisse culpada. Por que ela e seus filhos tinham direito a um tratamento especial? Eles já eram muito privilegiados por ter a carroça e um cavalo para puxá-la.

Benita, por outro lado, não recebeu nenhum desses privilégios. Ela não tinha intercedido a favor de si mesma dizendo ser a viúva de Connie Fledermann, um ativo rebelde executado pelos nazistas. Apesar disso, as coisas eram diferentes na Berlim ocupada pelos russos. Um alemão era um alemão para a maioria dos russos. Ela era simplesmente uma viúva alemã, bem bonita por sinal, algo que não contou a seu favor. Marianne nunca iria se esquecer dos soldados de olhar lascivo em volta da mesa no apartamento da Meerstein, ou do horrível quatinho de janelas fechadas, recendendo a sexo. Ela tinha chegado tarde demais. Prometera a Connie proteger sua esposa e o filho, e tinha falhado.

COM MARTIN EM SEGURANÇA na cozinha, Marianne lavou os trapos ensanguentados, cortados do vestido de primeira comunhão de Elisabeth. Ele tinha chegado na semana anterior dentro de um enorme baú, entregue, de forma improvável, por uma caminhonete do correio do exército americano. Seu coração deu um pulo quando viu o baú. Albrecht tinha insistido, anos antes, em empacotar tudo aquilo e mandar para os primos de Genebra guardarem em segurança — presente de um morto prevenido.

Nós moramos no meio do nada, Albrecht!, Marianne reclamara quando ele sugerira despachar os bens valiosos. *Como se algum exército fosse se importar com Weisslau.*

Porém Albrecht estava certo. Os russos tinham marchado diretamente até a cidade, determinados a vingar suas perdas, tomando absolutamente tudo, desde bicicletas e relógios herdados de avôs até as velhas agulhas de tricô da avó Von Lingenfels. Esse “pedágio” era o preço que a guerra tinha exigido — como se a pilhagem fosse trazer os mortos de volta.

Finalmente as coisas estão do jeito que você gosta, Fräulein Comunista, Marianne imaginou Albrecht dizendo, ao ver o vestido de primeira comunhão cortado. Era uma piada interna. Ela gostava de proclamar que roupas elegantes e finos jogos de mesa eram banalidades burguesas — distrações do verdadeiro requinte da vida humana: música, poesia, teatro, arte...

O que por si só era uma tola declaração burguesa. A guerra tinha deixado isso claro. Música, poesia e arte também eram luxos. Tudo isso era uma distração da elementar luta entre a vida e a morte.

Albrecht não tinha entendido, porém, quando despachou esse baú, que toda a cultura que tinha gerado esses objetos e conferido a eles um valor seria tão completamente sacrificada, a ponto de suas atribuições não serem mais válidas. Qual era o sentido de possuir um avental de seda chinesa costurado pelo melhor alfaiate de Weisslau se você não tinha nem um par de sapatos? Ou um aparelho de chá de porcelana Meissen, quando não havia nem ao menos uma bandeja lascada para transportá-lo, nem chá para servir, pão ou mesmo uma mesa onde comer?

Ele havia antecipado a tragédia, mas não vivera para assistir às suas nuances.

— Mamãe! — A porta do banheiro foi escancarada e Katarina apareceu. — O líder americano está aqui.

“O líder americano” era como as crianças se referiam ao tenente Peterman, o responsável pela reconstrução de Ehrenheim e áreas adjacentes. Ele tinha sido gentil com os Von Lingenfels desde que chegaram ao castelo, e tratava Marianne com certo respeito nervoso, imaginando que ela fosse da realeza (não era) e que seu marido tinha sido amigo do general americano Patton (um grande exagero, já que Albrecht nem ao menos tinha conhecido o homem). Marianne não tinha lhe dado nenhuma dessas ideias, mas também não as negou. Peterman era um aliado útil. Ela tinha pedido ajuda a ele em sua busca pelas viúvas dos rebeldes alemães, as mulheres e crianças que, anos atrás, jurou tão solenemente proteger, na festa da colheita da condessa. Connie a tinha chamado de *comandante das esposas e crianças*. Essas palavras tinham lhe soado depreciativas à época — uma discriminação contra a verdadeira conspiração, um lembrete de que ela não passava, no final das contas, de uma mulher, e, logo, deveria ser relegada ao trabalho de juntar os cacos. Contudo, nos anos seguintes acabou entendendo essas palavras de outra forma: ela era o último homem de pé, a isca deixada para trás, carregando a chave.

O que deveria fazer com ela era um mistério.

Ao menos poderia honrar sua promessa e fazer seu melhor para procurar as esposas dos homens presentes na sala naquela noite.

— *Frau* Von Lingenfels — Peterman ladrou do seu jeito alegre. O nome *Von Lingenfels* sempre lhe soava cômico, vindo dos lábios dele, o g duro e as sílabas estendidas.

— Tenente — Marianne replicou.

Ela notou outro homem atrás de Peterman — alto, magro, usando um uniforme esfarrapado da *Wehrmacht* com as insígnias removidas. Ele olhava para baixo, encarando suas botas. Um prisioneiro de guerra alemão. Havia milhares como ele naqueles campos de prisioneiros britânicos e americanos.

— Você encontrou uma das minhas *Frauen*? — Marianne perguntou gentilmente a Peterman. Era uma referência à piada que ele tinha feito quando ela lhe deu a lista de nomes. *É só procurar por Frau na frente desses nomes?*

— Receio que não — Peterman respondeu. Uma sombra passou pelo seu rosto. Obviamente ele nem tinha dado atenção à lista. — Mas trouxe alguém para ajudá-la com o castelo.

Marianne olhou para Peterman e depois para o outro homem, que encontrou seu olhar por um instante. Os olhos dele tinham um tom pálido de azul, quase transparente, o rosto era amplo e inesperadamente bonito.

— *Herr Muller* é um dos detentos do nosso campo. E imagino que provavelmente você pode fazer uso de um par de mãos a mais aqui. Muller é habilidoso. Trabalhou numa fazenda antes da guerra, certo? — perguntou, virando-se para o homem. — *Bauernhof*?

O homem olhou interrogativamente para Peterman, depois para Marianne. Ele não era fazendeiro, Marianne compreendeu.

— Tudo bem. — Ela franziu as sobrancelhas. Marianne não gostava da ideia de depender da ajuda de um ex-nazista prisioneiro dos americanos. Sabe Deus que tipo de pessoa era, que tipo de soldado foi. E, acima de tudo, era seu compatriota. — Não precisamos de ajuda.

— Desculpe-me, *Frau Von Lingenfels*, mas... — Peterman deu um passo para trás e analisou o castelo. — Tem janelas quebradas lá em cima e pedras faltando. Além disso — ele a encarou —, o inverno está chegando. Você vai precisar de lenha.

Peterman virou-se de novo para o homem e fez uma mímica manuseando um machado.

— Você pode cortar lenha. *Holz*. Certo?

O homem assentiu.

— E então? — Peterman perguntou, olhando de esguelha para Marianne. — Estamos de acordo? Odiaria ver vocês congelando por aqui, especialmente com tantas árvores por perto.

Marianne suspirou.

— Você torna difícil dizer não.

— Tudo bem. Na próxima quinta, então. Você tem um machado?

NAQUELA NOITE o jantar foi a habitual e quase intragável sopa. Marianne nunca aprendeu a cozinhar. Foi mimada quando criança — a filha favorita e inteligente de um rico viúvo que acreditava que a educação da mulher ia muito além de afazeres domésticos. Ela tinha lido Goethe, Schopenhauer e Schiller em vez de livros de receita.

— Vamos ter um escravo aqui? Na nossa casa? Uma vez por semana? — Elisabeth quis saber.

— Ah, pare com isso. Claro que ele não é um *escravo* — Marianne retorquiu friamente. — Por que você fala uma coisa dessas?

— Bem, é *sim*. — Elisabeth limpou a garganta. — Isso é o que os prisioneiros de guerra são. Ouvi *Herr Koffel* dizer isso. Trabalho escravo. Contra as leis internacionais. Isso é diferente de quando nós estávamos no comando?

— Nós? — Marianne repetiu, horrorizada. — Nós nunca fomos nazistas. Não se esqueça disso.

Elisabeth deu de ombros.

— Mesmo assim. Ele não vai receber salário pelo trabalho.

— Nesse momento, caso você não tenha notado — disse Marianne —, ninguém está recebendo salário por trabalhar. E, certamente, vir até aqui para cortar árvores uma vez por semana será um agradável respiro do campo de prisioneiros, que parece ser um lugar insuportável.

Havia rumores de homens morrendo em tais instalações, de campos extensos e áridos sem abrigo ou sombra contra o sol, de homens dormindo em buracos cavados por eles mesmos. Apesar de Marianne não acreditar na maioria dos rumores que os moradores de Ehrenheim faziam circular.

Ela virou-se para o filho:

— Fritz, sente como um homem e pare de se mexer.

— Ele matou muitas pessoas na guerra? — Katarina perguntou, sussurrando. — É por isso que ele é prisioneiro?

Marianne olhou para a filha: os cabelos escuros, o rosto franco e o ar pensativo. Sempre lenta e deliberada em suas reações. Tão parecida com

Albrecht.

— Eu não sei, meu amor. — Ela suspirou. — Existem muitos prisioneiros, até mesmo garotos da sua idade que não sabem nem diferenciar um rifle do outro. Não sei o que *Herr Muller* fez.

— De qualquer forma, foi algo ruim — Elisabeth resmungou.

— Ah, Elisabeth, francamente — Marianne cortou a menina. — Não pedi a ajuda dele. Mas apareceu e é isso que temos agora. Ele vai cortar lenha para nos ajudar a passar o inverno e você deveria ser grata.

No silêncio que se seguiu, ela refletiu sobre as próprias palavras. *É assim que as coisas funcionam?*, ela podia ouvir Albrecht perguntando. *As vantagens pessoais superam a decisão moral?*

Sim. Não. Qual era a diferença se o homem trabalhasse aqui no castelo ou para os americanos? De qualquer forma, era um prisioneiro. Connie teria apoiado seu ponto de vista, não?

Ela distribuiu o resto da sopa entre eles.

— De qualquer maneira, provavelmente ele tinha uma Luger — Fritz sugeriu. — Você acha que ele ainda tem?

— Não — Marianne disse com firmeza. — Nenhum alemão pode portar armas. Podemos agora tomar fazer nossa ceia em paz? — Ela virou-se para Martin, que tinha ficado quieto o tempo todo: — Isso não seria bom?

DEPOIS DO JANTAR, Marianne subiu as escadas para ver Benita.

Ela tinha transferido Benita para uma cama de lona na ala dos servos, que ficava sobre cozinha, onde todos dormiam. Eram os melhores quartos do castelo, no momento. Durante os meses frios, eram aquecidos pelo calor do forno gigantesco abaixo deles. As antigas e enormes suítes na frente do castelo eram gélidas e escuras, e as velhas camas cortinadas tinham sido arruinadas, despedaçadas. Marianne ficou chocada ao descobrir isso quando chegou no castelo. Quem havia destruído esses móveis antiquíssimos?

No grande salão, o piano também fora estraçalhado, o teclado despojado do marfim das teclas, os fios esticados como uma aranha gigante. Possivelmente tinha sido os nazistas; por um breve período, antes do fim da guerra, uma unidade da SS tinha firmado residência em Burg Lingenfels. Ainda havia num canto do jardim latas vazias empilhadas — de carne, cereja em conserva e aspargos. Mas também era possível que os moradores de

Ehrenheim fossem os responsáveis pela destruição. Nos últimos dias de guerra, depois de os nazistas partirem, muitos dos moradores da cidade tinham se entocado no castelo vazio para se esconder dos americanos que se aproximavam, imaginando que eles iriam assassinar e estuprar. E Marianne não poderia afirmar com certeza que tinha sido os moradores de Ehrenheim que causaram toda essa destruição. Eles eram um grupo isolado de primos, tios e irmãos que casavam entre si, e tinham uma visão limitada de servidão medieval, na qual os moradores do castelo é que eram os opressores. Todos tinham sido nazistas ardorosos, até onde ela sabia. E para eles, Marianne e seus filhos eram o resto da família de um traidor, de um homem que havia tentado matar seu amado *Führer*, e que, além de tudo, era um autêntico Von Lingenfels.

Marianne parou de andar e pegou no bolso a carta que iria entregar. Parecia fria e macia ao contato com a pele e um frenesi de adrenalina passou pelo seu corpo. Ela bateu de leve na porta de Benita.

Deitada na estreita cama de lona que Marianne havia arranjado, Benita não parecia nem de longe a *Mädchen*, a mocinha rosada e a camponesa alemã que tinha sido. Marianne tinha cortado o cabelo louro para protegê-la de germes, e, de cabelo curto, Benita parecia magra e cansada do mundo — as bochechas encovadas, pálida como uma folha de papel, os olhos imensos e escuros. Ela ainda era linda, mas de um jeito doloroso, com o ar de quem tinha sido pisoteada.

Marianne colocou a bandeja com sopa e água ao lado da cama e os olhos de Benita se abriram, agitados.

— Martin está bem? — perguntou ela, e imediatamente começou a tossir.

— Shh. — Marianne pôs um dedo nos lábios dela. — Ele está bem. Ele e Fritz têm brincado bastante, como todos os meninos saudáveis brincam.

— Ele não está.... — Benita começou a dizer, mas foi novamente interrompida pela tosse. — Ele não ficou doente?

— Está perfeitamente saudável — disse Marianne, sem mencionar a queda.

Benita acenou com a cabeça, mas seus olhos continuaram ansiosos.

Antes da guerra, Marianne imaginara que Benita seria mãe de uma horda de crianças, uma matriarca robusta e plácida. Connie sempre quisera ter uma família grande: pelo menos cinco ou seis filhos, uma experiência diferente da sua própria infância de filho único. O que tinha acontecido nesse ínterim?

Abortos? Infertilidade? Connie nunca fizera confidências sobre o casamento a Marianne, e ela não era tão próxima de Benita para perguntar. Era irônico que ela, a ossuda Marianne, de peito chato, fosse a mais fértil das duas.

Marianne sentou na ponta da cama e ergueu uma colher cheia de caldo de carne até os lábios de Benita, o último *bouillon* que ela tinha contrabandeado de Weisslau.

Obediente, Benita abriu a boca.

Quando Marianne se inclinou para pegar mais sopa com a concha, o papel amassou em sua mão. Certamente era hora de entregar a carta. Mas era tão difícil desfazer-se dela! Connie tinha lhe dado a carta na última vez em que se viram: *Para minha esposa, Benita Fledermann* estava escrito em sua letra longa e fina, surpreendentemente elegante para uma letra de homem. Ela deveria entregá-la a Benita caso ele morresse. E, dessa vez, quando ele pediu sua ajuda, Marianne não protestou.

Porém quando a conspiração fracassou e Connie morreu, Marianne descobriu que não poderia entregar a carta. Era muito perigoso, com Albrecht na prisão. Seis meses se passaram desde a tentativa de assassinato até o julgamento e o enforcamento de Albrecht. E Marianne tinha passado esses meses implorando pela sua libertação — visitando contatos poderosos de alto escalação, escrevendo cartas, e, até mesmo, em três ocasiões, sendo interrogada pela Gestapo. A posse de uma carta escrita por Connie Fledermann não a teria ajudado nada. E então, posteriormente, com Albrecht morto, foi impossível chegar até Benita, que tinha sido sequestrada e levada para uma prisão nazista. Logo, ela tinha guardado a carta consigo durante a jornada de volta de Berlim, esperando pelo momento certo, que não parecia chegar nunca.

— Tenho algo para você — ela se obrigou a dizer depois que Benita engoliu a última colherada.

Benita levantou os olhos.

Marianne estendeu a carta. Estava suja e amassada. Mas sobrevivera — aos russos, ao voo de Weisslau, ao fim da guerra. Para sua surpresa, Benita não se surpreendeu ao ver a letra do marido. Nem ao menos se moveu para pegá-la.

— Venho guardando isso há muito tempo — Marianne começou. — Desculpe-me... Eu não sabia como fazer ela chegar até você, e quando

estávamos vindo para cá de Berlim, parecia que... parecia que você deveria ter um lugar tranquilo para lê-la.

Ainda assim Benita não disse nada. Marianne ouviu o som das crianças brincando lá fora.

— Eu nem sabia, entende? — Benita disse, por fim, erguendo os olhos.

— Sabia o quê? — Marianne perguntou.

— O que eles estavam planejando.

— Eles não contaram a quase ninguém.

— Mas contaram a você. — O tom de Benita era alarmanamente feroz.

Marianne inspecionou o rosto pálido da moça. Parecia ao mesmo tempo severo e magoado, com um toque de petulância. Por um momento, sentiu todo o peso das palavras de Connie naquela noite após a festa. *Ela é uma garota simples e eu posso arrastá-la a uma encrenca que não merece.*

— Era diferente. — Marianne suspirou. — Eu participei da conversa. Se eu fosse homem... os nazistas teriam me enforcado também. — Ela fez uma pausa, considerando. Era a primeira vez que falava isso em voz alta.

Benita desviou o olhar.

Entre elas, a carta jazia no lugar onde Marianne a colocara. Ela sentia sua presença, parecia algo vivo, animado. Uma criança ou um animal, esperando ser tocado.

— Como você... — Benita começou, e então teve um acesso de tosse. — Como você os impediu de tomarem seus filhos? E de a mandarem para a prisão?

— Não sei — disse Marianne, embora na verdade ela pudesse adivinhar o motivo. Os nazistas nunca tinham gostado de Connie, enquanto Albrecht tinha conseguido manter até o fim o respeito, embora frustrado, de alguns. Talvez por causa de sua diplomacia natural. Ou, mais provavelmente, por causa das suas raízes profundas e ilustres. Connie vinha de uma antiga família *Junker*, outrora rica e vinda da aristocracia agrária, mas Albrecht era um Von Lingenfels, e descendia de uma longa linhagem de venerandos generais alemães, um “tronco” vital para a amada raça superior de Hitler. — Tivemos sorte.

— Ah — disse Benita. — E nós não.

Por fim ela pegou a carta. Mas o jeito com que olhou para ela não era nem triste nem amoroso. Olhou o envelope em suas mãos como um objeto vindo

do espaço sideral.

— Bem — Marianne disse, pegando a tigela de sopa e a colher. — Vou deixá-la ler em paz.

Benita assentiu.

Porém antes de Marianne fechar a porta, ela viu Benita largar a carta no chão, sem abrir, e deitar de costas, imóvel como um cadáver.

MARIANNE TINHA PASSADO um bom tempo pensando no casamento de Connie. Após a cerimônia, ela os tinha visto juntos de tempos em tempos — na festa de Natal dos Bemelman, em alguns jantares que tinha organizado em Berlim e uma vez num encontro de fim de semana em Weisslau. Era um casal difícil. A moça parecia sempre descontente (Connie não tinha ido buscá-la na estação ou o bebê não dormia ou ninguém a tinha ajudado com as malas no trem...), e Connie, solícito demais. Contudo, mesmo atencioso, ele de alguma forma se mantinha distante da esposa, desconectado dela de tal maneira que parecia encorajar suas reclamações.

Para começar, Marianne não entendia o que ele tinha visto em Benita. Normalmente ela não ponderava sobre tais questões, mas esse não era um casamento qualquer. Benita era a esposa de Connie Fledermann. Ela era linda, óbvio, mas havia mulheres lindas em toda a Alemanha que se diziam apaixonadas por ele. Tinha uma aura de inocência — uma falta de sagacidade e de sofisticação que nenhum dinheiro ou permanência na cidade grande poderia mudar, o que era encantador, de certa forma. Mas Marianne nunca viu Connie impressionado com esse tipo de simplicidade. Eram os nazistas que reverenciavam tal conceito romântico de *völkisch*, pitoresco, irrefletido, não homens de pensamento progressista como Connie. Ainda assim, Benita o cativou.

Uma vez, Marianne os tinha visto sozinhos no terraço de uma mansão em Dahlem, na festa de um dos colegas de Albrecht. Foi nos primeiros anos de guerra, quando ainda havia muito vinho e alegria por toda parte. Ela hesitou em transpor a porta e algo no jeito deles a fez parar antes de chamá-los. Benita sorria recatada para Connie. Estava sem o pequeno Martin, algo raro naquele tempo. Connie estava de costas para Marianne. Enquanto ela observava, Benita disse algo que o fez rir — uma verdadeira risada explosiva, de admiração, daquelas de se jogar a cabeça para trás, e então ele a enlaçou pela cintura e a puxou para si com uma intensidade que fez Marianne prender o

fôlego. Foi enérgico, até mesmo agressivo — um lado de Connie que ela nunca tinha visto. Benita devolveu a risada e permitiu ser totalmente envolvida em seu abraço, com uma suavidade e submissão que Marianne não conseguia imaginar serem fingimento.

Isso foi o mais perto que chegou de compreender o casamento de Connie: Benita o fazia ser uma versão mais livre e animalesca de si mesmo.

Na ocasião, Marianne sentiu uma facada de tristeza ao perceber isso e refugiou-se apressadamente no consolo familiar da festa e nos vários convidados que compartilhavam suas opiniões, com quem ela sabia como conversar — porém, se sentia como alguém tentando agir normalmente após receber notícias terríveis. E quando Marianne encontrou Albrecht, o querido e sensato Albrecht, com seus olhos gentis e os ombros caídos, o jeito deliberado e pensativo de falar, sentiu-se solitária, e irritada com a migalha de pão que viu na bochecha dele, com a caspa acumulada no paletó. E com o fato de ele abrir espaço para ela passar, ao invés de puxá-la para si.

WEISSLAU, 20 DE JULHO DE 1944

Para Marianne, o dia vinte de julho passou devagar.

Estava quente em Weisslau. As crianças perambulavam pela sala de estar da falecida avó Von Lingenfels, uma “caverna” de tapeçarias desbotadas e lâmpadas sombrias. Amavam passar o tempo no sofá de crina de cavalo, com roupas leves de verão, chupando balas de tostão e folheando preguiçosamente a antiga coleção de livros ilustrados: mitologia grega, histórias da Bíblia, contos de fada alemães e volumes científicos obscuros. E Fritz passava uma quantidade de tempo incômoda examinando pudicos desenhos do corpo humano de uma grande enciclopédia vitoriana de medicina. A avó teria ficado horrorizada. Marianne sempre achou que as crianças agiam de forma indolente e vagamente debochada na sala de estar.

Naquele dia, estavam selecionando uma pilha de ferro-velho que tinham coletado: preciosidades que planejavam entregar no distrito nazista local como sua pequena contribuição ao esforço de guerra. Marianne não tinha paciência para tais bobagens nazistas, especialmente quando envolvia seus filhos, transformando-os em pequenos belicistas. Tinha conseguido mantê-los longe dos grupos juvenis, apesar dos pedidos incessantes de Fritz (odiava ter sido excluído das caminhadas dominicais e partidas de futebol da Juventude Hitlerista), mas mesmo assim eles compartilhavam as obsessões dos colegas. Coletar ferro-velho parecia particularmente idiota para Marianne. E isso sempre levava a discussões — quem tinha achado o que e quanto receberiam em troca. Como se qualquer um realmente precisasse desses trocados. Eles tinham sorte de estar em Weisslau — na própria casa, com seus próprios recursos e alimentos e sem se preocuparem com bombardeios. Era o quinto ano de guerra, e nas outras cidades a situação estava feia. Lá, as crianças precisavam de praticamente tudo (segurança, um teto, comida e carvão para queimar no forno durante o inverno). Um ano tinha se passado desde o bombardeio de Hamburgo, e as imagens e relatos dos efeitos das bombas ainda eram horríveis. Os jornais divulgavam histórias de crianças órfãs vivendo

nos destroços da cidade, comendo ratos e bebendo água suja; de pessoas que tentaram escapar dos incêndios e foram cozidas vivas nos canais. Claro, era difícil discernir verdade de propaganda de guerra, e Marianne não acreditava em nada do que diziam os jornais nazistas impressos. Mas ainda assim as fotografias eram chocantes — o centro da cidade transformado em uma paisagem cinza e esburacada como a superfície da lua. E ela viu em primeira mão a face daqueles que fugiram para encontrar abrigo e trabalho no sul: rostos vazios, em choque.

Naquela tarde em particular, Marianne não conseguiu tolerar as briguinhas das crianças. Durante a noite toda, na verdade, a semana toda, tinha ficado em expectativa. A partir de agora, o “plano” ocorreria em qualquer dia. *Tio Ulrich vai se juntar a nós no próximo fim de semana*, dizia o último telegrama de Albrecht, vindo de Berlim. *Por favor, prepare o Semmelkuchen⁵ favorito dele*. Eles tinham decidido juntos as palavras que usariam como código. Desde então, o sono parecia uma delicada teia na qual ela, um inseto aéreo e agitado demais, não conseguia pousar — e tentava desesperadamente se agarrar aos seus fios...

E apesar dos meses e anos de preparação, de argumentos e discussões — *O que justifica um assassinato? O bem pode ser alcançado através do mal?* Apesar dos infinitos *Como*, *Quando* e *Onde* — e da pergunta mais recorrente, *E depois?* —, parecia incrível, até mesmo impossível que a trama de assassinato por fim se desenrolasse. No começo, Albrecht não tinha aprovado a ideia. Assassinato. Homicídio. Não era o que ele queria como ponto alto do movimento de resistência. Na sua opinião, a injustiça poderia ser combatida apenas com justiça — ele era um advogado até o último fio de cabelo. Assassinato era algo ruim. Isso era fato. Mas e se ele fizesse a guerra terminar e impedisse a morte de milhares de pessoas? Até mesmo milhões? Tinham debatido esse ponto com frequência até tarde da noite, ele analisando suas próprias convicções, e Marianne fazendo papel de advogado do diabo, embora, na verdade, ela não fosse isso. Ela acreditava que Connie, Von Stauffenberg e os outros estavam certos. Hitler deveria ser assassinado.

Para ela, a discussão tinha se encerrado três anos antes, quando Freddy Lederer voltara do leste. Ele tinha feito uma parada em Weisslau após a viagem até a zona de Governo Geral da Polônia ocupada. E Freddy, um rapaz sincero, que Marianne conhecia desde pequeno, sempre o primeiro a saltar do

cais do lago e o último a chegar para o jantar no Grand Hotel de Ostsee, era um espectro abatido de si mesmo. Ele voltara recentemente de uma viagem com a inteligência do partido, a *Abwehr*⁶, onde o tinham dado uma escolta da SS, que o levara para ver uma “ação”, um “milagre de eficiência e dedicação”, como o homem da SS descrevera. A “ação” era acompanhar uma unidade comum de reservistas alemães, em sua maioria homens mais velhos, civis com pouco ou nenhum treinamento militar, muito menos formação. Esses homens tinham sido instruídos a “limpar” a área a sul de Lublin. *Lublin* — Freddy estremecera ao pronunciar o nome da cidade —, *o inferno na Terra*. Cercaram mulheres, crianças e velhos judeus e os fizeram marchar até a floresta para então atirar neles.

Atirar neles?, Marianne repetira. *Tem certeza?* Ela tinha ouvido rumores, é claro, mas ainda assim acreditou (embora não apoiasse) no Plano Madagascar dos nazistas. Todos os judeus poloneses seriam deportados até essa ilha para formar sua própria pátria. Outras histórias, ainda mais sombrias, vinham do front, mas essas ela não tinha levado a sério, achando serem rumores ou exagero. Contudo, agora era diferente. Esse relato vinha diretamente da boca de Freddy Lederer. E ele tinha visto tudo com seus próprios olhos. Os soldados alemães se emparelharam aos judeus, um ao lado do outro: as vítimas e seus assassinos marcharam até a floresta como companheiros. Às crianças foram atribuídos seus próprios carrascos. Ele tinha visto uma mulher com três crianças — uma bem pequena, incapaz de andar, um menino mais velho e uma garotinha de sete ou oito anos. A garotinha, uma coisinha pequenina embrulhada cuidadosamente em cobertores, olhando em volta com olhos arregalados, tinha se recusado a soltar a mão da mãe e permitiram que ela andasse junto a ela e o bebê.

Aquela vai causar problemas, o acompanhante de Freddy dissera, com indiferença. *Três tiros para um só soldado. Vai atrasar todo o processo.*

Quando Freddy terminou de falar, pairou um silêncio em volta deles, na confortável biblioteca de Weisslau, com o fogo crepitante, os sofás felpudos e o cachorro roncando preguiçosamente à lareira. Marianne ficou petrificada, com o tipo de imobilidade que desejava parar o tempo, voltar atrás, não ouvir a história de Freddy.

Por um longo momento, dissera Freddy, *não pude compreender o que eu via. Eu via, mas não conseguia assimilar. Era* — ele procurara uma analogia, o rosto

pálido extenuado com o esforço — *como uma daquelas imagens ocultas; você vê um cálice, não um rosto, uma escadaria, não uma flor, você não consegue enxergar aquilo mesmo estando bem à sua frente. E então subitamente* — ele levantara o rosto e olhara diretamente para Marianne — *você vê.*

Marianne sonhou com elas naquela noite, com a mãe e as crianças andando na floresta. E com os homens, seus próprios vizinhos e iguais, seus companheiros compatriotas, fazendo-as marchar. Era isso que significava os discursos inflamados e assustadores de Hitler: homens comuns, de meia-idade, fazendo mães e filhos marcharem até a floresta para depois matá-los.

Marianne, Albrecht e muitos dos seus amigos sabiam há bastante tempo que Hitler era um lunático cuja falta de cultura apelava para as emoções mais egoístas e autopiedosas das pessoas, cuja ignorância era uma vergonha para o país. Eles o assistiram criar uma obra-prima de culpabilização, creditando aos judeus a culpa pela queda de poder da Alemanha e persuadindo seus seguidores de que humanidade, esclarecimento e tolerância eram fraquezas — ideias judias que levavam à derrota. Ficaram preocupados, mas não fizeram nada a respeito dessa perigosa mistura de fervor e falta de humanidade. Mas o relato de Freddy Lederer era algo novo. Ela deitou em sua cama naquela noite e soube que Connie estava certo. Hitler tinha que morrer.

Para Albrecht, contudo, a resposta ainda podia ser encontrada na busca por justiça. Ele também ficou profundamente afetado com o relato. Redobrou seus esforços para ajudar judeus em tentativas de fuga e para divulgar os horrores perpetrados pelo nazismo, como os que Freddy descrevera, aos britânicos e americanos, que ele acreditava serem a única esperança para derrotar Hitler. Ele era religioso — muito mais que Marianne — e começou a lutar com sua fé. Perdeu o sono e mal comia. Mas ainda assim acreditava que deveriam julgar Hitler no tribunal de justiça. *Apenas quando provarmos que o direito internacional e os direitos humanos de toda humanidade são maiores do que qualquer vilão poderemos derrotar o mal.* Ele permaneceu firme nesta crença.

Porém isso é impossível, Albrecht! Marianne argumentara. *Como você levaria Hitler a um tribunal? Toda a Alemanha teria que se levantar contra ele.*

Com o apoio dos países estrangeiros. E com o tempo...

Ele era um sonhador, Marianne pensou. Não havia tempo.

E a Alemanha nunca iria se levantar contra ele. Todos estavam muito imersos na retórica de Hitler, covardes demais, implicados demais nos

horrores da guerra para rejeitá-lo.

Duas semanas após sua visita a Weisslau, Freddy se enforcou.

Foi só depois que chegaram até Albrecht as notícias sobre os campos de extermínio — não os rumores, mas os relatos incontestáveis, em primeira mão, a que ele tinha acesso por meio do seu trabalho na *Abwehr* — que ele concordou com o plano. Assassinato era o único jeito.

NO ANDAR TÉRREO, Marianne afundou no couro macio da cadeira frente à escrivaninha do marido, com a intenção de verificar as contas dele. Ela tinha assumido a contabilidade quando o trabalho de Albrecht no governo — e, mais importante, na resistência — tinha se tornado exigente demais. Sentada na grande escrivaninha, onde ele tinha elaborado muitos planos e documentos, Marianne deu-se conta, pela primeira vez, de que a trama poderia falhar.

No exterior da janela, ela vislumbrou um rápido bater de asas escuras pelo gramado seguido por um borrão marrom-acinzentado, que se revelou um gato perseguindo um corvo. Enquanto observava, o gato conseguiu cravar uma pata na asa da ave. O corvo voou baixo, dando pulos à frente, a asa quebrada num ângulo alarmante, e o gato, satisfeito com o dano, virou-se e correu para os arbustos. O pássaro cambaleava e batia as asas. Começou a emitir um som baixo e gutural. Três outros corvos desceram voando das copas das árvores e ficaram a uma distância respeitável, observando, as cabeças inclinadas enquanto o outro andava todo estropeado, frente a eles, a asa em péssimo estado arrastando pelo chão, espalhada como evidência.

E então, como se já tivessem proferido a sentença e considerado seu companheiro além de toda esperança, voaram para longe.

A cena era ao mesmo tempo aterradora e viciante: Marianne não conseguiu desviar os olhos. Eram só os dois agora, ela e ele, apesar de o corvo não saber que ela o observava. Ficou paralisada na janela, com uma sensação ruim no peito. Se o gato voltasse, ela abriria a janela e o espantaria — ou sairia e jogaria uma pedra nele. Mas não voltou. Ficou feliz em deixar o pássaro lá para morrer.

Marianne não acreditava em sinais e presságios. Esses eram os recursos dos impotentes. Porém, ao mesmo tempo, nesse instante, teve a nítida sensação de que o golpe havia falhado. *No final, vai depender da sorte*, Albrecht dissera na última vez que o vira. Ela tinha assentido, mas em seu coração não o

compreendera. Nunca tinha, de verdade, permitido considerar o oposto do sucesso. Acreditou, quase de forma supersticiosa, que admitir dúvidas seria um convite ao fracasso, e que imaginar o sucesso o faria acontecer. E sua imaginação era dócil. Ela conjurava o que Marianne mandava, nem mais, nem menos. Ela não imaginava fissuras e rochas escondidas quando as crianças esquiavam; não visualizava um acidente quando Albrecht dirigia rápido demais. Era parte do que a fazia ser uma pessoa confiante, em vez de ansiosa. Era parte do que a tornava uma otimista.

Ela pressionou Albrecht a apoiar o plano e defendeu uma ação quase imediata. Ficar parado era impossível. Uma vez que se sabia — *tinha certeza* — que mulheres e crianças eram assassinadas na floresta, que chuveiros coletivos foram construídos com o único propósito de matar, como não agir? Mas, então, lá estava o óbvio motivo que ela reprimiu, ao pensar no fracasso do plano: o custo. Se o plano falhasse, tudo que ela amava estaria perdido.

DE ALGUMA MANEIRA, Marianne conseguiu sobreviver àquela tarde — uma cega tateando, atrapalhada, por um caminho que já conhecia. Ela preencheu o livro de contabilidade com o número de porcos nascidos no último mês e os alqueires de trigo colhidos. Serviu o chá. Se os conspiradores fossem presos, o que aconteceria? Detenção? Prisão? Morte? As conexões de Albrecht certamente seriam descobertas. E como poderia ser diferente? Ele tinha recepcionado os participantes centrais da trama em muitas ocasiões e era conhecido como um crítico do nazismo. É claro, ele fora cuidadoso — no último mês queimaram cartas e enterraram cadernos de anotações e planos. Mesmo a lista de convidados de Weisslau fora “perdida”. Mas havia incontáveis fios que o ligavam à trama.

Enquanto isso, lá fora, o corvo cambaleava, confuso, aproximando-se da margem da sombra entre a floresta e o gramado. Ele arrastava a asa, os olhos brilhantes piscando. Ela não queria que as crianças o vissem. *Não olhe, não olhe*, dissera a si mesma, mas seus olhos eram irremediavelmente atraídos para a asa curvada, danificada, estendida como uma capa.

Antes da ceia, *Frau Gerstler*, a cozinheira, entrou no estúdio com um olhar transtornado:

— Nosso *Führer* foi ferido! Nosso querido *Führer*! Assassinos atentaram contra sua vida, mas graças a Deus ele só foi ferido.

Marianne apertou os braços da cadeira para se controlar. Era menos um choque do que uma confirmação.

— Nosso *Führer*, nosso *Führer*. — *Frau Gerstler* chorava. — Graças a Deus ele sobreviveu! — Era quase como se ele fosse seu filho ou marido.

— O que foi? O que aconteceu? — As crianças apareceram, exclamando, atraídas instintivamente para lá, vindas de onde estiveram brincando.

— *Frau Gerstler* ouviu rumores — Marianne disse, espantada ao ver que conseguia falar.

— O *Führer*? — Fritz insistiu. — Ela disse que ele quase morreu?

— Não fique ouvindo a conversa dos adultos — Marianne atalhando, tirando coragem do som da própria voz. — *Frau Gerstler* — Marianne disse, quando as crianças se retiraram, confusas —, eu ficaria muito feliz se mantivesse esses rumores fora da nossa casa.

— Mas, senhora — disse *Frau Gerstler* —, está dando no rádio.

DEPOIS DISSO, não havia mais desculpa para deixar o rádio desligado. Esperavam que o próprio Hitler, a qualquer momento, fizesse um discurso. A urgência forçou Marianne a acalmar a tempestade interna dentro da cabeça. Precisava ser cuidadosa. A partir de agora, cada movimento seu poderia torná-la suspeita. *Frau Gerstler* amava a família Von Lingenfels, mas não a ponto de se negar a espioná-los se a Gestapo pedisse.

Eles ouviram a transmissão juntos. *Frau Gerstler* no centro, torcendo as mãos e balançando a cabeça. Fritz também mal podia se conter, os olhos brilhantes de espanto e raiva. Mas Marianne estava muito preocupada para se incomodar com a ignorância do filho. As garotas ouviam com menos fervor. Elisabeth revirou os olhos pelas costas de *Frau Gerstler*, ao ouvir o tom histérico do locutor. Katarina sentou-se quietamente ao lado da mãe, olhando para cima de vez em quando, com olhos enormes e perspicazes, tentando ler o rosto dela.

Quando Hitler falou, sua voz soava tão absurda como sempre, mas desta vez tinha um tom especial, uma fúria belicosa:

A afirmação desses usurpadores, de que não estou mais vivo, neste exato momento se prova falsa, pois aqui estou falando com vocês, meus queridos compatriotas. Esses usurpadores fazem parte de um círculo muito pequeno. Não têm ligação com as Forças

Armadas alemãs e, acima de tudo, não têm ligação com o exército alemão. É um grupo exclusivo muito pequeno, composto de elementos criminosos que serão agora exterminados sem piedade...

A palavra “exterminados” ecoou nos ouvidos de Marianne. Certamente haveria execuções. Claus von Stauffenberg. Ludwig Beck. E Connie. Connie! Não havia nenhuma chance de ele ter escapado. Ele era muito importante para a trama. Levou as mãos ao colo, os dedos entrelaçados para que ninguém visse como tremiam. Mas e Albrecht? E as crianças, e Weisslau? E o que seria dela? Ela tinha que permanecer calma e colocar os pensamentos em ordem. Albrecht tinha muitos amigos poderosos, mesmo entre os seguidores de Hitler. Possivelmente isso ajudaria. E ela ainda não tinha recebido notícias dele. Precisava, em primeiro lugar, esperar. Eles tinham discutido o que ela faria caso ele fosse preso, mas até que confirmasse o fato, deveria continuar agindo normalmente.

De alguma forma, conseguiu pôr as crianças na cama naquela noite.

E então, incapaz de ajudar a si mesma, olhou pela janela, procurando pelo corvo na semiescuridão. O sol se punha tarde nessa época do ano. Era quase dez da noite e ainda brilhava no prado. A faixa de floresta estava completamente envolta na escuridão. Na beira do mato, uma forma se distinguia. Ainda quebrada, ainda cambaleante, nem melhor, nem pior.

Marianne calçou as botas, vestiu o casaco e saiu em silêncio. Lá estava. Quando a porta se fechou, o corvo parou de se mexer. Seus olhos enxergavam no escuro. Ela se aproximou quietamente e ele permaneceu imóvel até ela chegar a um metro dele. A ave então se aprumou e cresceu de tamanho, eriçando as penas, parecendo suspirar, mas sem erguer a cabeça, encostada no peito. O corvo piscou e seu bico cintilou fracamente no escuro. A asa não tinha conserto; um pedaço de osso se projetava além das penas pretas, arrancadas pelas garras do gato, revelando um trecho de pele azulada, reptiliana.

Eles ficaram juntos por algum tempo. A ave a observava com prudência, até mesmo inteligência. O vento sussurrava por entre as árvores. Marianne se encolheu dentro do casaco, com frio, apesar do calor da noite. O pássaro iria morrer ali, sozinho na escuridão. Ele morreria de fome, aos poucos? Ou o gato voltaria para terminar o serviço? Ou seria outra criatura noturna, como uma raposa, uma doninha ou uma coruja-das-torres?

Ela não queria deixá-lo só.

Você não está sozinho, pensou. Não tenha medo. Você é amado.

E as palavras entraram em sua mente, poderosas o bastante para transcenderem e se espalharem pela noite. Marianne não era religiosa, mas sentiu a presença de algo divino. O pássaro era um anjo. O pássaro era Albrecht.

Não, ela percebeu, com uma clareza arrebatadora: o pássaro era Connie.

Ela estendeu o casaco na grama e deitou em cima dele, e, em algum momento, adormeceu. Quando acordou, com a primeira luz cinzenta da aurora, o pássaro tinha sumido e Connie estava morto.

[5.](#) Uma espécie de bolo, tipo cuca (N.T.).

[6.](#) Serviço de informação do exército alemão de 1925 a 1944 (N.T.).

BURG LINGENFELS, JULHO DE 1945

Deitada na cama de armar em Burg Lingenfels, Benita não abriu a carta de Connie. Por conta da doença, sentia que a presença da carta na mesinha de cabeceira exercia uma força macabra. Em seus sonhos, tentava lê-la, mas as palavras flutuavam diante dos olhos, grandes e poderosas, tão obscuras quanto incompreensíveis, ou pior, desbotadas. Da dobra de papel não cairia sentido algum.

O próprio Connie flutuava na fronteira do sonho. Ela o via em uma festa apinhada de gente ou no final de um corredor, ou até mesmo nas sombras daquele quarto, mas era impossível travar contato. Ele aparecia absorto, conversando com um colega, flertando com outra mulher, ou apenas sumia quando ela se aproximava. Quando acordava, suada de febre, agitada pela tensão, não queria nem olhar para a carta e a culpava pelos seus pesadelos. *Eu te amo, me desculpe...* Não importava o que ele dizia nela. O casamento deles foi o que foi — e agora tinha acabado. Connie estava morto.

— Você pode tirar isso daqui e colocar em outro lugar? — Benita perguntou a Elisabeth numa noite em que a garota veio entregar sua sopa noturna no lugar de Mariannne.

— Onde? — Elisabeth perguntou. Era uma garota impassível e literal, e não pareceu surpresa com o pedido.

Benita passou os olhos pelo quarto sem móveis.

— Em qualquer lugar onde eu não tenha que vê-la — respondeu ela.

Então Elisabeth a enfiou na gaveta da cômoda, que abrigava seus poucos pertences. Depois disso, o sono de Benita melhorou.

BENITA FICOU DOENTE por três semanas e, quando acordou, encontrou um homem estranho no quarto. Seu primeiro pensamento foi o de como estava a aparência dela. Os cantos da boca secos e rachados, a camisola manchada de suor. Os lençóis torcidos e aos pés. Ela se cobriu rapidamente, sentindo tontura com o esforço.

Marianne, que estava junto com o estranho, lutava para abrir a antiquíssima janela, e não fez nenhum movimento para ajudá-la.

— Esse é *Herr Muller* — disse ela, virando-se para Benita, que permaneceu aninhada na pequena cama. — Ele veio ajudar a cuidar do castelo por hoje, e pensei que poderia começar levando você lá para fora. O sol vai lhe fazer bem.

Benita olhou para Marianne.

— Eu poderia... — Ela apertou o decote da camisola. — Eu poderia me trocar primeiro?

— Ah, é claro! — disse Marianne. — *Herr Muller*, você nos daria um minuto?

Era tão típico de Marianne agir antes de pensar. Mesmo no torpor da doença, Benita reconhecia. Marianne não tinha paciência para conceitos mundanos como aparência ou boas maneiras.

— Quem é ele? — Benita conseguiu perguntar, enquanto Marianne a ajudava a vestir a calça por baixo da camisola.

— Um prisioneiro — Marianne respondeu bruscamente. — Alguém que os americanos mandaram. — Seu tom de voz proibia mais perguntas. Um alemão. Mas isso Benita já tinha percebido.

Quando ele entrou novamente no quarto, com a cabeça ligeiramente curvada e evitando olhá-la, Benita sentiu uma onda de vergonha. Era um homem bonito, muito magro para a alta estatura, com rosto decidido, de traços fortes e testa quadrada. Ele parecia entender o embaraço dela. Isso confirmava que estava certa em se sentir insegura. A doença e a guerra tinham-na deixado feia e gasta.

Porém quando ele a carregou — facilmente, como se fosse uma pilha de travesseiros de pena —, ela se sentiu surpreendentemente feminina. A delicadeza do toque, o cuidado em colocar a mão num lugar onde não roçasse o peito, o calor do antebraço em suas coxas despertaram algo adormecido. Quando a cabeça leve e quente encostou no ombro dele, ela foi preenchida com uma sensação de alívio. As maneiras dele transpiravam competência. Naqueles braços ela se sentia como um bebê acalmado pela mãe, arrulhando com o prazer do colo. Para embaraço dela, os olhos encheram-se de lágrimas.

— Você está bem? — perguntou ele, enquanto contornava a escadaria de pedra e ela assentiu, incapaz de falar.

Fora do castelo, ele a deitou em um colchão de palha embaixo da castanheira. O sol estava lindo, mesclado com nuvens, e a brisa soprava em lufadas na bochecha, agitando seu cabelo curto. Ela não estava com frio, dolorida ou lutando para respirar, e ficou admirada com a falta de dor.

— Está bom aqui? — o homem perguntou, trazendo-a de volta àquele momento.

— Obrigada — ela conseguiu responder, assentindo.

Os olhos dele fitaram de relance os seus — espantosamente azuis, como daqueles misteriosos cachorros nórdicos, claros, em vez do azul profundo dos olhos de Connie. E algo como um reconhecimento, só que mais aguçado, passou por eles.

Por que você está aqui?, ela quis perguntar, mas então Martin veio correndo — seu menino doce e adorável, as bochechas rosadas de brincar, a testa suada. Ele se agachou na frente dela e ela passou a mão em seu rosto — o lindo filho que havia perdido e encontrado. E se esqueceu completamente do homem que tinha descido a escada carregando-a.

NAS PRÓXIMAS SEMANAS, *Herr Muller* ajudou Benita a descer a escada toda vez que ia ao castelo — primeiro carregando-a, e depois, quando ela se sentiu mais forte, servindo de apoio. Ele não era muito de falar, mas ela perguntava mesmo assim. Ele era de Braunschweig, uma cidade não muito longe de onde ela crescera, o que talvez explicasse a familiaridade. Ele tinha sido carpinteiro antes da guerra. Sua filha e o pai ainda viviam na casa que deixou. *E sua esposa?*, perguntara ela, sabendo que estava sendo atrevida.

A esposa estava morta.

Na maioria das vezes, eles avançavam em um silêncio que Benita não se sentia pressionada em preencher. Ela achava reconfortante sua quieta firmeza. Ele a fazia lembrar dos homens de Frühlinghausen, homens que trabalhavam com as próprias mãos e jantavam em silêncio. Homens como seu pai, uma presença desajeitada e silenciosa em sua infância, adormecendo na cadeira após o jantar, com as mãos vermelhas esticadas sobre os joelhos, parecendo fatias de carne. Ela passou a mocidade tentando escapar de homens como ele, mas agora, na presença de *Herr Muller*, descobriu que tinha esquecido como eles a faziam se sentir.

Conforme ia recuperando as forças, ela começou a fazer pequenas excursões em volta do castelo, aos estábulos, à casa de fornos, ao jardim da cozinha. Fazia tanto tempo que não tinha a liberdade de andar à vontade. A vastidão do campo, o cheiro da grama no verão, as nuvens de poeira na estrada, tudo era subitamente uma maravilha. A guerra suprimiu qualquer conceito romântico que algum dia ela tivera sobre a cidade.

Em um desses passeios, ela se deparou com *Herr Muller* empilhando a lenha que cortara sob o beiral de um edifício deteriorado, outrora a cervejaria do castelo.

— *Frau Fledermann* — disse ele, endireitando-se. — Você está bem para andar por aí assim? Sozinha?

— É claro! — respondeu ela, sentindo falta de ar. Tinha, de fato, ido um pouco longe demais.

— Ah. — Muller pareceu incerto. Limpou o suor da testa. — Aqui — chamou ele, nivelando a pilha de troncos no carrinho de mão e colocando o casaco por cima. — Sente aqui um minuto para recuperar o fôlego.

Benita obedeceu, a cabeça girando. Ela podia sentir o suor escorrendo debaixo do braço e brotando também na testa. O carrinho de mão estava parado à sombra do edifício, e em volta dela, o sol dominava tudo com seu calor. Duas enormes libélulas, pairando no ar, se chocaram uma na outra, acoplando cabeça à cauda, através da fronteira de sombra e luz.

Muller olhou preocupado para Benita. Sua pose desajeitada a impressionou — esse homem grande, olhando atentamente para ela, com tanta hesitação.

— Eu fui para o desfile de Braunschweig uma vez — falou ela, impulsiva. — Com meu grupo, meu grupo da LMA. — Enquanto falava, ela lembrava do desfile: os carros alegóricos coloridos com dançarinos fantasiados e grupos escolares locais, associações de negócios e clubes. Havia figuras gigantes de papel machê, caricaturas de cavaleiros e princesas, quadros vivos de figuras políticas e personagens de contos de fada. E por todo lado o cheiro de cerveja, panquecas crocantes de batata, salsichas e rosquinhas polvilhadas de açúcar. Ela tinha ido à festa com um grupo de colegas de escola que planejavam conhecer lá seus futuros maridos. Chamaram o desfile de Braunschweig de *Schoduvel*, “Assustar o Diabo”. A cidade lhe tinha parecido enorme, mágica e perigosa.

— Ah. — Muller sorriu, e Benita sentiu que ele relaxava. O homem se encostou contra a lenha que tinha cortado.

— Foi maravilhoso — disse ela. — Você ia todo ano?

— Quando eu era criança.

— E depois não foi mais?

— Algumas vezes. — Ele sorriu de novo, agora parecendo encabulado.

— É claro! Por que não iria?! Você andava na roda-gigante?

— Sempre.

— Era incrível, não era? — Ela se lembrou do balanço e da emocionante sensação de perigo que sentia ao andar na roda, que na verdade não era nem um pouco perigosa. — Eu andaria um milhão de vezes se pudesse.

— E depois desceria para uma cerveja de trigo e um prato de *Kartoffelpuffer*⁷.

— Exatamente. — Benita sorriu.

Um silêncio amigável passou por eles.

— Fui a princesa do desfile de Frühlingshausen uma vez — contou ela.

Muller ergueu as sobrancelhas e tirou um chapéu imaginário, fazendo uma reverência.

— Vossa Alteza

— Vocês tinham uma princesa em Braunschweig?

— A esposa do prefeito. — Ele inflou as bochechas. — Gorda demais para caber na carruagem do desfile.

Benita riu. As libélulas dispararam para o sol, assustadas pelo som.

— Parece impossível agora, não? — comentou ela, e então desejou não ter falado isso. As palavras eram um convite à melancolia. — Deixe para lá. — Ela balançou a cabeça. — Devo voltar, senão Marianne vai ficar preocupada. — Ela estendeu a mão a Muller. — Você me ajuda a levantar?

Ele fez uma leve reverência.

— Amável princesa.

NO JANTAR, BENITA encontrou coragem de mencionar *Herr Muller*. Era uma mudança do tópico usual de conversação que mantinham: de quem e de onde Marianne recebera uma carta, onde estavam essas pessoas... Ela estava empenhada na busca por outras viúvas como Benita — as mulheres perdidas, esposas, mães e secretárias fiéis (uma categoria que Benita achou

extremamente suspeita) dos colegas conspiradores de Connie e Albrecht. Mesmo agora, com a bagunça que estava a infraestrutura do país, Marianne conseguia trocar cartas e telegramas com amigos e conhecidos de vários lugares. A maioria dessas mulheres Benita não conhecia ou as que conhecia a esnobaram porque ela era uma noiva jovem demais, inculta e inadequada para Connie. Contudo, faltavam outras mulheres no cuidadoso catálogo: as esposas dos homens à margem do grupo, além dos círculos sociais de Marianne.

— Os americanos vão manter seus prisioneiros até quando? — Benita conseguiu perguntar antes que Marianne introduzisse o costumeiro assunto.

Marianne olhou de relance para ela, enquanto servia a sopa: um caldo insípido de repolho, cenoura e batata que nem ela nem Benita sabiam como melhorar.

— Não sei — respondeu Marianne. — Acho que vão mandá-los à França para a reconstrução.

— Os piores — acrescentou Elisabeth.

— Sério? — Fritz perguntou, de olhos arregalados. O garoto tinha um macabro fascínio por todos os horríveis detalhes que iam surgindo sobre os nazistas: psicopatas como Josef Kramer⁸, a Besta de Belsen, como passaram a chamá-lo, um homem que tinha assassinado pessoalmente na câmara de gás oitenta judeus para colocá-los em sua coleção de esqueletos.

— Elisabeth — Marianne repreendeu —, você não faz a menor ideia de quem mandam e para onde. Não dê informações equivocadas a seu irmão. — Ela virou-se para Benita: — Por que você quer saber?

— Eu estava pensando em *Herr Muller* — Benita arriscou.

— Ah. — Marianne franziu a testa. — Não perguntei a Peterman por quanto tempo ele vai ficar aqui... mas podemos sobreviver sem ele, com certeza.

— É claro. — Benita assentiu.

— Eles não podem manter esses prisioneiros para sempre — Marianne continuou. — É caro demais. Precisam voltar ao trabalho.

— Mas eu gosto de *Herr Muller* — Fritz disse petulantemente. — Não quero que ele seja libertado.

Elisabeth fulminou o irmão com o olhar.

— Você tem noção do que está dizendo? Parece a madrasta da Rapunzel. Se você gosta de uma pessoa, deve querer que ela seja livre.

NA SEMANA SEGUINTE, uma onda de calor atingiu Burg Lingenfels. Uma densa e animalesca onda de calor que reverberava nas colinas, ofegava ao longo do rio, silenciava os pássaros e fazia o castelo suar. As valas estavam repletas de asclepias, urtigas e *phlox stoloníferas*. No calor, a floresta parecia macia e densa, uma massa escura contra o céu azul.

Benita decidiu que estava bem o bastante para descer sozinha até a fazenda de *Herr Kellerman*, o zelador do castelo, e buscar os ovos. Tinha pensado em descer a colina com Martin, o filho há tanto tempo longe, continuando assim sua tentativa de reaproximação, ainda em andamento. Ele era um menino diferente daquele que os nazistas haviam tomado dela — aos seis anos, ele mais parecia um rapaz do que uma criança. Mas seu filho quis ficar com Fritz. Então Benita foi andar sozinha.

No caminho, encontrou uma figura subindo — *Herr Kellerman*, talvez. A pessoa, porém, era alta demais e andava sem mancar. Enquanto observava, a figura ficou nítida: *Herr Muller*. Ela sorriu e levantou a mão. Ele devolveu a saudação, apesar de nenhum deles verbalizá-la. Benita não conseguia ouvir nada, a não ser o som do vento quente. Quando ele finalmente a alcançou, parou e tirou o boné.

— Você está indo para Burg Lingenfels? — perguntou ela.

Ele assentiu.

— Mas hoje não é quinta-feira. — Ela levantou a mão para proteger o sol dos olhos. Sentia o cheiro de poeira e suor que exalava das roupas dele.

— Vim trazer uma coisa para você — disse ele, mexendo no bolso. — Fiz para os meninos.

Em sua mão, ele segurava dois soldados de madeira: rústicas e enigmáticas figuras esculpidas, cada uma do tamanho de uma cenoura.

— São lindos — Benita elogiou.

— Pode levá-los. — Ele estendeu a mão.

Ela hesitou. Marianne não ia gostar que ela aceitasse um presente dele. Ela não gostava de *Herr Muller*. Isso era óbvio.

— Acho... — começou ela. — Acho que *Frau Von Lingenfels* não vai gostar.

O sorriso no rosto dele morreu, e ele olhou para baixo, para a colina. Benita se arrependeu de ter falado.

— Esqueça o que eu disse — Benita acrescentou rapidamente. — Ela não precisa saber.

Muller olhou para ela.

— Não quero causar problemas.

Com uma crescente confiança, Benita sorriu. Ela colocou os soldados de madeira nos bolsos, um de cada lado.

— Os meninos vão ficar felizes.

Muller sorriu de volta. E ela sentiu seu antigo eu se excitar, a Benita que sabia como fazer um homem sorrir.

[7.](#) Tradicionais panquecas de batata e cenoura ralada, fritas no óleo bem quente, servidas com um purê doce de maçã (N.T.).

[8.](#) Comandante do campo de concentração de Bergen-Belsen (N.T.).

BURG LINGENFELS, AGOSTO DE 1945

Marianne demorou um pouco para descobrir os soldados de madeira, e isso porque estava concentrada procurando o gato. O animal tinha aparecido um dia na porta da cozinha, um bicho feio, de um malhado igualmente feio, com metade do rabo faltando. Gatos eram raros naqueles dias — tinham morrido de fome, ou coisa pior. Diziam que eram comidas nas cidades bombardeadas. Mas esse gato era corajoso, orgulhoso e não tinha medo. As garotas o alimentaram com sobras em uma tigela que deixaram embaixo da escada da cozinha. Agora o gato provavelmente estava mais alimentado que a maioria das crianças alemãs.

De repente, ele parou de aparecer. As sobras jaziam na tigela, intocadas, bicadas pelos pássaros, que depois piavam e cagavam tudo o que comiam nos degraus da cozinha. As meninas ficaram desesperadas. *Parem de se preocupar com essa criatura*, Marianne ralhara. *Não façam drama*. Mas secretamente ela se preocupou também. Havia algo de animador na valentia do gato. Até mesmo Martin gostava de brincar com ele. Trazia uma certa leveza à família improvisada — e a ausência parecia inexplicável. Era uma criatura pragmática demais para abandonar uma situação tão boa. Então Marianne foi procurá-lo. Talvez tivesse ficado preso em algum lugar. Velhos estábulos e celeiros são cheios de perigos, assoalhos apodrecidos e buracos ameaçadores.

Com esse objetivo, foi até o estábulo.

Quando entrou, ficou surpresa ao ouvir a voz de Fritz e Martin. Desde o acidente de Martin, tinham sido proibidos de brincar ali. Ela seguiu o som até a parte de trás do prédio e os encontrou esparramados num facho de sol. Quando se aproximou, eles a olharam cheios de culpa, e Fritz escondeu algo atrás das costas.

— O que estão fazendo aqui? — Marianne perguntou.

— Só estamos brincando — Fritz respondeu.

— Com o quê? — Ela estendeu a mão. — Posso ver?

Fritz não se moveu.

— Aqui está. — Foi Martin quem colocou seu soldado esculpido na palma da mão dela.

Marianne franziu a testa. A pequena figura era linda — feita com ferramentas grosseiras, mas ainda assim bem detalhada, representando um soldado agachado com um rifle. Relutante, Fritz também entregou o dele; um soldado em posição de sentido, usando uma capa longa.

— Eles são adoráveis — disse ela, confusa pela desconfiança dos meninos. — Quem deu para vocês?

Ambos ficaram em silêncio.

— Minha mãe — respondeu Martin, por fim.

— Por que essas caras tristes? — Marianne riu. — Pensei que tinham feito algo ruim. Vocês acharam que não poderiam brincar com eles?

— Tia Benita disse para não mostrar a você — Fritz deixou escapar. — Ela disse que você não iria gostar porque foi *Herr Muller* quem os fez.

O sorriso de Marianne morreu.

— Ah. Entendo.

Na palma da sua mão, as figuras subitamente pareceram pesadas e afiadas, de formas estranhas e indefinidas.

— Bem, agora eles são seus. Não vou tomá-los. Mas no futuro... — Ela interrompeu a frase. O que ela queria dizer? *Não deem ouvidos a Benita? Não aceitem presentes de nazistas? Não escondam coisas de mim?* — No futuro, não quero que conversem com *Herr Muller*. Não. — Ela levantou a mão ao protesto de Fritz. — Não quero ouvir reclamações.

Durante toda a tarde, Marianne ficou meditando sobre a questão. Então Benita tinha colocado Marianne na posição de “chata”, e por um motivo que ela sabia que os dois meninos não entenderiam. E o pior: Benita estava certa. Marianne não aprovava. Ela não queria que *Herr Muller* fizesse coisas para as crianças. Não queria que ele se intrometesse na família. Benita sabia e, mesmo assim, dera os brinquedos para os meninos. Já era bastante ruim que brincassem perto de Muller enquanto ele trabalhava. Que passassem horas na floresta o vendo cortar lenha, falando sobre sabe-se lá o quê. O homem era um prisioneiro de guerra, um ex-nazista, e ela não sabia nada a respeito do caráter dele. Ela não queria que ele fizesse o papel de pai para esses meninos órfãos. Ela tinha errado em aceitar a ajuda.

Foi justamente nessa tarde que Marianne se lembrou do gato e foi procurá-lo novamente. Mas ele tinha sumido, como metade das criaturas que viviam no continente.

NO DIA SEGUINTE, Marianne foi até o tenente Peterman.

— Eu deveria ter pedido para ver o arquivo de Franz Muller antes de aceitar a ajuda — disse ela, frente à escrivaninha bagunçada do homem.

Peterman pareceu se divertir com a situação.

— Arquivo? — disse ele, recostando-se na cadeira. — Você acha que somos organizados como os nazistas?

Marianne franziu a testa.

— Bom, eu suponho que ele tenha preenchido um *Fragebogen*?

Peterman suspirou e foi até um dos armários entulhados frente à mesa. Abriu uma gaveta e começou a remexer.

O *Fragebogen* era um questionário que os ocupantes Aliados usavam para a desnazificação. Consistia de seis páginas com perguntas que iam desde peso, altura e filiação ao partido nazista até se o indivíduo tinha se envolvido com destruição de propriedade judia. Ninguém o levava muito a sério, inclusive os Aliados. O que impedia as pessoas de mentir? Mas Marianne entendia o valor do questionário; a maioria dos alemães era literal demais e sem imaginação para mentir. E de que outra forma os Aliados deveriam começar a separar os simpatizantes *Mitläufer*⁹ dos verdadeiros criminosos nazistas? Mas aparentemente só ela pensava assim. Até mesmo Peterman não dava muita atenção aos formulários, as informações causavam um grande transtorno para os americanos, que não davam conta de processá-las.

— É um milagre — anunciou ele, tirando da gaveta um fino volume de papéis grampeados. — Aqui está: o *Fragebogen* dele. — Estendeu a ela o volume. — Na minha opinião, só Deus sabe porque as pessoas inventam essas coisas.

Marianne passou os olhos pelas páginas. Endereço, aniversário, formação escolar (encerrou a educação aos 14 anos), filiação ao partido (ingressou em 1942). Reservista. E lá estava. Na terceira página. *Ordnungspolizei*¹⁰. Distrito de Kiel, Distrito de Mecklenburg, Distrito de Lublin. Seus olhos se fixaram na palavra Lublin. Foi onde Freddy Lederer esteve.

— Algo ruim? — Peterman perguntou, vendo o rosto dela. — Deixe-me ver. — Ele pegou os papéis da mão dela e leu os dados. — Até 1942 não era membro do partido, provavelmente porque o obrigaram quando foi chamado — disse ele, batendo de leve o dedo na página. — Um zé-ninguém. Eu não mandaria a você um dos malucos de verdade.

Marianne balançou a cabeça. Em sua mente, via novamente o rosto de Freddy — um homem gentil e divertido, transformado pelo desespero. A “Ação Judia” que ele tinha testemunhado foi realizada por uma unidade da *Ordnungspolizei*. Todas aquelas crianças marcharam até a floresta segurando as mãos das mães.

O rosto de Peterman expressou preocupação enquanto ele a observava.

— Ele fez algo a você?

— Não. — Marianne o fitou. — Mas fez coisas terríveis em Lublin.

— Ah. — Peterman pareceu confuso. Ele olhou para o papel, buscando uma informação que pudesse esclarecer a resposta dela. Não encontrando nada, ergueu os olhos. — Então o que você quer que eu faça?

Marianne o fitou.

— Diga a ele para terminar de cortar as árvores que derrubou. E depois não voltar mais.

Peterman suspirou.

— Ele está sendo transferido para um campo francês no final do mês, de qualquer forma.

Marianne o olhou com firmeza.

— Diga a ele.

TODOS OS DIAS as rádios americanas e britânicas transmitiam novas e pavorosas histórias sobre os nazistas e os horrores dos campos que haviam liberado. Mas quase ninguém ouvia. Os cidadãos de Ehrenheim arranjaram uma desculpa: não tinham rádios, nem dinheiro para comprar jornais; estavam muito ocupados tirando entulhos das ruas, contrabandeando comida, pranteando mortos. Ou declaravam que era tudo propaganda dos Aliados.

Veja como os americanos trataram os prisioneiros alemães: trancando-os em gaiolas a céu aberto ao longo do Reno!, argumentaram. *Qual é a diferença?* O descaso deixava Marianne enfurecida. Não queriam saber o que aconteceu nos campos, especialmente se — como eles mesmos insistiam — já tinha sido feito, de qualquer forma. Mesmo assim, a ideia de que não sabiam de nada era

ridícula. Não foi por isso que as tropas alemãs lutaram até o amargo fim? E por que os moradores de Ehrenheim tinham se escondido no castelo, apavorados com o avanço dos americanos? Tinham medo de serem punidos pelos pecados do país. Um ano e meio atrás, Goebbels, Himmler e o próprio Hitler escreveram tudo nos mínimos detalhes em absurdas exortações: lutar até o amargo fim ou pagar o preço. *Pois o que tínhamos feito* estava implícito. Ele sabiam, mas não *reconheciam*. Isso era o mais próximo da verdade. Marianne achava que já era alguma coisa.

De qualquer forma, ela e seus filhos ouviam o rádio. Precisavam entender por qual motivo seus pais morreram lutando, especialmente Fritz, cujo senso de certo e errado era no mínimo instável. Ouviram relatos sobre pilhas de corpos apodrecidos, câmaras de gás e guardas sádicos. E sobre as prisões de nazistas de alto escalão, como Ilse Koch, esposa do comandante de Buchenwald, que diziam ter feito abajures com a pele de prisioneiros judeus executados. Em Lüneberg, Joseph Kramer e 45 guardas e funcionários do campo foram presos e seriam julgados em setembro. Medonhas fotografias das vítimas dos campos apareciam nos jornais, lado a lado com fotos glamourosas de Irma Grese, a sádica guarda de campo de concentração que diziam ter sido amante de Kramer.

É possível ver a alma de uma pessoa em seu rosto? Marianne e Albrecht tinha discutido com frequência sobre isso. *Sim*, ela tinha insistido. *Você não soube imediatamente que Hitler era mau quando viu o rosto dele?* Albrecht não tinha certeza. *Se era tão óbvio*, ele apontara, *como ele enganou toda a Alemanha?*

Algumas pessoas são melhores do que outras em observar os sinais, dissera Marianne, dando de ombros, brincando e, ao mesmo tempo, falando sério.

Ela se lembrou dessa conversa quando viu as fotos de Irma Grese. Na primeira página do jornal, via-se imagem de uma mulher que poderia passar por uma estrela de cinema, com sorriso tímido e penteado elegante. Já a foto de prisão das páginas internas revelava uma pessoa agressiva, repulsiva, com uma dureza estúpida no olhar — a mesma pessoa, vista de duas formas diferentes. Contudo, mesmo na primeira foto, olhando com atenção dava para ver a crueldade no canto dos lábios e a maldade nos olhos. E essa era a versão que vendia jornais.

Na cidade, os americanos passavam um filme: uma sequência da libertação do campo de Buchenwald. Todos foram obrigados a assistir, exceto quem

tinha sido vítima do nazismo. Marianne foi assistir, de qualquer maneira. Não era sua responsabilidade, como alemã? Demonstrou seu empenho esperando de pé, alta e solene, no começo da fila. Tinha ciência dos campos, é claro. Mas uma coisa era saber por meio de documentos e histórias, já horríveis por si só, outra era ver. Quando o filme começou, Marianne precisou cravar suas unhas nas palmas da mão para não vomitar. Na tela, corpos de verdade, empilhados como retalhos de tecido. Lá estavam pais, mães e filhos, esqueléticos e nus, deitados em pilhas. Lá estavam vítimas que olhavam para as câmeras como indivíduos com toda a tristeza e o desespero de uma vida perdida.

Todo o horror que ela e Albrecht viram nos relatos oficiais, com linguagem de “exterminação” e “eliminação”, não chegava nem perto de invocar a sensação que sentiu nesse momento. Como puderam? Não havia um ponto de referência para o que via. Depois, essa sequência se tornaria tão familiar que passaria despercebida para ela — um espaço reservado para a maldade humana. Ao primeiro vislumbre preto e branco de arame, sujeira e da advertência de nudez aos espectadores, pensou: *Desvie o olhar*. Mas, nesse momento, a primeira cena de imediato era diferente de tudo que ela ou qualquer um tinha visto na vida. E era impossível desviar o olhar. Ela olhou e estremeceu no assento.

Na saída do cinema, havia duas moças na frente de Marianne. Bem jovens, na verdade, 16 ou 17 anos. Enquanto empurravam a porta, no meio da multidão solene, Marianne as ouviu conversar sobre meias de seda — uma delas tinha estragado o último par. E agora, onde conseguiria um novo? A menina fazia beicinho. *Não com os judeus, com certeza*, a outra dissera, e ambas deram risadinhas.

Vocês deveriam ter vergonha, Marianne levantara a voz. *Vocês são monstruosas. Como conseguem rir disso?* As garotas olharam para ela, não com vergonha ou raiva, mas com medo. E, em volta, Marianne sentia as pessoas se encolhendo, apertando cachecóis e casacos, endireitando os ombros, fortalecendo-se contra a reprovação.

Em Ehrenheim e em outras cidades, começou a surgir um rumor de que o filme era uma propaganda Aliada e que a sequência mostrava, na realidade, soldados alemães e seus colaboradores mortos e famintos em *gulags* soviéticos. Nos últimos meses de guerra, os americanos tinham jogado de aviões folhetos com fotos de vítimas de campos de concentração, e foi dessa forma que Hitler

explicou as imagens. Sendo as ovelhas que eram, os moradores de Ehrenheim acreditaram. E se agarravam a essa ideia — uma fina proteção entre eles e sua própria cumplicidade. Marianne ficou lívida de fúria e vergonha.

DIFERENTEMENTE DE MARIANNE, Benita não tinha ido ver o filme. E parou de ouvir as transmissões de rádio com os Von Lingenfels.

— Argh — disse ela, com um calafrio, na terceira noite em que se juntou a eles em volta do rádio. O assunto era a liberação de Mauthausen, outro campo de concentração. — Você realmente acha que as crianças deveriam ouvir isso?

Marianne se virou e olhou para ela.

— É claro que devem. Elas são alemãs.

As crianças ficaram inquietas nas cadeiras. Até mesmo Elisabeth sabia que não deveria interromper.

Intimidada, Benita voltou à costura e ouviu o resto da transmissão em silêncio.

Porém, na noite seguinte, pediu licença para se retirar. Estava cansada demais para ouvir e ia para cama. Marianne mordeu a língua. Onde estava o senso de responsabilidade moral de Benita? Onde estava sua compaixão? Ela parecia não ter nenhum senso de compromisso — ou pertencimento — com o resto do mundo. Era tão má quanto os cidadãos de Ehrenheim. A raiva de Marianne subiu como uma revoada de pássaros, pegos de surpresa. Connie amava Benita, ela lembrou a si mesma. Era a mãe do filho de Connie. Isso era o que importava.

Mas como era difícil não julgar! Uma semente, plantada fundo na consciência de Marianne, cresceu desenfreada almejando justiça, forçando cegamente através de detalhes e problemas para extrair uma simples resposta: certo ou errado.

Quando criança, perambulando pelo Ostsee¹¹ com Connie, Freddy, e outras crianças da aristocracia prussiana, ela tinha sido apelidada de “A Juíza”. Na atmosfera anárquica das férias de verão, as crianças escolheram Marianne para resolver discussões e questões de justiça. Ela amava desempenhar esse papel. Ele a fazia se sentir distinta e poderosa. E foi por causa dessa posição privilegiada que ela e Connie se aproximaram. Ele também era um líder do grupo, o inventor das melhores brincadeiras e das aventuras mais excitantes, um carismático flautista de Hamelin para as crianças do Grand Hotel. Na

ausência de babás e governantas, instruídas por seus pais, os patrões, a deixar as crianças livres naquelas férias, Connie e Marianne reinaram juntos — rei e rainha do mundo selvagem. Connie com suas travessuras e Marianne (aos 14) com sua sabedoria.

No entanto, esse papel se tornou uma prisão quando começou a época dos flertes e namoricos, e Marianne se viu expulsa dessas frivolidades. Sua reputação a fez desenvolver uma autoconsciência. Como A Juíza poderia bater os cílios e dar risadinhas? Como fingir a tolice necessária para participar desses jogos? Ela também não se adaptava fisicamente ao flerte. Era alta, morena e desajeitada, com o corpo desproporcional, de membros compridos e equinos, o peito chato e um rosto sério demais.

Mesmo assim, Marianne imaginou que sua conexão com Connie viria a se transformar em algo mais adulto, mais sexual. Mais romântico. O que exatamente isso implicava, não sabia, mas acreditou que era algo certo, tão confuso quanto promissor. E então, numa noite, o pequeno grupo de amigos foi nadar sob o luar. Havia um baile no hotel e todos os adultos estavam empolgados. Era uma noite quente e o salão de baile fedia a álcool, perfume, a céreos lírios de estufa e suor. As crianças fugiram para a praia, arrancando as roupas enquanto corriam, zonzas com a excitação em transgredir. A areia ainda estava quente do sol, e o Báltico parecia especialmente suave na escuridão sem vento, as ondas praticamente nem encostando em seus dedos do pé. Uma a uma as crianças se jogaram na água, rindo e berrando. A maioria ficou pouco tempo na água. Apesar da mansidão do mar, tiveram medo do breu absoluto e foram nadando de costas em direção às dunas, para recolocar vestidos, camisas e calças, agachando e gritando com a possibilidade de serem vistos sem roupa. Mas Marianne e Connie ficaram no mar. Nadaram como se fosse uma competição para ver quem voltaria primeiro. Quando finalmente ela parou de nadar, o coração batendo forte, teve consciência do próprio corpo nu embaixo da água, suspenso precariamente acima das profundezas do mar. Connie percebeu a situação e se virou, nadando de costas para ela e parando perto, chacoalhando a água do cabelo. Sobre eles, as estrelas piscavam através da névoa e, à distância, o hotel cintilava como um navio de cruzeiro. Por um momento, Marianne ficou aterrorizada. Com a distância da costa e com a incerteza da profundidade do mar, mas também com Connie, com sua própria nudez e com a certeza de que esse momento mudaria o relacionamento dos

dois. Seu corpo inteiro tremeu de expectativa. Mas assim que começou a nadar em direção a ele, Connie mergulhou na água.

Ganhei, gritara ele, ao emergir na superfície, longe dela. E então, com braçadas preguiçosas e confiantes, começou a nadar até a costa.

NUMA TARDE, Benita, Katarina e Elisabeth voltaram da cidade afogeadas e rindo, o bom humor contrastando com o do de Marianne.

— Você tem um bilhete de *Herr* Peterman — Elisabeth exclamou. Ela lhe entregou um envelope fino. — Talvez seja um convite para uma daquelas festas! — Elisabeth estava preocupada com a possibilidade de ir a uma festa do exército americano e dançar com um soldado. De onde tinha tirado essa ideia? De Benita? Das estúpidas garotas de Ehrenheim que ela tinha encontrado recentemente? Só tinha 13 anos.

Marianne pegou o envelope e o rasgou.

Não era um convite, mas algo muito mais importante:

Identificamos a esposa do falecido Pietre Grabarek, cujo nome está na sua lista. O nome dela é Ania Grabarek, e está acompanhada de seus dois filhos. Atualmente ela se encontra no campo para desalojados de Tollingen.

A notícia era animadora, mas também intrigante. Grabarek era um nome polonês, um nome que não reconheceu de imediato. Porém aparentemente ela o tinha colocado na lista que entregou a Peterman. Tinha levantado os nomes direto do caderno de notas de Albrecht e nem todos os seus contatos e conhecidos lhe eram comuns. Sentiu uma pontada de desapontamento ao ver que era alguém que não conhecia — Carlotta Biedermann, por exemplo, de quem sempre gostara e de quem perdera completamente o rastro. Mas isso era egoísmo. A lista não tinha o propósito de reaver seus amigos. Seu objetivo era encontrar as mulheres a quem tinha jurado ajudar.

Ela leu o bilhete em voz alta.

— Ah — Elisabeth resmungou, desapontada. — Achei que era um convite.

As crianças não entendiam a busca da mãe. Na verdade, ficavam desconcertadas com ela. Agora que as aulas tinham recomeçado, tais como eram, ministradas pelo bando mais lamentável de velhas solteironas e por imbecis praticamente analfabetos (todos os antigos professores de Ehrenheim tinham sido afastados por serem nazistas fervorosos), as crianças estavam

cercadas por pessoas que pranteavam Hitler em segredo e viam Albrecht como um traidor. Elas queriam distância da reputação do pai.

— Quem é Ania Grabarek? — Katarina perguntou polidamente.

— Não sei — confessou Marianne. — Você se lembra dele, Benita? Pietre Grabarek?

Benita balançou a cabeça com desinteresse. É claro que não se lembrava. A garota não tinha nenhum interesse em política.

— A esposa de Pietre Grabarek — Marianne pensou em voz alta.

Subitamente surgiu uma imagem: um homem baixo, moreno, trazendo notícias urgentes. Ele tinha anunciado a *Kristallnacht*, que ocorria em toda a Alemanha. Um enviado polonês, ou algum tipo de diplomata. Mais colega de Connie do que de Albrecht.

— Acho que eu me lembro — continuou Marianne. — Ele chegou tarde... direto de Munique.

Benita deu de ombros e manteve os olhos fixos nos botões que estava contando.

— Pode ser.

— Ele era um amigo pessoal de Connie — Marianne insistiu.

— Isso não quer dizer que eu o conheça — disse Benita.

— Não. — Marianne olhou para baixo. — Bom, logo vamos descobrir quem ela é.

[9.](#) Termo usado para se referir às pessoas que não foram acusadas de crimes nazistas, mas cujo envolvimento era considerado significativo (N.T.).

[10.](#) Polícia uniformizada da Alemanha nazista entre 1936 e 1945 (N.T.).

[11.](#) Mar Báltico, anteriormente conhecido como Mar da Alemanha, situado ao norte da Europa (N.T.).

BURG LINGENFELS, AGOSTO DE 1945

Para Ania Grabarek, ficou claro que a mulher que os tirou do campo para desalojados de Tollingen estava acostumada a dar ordens. Ela andava a passos largos, confiante, e usava o tipo de tom de comando que Ania não estava acostumada a ouvir de pessoas do mesmo sexo. Até mesmo seu nome transmitia força: Marianne Falkenberg von Lingenfels.

— Seu pai foi um homem corajoso — a mulher se virou e disse aos filhos de Ania. — É uma honra hospedar sua família.

Ania olhou de relance para os filhos, de rostos magros e pálidos. Pareciam transtornados. O medo e a confusão os deixou emudecidos. O pobre Anselm mal falava desde Dresden, e Wolfgang — seu bebê, o filho mais impetuoso — subitamente tinha o olhar furioso de um animal enjaulado.

Frau Von Lingenfels mudou de assunto, mas parou bruscamente de falar.

— O que é isso? — Eles estavam passando por um prédio baixo, do qual as pessoas emergiam como fantasmas, cobertas de uma poeira química cinzenta, de cheiro acre: era a entrada do campo para desalojados.

— Descontaminação — Ania respondeu.

— Horrível! — *Frau* Von Lingenfels exclamou. — Deve existir uma forma mais humana de fazer isso! — Obviamente ela era uma paladina, boa samaritana. Isso fez com que Ania ficasse cautelosa.

No portão, um homem com um distintivo da Anuar acenou para que seguissem em frente. Era a agência encarregada pelos campos de desalojados da Europa — a Administração das Nações Unidas para Assistência e Reabilitação. Para Ania, parecia um milagre que existisse uma agência assim. A fila para novos ingressantes que esperavam a admissão no campo se estendia ao longo da estrada. Todo dia chegavam novas pessoas do leste: alemães étnicos expulsos de territórios anexados pela Rússia e Polônia, que tinham se mudado para lá quando Hitler assumira o poder, cujas famílias tinham vivido no leste durante séculos; cossacos russos que lutaram ao lado dos nazistas; nacionalistas ucranianos que tinham lutado contra os russos; e todos os outros

que temiam a ira de Stálin. No mês passado, o campo ficou sem camas. Agora, os recém-chegados esperavam para serem recebidos pelos “anfitriões” locais, que iriam lhes proporcionar um lugar para dormir sob seus próprios tetos. Geralmente esses anfitriões estavam, no mínimo, relutantes. Mas não era o caso de Marianne von Lingenfels. Ela tinha se oferecido para abrigar os Grabarek. Na verdade, tinha ido até lá para buscá-los. Eles deveriam ser gratos, Ania sabia. Mas não estava grata. Preferia o anonimato do campo.

— Você fala sem sotaque — *Frau Von Lingenfels* disse, enquanto andavam na direção oposta à das pessoas que esperavam. — Você nasceu na Alemanha?

Ania assentiu.

— Aaah — a mulher continuou. — Mas seu marido era polonês?

Ania assentiu novamente.

— E vocês? Também falam alemão? — *Frau Von Lingenfels* se dirigiu aos meninos. — Como se chamam?

Os garotos permaneceram em silêncio. Anselm lançou um olhar ansioso em direção à mãe, Wolfgang encarou o chão.

— Este é Anselm e este é Wolfgang — Ania respondeu por eles.

A mulher ficou absorta.

— Bem, vocês vão encontrar outros garotos da sua idade em nosso castelo: meu filho, Fritz, de oito anos, e seu amigo, Martin, de seis, também filho de um rebelde. Tenho certeza de que serão grandes amigos. — Ela continuou falando, animadamente: — Burg Lingenfels não é um típico castelo. Não é grande. Na verdade, nós moramos na cozinha, porque o resto do castelo está vazio e é bem úmido. E não temos mais móveis elegantes... ninguém vive no castelo há séculos. Mas ele tem lá suas vantagens. Um teto, por exemplo! — Ela riu. — E um grande forno, que podemos acender no frio. Antigamente princesinhas e príncipes viveram lá. Aprenderam a combater com lanças, a comer em pratos de ouro e coisas semelhantes. Ou pelo menos meus filhos gostam de pensar assim...

Ania deixou a mulher falar à vontade. Eles estavam indo morar no castelo, com uma “viúva da resistência”, como Marianne von Lingenfels se referia a si mesma. Havia tordos cantando, papoulas florescendo no campo. Nenhum posto de controle, nenhuma ameaça de ataques, ou ruído de botas se aproximando. Só isso importava.

— Antes da guerra, o castelo pertencia à tia-avó do meu marido — continuou *Frau* Von Lingenfels. — Ela não vivia nele, mas organizou festas e piqueniques lá. Era o que poderíamos chamar de uma pessoa “excêntrica”. O pai de vocês a conheceu... Ele estava numa das festas que ela organizou. — Ela ficou séria. — Foi a única vez que o vi. Ele falou algo sobre isso? Sobre a Condessa Von Lingenfels? Sobre meu marido Albrecht? Ou Connie Fledermann?

— Não. — Ania sacudiu a cabeça.

— Seu marido trabalhava no Ministério de Relações Exteriores da Polônia antes da guerra?

— Ele serviu no exército.

— Aaaah. — *Frau* Von Lingenfels assentiu. — E depois no Exército Nacional¹²?

Ania fez que sim com a cabeça.

— Ele foi preso pelos nazistas ou morto em batalha?

— Ele foi mandado a um campo.

Um olhar de remorso, até mesmo de pena, passou pelo rosto da mulher.

— Sinto muito. Albrecht sempre se sentiu culpado de não ter feito mais para apoiar o Exército Nacional, de ter sido preso antes do levante.

Ania ficou em silêncio. *Nenhum posto de controle, nenhum ataque, nenhuma bota se aproximando*, lembrou a si mesma.

O jantar resumiu-se a batatas, repolho e cogumelos que as crianças tinham colhido na floresta, e, luxo dos luxos, três ovos cozidos. No campo, os Grabarek comiam todo dia apenas um mingau ralo e sopa de espinafre. Para eles, essa era a mais suntuosa refeição que faziam em seis meses. Os ovos aparentemente eram um presente do fazendeiro que morava na base da colina, um homem chamado *Herr* Kellerman, a quem *Frau* Von Lingenfels chamava de “nosso herói” com uma eloquência que Ania percebia como gentileza a ele.

— Mas vocês deveriam comer os ovos, não nós — disse Ania, formalmente, mostrando maneiras que aprendera numa outra vida. Anselm e Wolfgang pareceram apreensivos.

— Bobagem — disse Marianne. — Vocês precisam disso. Aqui nós revezamos para comê-los.

Além de *Frau* Von Lingenfels, estavam presentes suas duas filhas — uma menina morena e solene, e outra de cabelos mais claros, alta, com ar cético. Também estavam lá o filho dela, um menino robusto da idade de Wolfgang, que não parava quieto, e outra mulher com seu filho. Os dois últimos eram um mistério. Benita e Martin Fledermann. Também refugiados, Ania soube. O marido dessa mulher e pai do menino também foi executado por Hitler por ter participado da conspiração de 20 de julho. O resto da história dessas ligações ficou confuso para ela: *Frau* Von Lingenfels tinha crescido junto com esse homem, ou o marido dela tinha crescido junto com *Frau* Fledermann, ou alguém conhecera alguém desde criança.

As crianças Von Lingenfels falavam rápido demais. *Frau* Von Lingenfels presumia demais. Suas palavras inundavam Ania como água jorrando da torneira. Eles também tinham vindo do leste, da Silésia. Primeiro foram para Berlim. Houve doença. Havia uma lista de viúvas. Outras viúvas de rebeldes. Ela, Ania Grabarek, era a segunda que encontraram. A primeira era *Frau* Fledermann. Anselm e Wolfgang mantinham os olhos fixos no chão. Ania assentia e comia.

Frau Fledermann e seu filho também estavam em silêncio. Ambos eram pálidos, louros e lindos — ela com o frágil ar de um pássaro ferido, ele piscando silenciosamente, como um cervo jovem e assustado. Também não estavam à vontade. Isso fez com que Ania simpatizasse com eles.

Quando os Von Lingenfels terminaram de falar, começaram com as perguntas.

— Você foi mandado a um orfanato, como Martin? — Fritz perguntou a Anselm. — Esteve em um KZ¹³?

Anselm fez que não com a cabeça.

— Estava em Varsóvia quando foi bombardeada? Foi pior que em Berlim? Os soldados russos foram tão cruéis como dizem?

Anselm e Wolfgang balançavam a cabeça, concentrados nos ovos. *Não, não*, e encolhiam os ombros. Eles respondiam com monossílabos, enfiando comida na boca. Nos últimos meses, tinham virado animais, acostumados a dormir a céu aberto, buscar comida e se proteger contra predadores.

Ania sentiu-se dominada pela exaustão. Se fechasse os olhos por um momento, com certeza dormiria.

— Basta — *Frau Von Lingenfels* anunciou, empurrando a cadeira para trás.
— Estamos cansando nossos hóspedes. Elisabeth e Katarina, lavem a louça. Fritz e Martin, tragam água. Os Grabarek vão para a cama.

Com alívio, Ania subiu as escadas com os filhos até o pequeno quarto sobre a cozinha que tinham lhe designado. No meio do aposento, havia dois colchões cobertos com lençóis e dois cobertores em cada um. Qual foi a última vez que Ania e seus filhos tinham dormido em cima de lençóis? A beleza nisso, um simples sinal de ordem e limpeza, a fez sentir um nó na garganta. Ela se lembrou de si mesma, menina, aprendendo a dobrar lençóis, encaixá-los perfeitamente no colchão, puxando os cantos — uma área de conhecimento que se provou completamente inútil nos últimos meses.

— Mamãe... — a voz de Anselm emergiu da escuridão. Desconectada do seu corpo, alto e magro como um palito, ela lhe soava infantil; um lembrete de que ele tinha apenas nove anos. — Você vai contar a eles...?

Ania estremeceu, e acordou.

— Contar o que a eles? — Wolfgang perguntou, antes que ela respondesse.
— Que não quer ficar aqui? Que você quer voltar para o campo? — Sua voz era surpreendentemente dura. Ele era o líder, apesar de ser o filho mais novo.

— Não — disse Anselm, humildemente. E depois: — Mamãe?

Ania ficou em silêncio. No escuro, ela podia ver os dois meninos esperando pela resposta.

Lá fora, uma coruja piou.

— Quietos — disse ela, por fim. — Hora de dormir.

[12.](#) Movimento de resistência polonês na Segunda Guerra Mundial. Atuava em conjunto com o governo no exílio e com o Estado Secreto Polaco (N.T.).

[13.](#) *Konzentrationslager*, campo de concentração (N.T.).

O WARTHEGAU¹⁴, JANEIRO DE 1945

Enquanto dormia, Ania sonhava com a marcha. Seus sonhos eram mais vívidos que a memória. Ficavam esperando para serem revividos — um estranho ponto intermediário, a jornada de uma vida para outra, sua metamorfose pessoal.

A estrada para Breslau fervilhava de refugiados. Mães, filhos, idosos, irmãs... todos fugindo do avanço do Exército Vermelho. Alguns vinham de lugares tão longe quanto o Mar Vermelho e estavam na estrada havia meses. Havia poucos homens entre eles — somente os aleijados, doentes e velhos. A guerra anda não tinha acabado e o resto dos homens estava lutando — pelos alemães, russos, os *partisans* locais ou para quem quer que fosse mais vantajoso. A maioria já morrera.

Ocasionalmente, Ania e seus filhos passavam por garotos da mesma idade que eles, totalmente sozinhos, sem família. Vinham dos campos para jovens, dos vários *Kinderlandverschickung*¹⁵ espalhados pelo leste anexado, planos para remover as crianças de cidades que poderiam ser atacadas. Eram criaturas soturnas, longe das mães havia muito tempo, e que agora estavam quase que inteiramente mudadas por causa desse capricho de Hitler. A juventude alemã deveria ser *tão veloz quanto um galgo, tão resistente quanto o couro e tão dura quanto o aço Krupp*. Ania conhecia a retórica de Hitler. *Eu quero uma juventude destemida, brutal, dominadora e cruel... A besta de rapina, magnífica e livre, deve novamente cintilar em seus olhos*. Esses meninos a deixavam nervosa. Quando os via, tentava passar despercebida.

Ania e seus filhos possuíam apenas a roupa do corpo, os casacos cobrindo as costas e poucas coisas a mais: uma boa panela, um copo feito de lata para dividirem, uma faca de cozinha. Ela trazia também um pequeno álbum de fotografias e um saco de comida surrupiada: um chouriço de sangue, um pedaço de manteiga, um pão seco, um precioso vidro de ameixas do verão passado. Anselm levava o livro favorito e Wolfgang, o precioso canivete. Infelizmente, não tinham documentos. Isso era um problema. Ao longo da

estrada havia homens da SS carimbando, selecionando pessoas e mandando outras voltarem. Não eram apenas os patéticos e inexperientes soldados alemães no front que deveriam proteger sua terra contra o inimigo. Esperavam que os civis alemães ficassem também — uma espécie de obstáculo humano contra o avanço russo. E a SS devotava esforços para evitar que fugissem. Que covardes eram esses supostos *über*-nazistas, evitando o front e se escondendo atrás de tarefas burocráticas! Como se colocar todas essas pobres e aterrorizadas almas no caminho dos russos fosse mudar alguma coisa. A guerra já estava perdida, só não tinham admitido. No front, só havia os últimos membros do Exército Nacional. Sempre que ouviam falar de um posto de controle, Ania e seus filhos eram forçados a desviar do caminho e fazer uma longa caminhada até a floresta com outros refugiados que não tinham documentos. O trajeto era dolorosamente lento. Não eram os únicos frustrados com a situação. A mata estava cheia de pânico e raiva. Todos falavam dos russos: iriam devorar as crianças alemãs, estuprar as mulheres alemãs, queimar as casas alemãs até os alicerces. Pelo menos essas fantasias os distraíam do frio. O que era um congelamento comparado com ser comido por um russo faminto? Eram uma massa sugestionável, usada pelos nazistas para fundamentar as crenças e ações na ideologia, em vez de na experiência.

Só o frio já causava problema o suficiente: frieiras e queimaduras, feridas nos dedos, lábios e pálpebras que não saravam. As pessoas tiravam as roupas dos cadáveres dos refugiados menos afortunados e se agrupavam em depósitos de madeira e palheiros, encostando seus corpos nos de outros estranhos para sobreviverem. No norte, onde os refugiados eram forçados a cruzar o Haff¹⁶ congelado, havia rumores de cavalos presos no gelo, e de várias carroças com famílias inteiras que tinham sido engolidas pela laguna congelada e desaparecido.

Ania tinha mais medo de ser mandada de volta do que medo do frio ou dos russos. Os russos não eram indivíduos, mas um exército. E em sua experiência, os exércitos estavam menos interessados nas pessoas do que elas imaginavam. O fluxo de refugiados corria como sangue de um braço decepado — um inquietante efeito colateral, não a raiz do problema. O exército russo estava caçando o exército alemão, não o subproduto humano dessa batalha.

Ela e seus filhos caminhavam tanto em direção ao sul quanto ao oeste, e se aproximavam cada vez mais do front. À noite, podiam ouvir os bombardeios e o rufar de tambores das armas. Os viajantes mais assustados se agachavam, arrastando-se pelo chão à uma, duas, três da manhã, e prosseguiram a marcha no escuro, agarrados às sacolas e empurrando seus carrinhos de mão. Ninguém tinha carroças. Não havia mais cavalos. Se os nazistas não os tivessem mandado às pressas para o front, os russos os tinham roubado.

Durante algumas semanas, Ania tinha reparado numa mulher de aparência simpática que se destacava entre a multidão de viajantes. Era de estatura média, cabelo castanho-claro, que mantinha enfiado num cachecol sujo. Seu rosto era bondoso — não velho, mas gasto pelo tempo — e inteligente. Andava com o filho, um menino da idade de Wolfgang, mas menor que ele, de aspecto doentio. Ania os tinha visto diversas vezes dormindo em celeiros abandonados e estações de trem nas quais buscavam refúgio pelo caminho. Ela encontrava conforto na presença dessa mulher: uma pessoa de aparência sensata, alguém de quem ela poderia, numa outra vida, ser amiga.

Ania não simpatizava com os outros rostos familiares. A avozinha polonesa usando dissonantes e polidas botas de montaria masculinas; a mãe ucraniana com seus seis filhos e um rapazinho de olhar idiota, a quem ela dava pancadas na cabeça e entregava somente as menores porções de comida; a jovem mulher magra, de ossos frágeis, com um bebê morto enrolado no peito; o velho empurrando a esposa apática, com as pernas inchadas, no carrinho de mão. *Parece que as pernas dela vão explodir*, Wolfgang observou quando a viram pela primeira vez. Ania mal conseguia olhar para essas pessoas. Em vez disso, dedicava-se inteiramente a seus meninos: se precisavam parar, se estavam doentes. Por duas semanas, Anselm sofreu com uma terrível diarreia e eles precisaram descansar, em vez de continuar o trajeto. Ela era responsável por eles. Foi escolha sua fugir.

Em sua maioria, as pessoas nessa jornada não dividiam nada. Não travavam amizades em seu sofrimento — os suprimentos eram escassos, e os humores, muito sombrios. Eles estavam fugindo de um lugar, não para um lugar, e a incerteza do destino os deixava em silêncio.

E então, numa noite, a frente oriental foi tomada, e os russos invadiram o povoado onde Ania e os outros estavam escondidos. O chão reverberou com o peso de muitos passos humanos — todo um batalhão se aproximava,

acompanhados do ronco dos tanques de guerra. A multidão, que dormia em cada canto e brecha disponível do povoado, foi tomada pelo pânico. Pela primeira vez, Ania lembrou, as pessoas começaram a correr, numa debandada. Armas foram disparadas. E a estrada, que entre o povoado e os velhos estábulos e celeiros era estreita, ficou entupida de seres humanos.

Ania e seus filhos permaneceram escondidos no palheiro onde tinham se abrigado. Eram praticamente os únicos lá dentro.

— Não deveríamos sair também? — Anselm perguntou. Ele olhou para ela de olhos arregalados. Era ansioso por natureza e, durante a marcha, tinha desenvolvido um tremor no corpo.

Da rua abaixo, ouviram gritos.

— Melhor ficar aqui — Ania disse com uma confiança que não sentia. Mas pelo menos lá iriam ficar a salvo da avalanche humana.

Quando os russos finalmente entraram no vilarejo, as estacas e vigas do celeiro chacoalharam. Vários veículos de artilharia pesada seguiam antes dos soldados e quase não cabiam na rua estreita. Sem falar, Ania e seus meninos rastejaram até a janela fechada do palheiro para observar. Só quando chegaram lá viram que não estavam sozinhos.

A mulher com o filho que ela observara nas últimas semanas já estava na abertura, espiando. Sem falar nada, abriu espaço para eles, mostrando com tapinhas no chão onde deveriam sentar, como se já fossem velhos amigos.

Lá fora, a cena era de um caos absurdo. Logo atrás dos veículos, os russos vinham descendo a rua a pé. Estavam de bom humor, gritando para lá e para cá em sua língua bruta, cantando e passando garrafas. Espalhados no meio dos soldados estavam os civis fugitivos restantes, pequenos, os rostos cinzentos e aterrorizados, agarrados às trouxas, encostados nas portas das casas, agachados, cobrindo até mesmo a cabeça. Mas os russos quase não os viam, e para Ania isso pareceu perversamente engraçado — lá estavam as tropas que tinham feito aquela massa humana fugir apressadamente, semanas antes, e agora simplesmente marchavam entre eles. Depois de todo o pânico, o descaso das tropas era quase um insulto.

— Eles não se importam — a outra mulher disse, como se lesse os pensamentos de Ania.

— Veja aquele lá. — Wolfgang apontou para um soldado robusto, barbudo, que cantava e fazia uma dança típica russa.

— Parece um urso amestrado. — A mulher riu.

A situação era estranhamente agradável, com todos agachados em volta da janela, e lá ficaram por horas, até que o último russo passasse. De tempos em tempos, um ou dois soldados entrava ruidosamente no celeiro abaixo, em busca de gado, arrebatando as portas cerradas do estábulo, disparando tiros desnecessários. No sótão, prendiam o fôlego. Um homem particularmente persistente começou a subir a escada, então alguém o chamou lá de fora. Lá em cima, no palheiro, ficaram tão aliviados que até sentiram vertigens.

A outra mulher também se chamava Ania, apesar de sempre a chamarem pelo nome do meio, Gerda.

— Sabia que tinha gostado de você por algum motivo — Ania disse quando soube. Era a primeira vez, em sabe Deus quanto tempo, que fazia algo parecido com uma piada. O nome do menino era Olgar. Gentil, de olhos brilhantes, e com um senso de humor mordaz. Tossia de um jeito alarmante. Parecia o ronco de um avião Tomahawk. Apesar disso, não reclamava, e trazia com ele um jogo de baralho no bolsinho da camisa. Ele ensinou Anselm e Wolfgang a jogar pôquer enquanto esperavam.

Quando o último batalhão finalmente passou, Ania, seus filhos, e seus novos amigos desceram a escada.

Os russos tinham deixado em seu encalço uma enorme confusão. Um fazendeiro que guardava seus porcos com um rifle tinha levado um tiro; os porcos foram levados e a esposa se lamentava pelas ruas. Outra mulher alegava que tinha apanhado e que suas duas filhas foram estupradas. Várias pessoas tinham sido pisoteadas no caos. E eles encontraram três ucranianos em uniformes alemães caídos na frente de um muro — aparentemente vítimas de um pelotão de fuzilamento improvisado. Os russos não mostravam nenhuma piedade, nem mesmo pelos próprios soldados que tinham sido capturados e recrutados para lutar pelos alemães.

O lado bom é que não tinham trespassado com baionetas as mulheres pelas partes íntimas, devorado alemães ou matado crianças com machadinhas e as assado em espetos, como Goebbels previra. Ania esperava que, ao menos, matassem com suas baionetas alguns SS dos postos de controle. Ela deixou seus meninos com a nova amiga e ajudou a tirar os corpos dos ucranianos das ruas. Eles seriam enterrados no cemitério local a menos que alguém aparecesse procurando por eles. O que parecia no mínimo improvável.

Quando caiu a noite, Ania, Gerda e seus filhos voltaram para o palheiro. Gerda dividiu um naco de pão preto e Ania cortou o chouriço de sangue

guardado. Lá fora, uma camada de gelo cobria os tetos das casas do vilarejo, brilhando à luz da lua. A fumaça que subia de uma casa incendiada chegava até o céu, e os meninos se revezavam, nomeando as formas que a fumaça assumia. *Uma sereia, um cervo saltitante, a cabeça de um cão.* Parecia uma celebração — do quê, exatamente, ela não saberia dizer. Com certeza a jornada não tinha terminado, e tinham um longo caminho pela frente. Uma celebração de amizade, então. Fazia anos que Ania não tinha essa sensação.

Uma família de refugiados da distante Galícia acendeu a lareira na parte de baixo do celeiro com palha e madeira que tinham encontrado. Os garotos, deleitados com o súbito calor, caíram no sono, enquanto as mulheres conversavam. Elas conversaram basicamente sobre a jornada do oeste, compartilhando apenas as banalidades: a mulher desagradável, com o rosto que parecia uma maçã, gritando com os passantes na ponte; a família com escarlatina; o jeito com que as pessoas se juntaram como um enxame de moscas em volta de um barril de castanhas podres jogado na beira da estrada.

— Não, como homens da SS num posto de controle — Ania corrigiu, e ambas riram. Qual foi a última vez que dera risada de algo? Anselm se assustou e acordou, desacostumado com o som.

Pela manhã, partiram juntos. Quando chegaram a Breslau, nem se incomodaram com o trem. Tinham ouvido que Karl Hanke, o líder provincial da Baixa Silésia, ordenara que evacuassem a cidade para que a transformassem numa “fortaleza” militar. A multidão que esperava na estação de trem transbordava para bem além da plataforma, tanta gente que mal dava para ver os trilhos.

Enquanto andavam na outra direção, um trem chegou estrondosamente na estação: vagões cargueiros abertos alinhados, repletos do que pareciam ser, à primeira vista, sacos de comida.

— Maria, mãe de Deus — exclamou Gerda —, são prisioneiros;

Os sacos de comida eram seres humanos em uniforme listrados, meio cobertos de gelo.

Ania não olhou para trás.

— O QUE VOCÊ prefere: sentar numa poltrona e costurar ou se ajoelhar em um jardim ensolarado e colher cenouras? — a nova amiga de Ania apresentou esse jogo, que jogavam com frequência. — O que você prefere: comer *Sauerbraten* ou creme fresco?

Isso os distraía para não pensarem nos pés sangrentos e estômagos roncando.

Nas semanas seguintes, entraram no ritmo. Acordar, dividir o pouco que tinham para comer e jogar esse jogo para acalmar a mente. À tarde, eles se sujeitavam à simples necessidade de andar, continuando até o próximo pedaço de pão ou batata mofada que Anselm e Wolfgang conseguiam desenterrar, deixadas para trás desde a última colheita. Ocasionalmente cruzavam com postos de Assistência Social dos Nacionais Socialistas, cujos voluntários escandalosos distribuíam sopa e faziam propaganda: os alemães só estavam esperando a mais recente parcela de armamentos para virar o jogo; os russos estavam tão desesperados que recrutaram mulheres; as tropas americanas, supostamente amáveis, que avançavam a oeste eram apenas os batedores — atrás vinham judeus que tinham escapado dos *Einsatzgruppen*, sedentos por vingança. Por isso era imperativo que continuassem a lutar. Os alemães deveriam triunfar ou morrer. Ninguém acreditava. Os alemães estavam perdendo. Isso era óbvio, devido ao fluxo de gente vinda do oeste.

Pouco a pouco as mulheres iam descobrindo mais detalhes uma da outra. Gerda era alemã étnica, nascida nas imediações de Varsóvia, e seus pais eram farmacêuticos. Ela tinha estudado música na universidade, e lá conheceu seu marido, um talentoso trompetista. Ele estava morto. Os nazistas o mataram.

Ela contou histórias divertidas e românticas sobre seu marido — a vez que fez uma serenata à meia-noite do lado de fora da janela do dormitório e acordou a governanta, que correu para fora brandindo uma bengala. Como tinham saído em lua de mel num barco pelo Danúbio. Sobre o gatinho que ele tinha lhe dado de presente quando se conheceram. E quando as crianças dormiam, a mulher contava histórias mais sombrias e dolorosas sobre a família e casa que tinham perdido. Acabavam dormindo assim.

Gerda estava indo para Dresden com o filho, onde esperava ficar com os primos.

— Venha conosco — ela convidou Ania. — Tenho certeza de que vão hospedá-los também.

Parecia ser um destino promissor. A *Florença do Elba*, como era conhecida. Uma linda cidade, totalmente intacta. Todos diziam que era segura, que não era bombardeada pelos Aliados por causa da sua importância cultural, do posto da Cruz Vermelha que abrigava e porque não tinha indústria pesada.

Também havia rumores de que a tia favorita de Winston Churchill morava lá e que os Aliados a estavam preservando para que virasse capital do país quando a guerra acabasse. Ania ficou feliz em aceitar o convite.

Era janeiro de 1945.

A viagem para Dresden levou três semanas. Não foram semanas felizes: a tristeza era o sentimento que predominava. Mas, de alguma forma, na mente de Ania, foram mais fáceis do que o resto do tempo — os anos antes e os depois. Elas eram como um estranho ímpeto de energia vindo de um homem agonizante. O clima se tornou mais ameno — o dia era frio, mas subitamente ensolarado. Elas estavam famintas, mas tinham a comida que reuniram e o pouco de gordura que restara em seus ossos — e tinham seus preciosos filhos, ao contrário de tantas outras mulheres.

Toda noite dormiam enroscados uns nos outros — uma fileira econômica de corpos: Ania numa extremidade, sua amiga na outra, e os meninos no meio. Às vezes, Ania dormia no meio de uma frase. De alguma forma, conseguia fazer isso. Não lutava com os costumeiros “E se”, “Como” e “E agora”, que tendiam a dominar seus pensamentos à noite.

E então, apesar de tudo que aconteceu depois, esse era o improvável oásis a que Ania voltava em seus sonhos.

[14.](#) Subdivisão administrativa criada em 1939 pela Alemanha nazista, com partes do território polonês (N.T.).

[15.](#) Programas de evacuação de crianças alemãs (N.T.).

[16.](#) Em alemão, *Frisches Haff*, uma laguna no Mar Báltico (N.T.).

BURG LINGENFELS, AGOSTO DE 1945

Uma semana após os Grabarek chegarem a Burg Lingenfels, os russos vieram.

Aproximaram-se silenciosos, sinistramente, uma coleção de figuras escuras subindo a colina. Três vinham espalhados como batedores de um batalhão — mas não formavam um batalhão. Talvez tenham sido um dia. Agora pareciam destroços humanos: macilentos, maltrapilhos, de olhos famintos.

Por semanas, houve em Ehrenheim um rumor sobre bandos errantes de soldados libertados dos campos nazistas para prisioneiros de guerra. Quase setenta mil prisioneiros de guerra foram mantidos pelos nazistas, isso só no campo de Moosburg: franceses, britânicos, holandeses e até americanos, mas em sua maioria, soldados do Exército Vermelho. Não só russos, mas também ucranianos, estonianos, letões e outros povos do Báltico, primeiro recrutados pelos russos e depois capturados pelos alemães. Muitos desses homens tinham medo de voltar para sua terra, agora parte integrante da União Soviética de Stálin. As donas de casa de Ehrenheim estavam convencidas de que todos eram estupradores, assassinos e degenerados — e buscavam vingança. Ninguém falava sobre o motivo dessa vingança.

Que disparate. Eles são como qualquer outro homem, só que famintos e maltratados, Marianne dissera, quando suas filhas voltaram da cidade acreditando nos rumores. *Os moradores de Ehrenheim não sabem nada sobre os russos.*

Os russos chegaram em Weisslau em janeiro, para ficar. Ao contrário de muitos dos vizinhos, Marianne não fugiu. Seria preciso bem mais que alguns soldados bêbados para expulsarem-na da casa onde tinha sido tão feliz, na terra onde conhecera Albrecht. Os boatos sobre os horrores que os russos iriam infligir se provaram falsos, em sua maioria. Sim, chegaram batendo à porta de noite, procurando por *Schnapps* e mulheres, mas Marianne achou fácil dissuadi-los. Você tinha que rechaçar as investidas. Mostrar que não estava com medo. Uma vez, atendeu a porta de roupão, brandindo uma frigideira, e

os russos tinham explodido em gargalhadas. Mas não invadiram a casa. Eles eram ladrões, é claro, mas quem poderia culpá-los? Os alemães tinham matado vinte milhões de seus compatriotas. Então eles tomavam tudo: bicicletas, chaleiras, travesseiros de pena e, os bens mais valiosos, rádios de qualquer tipo. Mas não eram monstros. Marianne não fugiu até quando ficou evidente que tomariam também sua propriedade.

Porém agora, vendo esses homens subirem a colina em direção ao castelo, sentiu uma pontada de medo. Não pareciam nada com os soldados russos de Weisslau.

— Eles vão nos matar? — Elisabeth perguntou. — São muitos.

Ao lado dela, Katarina começou a chorar.

— Não seja ridícula — Marianne cortou. — Eles só estão com fome.

Atrás das meninas, Benita empalideceu. Marianne pensou no apartamento de Berlim onde a tinha encontrado: no homem hediondo montando guarda na porta com a *Kalashnikov*. A pobre moça já tinha tido sua experiência com os russos. Marianne sentiu uma pontada de culpa. Benita tinha razão em ficar paralisada.

— Subam até o porão — Marianne ordenou às filhas. — Vou recepcioná-los quando chegarem. — Ela acrescentou, mais gentilmente, para Benita: — Vá com elas. Tome conta das crianças.

Sem dizer uma palavra, Benita seguiu as garotas.

— Nós vamos ficar — *Frau* Grabarek disse. Marianne quase tinha se esquecido da presença dela. Desde a semana em que chegaram, ela e seus filhos mal falavam. Quem saberia dizer os traumas que viveram? Na maioria das vezes, Marianne não os perturbava.

— Está tudo bem... — Marianne começou a protestar, mas interrompeu a frase. Poderia ser útil ter os meninos lá. E seria bom contar com a presença de *Frau* Grabarek, que parecia reunir em si uma força silenciosa e determinada. — Obrigada — Marianne disse, surpresa com o alívio que sentiu.

E então eles esperaram. Foi uma situação curiosamente íntima. Não pronunciaram uma só palavra, mas havia certa solidariedade nesse silêncio. Até então, Marianne tinha sentido apenas certo desconforto em relação aos meninos Grabarek. A reserva com que agiam dava a impressão de que se esquivavam de tudo. Eram tão diferentes dos meninos que conhecia — os alegres e ruidosos meninos da aristocracia alemã. Apesar da insistência de

Fritz, Anselm e Wolfgang não brincavam. Em vez disso, seguiam a mãe como *Dobermanns* teimosos e silenciosos.

A batida à porta, quando veio, era firme, porém não hostil. Eles não passavam de homens, não passavam de russos, Marianne repetiu para si mesma, como tinha dito às filhas. Seres humanos prejudicados pelo mesmo regime que assassinou Albrecht e Connie.

Ela fez um grande esforço para abrir a pesada porta de entrada, e encontrou dois homens na frente. Um era alto, a pele esticada sobre as maçãs do rosto como a fina película de nata que sobra no leite fervido, o outro, magro e barbudo, de aparência mais saudável, olhos inteligentes e inquietantes. O alto estava embrulhado num cobertor, apesar do calor.

— Precisamos de comida — disse ele, num alemão grosseiro, a voz ainda mais baixa do que se imaginaria em alguém tão magro. As calças eram curtas demais e os pés descalços estavam envoltos num sapato de sujeira. — E água — adicionou.

Atrás dele, o resto dos homens se reunia na entrada da ponte em volta do fosso. Bem na frente, os prisioneiros de aparência mais robusta, atrás, e ainda chegando, uma coleção de almas de aspecto deplorável, macilentas e de cabelo raspado, com olhos imensos e assustados. Uma mistura de recém-chegados no campo e prisioneiros que tinham sido mantidos lá por sabe Deus quanto tempo. Talvez fossem cerca de cinquenta no total, todos silenciosos, todos olhando para ela.

— Eu falo sua língua — Marianne disse em russo. — Vocês são russos, não?

O homem alto olhou para ela sem piscar. Nem ele ou seu companheiro mostraram a surpresa ou o entusiasmo que geralmente vinham juntos com essa declaração.

— A maioria de nós — respondeu ele, em russo. — Precisamos de comida, água e um lugar para dormir.

— Vamos trazer para vocês — afirmou ela. — E há bastante espaço e palha no estábulo para vocês dormirem.

O homem mais baixo apontou com a cabeça para o castelo e falou em um dialeto gutural e baixo. O alto traduziu:

— Quantas pessoas vivem aqui?

— Todas as camas estão ocupadas — respondeu ela, endireitando os ombros. — Mas tem lugar no estábulo. Vamos levar comida para vocês.

— E água — o homem alto lembrou.

— E água — Marianne repetiu.

Só depois de fechar a porta ela percebeu que suas mãos tremiam.

NA COZINHA, ANIA e seus filhos já tinham começado a descascar batatas.

— Podemos cozinhá-las com a cevada e cenouras — Ania disse. — E engrossar com um punhado de pão.

Marianne assentiu, grata pela calma da mulher. E pelo fato de ela saber cozinhar. Desde que chegou, uma semana atrás, o castelo já sentia os benefícios da sua competência. Ela sabia como moer punhados de colza e transformá-los em óleo, cerzir meias, conservar vegetais para durarem até o inverno e preservar frutas. E tinha assumido o preparo das refeições, para alívio de Marianne. Fazia tanto tempo que não dividia responsabilidades. Benita tinha ficado doente e, de qualquer forma, nunca pareceu de fato uma adulta. E fazia muito tempo — toda uma existência — desde que Marianne dividira os cuidados da casa com *Frau* Gerstler em Weisslau.

Enquanto *Frau* Grabarek — Ania, como Marianne começou a vê-la — picava e cozinhava, Marianne encheu baldes e tigelas com água da cisterna, que estava a um nível baixo preocupante. Uma vez por semana, *Herr* Kellerman enchia o “reservatório de água” e o acoplava à sua pobre e sofredora égua Gilda, a fim de abastecer o castelo sem poço. A última entrega tinha sido cinco dias atrás.

— Levem a água — Ania ordenou aos meninos, depois que Marianne encheu os primeiros baldes.

— Vou levar um — disse Marianne.

— É melhor você ficar — Ania falou, com uma autoridade que Marianne nunca tinha ouvido. — Deixe que eles vejam que você tem ajuda aqui.

Marianne parou abruptamente. Não estava acostumada a receber ordens, mas a mulher estava certa.

Então os meninos foram até o estábulo, carregando os baldes pesados, pisando cuidadosamente no terreno irregular. Quando se aproximaram, os russos começaram a avançar, mas o homem alto levantou a mão, deu uma ordem, e fizeram uma fila organizada e eficiente.

Marianne e Ania observavam pela janela.

Alguns homens usavam o uniforme listrado dos prisioneiros de *Konzentrationslager*. Então nem todos eram ex-prisioneiros de guerra, mas também prisioneiros de campos de concentração que tinham sido enviados para os campos de prisioneiros locais, conforme os russos avançavam. Marianne tinha visto esses caminheiros miseráveis em sua própria viagem para o oeste: filas de pessoas fantasmagóricas tropeçando pelos campos, conduzidas por guardas da SS vestidos de negro, mantidas separadas dos outros refugiados. *Untermenschen*¹⁷, rosnou um guarda da SS do posto de controle, quando ela perguntou quem eram, e por que não marchavam com as outras pessoas.

— Que Deus nos ajude — murmurou.

Ao seu lado, Ania ficou em silêncio.

Na frente do estábulo, os meninos Grabarek permaneciam afastados.

QUANDO O MINGAU de cevada e batata ficou pronto, Marianne levou ela mesma uma panela da mistura, com os meninos a seguindo com mais.

Quando se aproximou, os homens que estavam sentados e deitados se levantaram, a fome brotando deles como um cheiro. E o próprio cheiro que exalavam era pungente: de corpos sujos, doença e dejetos humanos.

— Coloque a comida aqui embaixo — o homem alto instruiu, e atrás dele, os outros começaram a se alinhar na fila.

Marianne e os meninos obedeceram. O homem alto fez um sinal e o primeiro da fila deu um passo à frente, mergulhando a concha na panela.

— Meu marido foi assassinado pelos nazistas — Marianne disse, em russo. Foi o que ela tinha planejado: era importante fazer uma conexão com eles, fazer os homens entenderem que estava do lado deles. Para sua surpresa, sua voz tremeu. E as palavras lhe soaram estranhas e perturbadoras nessa língua. — Ele queria acabar com a guerra — ela pausou, se preparando —, acabar com os campos, a matança, a loucura.

Sua voz ressoou em seus ouvidos. O próximo da fila pegou a concha e bebeu famintamente, a sopa escorrendo pela barba. O homem alto ficou em silêncio.

— Eles o enforcaram — continuou. — Eles o enforcaram, e também enforcaram seus companheiros de resistência. Em ganchos de carne. — Ela nunca tinha dito em voz alta. Em vez disso, bloqueou o que tinha acontecido

em sua mente, separando sua realidade física. Subitamente, falar em voz alta, naquele lugar, tornou a imagem vívida: Albrecht, seu marido alto e digno, oscilando, as pernas chutando, com os sapatos gastos e as meias pretas que sempre usava, a pele branca entre as meias e a barra das calças. Ela nunca tinha se permitido imaginar.

Alguns homens dardejaram olhares em sua direção. Havia o som de gente arrastando os pés, avançando na fila, de sopa sendo sugada ruidosamente e o som alto de sua própria respiração. Ela esperou algum reconhecimento do seu sofrimento.

Por fim, o homem alto falou:

— Precisamos de mais sopa.

Marianne piscou e o encarou. Talvez ele não tenha entendido o seu russo. Uma estranha vergonha a dominou. Era como se ela tivesse se desnudado para ele e se apresentado nua — mostrado, à luz do sol, sua pele seca, as marcas de estrias, os cotovelos esfolados e muito mais — e ele simplesmente desviasse o olhar.

Ela pensou no que diria, e engoliu em seco.

— É tudo que temos.

O homem olhou para ela.

— Vocês têm um cavalo.

Por um momento ela não entendeu.

— Onde ele está? — perguntou ele. — Esteve aqui recentemente. A merda dele está fedendo.

Ela o encarou. Ele estava falando de Gilda, a égua de *Herr Kellerman*. Esse era o resultado da exposição da sua alma: o homem sugeria que comessem Gilda.

Sua vergonha se transformou numa fúria irracional, atordoante. Ela compartilhou algo sagrado e importante, e essa foi sua resposta.

— O cavalo é velho — disse ela, o mais calma possível. — O fazendeiro precisa dela.

O homem a encarou.

— Meus homens também.

A maioria deles agora a encarava. Não eram homens de verdade, pensou, numa explosão de raiva, eram animais. Foram reduzidos a isso, despidos de tudo que os tornava humanos.

— Há rações para prisioneiros libertados no campo para desalojados de Tollingen — disse ela friamente.

O homem nada falou por um momento.

— Já tivemos nossa cota de campos.

O menor e mais corpulento, que batera à porta junto com o outro, deu um passo à frente. Ocorreu a Marianne, de forma abstrata, que ele poderia machucá-la. Para ele, ela não era nem pior nem melhor do que qualquer outro alemão. Eles eram as vítimas e ela era o agente. Mas o sangue que lhe subiu à cabeça lhe deu coragem.

— Posso oferecer abrigo e toda a comida que temos — disse, cruzando seus braços imprudentemente. — Mas não posso oferecer o cavalo — endureceu.

Então desviaram o olhar. Ficou claro que olhavam para além dela, para o castelo. Marianne se virou e viu Ania descendo apressada a colina, com uma expressão severa e preocupada no rosto.

— Posso ajudá-la com algo, *Frau* Von Lingenfels? — chamou, quando já estava quase chegando.

— Estamos com fome — o homem alto observou antes que Marianne abrisse a boca. — Gostaríamos de comer o cavalo.

Ania parou de andar.

— O cavalo?

— O cavalo de *Herr* Kellerman — explicou Marianne, cruzando os braços. — Isso não será possível.

Ania olhou de Marianne para os homens, depois voltou a olhar para ela. E então falou devagar e sensata:

— Os homens estão famintos. Não tem mais sopa.

FRAU GRABAREK FOI pessoalmente com o líder do grupo até a casa de *Herr* Kellerman pedir o cavalo. Kellerman não quis discutir ou brigar. Ele era muito velho e pragmático para se envolver em uma discussão inútil. Gilda estava decrépita e era cara demais para alimentar. Ele possuía um capão mais novo, que usava para a colheita.

Então Kellerman guiou a égua até o fim da colina e, quando chegou ao castelo, simplesmente baixou a cabeça e entregou as rédeas a Marianne. Não era um homem sentimental. Tinha perdido os movimentos do braço direito

na Primeira Guerra, sua esposa no parto e seu único filho para a escarlatina. Nem ao menos se despediu do cavalo.

Marianne tinha recuperado o autocontrole enquanto esperava. Os homens estavam famintos e o cavalo não era seu para poupar. O estranho esforço que fez para conectar seu próprio sofrimento com o daqueles homens foi tolo. Eles não tinham espaço para o sofrimento dos outros. E por que deveriam? Só Deus sabe o que tinham visto nos últimos anos. Estavam longe de casa. E muitos não tinham nem uma casa para voltar: seus vilarejos foram destruídos, as famílias mortas, os países anexados pelos soviets.

Herr Kellerman entregou-lhe as rédeas de Gilda e ela as aceitou.

Mas o cavalo detectou a ameaça da grande pira que os homens tinham acendido na frente do estábulo e resistiu, possivelmente pela primeira vez na vida. Ela se jogou para trás e bateu os cascos no chão.

— Está tudo bem — Marianne disse, embora obviamente não estivesse.

Ela puxou as rédeas e Gilda avançou cautelosamente, então parou e virou o pescoço, a fim de olhar para *Herr* Kellerman, seu dono por vinte anos. Isso era o que ela recebia como recompensa por seu incondicional serviço. Que tipo de consolo Marianne poderia oferecer? *Herr* Kellerman estava certo em dar as costas e partir. Não havia nada a dizer. Gilda agora parecia arredia e estúpida com o medo, reduzida a seu puro instinto animal. Todos viviam a época dos animais: os homens, seus próprios filhos, assustados e escondidos no porão, a égua de *Herr* Kellerman. Marianne entregou as rédeas ao homem corpulento.

— Não a deixe sofrer — pediu ela em russo, grata por não ter que dizer essas palavras em seu próprio idioma.

A FOGUEIRA CHIOU e crepitou a noite toda. As centelhas se espalharam pelo céu. Quando a lua se ergueu, os homens começaram a cantar — uma canção alegre e barulhenta, com um ritmo desconhecido e um tom que abafou o eco dos gritos terríveis e angustiantes da égua. Num canto da cozinha, Katarina e Elisabeth se abraçavam, chorando. Benita, uma pilha de nervos, fazia a bainha numa calça velha de Fritz, para que servisse em Martin, costurando, refazendo a costura e depois arrancando a bainha que acabara de fazer. Fritz ficou parado em frente à janela, observando fascinado e horrorizado. De alguma maneira, Martin conseguiu dormir.

— Logo os homens virão procurar por *Schnapps* — Ania avisou.

Ela e Marianne trocaram um olhar.

— Por que não dormem no porão essa noite? — Marianne sugeriu a Benita e as filhas. — Podemos trazer as camas para baixo.

E então ficou decidido: todos iriam dormir no porão, exceto Marianne e os Grabarek, que ficariam de guarda lá em cima. Somente Fritz protestou um pouco. Marianne via que ele estava lutando contra as lágrimas. Pela primeira vez em anos, quis apertá-lo junto a si e beijar sua cabeça — seu garotinho, o filho de Albrecht —, ele só tinha oito anos. Em vez disso, ela disse, o mais gentil que pôde:

— Vá com eles, Fritz, não faz sentido ficar aqui.

Quando todos estavam acomodados no porão onde guardavam as frutas, que tinha uma porta de trancar, ela e Ania se sentaram na cozinha, no escuro, e esperaram, ouvindo a cantoria, o crepitar da fogueira e gritos ocasionais.

Quando os homens bateram à porta, como previsto, as mulheres abriram juntas e entregaram o que sobrou do *Schnapps* de ameixa que Marianne trouxera de Weisslau. Já se via homens desmaiados nos pavimentos de pedras do castelo e vomitando pelos cantos, de quatro. O corpo de Gilda parecia obsceno, as pernas amarradas no espeto, a cabeça pendendo em um ângulo antinatural, o abdômen escurecido e saqueado.

Com o *Schnapps* em mãos, os homens se retiraram, e mais uma vez as mulheres se sentaram no escuro. Apesar de tudo — do cavalo, dos homens, da ferida exposta de suas próprias emoções —, uma estranha paz tomou conta de Marianne. Na misteriosa e pragmática mulher a seu lado, encontrou uma parceira. E isso foi o bastante nesse momento.

QUANDO FINALMENTE DORMIU, Marianne sonhou com os trabalhadores poloneses. Durante o dia todo, tinham se remexido nas fendas de sua memória, com um retinir metálico no canto onde os tinha enterrado. E agora avançavam em seu sono como um júri fantasmagórico.

Havia cerca de vinte deles, designados para morar no estado de Weisslau quando todos os rapazes e homens locais que geralmente trabalhavam nos campos foram mandados para o front. Vinham de bem longe, do leste, de uma parte da Polônia que tinha se transformado em Governo Geral, cidadãos poloneses considerados inadequados para a germanização. Logo, usando a linguagem dos nazistas, deveriam trabalhar para a raça superior. Isso era puro

lixo nazista. Mas os Von Lingenfels não rejeitaram seus serviços. Quem mais iria trabalhar na fazenda? E recusar atrairia suspeitas às atividades de Albrecht.

Alojamentos provisórios foram construídos no antigo chiqueiro. Marianne lembrou da remessa de camas de lona, que algumas mesas da velha cozinha dos servos foram requisitadas e que surgiu um arame farpado nas janelas dos alojamentos.

Os trabalhadores tinham um P de “poloneses”, ou de “trabalhadores poloneses”, costurado nos uniformes esfarrapados. Eles se reportavam a Roland Zeppel, o supervisor da fazenda, que os chamava de *Untermenschen*.

Eles também são gente, dissera Marianne ao ouvi-lo usando essa palavra. *Você deve tratá-los com dignidade.*

Roland Zeppel a derrotou com um panfleto nazista sobre como administrar os trabalhadores estrangeiros. *Não confunda os trabalhadores poloneses com os alemães. Não é permitido que eles sentem à mesa. A confraternização é punida por lei.* Marianne o encarara, furiosa.

Nunca tinha gostado do homem. Era membro do partido desde o começo, e até mesmo antes disso não gostava dele. Ele não tinha nenhuma aptidão ou inteligência que o destacasse — o que o tornava exatamente o tipo de pessoa levada a crer que pertencia a uma raça superior. Mas apesar das objeções de Marianne, Albrecht não o despediu. Ele conhecia Roland desde criança: foram para a mesma escola em Weisslau, jogaram as mesmas partidas de futebol, dançaram nos mesmos bailes da cidade. Para Albrecht, essa ligação era maior do que suas convicções políticas. Ele era leal a *Herr Zeppel*, e *Herr Zeppel* era leal a ele.

E então, da noite para o dia, e com esse homem no comando, sua amada propriedade se tornou parte do sistema que introduziu escravos. Subitamente Roland Zeppel começou a andar com uma pistola e a comandar vinte homens de uma parte diferente do continente. Marianne via isso como mais uma peça da deformidade do nazismo. Ainda assim, em sua existência diária, tinha tolerado. Mandava cobertores extras quando o clima esfriava e garantia que os homens recebessem bastante sopa e batatas, mas, ainda assim, beneficiou-se do trabalho deles.

E agora, deitada em sua cama de armar em Burg Lingenfels, com os russos reunidos lá fora, Marianne percebeu que não conseguia se lembrar do rosto ou dos nomes de nenhum daqueles trabalhadores. Ao contrário dos rapazes e

homens da região, com quem tinha lidado antes da guerra, ela não sabia absolutamente nada sobre a origem daqueles homens. Sim, sabia que vieram do campo de Chelmno. Mas, além dessa informação, quem eram eles, se tinham famílias, que tipo de vidas deixaram para trás, ela nunca tinha se incomodado em perguntar.

Quando o Exército Vermelho chegou em Weisslau, ela liberou os trabalhadores. Deu a cada um pão e batatas, e um pequeno folheto mostrando em que região do *Reich* estavam, mas não soube para onde foram depois.

Em estados vizinhos, havia trabalhadores que matavam os fazendeiros e seus supervisores após a chegada dos russos. A vingança era a primeira atitude que tomavam após a libertação, e os russos não se importavam. Eles tinham seu próprio cronograma de vingança para seguir. Os trabalhadores de Weisslau não se vingaram de Marianne. Mas Roland Zeppel se escondeu no sótão da irmã dele por dias.

Lembrar-se disso fez Marianne levantar como um raio e sentar ereta em sua cama de lona. Zeppel segurava a pistola, mas era na sua fazenda que ele e os trabalhadores labutaram.

Fora do castelo, os russos começaram a cantar de novo. Dessa vez, uma canção estranha e misteriosa, cheia de notas baixas e atonais, carregadas de tristeza. Algo sobre o rio Volga, a tapeçaria do tempo e o brilhante fio de sofrimento que corria por ele. Era uma espécie de lamento coletivo — uma tristeza de soldado, primitiva, que emanava de suas almas.

Marianne deitou em sua estreita cama de lona e ficou ouvindo no escuro.

[17.](#) “Subumanos”, como os nazistas descreviam os “povos inferiores”, especialmente do Leste Europeu: judeus, ciganos, poloneses, sérvios, outros povos eslavos como russos e bielorrussos, e quaisquer outros que não se enquadravam na “raça ariana” (N.T.).

BURG LINGENFELS, AGOSTO DE 1945

Quando Benita acordou, pensou que as paredes do porão eram as paredes da sua cela na prisão. Como tinha ido parar lá? Sentiu uma onda de horror passar pelos fios de cabelo até a ponta dos dedos. Ser mandada para a prisão significava que tinha perdido Martin.

Mas não, lá estava ele, o corpo cálido enrolado ao lado dela.

Ela se orientou: estava no oeste, no interior, com Marianne, em Burg Lingenfels.

Ontem um bando de prisioneiros russos tinha ido até o castelo. Não eram assustadores como imaginava. Ela abraçou o filho adormecido e fez uma prece mental e involuntária de agradecimento pela jovem vida dele.

Quando foi presa, Benita estava grávida de outra criança, embora não soubesse à época. Quando descobriu, a vida que crescia dentro dela tinha sido uma fonte de conforto: Connie estava morto e tinham levado Martin, mas não estava sozinha. Passava os dias sussurrando preces, rosários e canções de ninar para o bebê: uma irmãzinha para Martin. Ela tinha certeza de que era uma menina.

E então o bebê morreu. Seu pequeno corpo inerte aninhado teimosamente dentro dela como uma pedra. Sabia que estava morto bem antes de seu corpo expeli-lo. O parto foi horrível. Seu útero infeccionou e ela ficou no hospital da prisão até os soldados russos chegarem.

Enquanto estava lá, nadando contra um mar de febre, afundou numa intensa e estranhamente reconfortante fúria direcionada a Connie. Era por culpa dele que estava lá. Levaram Martin por sua causa. O bebê morreu por causa dele. Se ela não estivesse na prisão, certamente o bebê ainda estaria vivo. Ele a tinha abandonado pelos seus elevados ideais e pela conspiração secreta — e por seus casos com outras mulheres. Gigi Flagstaff, a atrevida americana que teve o descaramento de procurar a amizade de Benita; Margarete Vederlander, a famosa vedete de Berlim... e quem sabe quantas mais. Enquanto isso, Benita perdeu um bebê após o outro em abortos espontâneos.

Ela e Martin tinham passado incontáveis e longas noites sozinhos no apartamento simples e quente (tão diferente do apartamento em que imaginou morar quando casou) contemplando as ruas vazias da cidade. Connie não os tinha mandado para o campo, como os outros aristocratas fizeram com esposas e filhos. Sua sogra, agora viúva, não os convidou para ficar com ela na velha e desconfortável propriedade dos Fledermann, e Benita era muito orgulhosa para pedir. De qualquer forma, era um lugar horrível e solene que os russos por fim destruíram, atirando na mãe de Connie e nos empregados que restaram. Mas em Berlim, Connie estava sempre ocupado, sempre viajando. Então Benita e Martin foram deixados à mercê do estrondo das bombas, das infindáveis idas até o abrigo antiaéreo e da cada vez mais abandonada administração da cidade.

Ela se ressentia de tudo, enquanto pranteava seu bebê morto deitada na cama de hospital. Além disso, estava furiosa com a própria ignorância. Por que Connie não lhe contou a respeito do seu trabalho quando outras viúvas tinham tanto conhecimento da situação? Ele achava que era estúpida demais? Era a prova final do seu distanciamento. Ela ouviu a notícia no rádio no dia 20 de julho de 1944 apenas com uma leve sensação de mal-estar.

Posteriormente, Benita sentiria vergonha da inércia, da raiva e da autopiedade que cultivou em si durante aqueles meses febris. Mas, àquela época, tudo isso a manteve viva. Em sua cama de armar montada no porão de guardar frutas em Burg Lingenfels, Benita começou a ouvir um barulho monótono, repetido sistematicamente. Era fraco, porém distinto. Uma luz cinza brilhava entre janelas de batente. Um novo dia. Quinta-feira, para ser exata.

Quinta-feira! Ela percebeu, assustada, que o barulho vinha do machado de *Herr Muller*. Era seu último dia cortando lenha na floresta. Na próxima semana, ele seria transferido para o campo na zona de ocupação francesa. De qualquer forma, Marianne não queria a ajuda dele.

Nessa manhã, ele provavelmente viera até o castelo pela parte de trás da montanha, atravessando a floresta, não deve ter visto os prisioneiros. Se visse, teria voltado. Se eles o vissem, o teriam feito dar meia-volta. Ou coisa pior. Não iriam aceitar pacificamente a súbita aparição de um ex-soldado alemão, um ex-nazista. Benita não precisava de rumores para saber.

Cautelosamente, ela se levantou. Era importante não acordar Martin ou as meninas Von Lingenfels, adormecidos nas camas de lona que arrastaram para baixo na noite anterior. Eles só iriam atrasá-la. Com uma rara clareza, Benita sabia exatamente o que tinha que fazer: alertar *Herr Muller* antes que os prisioneiros o descobrissem. Ela colocou os sapatos, pegou a faca de cozinha que sempre carregava e saiu pela porta nas pontas dos pés.

Ao subir a escada, viu que a cozinha estava vazia. Marianne e *Frau Grabarek* aparentemente tinham subido para os quartos. No exterior da janela, sob a luz cinza, Benita pôde ver a fogueira fumegante e a carcaça escurecida sobre ela — uma coisa obscena. Em volta dela, os homens dormiam, espalhados como cadáveres no campo de batalha.

Ela ouvia o machado de *Herr Muller* mais alto, agora que não estava mais no subsolo. Embrulhando-se ainda mais no casaco, saiu para o jardim pela porta da cozinha. No outro lado, havia um velho forno de assar pão com uma abertura por onde jogavam os resíduos no fosso. Ela sempre via Fritz e Martin subirem por ela para depois caírem no fosso escuro quase vazio. De lá, subiam, respingando água, por uma escada com apoio para os pés, talhada na parede do fosso, que terminava num pasto entre o castelo e a floresta.

Benita se apressou, e, sem pensar duas vezes, começou a correr. A manhã estava fresca e revigorante, e as glórias-da-manhã selvagens que cresciam ao longo da parede ainda estavam fechadas. De uma saliência do telhado, as andorinhas começaram a se agitar, chamando sua atenção e depois voando, dardejando como mísseis. Elas a lembraram de algo da infância — das andorinhas que viviam nos beirais dos anexos do hospício, dos filhotes que caíam do ninho. Um ano, tentou cuidar deles, alimentando-os com leite que colocava em um conta-gotas de remédio, oferecendo minhocas que desenterrava. Eram tão macios, felpudos e patéticos — piscavam com seus olhinhos brilhantes na palma da sua mão. Mas não tinha dado certo. Um a um, eles morreram.

Dentro da padaria era escuro, e cheirava a algo podre. Há anos o local não era usado. Não foi difícil achar a abertura; nem estava coberta. Benita agarrou os joelhos e se abaixou para passar. A queda era maior do que pensava, mas fechou os olhos e pulou. Ficou surpresa com o impacto, mas caiu de pé. De lá, seria fácil passar pela lama e chegar até a escadaria na parede. Rapidamente,

subiu e saiu do fosso. Estava fora do castelo, tinha que percorrer apenas um curto trecho de campo até chegar na floresta.

Benita ouviu de novo o barulho do machado.

Não parou para olhar para o castelo e visualizar, além dele, o estábulo, a fogueira e os russos adormecidos. Em vez disso, correu pela grama alta até chegar à segurança da floresta. Um emaranhado de ervas daninhas e um matagal baixo a circundavam, espinhosos e afiados, mas nem notou. Estava indo salvar *Herr Muller*. Ela podia fazer isso, estava em seu poder. Essa convicção fez suas palmas da mão suarem e o coração disparar — mas também a preencheu com uma poderosa determinação. Ela tinha sido salva tantas vezes — por Marianne, pela sua vizinha *Frau Kessler*, em Berlim, pelo carcereiro da prisão, que a manteve no hospital, em vez de mandá-la a um campo de concentração... até mesmo por Connie, seu cavaleiro de armadura brilhante, que uma vez a salvou da própria vida. Mas quem ela tinha salvo? Ninguém. Nem ao menos seu filho.

Os olhos demoraram um momento para se adaptarem à luz baça da floresta. Ela conhecia a clareira onde *Herr Muller* trabalhava e correu até lá, ferindo-se pelo caminho, mas mal registrando os espinheiros que arranhavam suas pernas, rasgavam sua saia.

Quando estava quase chegando na clareira, Benita percebeu que o machado estava em silêncio. Ouviu vozes. Parou, tentando ouvir a conversa, tensa, apesar da respiração alta e irregular. Era *Herr Muller* e outro homem. Um russo. E a troca de palavras não parecia amistosa.

Chegara tarde demais! O pensamento a golpeou fisicamente. Era impossível. Não podia ser. Ela não permitiria. Abriu caminho até a clareira e avançou. No meio dela, dois homens: *Herr Muller* e um soldado russo atarracado e de traços ásperos, usando um uniforme do Exército Vermelho enlameado. Ele falava com uma voz dura e gutural.

— *Herr Muller* — Benita gritou, e os dois homens se viraram para olhá-la.
— Eu vim avisá-lo — ofegou —, para voltar.

O rosto de *Herr Muller* demonstrava confusão.

O russo sorriu.

— *Shlyukha* — xingou ele. Vagabunda.

Benita conhecia essa palavra.

Ele falou mais palavras em russo — palavras que ela não entendia, mas cujo significado conseguia adivinhar por causa do olhar lascivo. Por um momento, o russo pareceu esquecer a briga com *Herr Muller* e foi em direção a ela.

Ao olhar para o rosto feio e malicioso, com marcas de acne meio cobertas pela barba fibrosa, Benita sentiu algo dentro de si explodir. Esse homem que vinha em sua direção não era apenas o prisioneiro que tinha alcançado *Herr Muller* antes dela, mas todo homem que já a xingara de vagabunda. Todo homem que já a tinha agredido, espancado e cavado seu caminho dentro dela com raiva, hálito fétido e suor rançoso, fazendo coisas com seu corpo indefeso. É claro que ele tinha alcançado *Herr Muller* antes! Como ela pôde se imaginar forte o bastante para interferir? Ela não passava de um pedaço de carne atirado para cães briguentos. Já estava meio morta mesmo, já tinha sido rasgada, mastigada e cuspidada fora. Era assim que ele a via. Dava para ver em seus olhos.

Porém não era verdade! Ela era mãe, tinha um filho, era uma mulher que já escapara. Era a esposa de um rebelde, amiga de Marianne von Lingenfels. Não era mais a pequena Benita Gruber — a bela e descartável camponesa, impotente, sem dinheiro e sem pai. Ela se endireitou e cuspiu o mais forte que pôde nos pés do homem.

Antes ele a olhava com divertimento, mas agora o olhar se transformou em irritação. Ele não entendia. Via apenas o seu antigo eu. Uma onda de fúria passou pelas suas veias e ela pegou a faca no bolso.

BERLIM, FINAL DE ABRIL DE 1945

A primeira vez de Benita não foi tão ruim. O soldado era relativamente limpo e tinha lhe dado comida — um pãozinho, com geleia, ainda por cima — e cerveja. Ele se ofereceu para segurar sua sacola de pertences e a conduziu até o pátio de um prédio bombardeado em Neukölln. Ela ainda nem tinha ido para casa depois do hospital da prisão. Ele riu, fez gracejos e esfregou seus pés como um marido devotado. Não importava se o resultado desse avanço tinha sido combinado. Não importava se ela concordava. Tentou conquistá-la mesmo assim, o quê, nas circunstâncias, equivalia a um romance. Quando por fim a prensou contra a parede do pátio, ele foi nojento, mas não cruel, apenas ávido e egoísta.

Na segunda, terceira e quarta vez, Benita conheceu a verdadeira repulsa. E a dor — a dor sangrenta, espasmódica, lancinante, que não imaginava ser possível fora do parto.

Ainda era o começo do fim, ainda havia luta nas ruas — rajadas de metralhadoras, confrontos entre os últimos e assustados soldados da *Wehrmacht* que resistiam e os Aliados que os tinham cercado. Eles lutaram pelo controle da cidade quarteirão por quarteirão. Mas os russos da *Meerstein Strasse* sabiam que tinham vencido. Vagavam pelo prédio, subiam as escadas carregando relógios roubados, bebendo uísque saqueado, em busca de mulheres. As avós do terceiro e sexto andar do prédio esconderam suas netas no abrigo antiaéreo e tratavam Benita e as outras mulheres que saíam à luz do dia como leprosas. Mas Benita não conseguia permanecer escondida. Como iria encontrar Martin escondida no abrigo? E não tinha uma mãe ou avó para passar água e pedaços de pão para dentro do esconderijo. *Frau* Gruber, que Deus abençoasse seu pobre e apático coração, havia morrido havia cinco anos.

Você também? Quatro vezes? Seis vezes? Os mongóis são os piores. Não, os cossacos são. Eles quebraram a perna dela. Ela nem consegue mijar. Ficou louca. Todos falavam disso. Falavam, falavam, falavam... e perguntavam. Não eram as vítimas que perguntavam, mas as velhas e os homens. Os homens, os poucos

que restaram, eram os piores. Fingiam simpatia, fingiam raiva, mas na verdade só queriam ouvir, imaginar. Eles a enojavam.

E ainda assim, nada de Martin, e ninguém a quem pedir ajuda. Todos os dias Benita sentia sua vontade de viver sucumbir. Os nazistas que roubaram seu filho agora tinham desaparecido da noite para o dia. Os russos não sabiam nada a respeito das crianças raptadas, e não se interessavam em saber. O que era mais uma criança perdida nessa guerra que já tinha matado tantas?

Havia um soldado que “amava” Benita: um rapaz alto e magrelo da Geórgia, com um sorriso amplo. Ele lhe trouxe chocolates, sardinhas e pêssego enlatado — iguarias que sua unidade tinha pego de algum covil nazista local. Ele queria que ela fosse sua esposa. Isso ela deduziu da mistura de alemão truncado e mímicas. Era um rapaz ingênuo para tudo, menos para matar. Tinha crescido com sete irmãos e irmãs numa casa com macieiras.

Foi com a ajuda dele que Benita conseguiu chegar até o “capitão” do distrito, o único homem que parecia ter algum contato com o mundo além daquele canto miserável de Berlim.

O capitão era um homem grande e austero de São Petersburgo — um autêntico oficial do Exército Vermelho, não um recruta qualquer de algum país que virou província da União Soviética. Quando adolescente, tinha participado da Revolução de Outubro. Seus homens se sentiam intimidados com esse fato. Ele era um verdadeiro bolchevique. E Benita sabia que os bolcheviques queriam aniquilar os alemães.

O capitão tinha se instalado onde outrora ficava a Padaria Mulman, no andar térreo de um edifício intacto, virando a esquina da Meerstein *Strasse*, 27. Quando Benita foi apresentada ao capitão, ele surgiu detrás de um balcão repleto de farinha como um general levantando de uma grande mesa. Tinha um rosto astuto e inteligente. Parada na frente dele, ela se sentiu nua e nervosa.

Ah, dissera ele, fazendo uma medida com a cabeça quando ela terminou de explicar sua busca por Martin. *Vou investigar.*

E depois olhou para Benita e o rapaz georgiano que a escoltava. Era óbvio que ele não era um homem que fazia favores de graça. Então foi assim que ela se transformou na garota “dele”, o que era, de certa forma, um alívio.

Era um homem duro, mas não cruel. E sua afeição, se é que poderia ser chamada assim, protegia Benita dos outros russos. O georgiano foi forçado a

recuar, com o rabo entre as pernas, de volta a seus sonhos com a macieira.

Porém isso não importava. Nada importou depois da notícia. Martin estava morto. Isso foi o que o capitão dissera. Ele estava entre um grupo de “órfãos” de um orfanato nazista enviados no último trem para Buchenwald. O capitão deu a notícia de modo prático. Não era um homem de medir palavras, e mesmo se quisesse, não falava alemão bem o bastante para isso.

Benita olhou para ele e sentiu o mundo escurecer à sua volta. Tudo que ela conhecia pareceu cair por terra. Sentiu-se abandonada, aflorando na derradeira e invisível terra firme, em um grande e vazio universo.

Depois disso, quando o capitão a procurava, ela saía do seu corpo — do corpo que não significava mais nada, que logo iria apodrecer. Em vez disso, ela ia até seu filho, seu pequeno Martin, e abraçava o corpo adormecido, alisava o belo cabelo louro e beijava o topo da doce cabeça. Ela cantarolava as canções de ninar que costumava cantar à noite quando ele ficava com medo e engatinhava até a cama dela. E ela o preenchia com todo amor que ele precisaria na sua próxima vida.

Esse foi o fim de Benita Gruber, a menina que cresceu na Krensig 7 e sonhava em se casar com um homem rico. Foi o fim de Benita Fledermann, a esposa enganada de Connie, o franguinho tolo trancado no apartamento, banqueteadando-se com a própria desilusão. Os detalhes sombrios da execução de Connie, o tempo na prisão, o aborto espontâneo da filha — isso não era nada comparado com a perda do seu filho. Para Benita, “O fim” de que falaram os alemães no ano seguinte se resumiu a isso.

BURG LINGENFELS, DEZEMBRO DE 1945

Martin era muito novo para lembrar de como era o Natal antes da guerra. As histórias que Elisabeth e Katarina contaram lhe pareceram tão improváveis quanto contos de fadas. Ganso assado para o jantar, vinho quente e *Zimtsterne* assados¹⁸, laranjas picadas com cravo. Pacotes com meias novas, fitas de cabelo, chocolates e livros. Uma vez, Elisabeth contou, seu pai tinha lhe dado um coelho branco de verdade, em uma gaiola pintada.

Martin se interessou especialmente pelas festas — muitas pessoas reunidas para celebrar, ao invés de sofrer, passando medo juntas. Os únicos grupos grandes de pessoas de que ele se lembrava eram os que se reuniam nos abrigos antiaéreos, em marchas ou nas ruas, uma multidão de pessoas aterrorizadas.

— Faremos um belo Natal neste ano — Marianne anunciou no primeiro dia de dezembro. Não importava que estivesse um frio congelante e que a comida, mesmo ali no castelo, fosse escassa. Esse era o plano. No primeiro Domingo do Advento, ela estava determinada a assar um *Stollen*¹⁹. Todos foram céticos, não apenas por causa do racionamento de comida, mas também porque nunca tinham visto Marianne assar nada. Mas ela insistiu. Estava separando farinha e açúcar para esse propósito desde setembro.

Então as crianças decoraram a cozinha. As meninas fizeram delicadas estrelas com palha e fios de lã de um suéter desfiado e as penduraram em ramos recém-cortados de sempre-vivas.

— Querido Deus, nós agradecemos por tudo que temos, quando tantas pessoas não têm nada. Temos uns aos outros, temos comida, saúde e um teto sob nossas cabeças — Marianne começou a dizer toda noite, antes do jantar. Isso era uma novidade. Antes (antes “do fim”, não antes da guerra, mas certamente antes de morar no castelo), Marianne não era uma mulher religiosa. Elisabeth e Katarina não gostaram dessa nova devoção. Mas Martin gostava de ouvir a voz de Marianne listando as coisas pelas quais deveriam ser gratos, falando da miséria dos outros. Era sempre bom saber que havia gente mais miserável.

— Você acredita em Deus? — perguntou ele uma noite a sua mãe, quando foram dormir no quartinho sobre a cozinha. Seu hálito soprou nuvens brancas no ar.

— Não sei — disse ela, e ele soube, mesmo no escuro, que sua pergunta trouxe lágrimas aos olhos dela.

Ele ficava bravo com essa prontidão a chorar. Ela estava sempre à beira das lágrimas, trêmula, de olhos vermelhos, e nunca tinha certeza de nada. Ficou pior depois que os russos chegaram, mas mesmo agora qualquer coisinha ativava seu choro. Inclusive, aparentemente, a menção a Deus.

Apesar disso, Martin acreditava em Deus. Como não? Era intolerável imaginar que não havia algo melhor lá fora, um bálsamo divino para toda a destruição que tinha visto na Terra. Ele acreditava em Deus, não como uma explicação, mas como um salvador — uma figura austera e sábia sentada num trono nas nuvens, cuidando das pessoas lá embaixo. *Que bom trabalho ele fez nos últimos sete anos*, dissera Elisabeth quando ele admitiu a crença. Mas não tinha sido Deus a causa da guerra e de todo o horror. Foram as pessoas, pensou. Porém, ele sabia disso melhor do que conseguia argumentar. Deus mandava apenas no céu, ele teria dito. Mas, aparentemente, Elisabeth esperava ver mais do seu poder na Terra.

Lá fora, a temperatura marcava níveis extremamente baixos, os mais baixos dos últimos tempos. Ranho, hálito e lágrimas congelavam tão logo se botasse o pé para fora. Por toda a Alemanha as pessoas passavam fome. *Provando o seu próprio remédio*, a rádio britânica declarou. *Durante a guerra passamos fome para que os alemães pudessem comer — deixe que colham o que semearam*. Foi a primeira vez em que Martin pensou nas crianças como inimigos — não apenas os soldados eram inimigos, mas meninos e meninas também.

É justo, Marianne dissera, mas dava para ver incerteza em seus olhos. *Desgraçados*, xingara Fritz, e foi mandado para o quarto. Em Berlim, as pessoas cortavam o que sobrou do Tiergarten bombardeado para ter lenha para queimar. E diziam que nas outras cidades do país comiam lesmas, ratos e outros pequenos animais. Todo fim de semana, os moradores de Tollingen e Momsen saíam em hordas da cidade para implorar por qualquer comida que conseguissem.

No castelo, porém, estavam aquecidos e relativamente bem alimentados. Eles não se aventuravam muito longe da cozinha e dos quatinhos em cima.

Havia uma camada de gelo na úmida parede ao norte do grande salão, e o fundo do fosso congelara, mas os lampiões brilhavam forte e o forno gigante queimava a lenha de *Herr Muller*. Eles se revezavam para sentar perto dele e esquentar as costas. E todo mundo usava várias camadas de roupas.

Nos meses seguintes à chegada dos Grabarek, a vida no castelo tinha se tornado mais confortável e ordenada. *Frau Grabarek* era uma boa cozinheira. Ela sabia como juntar poucos alimentos e transformá-los num mingau palatável, sabia como tirar melado de beterrabas, como barganhar no mercado negro. Voltava da cidade com farinha de verdade, açúcar e até mesmo chá preto. Também era mais prática do que a mãe de Martin ou Marianne: ela fazia os meninos mastigarem madeira de abeto para evitar germes e consertava tão perfeitamente os buracos nos bolsos e camisetas de Martin que ninguém diria que eram remendos. Ela se lembrava de esfregar lanolina nas bochechas rachadas de frio de Martin, e quando ele desenvolveu uma tosse persistente, fez um cataplasma para esfregar no peito. Ela cuidava das necessidades regulares do corpo. Nesse quesito, ela o lembrava de *Frau Vortmuller*, do orfanato, de quem secretamente sentia saudades.

Os meninos Grabarek, Anselm e Wolfgang, eram ainda mais quietos do que a mãe, o que para Martin era ótimo, pois estava se cansando do tagarelar incessante de Fritz. E eles tinham habilidades de sobrevivência de verdade: como encontrar batatas esquecidas na colheita, como fazer armadilhas para coelhos, como mentir.

E sabiam partir lenha, o que era importante, agora que *Herr Muller* tinha ido embora.

Algo ruim tinha acontecido na noite que os russos tinham matado o cavalo de *Herr Kellerman*. Algo tão terrível que ninguém nem ao menos perguntou o que era. Bem de manhãzinha, *Herr Muller* apareceu na porta da cozinha carregando a mãe de Martin. Ela parecia um bebê nos braços dele, os braços envoltos no pescoço e a cabeça caída. E coberta de sangue. Estava por toda parte — no cabelo, na blusa, até mesmo no rosto. Martin nunca tinha visto tanto sangue.

Por um momento, todos ficaram parados olhando — a visão era muito complexa para absorver de uma vez — e então Marianne começou a perguntar: *O que é isso? Onde você estava? Você está bem? Oh, meu Deus, meu bom*

Deus, Maria mãe de Deus... E as meninas começaram a gritar, e foi um caos até *Frau Grabarek* mandar as crianças voltarem para o porão.

Quando foram chamadas de volta, a mãe de Martin foi colocada em quarentena em seu quarto, *Herr Muller* tinha sumido, e não havia sinal das roupas ensanguentadas.

Nunca devemos falar sobre isso, Marianne dissera naquela noite, e todos estavam muito assustados para perguntar: *Sobre o quê?* Até mesmo Elisabeth.

No dia seguinte, os russos partiram. Um deles tinha desaparecido.

O líder deles veio ao castelo perguntar se tinham visto esse homem, e imóvel, escondido nas sombras, Martin ouviu *Frau Grabarek* dizer que sim, de fato, tinha visto. *Eu não consegui dormir e fiquei olhando pela janela, então à meia-noite vi um homem descendo a colina.* Martin foi o único que ouviu a conversa.

Nas próximas semanas, as crianças Von Lingenfels cochicharam sobre o que tinha acontecido, mas ficavam quietas na frente de Martin, a quem pareciam olhar com renovada pena. Era uma coisa digna de pena, aparentemente, ser filho de Benita. O sangue era dela? E por que estava lá fora e não no porão? Como *Herr Muller* a tinha encontrado? As perguntas corroíam Martin por dentro, mas ele não disse nada. As respostas não importavam. *Herr Muller* tinha salvado sua mãe. Martin tinha certeza. Mas então por que Marianne tinha dito a ele para não voltar mais?

Depois disso, Benita ficou lá em cima por duas semanas. Quando desceu, estava tão apreensiva e insegura quanto a tinham encontrado em Berlim. *Meu doce menino, meu querido menino*, ela dizia sem parar, agarrando Martin.

NA VÉSPERA DE NATAL, Marianne entregou às crianças pacotes enviados por *quakers* americanos. Cheios de coisas fabulosas: laranjas, escovas de dente, barras de chocolate, chicletes, uma lata de algo chamado queijo Kraft. Vinham junto com cartões de crianças americanas, escritos mão — e desenhos feitos com lápis de cera. O cartão de Martin tinha o desenho de um gato gordo marrom e branco com listras vermelhas e brancas. Estava escrito *Como um símbolo da boa vontade da nossa nação* e assinado por Amy (oito anos) e Roger (seis anos). Martin tentou imaginar Amy e Roger, e os lápis de cor que usaram para criar o cartão. Ele os imaginou usando roupas novinhas em folha, compradas em lojas, e sapatos novos de sola grossa, sem nenhuma parte gasta. Tinha certeza de que cada um possuía a própria bicicleta e deixava comida

sobrar no prato. Martin imaginou isso não com inveja, mas maravilhado — que coisa incrível ser americano!

— Fiquem com metade do conteúdo do pacote e então encontrem alguém para dividir a outra metade — Marianne instruiu. Eles só tinham recebidos esses presentes porque eram *Opfers*. Vítimas. Não havia o bastante para dividir com todas as crianças de Ehrenheim. E apesar de Marianne sentir desdém pelas pessoas da cidade, não gostava de injustiças.

Apenas Elisabeth teve coragem — ou a tolice — de protestar.

— Você acabou de perder metade da sua parte por causa disso — Marianne anunciou. — Mesmo assim, ainda tem mais do que a maioria das crianças alemãs.

Depois disso, ninguém mais reclamou.

E naquela tarde, enquanto Marianne visitava o campo para desalojados, Ania preparava o ensopado de Natal e Benita descansava, as crianças, com exceção de Fritz, que estava de cama com febre, embrulharam-se em mais camadas e roupas e andaram até Ehrenheim, para dividir as metades das barras de chocolate e os bastões de chiclete como se fossem os presentes dos Reis Magos.

— Vou comer o meu inteirinho — Elisabeth anunciou.

Porém Katarina pareceu tão chocada que Elisabeth foi forçada a retirar o que disse. Ela estava com 13 anos. Se não fosse pela guerra, disse, se não fosse por tudo isso, estaria aprendendo a tocar piano, lendo livros interessantes e indo para a escola de dança. Em vez disso, só tinha a Bíblia e dois volumes de Goethe para ler, que já tinha lido milhões de vezes. E só tinha o “irmão imbecil” para dançar com ela. Ela excluiu polidamente dessa reclamação Martin e os meninos Grabarek.

Katarina e Elisabeth decidiram se dirigir ao centro infantil do campo para desalojados, a fim de dividir os presentes. Elas o tinham visitado frequentemente com a mãe, agora voluntária do campo, e conheciam algumas crianças. Tomaram essa decisão certamente para agradar Marianne.

— Martin, quer vir conosco? — Katarina perguntou.

Martin negou. Ele iria com Anselm e Wolfgang. Já tinha passado tempo demais com as meninas, que estavam sempre tagarelando, se preocupando com as coisas e implicando uma com a outra. Os Grabarek, por outro lado, eram quietos e sábios. Partilhavam uma linguagem de olhares e acenos, com a

qual se comunicavam. Conseguiram atravessar os campos chutando uma pedra para lá e para cá, inventando um jogo com ela sem nem ao menos determinar as regras. Martin admirava o autocontrole deles. *Dois peixes fora d'água*, Frau Vortmuller diria, não julgando, mas observando. Martin tinha granjeado a confiança deles pelo próprio silêncio e habilidade de assimilar. Depois disso, eles lhe contaram coisas sobre sua jornada ao oeste — sobre encontrar caminhos alternativos, contornando postos de controle da SS, sobre dormir em frias florestas polonesas. Sobre escapar de um abrigo antiaéreo quente demais, na noite do famoso bombardeio em Dresden — sobre o fogo nas ruas e as árvores iluminadas como tochas dançantes, os bancos da calçada derretendo com o calor. *Como era antes, quando vocês viviam no leste?*, ele perguntara uma vez, mas os meninos ficaram em silêncio. Ele não perguntou de novo.

Na véspera de Natal, a cidade estava quieta. Geralmente havia grupos de moradores locais cavando, nivelando e limpando os entulhos da fábrica de porcelana que a RAF tinha bombardeado por engano, confundido com uma fábrica de armamentos, mas os americanos tinham dado o dia de folga a todos. Na ausência do barulho e estrondos da reconstrução, Martin pôde ouvir sons diferentes, mais comuns: o choro de um bebê, uma porta abrindo e fechando, o ruído de uma calha ao vento, e um bando inteiro pássaros destemidos e enérgicos, piando furiosamente nos galhos de uma árvore desfolhada.

Martin seguiu os Grabarek sem perguntar para onde iam. Ele faria o que eles fizessem — era algo certo, porém não declarado entre eles. Wolfgang era o líder. Era mais jovem que Anselm, só que mais forte e corajoso. Eles só aceitaram Martin porque ele não tentou controlar suas atividades e forçá-los a brincar como Fritz fazia. Quando estavam todos juntos, Martin era a ponte.

Eles passaram pela igreja, pela cisterna congelada do moinho e pela fábrica bombardeada, atravessaram a praça da cidade, com seus letreiros emplastrados de pôsteres americanos. Um deles dizia: ESSES ATOS VERGONHOSOS SÃO CULPA SUA, e trazia fotografias de cadáveres nus e macilentos, empilhados como gravetos. Em outro, um menino olhava para a câmera, agachado detrás de uma cerca de arame farpado, o esqueleto visível através da pele.

Os garotos passaram pelos pôsteres sem olhar. Já tinham visto. Quando pregaram os pôsteres, Marianne os tinha feito sair do castelo para vê-los. *Isso é o que Hitler e seu povo fizeram. Não deixe ninguém dizer a vocês que a morte dele foi uma tragédia.* Katarina começou a chorar e as pessoas que andavam na praça lançaram olhares penetrantes em sua direção. Você não deveria parar e olhar, Martin percebeu. Parar e olhar significava admitir a culpa. CULPA SUA, o letreiro dizia. A culpa era “sua” se estivesse lendo.

Só que Martin queria olhar para as fotografias horrendas. *Propaganda*, o povo de Ehrenheim dizia, mas Martin acreditava em Marianne. Nas imagens, via a grandeza e o perigo de um mundo além do que conhecia — uma ameaça e um horror ainda maiores do que tinha vivenciado. O menino na fotografia olhava para ele como se o visse através do gelo de um lago congelado. Era como se Martin estivesse pisando em cima dele.

Contudo, hoje seguia os passos acelerados de Anselm e Wolfgang. Eles continuaram andando até o outro lado da cidade, descendo as estreitas passagens para pedestre, passando por fileiras de belas propriedades outrora pertencentes aos mais distintos nazistas de Ehrenheim, agora desapropriadas para abrigar campos de desalojados. E finalmente saíram da cidade. O céu se estendia sobre eles, tão frio e cinza quanto o ventre de um peixe morto. Seguiram pela estrada através de prados congelados, na sombra de íngremes picos montanhosos, cobertos de neve. Estavam indo em direção ao oeste, em direção à zona francesa. A fronteira não era longe. Por fim, Martin compreendeu: estavam indo até o campo francês para prisioneiros de guerra alemães.

— *Qu'est-ce que vous voulez?* — um guarda francês perguntou quando chegaram no portão.

O campo ficava alojado numa espécie de quartel militar — uma coleção de prédios baixos com uma cerca de arame em volta. Wolfgang respondeu em alemão:

— Viemos ver nosso pai.

Martin olhou para ele, confuso. NÃO SÃO PERMITIDAS VISITAS, EXCETO DE FAMILIARES, dizia o cartaz.

— A área de convivência é para lá. — O guarda fez um gesto e apontou para um trecho da cerca à direita.

Várias pessoas, em sua maioria mulheres e crianças, esperavam com presentes: cigarros, batatas, toucinho, carne de porco salgada — tudo embalado em pacotes pequenos para passar entre as cercas. Os prisioneiros faziam fila do outro lado da cerca.

— Quem estão procurando? — perguntou um prisioneiro magro, de pescoço comprido, usando um uniforme esfarrapado da Gestapo com as insígnias arrancadas.

— Franz Muller — respondeu Wolfgang, olhando de relance para Anselm.

Martin sentiu-se invadido por uma mistura de embaraço e nervosismo. Não viam *Herr Muller* desde o incidente com os russos.

O homem de pescoço comprido gritou o nome sobre o ombro, que foi passado de boca em boca pelos homens da fila até desaparecer dentro do quartel.

Então eles esperaram, ocupando um pequeno pedaço da cerca. Do outro lado, pequenos grupos de prisioneiros andavam com as mãos enterradas nos bolsos, a respiração escapando e formando nuvens no ar. Outros ficavam encostados contra o prédio, apesar do frio, os bonés enfiados até os olhos. E então, quase miraculosamente, Franz Muller apareceu e andou até eles, o rosto amplo e impassível parecendo surpreso. Era estranho vê-lo ali, entre aquela triste amostra de homens. Por trás do arame farpado, era mais intimidante do que quando cortava árvores na floresta. Martin olhou de esguelha para Anselm e Wolfgang. Mas, para sua surpresa, eles não olhavam para Muller, pareciam procurar outra pessoa.

— Aqui — Martin falou primeiro. — Trouxemos isso para você. — Com dedos enregelados, ele passou pela cerca metade da sua barra de chocolate e da lata de queijo.

— Para mim? — *Herr Muller* perguntou, analisando o rosto de cada menino.

Martin assentiu.

— Suas mães sabem que vocês estão aqui?

Martin negou com a cabeça.

— Ah. — Muller pareceu considerar essa informação. — É muito gentil da sua parte.

Os meninos batiam os pés no chão para se esquentarem.

— Você conheceu alguém chamado Brandt? — Wolfgang perguntou, e pareceu ligeiramente sem fôlego, como se deixasse as palavras escaparem de repente.

Muller franziu a testa.

— Creio que não. De onde ele é?

Os Grabarek trocaram outro olhar.

— De Warthegau — Anselm respondeu, dessa vez.

Muller balançou a cabeça.

— Seu pai? — Martin perguntou, incapaz de se controlar.

— Não — Wolfgang respondeu, com uma voz dura. — Nosso pai morreu.

Quem, então?, Martin quis perguntar, mas se conteve.

Muller os observou em silêncio.

— Bom, obrigado — disse ele, por fim. — Cuidem-se bem. E tomem conta das suas mães. E não venham mais aqui.

A IGREJA CATÓLICA de Ehrenheim ofereceu uma missa aberta no dia de Natal, e todos os habitantes de Burg Lingenfels desceram a colina caminhando, apesar do frio. Não importava que, fora a mãe de Martin, todos fossem protestantes.

— Catolicismo, protestantismo, judaísmo: é tudo bobagem — Marianne respondeu, quando Elisabeth apontou esse fato. — Essas divisões não acrescentam nada, a não ser sofrimento. — Aparentemente sua própria e recém-descoberta religiosidade era um caso à parte.

Essa noite, porém, era diferente. O serviço religioso era aberto a todos, e teria a orquestra de Ehrenheim se apresentando junta pela primeira vez em anos.

— Eles são muito bons — Marianne cedeu. — O maestro estudou em Berlim quando jovem. Ninguém imaginou que ele voltaria.

Até a mãe dele, que nunca saía do castelo no frio, se embrulhou num velho casaco de peles de Marianne e desceu com eles a colina iluminada pelo luar. Foram andando pelas ruas até chegarem à famosa escadaria da igreja — um alto e sinuoso pináculo feito com telhas finas de madeira, construído centenas de anos atrás para apontar diretamente para o céu, mas que, em vez disso, devido a alguma falha na construção, se curvava levemente para o sul. *Como a*

alma alemã, Marianne zombava. *Ansiando pelo céu, mas indo em direção ao inferno.*

A cidade inteira parecia vestida de acordo com a ocasião, agrupando-se nos degraus da igreja não bombardeada envoltos em seus casacos e cobertores mais quentes, acenando cumprimentos. A maioria eram mulheres, crianças e idosos, mas havia também alguns homens, já que os soldados alemães estavam voltando para casa, mancando, deixando gradualmente os hospitais, os campos de combatentes inimigos e outros lugares.

Dentro da igreja, havia um ar solene, porém festivo. As pessoas carregavam lanternas e velas de sebo — um bem precioso naqueles tempos —, e as sombras das chamas pulavam e dançavam pelas vigas. Elas lembravam a Martin uma ilustração da Bíblia de *Frau Vortmuller*: os espíritos dos condenados queimando no inferno. Por trás das sombras, os afrescos desbotados das paredes irrompiam, iluminados: o manto de São Paulo; as pernas nuas e ensanguentadas de Jesus; o rosto severo e descarnado de um anjo, que Martin ficaria aterrorizado se encontrasse na vida real. Havia um buraco recortado no lugar da janela alta — estilhaços de bomba — e lá fora o céu escuro era salpicado por brilhantes estrelas inverniais.

E então começou a missa — uma experiência totalmente exótica para Martin, que tinha ido à igreja apenas algumas vezes na vida, mas nunca numa católica. Havia muitas cantorias em latim, o cheiro de incenso queimando e preces ininteligíveis. O piso e as paredes de pedra ampliavam o frio, e o hálito de Martin congelava tão logo ele abria a boca. O padre subiu lentamente ao púlpito e depois falou. Ele era velho e sua voz ecoava confusamente:

— Para nossa celebração da festa de Cristo Rei. Este é um momento de reflexão sobre nosso Deus crucificado, e uma oportunidade de imitar sua atitude de humildade...

As pessoas tossiam e se remexiam em seus assentos. Martin olhou de relance para sua família, se é que poderiam ser chamados assim. Marianne estava sentada imóvel e ereta, com um sulco na testa, prestando atenção em cada palavra. Ao lado dela, o olhar de Elisabeth vagava pela congregação, fazendo um inventário de quem estava presente. Katarina se encostava na irmã, em busca de calor. E Fritz, inclinando a cabeça em aparente concentração, arranhava uma risca do tecido grosso da calça. Os meninos Grabarek, muito juntos, ombro com ombro, as cabeças morenas quase

idênticas, eram os dois uma só ilha, e trocavam algo entre si. Um bilhete? Uma pedrinha? Impossível dizer. Ania estava insondável como sempre, os olhos fixos no padre, mas com outra coisa na cabeça. A mãe de Martin estava sentada ao lado dele. De todos, ela é que parecia mais absorvida, olhando para o pedaço de céu emoldurado pela janela quebrada, os lábios entreabertos, olhos meigos — como uma mulher que estivesse face a face com um Deus benevolente. Martin chegou mais perto e pegou na mão dela. Ela o olhou, surpresa, como se o visse pela primeira vez. Mas o sorriso que veio depois era como um raio de sol num campo escuro. E imediatamente Martin se sentiu aliviado, em vez de assustado, com sua capacidade de alegrá-la.

Quando o padre terminou, um senso palpável de alívio passou pela multidão. Suas palavras não trouxeram paz a ninguém: *penitência*, *perdão*, *justiça*, *pecado*, essas abstrações ainda eram tão frágeis quanto papel, e não poderiam começar a atender as realidades diárias de suas vidas.

Então os músicos da orquestra sentaram em seus lugares, cadeiras trazidas de suas próprias casas, e começaram a afinar os instrumentos. Onde tinham conseguido escondê-los todo nos últimos anos? Parecia um milagre que a guerra houvesse poupado algo tão delicado como uma harpa ou violino. Quando todos estavam prontos, a igreja fez silêncio. As formas empacotadas no palco se sentaram elegantes, com os arcos levantados e a respiração suspensa. E o maestro, um homem baixo usando um maltratado chapéu de feltro, ergueu a batuta. O silêncio se intensificou, um silêncio faminto. As pessoas vieram por causa disso. Para ouvir música. Fazia tanto tempo.

O maestro levantou alto a batuta e imediatamente a orquestra toda, em uníssono, mergulhou. A música, a “Nona Sinfonia” de Beethoven, começou com uma explosão: violinos, clarins, uma explosão alta o bastante para varrer todo o pensamento e a preocupação da mente. Ela evocava a guerra — passos retumbantes, o ronco dos tanques, os berros e estalos dos aviões sobrevoando, uma bomba estourando. A plateia se endireitou, atenta, agarrando-se a suas cadeiras. Algo pequeno e suave poderia deixá-los desorientados. Qualquer gentileza, e começariam a chorar e nunca mais parar. Estavam ali, mas não eram fortes. Fariam qualquer coisa para se proteger da tristeza.

Martin foi arrebatado pelo som — ele não mais era feito de sangue e ossos, tinha os pés congelados e a barriga roncando, era um recipiente vazio que ia se enchendo de notas, era conduzido por algo maior, mais antigo e permanente

do que ele mesmo. Essa música foi tocada e ouvida muito antes disso, e seria novamente, não apenas naquela igreja, mas em vários lugares do mundo, por pessoas vivendo em diferentes circunstâncias e diferentes épocas. Esses músicos e essa plateia específicos, por um instante fugaz, foram levados pelas suas notas.

Quando acabou, ninguém disse nada. Os aplausos morreram, e a igreja mais uma vez ficou congestionada com o frio e com a confusão das pessoas que se misturavam. Com os dedos duros de frio, um dos violinistas deixou cair seu arco. Um pingente de ranho pendia do nariz do maestro.

Porém, saindo da igreja, eles acharam que a noite estava mais escura, as estrelas mais brilhantes, o contorno da grade, o teto e o caminho, mais claros e belos — e que o rosto das pessoas pareceram estranhamente expostos. No futuro, Martin iria se lembrar dessa noite como a primeira vez — e uma das únicas — que viu alemães chorando em público, não por saberem que um ente querido morreu, por verem seu lar bombardeado ou por sentirem dor física, mas por causa de uma emoção espontânea. Nesse breve momento, não estavam se escondendo uns dos outros, usando máscaras de frieza e de indiferença pragmática. A música mexeu com os sedimentos mais insensíveis das memórias, roçou em camadas de horror e vergonha, e ofereceu um raro consolo para a raiva, a mágoa e a culpa que sentiam.

Anos depois, como professor, Martin tentaria encontrar palavras para articular o poder da união num mundo onde a união havia sido corrompida — e explorar o efeito da música, as distâncias surpreendentes que as pessoas percorreram para ouvi-la e para tocá-la como uma evidência de que a música e a arte são, no geral, necessidades básicas da alma humana. Não um luxo, mas uma compulsão. Ele iria pensar nisso toda vez que fosse a um museu, um concerto ou uma peça e visse longas filas de pessoas esperando para entrar.

Nesse momento, contudo, simplesmente flutuou com ela.

A caminhada de volta para casa foi mágica. Ninguém estava taciturno. Pois nessa noite de Natal foram elevados pelas particularidades que os condenavam em suas próprias vidas e convidados a ser uma pequena parte da eternidade.

[18.](#) Biscoito natalinos cortados em formato de estrela (N.T.).

[19.](#) Pão alemão de Natal, parecido com o panetone (N.T.).

PARTE II

TOLLINGEN, MAIO DE 1950

Benita adorou o apartamento para o qual ela e Marianne se mudaram em Tollingen, praticamente uma cidade em comparação com Ehrenheim. Ficava na frente da praça principal, em um gracioso prédio da virada do século, que de alguma maneira permaneceu intocado pela guerra. Agora pertencia a um empresário dinamarquês, que mandou polir os assoalhos cor de mel, atualmente reluzentes e encerados, cobrir com gesso as marcas de bombardeio da fachada, e depois alugou os apartamentos para os cidadãos mais prósperos. O apartamento era iluminado e espaçoso, e tinha um ar de elegância aristocrática que um dia Benita imaginara para si mesma.

Tollingen voltou à vida após a guerra. Depois de anos de fome e escassez, as lojas novamente exibiam agulhas de costura, caixas de fósforo, laranjas e sapatos elegantes. A vitrine da padaria expunha vários tipos de pães recém-assados. As prateleiras das farmácias estavam abastecidas de cosméticos e remédios.

Ah, mas como nós, alemães, sabemos trabalhar, não é mesmo?, Marianne gostava de dizer quando via essa recente abundância. *Nos dê uma tarefa e vamos cumpri-la... sem perder tempo olhando para trás.* Ela dizia isso com uma secura bem característica, como se essa disposição fosse realmente um defeito que condenasse nos compatriotas. Benita não entendia. Sim, os alemães trabalhavam duro! Sim, não olhavam para trás! Dadas as circunstâncias, por que olhariam? E, de qualquer forma, Marianne também não era alemã?

Porém, bem no fundo, havia uma parte sua que compreendia o desprezo de Marianne pela indústria alemã. Sua própria indolência sonhadora sempre parecera a Benita uma falha moral, e lá estava Marianne, alguém que trabalhava duro e era um exemplo moral em todos os sentidos fazendo justamente o contrário: imbuindo uma espécie de virtude em sua preguiça e excesso de imaginação.

Nessa manhã em particular, Benita, Marianne e as crianças — Elisabeth, agora com 18 anos; Katarina, 16; Fritz, 13; e Martin, com 11 anos, mas ainda

seu eterno bebê — estavam indo para o casamento de Ania. Ela iria se casar com Carsten Kellerman, um noivo que agradou Marianne, mas deixou Benita deprimida. Pobre Ania! Ela, que era trinta anos mais moça que Kellerman, teria que se deitar ao lado dele para o resto da vida, vendo aquele pé torto e respirando o bafo fedorento de repolho e dente podre. É isso que você quer?, perguntara a Ania ao ouvir notícia. É claro, Ania respondera. *Carsten é um bom homem, e meus meninos podem ajudá-lo com a fazenda*. O “podem ajudá-lo”, Benita entendeu como um eufemismo para “herdar”. *Herr* Kellerman não tinha filhos e Ania Grabarek era uma mulher pragmática. Iria se casar para dar um futuro decente para os filhos.

Marianne, porém, ficou muito feliz pelo casal. *Herr* Kellerman era um vizinho leal e o zelador de Burg Lingenfels desde que ela pusera os pés no castelo pela primeira vez. E, além do mais, ele nunca tinha sido nazista, o que, na opinião de Marianne, automaticamente o tornava um bom homem. O fato de que era velho, taciturno e sem atrativos não tinha nenhuma importância para ela em comparação à sua lealdade e opiniões políticas.

No entusiasmo de Marianne, Benita detectava dois pesos e duas medidas. Marianne era uma casamenteira nata, especialmente com aqueles que levava embaixo da sua asa, o que se aplicava às duas mulheres. Mas suas expectativas eram muito mais altas em relação a um possível segundo casamento de Benita, expectativas que estendia aos membros do seu próprio círculo — por exemplo, sobreviventes ilustres da resistência, já vetados pelos *status* políticos e sociais. Então por que ela ficava satisfeita em ver Ania se casando com um camponês idoso? O marido de Ania também era um dos rebeldes. Pois era um polonês? Ou por causa da própria Ania? Afinal de contas, Benita era tão camponesa quanto Ania, e Marianne tinha deixado isso bem claro quando se conheceram. Qualquer que fosse a raiz do preconceito, Benita sabia que Marianne teria vergonha de admitir.

Às vezes, Benita ainda achava engraçado ela e Marianne serem colegas de apartamento. Isso lhe parecia tão impossível na noite da festa da condessa, tanto tempo antes. A Von Lingenfels e a camponesa, a bizarra dupla do castelo. Isso teria lhe provocado risos.

Ninguém mais vivia em Burg Lingenfels — era frio demais, grande demais e longe demais. E ainda não tinha água encanada e eletricidade. Marianne sempre detestou Ehrenheim; gostava da nova casa tanto quanto Benita. Era

mais perto do campo para refugiados, onde passava tantas horas, perto da estação de trem, e de fácil acesso para Munique. O novo prefeito da cidade era um velho amigo de Albrecht. E o apartamento era bem espaçoso. *Qual é o sentido de duas viúvas criando os filhos sozinhas?*, Marianne perguntara quando propôs a ideia. *As crianças são como irmãos agora, por que separá-las?* Havia a questão, implícita e não verbalizada, de que apesar de receberem uma indenização — finalmente — da pensão de Connie, Benita e Martin ainda dependiam da generosidade de Marianne. Se fossem deixados à própria sorte, estariam vivendo em algum novo bloco de apartamentos, desconfortável e feio, na periferia da cidade.

— Benita — Marianne chamou, pisando duro pela longa sala do apartamento com sua particular determinação, tão típica da sua personalidade. — Benita!

— Estou indo! — respondeu ela, gritando.

Benita dobrou a carta que estava relendo e a guardou rapidamente no pequeno baú de madeira. *O que é isso?*, Marianne perguntara quando vira pela primeira vez o bauzinho, achando que fosse uma daquelas caixas que as crianças usavam para guardar penas sujas ou borboletas mortas que coletavam pelo castelo. *Comprei no bazar de Natal*, Benita mentira. Marianne inclinara a cabeça, com ar crítico, mostrando certo espanto — era um baú esquisito, talhado em madeira bruta e sem pintura —, mas aceitara a explicação. Marianne não esperava bom senso de Benita, de qualquer forma. E Benita só quis o baú por um simples motivo: tinha tranca. Ela virara a chave e a escondera embaixo do espelho em sua cômoda.

Quando abriu a porta, Marianne estava vestindo algo que ela nunca vira: um vestido com fitas nas mangas e no pescoço. Era bonito, mas frívolo demais. Outro objeto ressuscitado do baú de Albrecht. Marianne era diligente com as roupas antigas. Não tinha qualquer vaidade ou noção de moda.

— Está pronta? — Marianne perguntou. — As crianças estão esperando no vestíbulo.

— Pronta — Benita repetiu. — Que lindo colar! — acrescentou, reparando nele pela primeira vez.

— Isso aqui? — Marianne olhou para baixo. — Fique com ele. — E o tirou do pescoço: uma flor-de-lis de prata com um pequeno inseto de ametista. — Pode usar. Vai ficar melhor em você. E, além disso — ela deu as costas a Benita

e completou, astutamente: — Helmut Kressing e sua irmã estarão lá. Ele sempre pergunta de você.

— Ah, não — Benita começou a dizer, mas Marianne calou os protestos.

Obediente, ela colocou o pingente. Não tentou explicar que Helmut Kressing nunca seria mais do que um conhecido. Ou que o colar não combinava com seu vestido. Era melhor ser bem discreta quando se tratava de desafiar os desejos de Marianne.

MARIANNE ESBANJOU DINHEIRO para a viagem até a fazenda de *Herr Kellerman* e alugou um carro com motorista. O ônibus para *Ehrenheim* era lento e precário — outro ponto negativo da cidade —, sem falar na caminhada do ponto de ônibus até a fazenda, muito longa para mulheres com sapatos domingueiros. Além disso, não era todo dia que iam a um casamento! À menor extravagância, Marianne começava a se justificar o tempo todo. Era algo admirável, mas cansativo. Se Benita possuísse os recursos financeiros de Marianne, iria aproveitá-los sem tanta culpa. A primeira coisa que compraria seria um automóvel. Havia uma nova concessionária Volkswagen no limite da cidade com um estacionamento cheio de lindos e arredondados “besouros”, como as pessoas os chamavam — filas e mais filas, brilhando ao sol, belos em sua similaridade. Hitler tinha prometido um carro a cada alemão. Benita sentiu uma onda de ódio por ele. Tinha enganado todo mundo com sua promessa de automóveis, empregos e respeito próprio. Connie estava certo em odiá-lo.

Connie gradualmente se tornou algo obscuro em sua mente. Não estava mais zangada. Na realidade, sentia-se envergonhada por ter ficado tão zangada. Ele fora infiel, é verdade, mas ela também tinha sido uma esposa difícil. Na última vez em que o vira, nem tinha olhado para ele. Agora sabia que ele tinha ido se despedir. Foi na noite anterior à tentativa de assassinato. Ela estava sentada na janela do apartamento com Martin dormindo na cama ao lado. Connie se ajoelhara e tentara pegar sua mão. *Me perdoe*, dissera. *Me perdoe por deixar você tão sozinha*. Mas ela puxou a mão. *Eu amo você*, Connie tinha dito. E ela nem olhara para ele.

No carro alugado, Elisabeth, agora em seu último ano na escola, discutia com a mãe sobre política. Adenauer, o novo chanceler, estava certo em erradicar a desnazificação, Elisabeth insistia; o processo de desnazificação

estava simplesmente transformando de novo os alemães em nacionalistas raivosos. Não, ele está errado, Marianne sustentava, a conveniência não poderia prevalecer sobre a busca por justiça. Benita não participava da discussão. Também não participava do jogo de adivinhação de Martin, Katarina e Fritz. Contemplava os campos verdes pela janela, as vacas, os vilarejos de telhado vermelho e as montanhas recortadas que surgiam frente a eles como uma fileira de dentes.

Quando chegaram na casa de Kellerman, não viram nenhum sinal de festa. Contudo, nos últimos anos a fazenda tinha passado por todo tipo de metamorfose. Havia um fedor pungente vindo do novo chiqueiro e um trator vermelho reluzente no estábulo onde Gilda costumava ficar. Sob os cuidados de Ania, a horta estava repleta de uma variedade de alimentos, muito além dos básicos batata, repolho e cenoura. Havia ervilhas, salsinha, alho-poró e até mesmo uma pequena groselheira. Ao longo da cerca, uma fileira de girassóis que balançavam suas cabeças desajeitadas. Quando Ania e seus filhos se mudaram para a fazenda como inquilinos, ela tinha assumido os cuidados com a horta no lugar do aluguel. *Bem, esse negócio de aluguel deu muito certo para Herr Kellerman*, brincara Elisabeth.

Benita, Marianne e as crianças saíram do carro e levaram com cuidado o serviço de jantar que Marianne trouxera: uma terrina branca com cabeças de leão; bandejas ornamentadas com rosas vermelhas e uma elegante poncheira de cristal com detalhes dourados, que tinha pertencido à avó de Albrecht.

— Eles não precisam de nada disso — Elisabeth resmungou. — *Frau Grabarek* só estava sendo gentil quando aceitou sua oferta.

— Não quero saber de má vontade — Marianne cortou, com um olhar incisivo que reduziu o argumento de Elisabeth a simples egoísmo. O que não era justo. Benita entendeu o que a garota quis dizer: Ania ficaria envergonhada em usar os objetos elegantes de Marianne. Ela não queria se destacar entre os convidados. Ania não gostava de chamar a atenção. Marianne não entendia.

— *Guten Tag, guten Tag* — Ania os saudou nervosamente.

Benita a beijou em ambas as bochechas, à maneira dos amigos de Connie da alta sociedade alemã, o que fez Ania corar. E, por um momento, seu rosto assumiu um ar de menina tímida. Benita apertou a sua mão.

— Parabéns! — Marianne disse, radiante, colocando a poncheira num lugar alto. — *Herr e Frau Kellerman!* — Eles já eram marido e mulher, tinham se

casado na prefeitura da cidade naquela manhã. A festa era uma simples celebração. — Diga-nos o que fazer — Marianne pediu, depositando a terrina na mesa de cozinha, onde pareceu completamente deslocada.

— Mas vocês estão tão bem-vestidos.

— Não seja boba. Você acha que não podemos arregaçar as mangas e trabalhar?

OS CONVIDADOS do casamento começaram a chegar por volta das quatro horas da tarde: fazendeiros vestidos com roupas sóbrias e moradores da cidade parecendo pombos em ternos marrons e cinzas. Traziam compotas de morango e velas de cera de abelha, bolos de carne, pedaços de pernil e delicadas tortas. Benita conhecia essas pessoas. Se a jogassem agora mesmo em Frühlingshausen — *Deus me livre!*, pensou — seria exatamente assim.

Eles se reuniram em volta da mesa da sala de estar, bebendo cerveja, vinho da região e a *Schnapps* de ameixa caseira de *Herr Kellerman*. Só então os rostos começaram a ganhar vida por trás das máscaras apáticas. Os homens afrouxavam as gravatas novas de poliéster, tiravam os paletós e acendiam cigarros. Era notável ver tantos homens reunidos num só lugar. Até mesmo os que tinham estado em lugares mais distantes haviam retornado dos vários campos para prisioneiros de guerra — mais magros, mais calvos, de olhares vazios e rostos impenetráveis. Benita abriu caminho entre os cômodos cheios de gente, acenando e murmurando cumprimentos, mas se mantendo à parte dos grupos reunidos.

Na sala de jantar, *Herr Fetzer*, o açougueiro, pegou o violino e logo uma música festiva invadiu o ambiente. Mesmo bêbados, os rapazes conversavam, reunidos em grupinhos inquietos. Viúvas, irmãs e mães tagarelavam nervosamente, enquanto ficavam de olho neles. Havia uma ameaça latente no ar. Quem iria arruinar a festa? Quem iria provocar confusão e arrumar briga?

Marianne estava sentada num canto com Helmut Kressing, seu mais recente alvo como casamenteira. Era um amigo viúvo de Albrecht que passou o último ano da guerra em Ravensbrück²⁰ por seu destaque na resistência. Pobre homem. Ele merecia mais do que ser arrastado a essa situação embaraçosa criada por Marianne. Benita nunca iria se casar com ele, mas certamente poderia sentar a seu lado.

Enquanto Benita atravessava a sala, um rapaz com um olhar selvagem a puxou para dançar de forma agressiva. Johannes Kraisler, um dos malucos. Benita ouviu falar nele: um garoto que sempre teve um parafuso solto. Ele se juntou à SA quando ainda estava na escola e recentemente voltara de um campo para prisioneiros de guerra na Sibéria.

Ainda bem que Martin era muito novo nessa época! Sim, a guerra tinha deixado cicatrizes no menino, mas não o corrompera. Ele nem ao menos tinha marchado com a Juventude Hitlerista. *Por que Hitler declarou guerra?*, ele perguntara outro dia, com rosto sério e questionador.

Os rodopios vigorosos de Johannes a deixaram enjoada.

— Com licença, por favor — disse ela, mas ele só fez apertá-la com mais força ainda. — Estou falando sério.

Ele sorriu e a empurrou até um canto, puxando seu braço de um jeito hostil, que a fez se encolher.

— Eu sei quem você é — sibilou ele no ouvido dela. — A esposa do traidor. — Ela sentiu o pênis duro contra sua perna, através da calça dele. — Conheço seu segredo.

Ela o encarou, assustada.

— Arrá! Está vendo? Não sou tão idiota quanto você pensa!

— Não tenho segredos — retrucou ela, mas sentiu o coração ansioso, um sentimento de abandono.

— Vocês, as mulheres do castelo, acham que são melhores do que todo mundo — disse ele, com uma risada seca. — Mas eu sinto cheiro de uma boa boceta de longe.

— Ah. — Benita relaxou. — Vá sonhando.

Com uma rápida cotovelada na costela do rapaz, conseguiu se soltar dos braços dele. Mas agora não poderia se sentar com Marianne e *Herr Kressing*. Precisava se recompor.

Benita passou pelos casais que dançavam e saiu para o pátio atrás da casa. Era tão horrível. A paz e fartura desse momento que viviam era como uma colcha fina, espalhada em cima de um monte de merda. Ninguém era inocente. O prisioneiro russo da floresta surgiu em sua mente: o som inumano que fez quando ela o golpeou, o ar saindo da garganta cortada. Ele era seu monte de merda particular.

Ela se endireitou, afastando o cabelo do rosto. Acima dela, a lua brilhava, alta e redonda, cobrindo o jovem trigo que florescia com um manto prateado. O tempo estava fresco, ligeiramente úmido, e o ar cheirava a rosas e porcos.

Um movimento chamou sua atenção — uma figura na entrada do celeiro. Não, duas figuras juntas, inclinadas, de mãos dadas, brancas contra a escuridão, namorados procurando um lugar tranquilo. Era incrível que isso ainda existisse. Ela pensou no seu amor. E na carta que tinha guardado no bauzinho de madeira.

Sem ela, estaria perdida.

[20.](#) Campo de concentração (N.T.).

EHRENHEIM, MAIO DE 1950

Ania vistoriava a festa sentada na ponta da grande mesa, que Wolfgang montou com tábuas do velho palheiro. Havia vários primos, vizinhos e velhos amigos de Carsten esperando na fila para apertar sua mão e oferecer felicitações à maneira formal das cidades do interior. Além de Marianne, Benita e as crianças, não havia mais ninguém do lado de Ania. Não há mesmo ninguém da sua família?, Carsten pressionara. *Alguma tia ou tio? Amigos de infância?* Ania se mantivera firme. *Minha família está morta. Meus amigos, perdidos.* É só uma festa, ela o tranquilizara. *Tenho meus filhos.* Esta última parte era verdade. Era a única coisa que importava, as outras lhe eram indiferentes. O casamento era para eles, embora não visse os meninos desde o começo da festa. Wolfgang provavelmente estava em algum lugar lá fora, jogando futebol com os colegas de escola, os sapatos novos e ainda não laceados largados num canto. E Anselm — o tímido Anselm — talvez estivesse enfiado no quarto, estudando. Algum dia, Wolfgang iria herdar a fazenda. Pelas velhas leis alemãs, teria que ser Anselm, mais velho, mas este queria ir para a universidade e se tornar cientista.

— *Herr e Frau Kellerman* — disse um velho (o pai idoso da costureira da cidade, um renomado pervertido), colocando seu boné e sorrindo amplamente. — Ser casado é estar mais próximo do paraíso — completou, com uma gota de saliva brilhando no canto da boca.

E isso ainda era espirituoso, vindo de *Herr Betz*. A cidade era governada pelo fingimento. Ninguém lá exigia a verdade. E Ania podia viver com isso. Para eles, ela era simplesmente mais uma refugiada do leste, uma das pessoas desesperadas que foram forçados a abrigar em suas casas, cujos filhos foram obrigados a aceitar nas escolas, uma pessoa que apenas suportavam, com sua grande cruz alemã a carregar. E agora era a esposa de Carsten Kellerman. Eles não queriam cavar sua história a fundo.

Deus os abençoe, que Deus os proteja... Os convidados se aproximavam com presentes e piedade. Agora que Hitler se fora, todos voltaram a ser católicos

fervorosos. Mas quem era Ania para julgá-los? Ela apertava as mãos, inclinava a cabeça e agradecia.

— Que festa adorável — disse Marianne, subitamente a seu lado.

Ania sorriu, feliz de ver a amiga. Marianne era muito mais alta e ossuda que as donas de casa de Ehrenheim, e parecia deslocada no vestido elegante. Também parecia deslocada como convidada. Ficava bem mais à vontade quando estava no comando — andando pelo campo para refugiados com cobertores doados, conduzindo entrevistas ou ditando cartas para Ania datilografar.

— Não se levantem — Marianne pediu. — Vocês são o rei e a rainha da festa. Devem ficar em seus tronos. *Herr Kellerman* — ela se virou para Carsten —, você se superou.

Carsten não estava acostumado com esse tipo de linguagem.

— Amável senhora — balbuciou —, é uma honra tê-la aqui.

— A honra é toda nossa — Marianne disse, assumindo uma voz mais formal, a que usava para transpor barreiras sociais.

— Você vai levar um pouco da comida para casa, Marianne? — Ania começou a dizer, e então parou quando viu um homem baixo e de rosto redondo se aproximar com uma câmera na mão: *Herr Brenner*. Nessa altura da noite, ela achou que ele não iria aparecer, que estava segura.

— *Frau Grabarek!* — *Herr Brenner* gritou, e depois parou. — Não... *Frau e Herr Kellerman*. — Ele tirou o boné e se curvou teatralmente numa reverência. — Perdão pelo atraso. Mas eu tenho uma desculpa. — Ele procurou algo no bolso de trás da calça. — Minha nova máquina com *flash*! Quando revelarmos a fotografia você irá parecer tão linda e radiante como à luz do dia, mesmo que já seja tarde da noite.

Ania empalideceu. Foi ideia de Carsten tirar uma fotografia acompanhando o anúncio do noivado. Ania protestou. Mas ele já tinha se decidido. No desejo de registrar o casamento, ela viu no marido um traço escondido de vaidade, um desejo de mostrar ao mundo sua nova vida.

— Aqui é um bom lugar — *Herr Brenner* disse, piscando, enquanto ajustava a câmera e acionava o *flash*. Era um homenzinho insidioso, ex-editor de fotografia do jornal nazista local, e famoso por seu extenso catálogo de “retratos raciais”, embora, é claro, ninguém mais falasse sobre isso. Ania se remexeu na cadeira, desconfortável.

— Primeiro, algumas fotografias casuais — *Herr* Brenner disse, erguendo a caixa preta até o olho.

Ania piscou e a câmera espocou. A seu lado, ela sentiu Carsten pular da cadeira. Os convidados começaram a se juntar em volta, e o violinista parou de tocar.

A câmera espocou de novo e Ania agarrou a cadeira, com medo de cair.

— Agora uma de pé... aqui — *Herr* Brenner ordenou, apontando a câmera para o círculo de convidados e tirando algumas fotos instantâneas. Vários homens se assustaram e recuaram.

— Parece um interrogatório — alguém grunhiu.

Ania tentou sorrir.

— Prontos? — Brenner perguntou.

— Com certeza! — Carsten respondeu, surpreendentemente enérgico.

Então eles ficaram de pé contra a parede, lado a lado, como vítimas de uma execução, presos eternamente pelo *flash*.

TOLLINGEN, MAIO DE 1950

Então começaria um novo capítulo. Era essa sensação de felicidade que Marianne sentia após o casamento de Ania. Ver a amiga casada com um homem decente, um alemão decente (quase uma espécie extinta!) era algo esperançoso. Sua querida Ania — a leal companheira, presença reconfortante, um enigma perpétuo — iria começar uma nova vida.

Contudo, para ser sincera consigo mesma, Marianne também sentia uma pontada de tristeza. Era o fim do companheirismo das duas. Nos últimos anos, ela e Ania tinham se candidatado como voluntárias para trabalhar no campo de refugiados local. Até agora, duzentos mil refugiados continuavam em campos alemães. Mas Carsten precisava de Ania na fazenda. Qualquer um podia ver que esse era um dos motivos pelos quais se casou. Estava envelhecendo e Ania ainda era forte. Ela teria que trabalhar como uma mula. E não teria mais tempo para os projetos, planos e listas de Marianne, que, por sua vez, não teria mais ninguém para rebater suas ideias, datilografar suas cartas, ajudá-la a classificar as prateleiras de livros da biblioteca.

Hoje haveria uma festa de despedida, organizada por Marianne, para os últimos refugiados do campo — um grupo de judeus da Estônia. Esse era o campo em que Ania e seus filhos tinham morado inicialmente, e que se transformou, nos últimos anos, em um campo para sobreviventes judeus. No começo todos se misturaram: colaboradores nazistas foram jogados nos mesmos dormitórios que nacionalistas poloneses, ciganos e judeus. Guardas de campos de concentração com ex-prisioneiros. Graças a Deus mudaram isso.

No último ano, Marianne tinha preenchido tantos formulários em nome dos estonianos que daria para encher um navio. E seus esforços finalmente foram recompensados. Receberam autorização para entrar nos Estados Unidos.

Signor Carfolo, da Organização Internacional de Refugiados, oficial responsável pelo campo, tinha sido cético a respeito da festa — *Dar uma festa... para os últimos refugiados, derradeiros sobreviventes de uma pequena comunidade, a*

fim de celebrar uma experiência tão traumática? O homem não era muito italiano, pelo visto. Mas Marianne sabia que se planejasse direito a festa, até ele iria gostar.

Era a primeira terça-feira após o casamento de Ania: um dia frio, com possível tempestade. Marianne esperou no portão principal do campo por Ania e Benita, que relutantemente concordou em ajudar a preparar a festa. O lugar parecia desolador — os pavilhões vazios, exceto pelo prédio em que moravam os estonianos, a estação de despiolhamento fechada há tempos e os fogões industriais, que aliás, já iam tarde, substituídos por *kitchenettes*. Mas hoje, enquanto esperava de pé, em silêncio, sentiu falta da velha movimentação e da agitação incessante. Era uma manifestação física da guerra, uma evidência do que aconteceu. E agora seria apagada. Com a partida desses últimos refugiados, o campo seria demolido e em seu lugar iriam construir um moderno prédio de apartamentos.

O que você acha disso tudo?, perguntaria a Albrecht. E a Connie. Connie ficaria especialmente enojado pela proposta. Afinal, antes do campo para refugiados o lugar tinha abrigado quartéis da *Wehrmacht* e um campo de treinamento. *Deveriam queimar tudo e erigir um terrível monumento*, ele iria declarar. Connie nunca foi uma pessoa pragmática.

Você não é um verdadeiro alemão, Marianne sempre o provocava por causa disso. Ele era um romântico e idealista.

Quando seus pensamentos estavam começando a deixá-la taciturna, Marianne viu Ania chegando com *Herr* Kellerman. Dois novos belos cavalos puxavam a carroça, mas a carroça em si era a mesma de sempre, na qual Marianne e seus filhos o viram pela primeira vez, tantos anos atrás.

— Você vai participar da festa conosco? — Marianne perguntou, enquanto ele ajudava a descarregar a comida.

— Nah. — Kellerman balançou a cabeça com um sorriso encabulado, mas não disse o motivo.

— Que banquete você preparou! — Marianne exclamou, vendo os dois bolos que a amiga tinha assado. Havia um pote enorme de salsichas, pão e também queijo. Ania sempre soube como alimentar um grande grupo de pessoas. *Onde você aprendeu a cozinhar para tanta gente?*, Marianne perguntara uma vez. É só um instinto, fora a resposta de Ania.

— Vamos levar tudo para a biblioteca — Marianne disse. — A sala de jantar é muito escura para uma festa. Independente do que o *Signor* Carfolo diga. Afinal — ela se virou para Ania, astutamente —, a biblioteca é nossa, não é?

A biblioteca não era nada elegante, apenas um grande cômodo com prateleiras para livros e uma mesa confortável com cadeiras. Mas tinha sido ideia de Marianne, e ela estava certa: foi um grande sucesso. Os moradores do campo liam com prazer os livros. E a própria Marianne tinha coletado e organizado os volumes.

Quando Marianne e Ania se aproximaram, algumas crianças correram em direção a elas — Aarne Alver, Lev Pulvel, Janna e Eha Masing. As duas últimas eram gêmeas adoráveis, de bochechas rosadas, nascidas no próprio campo, membras de um *baby boom* surpreendentemente tranquilo naqueles tempos de paz.

— Você trouxe coisas para a festa? — Lev perguntou, em seu inglês quase perfeito.

— *Kuchen*²¹? — Eha perguntou, pulando de empolgação. Era uma palavra alemã que todas as crianças tinham aprendido, com ou sem aprovação dos pais.

— Sim, temos bolo — Marianne disse, em inglês, em consideração à mãe dela, Jutta, parada à porta do apartamento. — E muita sopa de espinafre. — As crianças berraram e guincharam, simulando horror. Sopa de espinafre era tudo o que eles comiam no café da manhã, almoço e jantar durante os primeiros anos de campo.

— *Süssigkeiten*? — Janna puxou a saia de Ania. *Doces*? As crianças adoravam Ania, que falava pouco inglês e nada de estoniano, mas que de alguma forma sempre parecia compreender o que elas queriam. Na presença dessas crianças, Marianne a viu sorrir com mais frequência do que com os próprios filhos.

Ania cuidou pessoalmente de algumas crianças desde que eram recém-nascidas. Quando a administração do campo colocou um anúncio na cidade procurando mulheres da região que pudessem servir de babás para bebês cujas mães estavam doentes ou traumatizadas demais após a guerra, Marianne tinha convencido Ania a se candidatar. E Ania tinha se mostrado uma babá paciente e hábil. Ela envolvia os bebês em velhos cobertores do exército, os convencia a engolir a água vitaminada e açucarada em conta-gotas. Seu silêncio deixava as

famílias à vontade. *Você é tão boa nisso!*, Marianne um dia observara, e ficara surpresa ao ver lágrimas brotando dos olhos da amiga.

— Vamos preparar a festa e depois chamamos vocês — Marianne disse às crianças.

Ela apontou em direção à habitação onde estava Jutta, que acenou. Ela parecia tão forte e alta, tão diferente da figura mirrada que tinha conhecido. Marianne acenou de volta, perplexa com as lágrimas que brotavam dos próprios olhos. Todos os homens da família de Jutta estavam mortos: executados por um *Einsatzgruppen*²² de Hitler.

— E agora — anunciou, quando entraram na biblioteca —, devemos criar uma linda festa de despedida.

A FESTA ESTAVA pronta para começar quando Benita entrou pela porta.

— Aí estão vocês! — exclamou ela, as bochechas coradas. — Nunca consigo me achar nesse lugar!

Ela parecia particularmente adorável naquela manhã — e a alegria que exalava era contagiante.

— Ania — disse Benita, radiante —, como está essa nova vida de casada?

— Não tão diferente de antes. — Ania deu de ombros,

— Ah, claro — Benita disse, com uma piscadela. Para surpresa de Marianne, a outra mulher não corou.

— Os homens sempre querem a mesma coisa — disse Ania modestamente, e ambas riram.

Marianne se ocupou com a toalha de mesa.

— Marianne, você ficou escandalizada — Benita disse. A combinação do bom humor com a presença de Ania a deixou atrevida.

— Eu? — Marianne perguntou, embora fosse verdade. Ela nunca tinha gracejado assim com Ania ou com Benita.

— É claro! — Benita sorriu maliciosa. — Ania é que não pode ser.

— Não tenha tanta certeza — Ania disse, surpreendendo Marianne com uma risada, quebrando seu habitual ar de seriedade.

— Isso eu gostaria de ver — Benita comentou. — *Frau* Kellerman ficando escandalizada.

A risada das duas foi se dissipando até restar um silêncio confortável. Do lado de fora, podiam ouvir as crianças brincando. Com a toalha e a comida na

mesa, a biblioteca assumiu uma aparência festiva.

— Estava quase me esquecendo! — exclamou Benita. — Trouxe *Eiswein*²³ para nós! — Ela remexeu na bolsa e ergueu uma garrafa. — *Herr Reiner* disse que esse é o melhor.

Benita abriu a garrafa e encheu três taças.

— A vocês. E a todo o trabalho que tiveram para colocar esse lugar em ordem.

— Ora, não podemos brindar a nós mesmas. Aos viajantes... — Marianne começou.

Benita cortou:

— Então brindemos ao casamento. Ao amor. E à próxima noiva. — Com um sorriso tímido, ela levou a taça aos lábios.

Marianne olhou para ela, subitamente curiosa.

— Por quê? Tem alguém...?

Benita deu de ombros, com um ar travesso.

— Quem sabe? Podemos seguir o mesmo caminho de Ania.

— Você se refere a Helmut? — Marianne franziu a testa, perplexa. O vinho tinha subido rápido.

— Como pode ter certeza de que estou falando de mim e não de você?

— Benita! — Marianne exclamou. — Céus! Afinal, do que você está falando?

Benita ensaiou uma dança, e foi gingando até a janela, encostando a testa no vidro. Por um momento, pareceu a garota de quando se encontraram pela primeira vez. Então Benita se esticou, levantou a cabeça e sorriu.

— Bobagem minha. Fantasias. Você nunca tem fantasias?

— Oh, Benita. — Marianne balançou a cabeça. Ela enfiou a faca no bolo em cima da mesa e começou a cortá-lo. — Não é hora de começar a festa?

— Você deveria tentar. — Benita sorriu, ignorando a pergunta. — Umas boas fantasias iriam lhe fazer bem.

²¹. Bolo em alemão (N.T.).

²². “Forças-tarefa” ou “grupos de intervenção”, em alemão. Unidades de polícia militarizadas encarregadas do assassinato de opositores do regime nazista (N.T.).

²³. “Vinho de gelo”, feito com uva congelada e uma forte concentração de açúcar (N.T.).

MOMSEN, JUNHO DE 1950

Até onde Marianne sabia, Benita iria visitar a irmã.

— Leve isso para ela — Marianne disse pela manhã, colocando um saco de laranjas, um produto caro, em suas mãos.

Benita sentiu uma pontada de culpa. Marianne era uma boa mulher. Ela sabia que sua irmã, Lotte, tinha quatro filhos, e que fazia longas jornadas trabalhando numa fábrica de conservas. O que ela não sabia é que Lotte era uma cadela ignorante e má, e que seu marido não estava morto, mas preso em um campo na Sibéria porque era da SS.

Ou que, na verdade, Benita não estava indo visitar Lotte.

EM MOMSEN, BENITA parou por um momento na plataforma de trem temporária, piscando sob o sol da primavera. E então o avistou: Franz Muller, sempre mais alto e forte em pessoa do que ela se lembrava. Era como se ele pertencesse a outra espécie — todas as partes do seu corpo eram bem proporcionadas, só que ainda maiores. Um super-homem. Ela adorava isso.

Quando ele a viu, um sorriso tímido se espalhou pelo rosto dele.

— Franz! — chamou e correu até ele.

Circunspecto como sempre, ele estendeu a mão.

— Ah, pare com isso — Benita disse, abraçando a cintura dele. Ela levantou o rosto. — Você poderia pelo menos me dar um beijo!

Ele lhe deu um rápido e furtivo beijo nos lábios.

— Parece que não quer ser visto comigo! — Ela riu.

— Vamos — disse ele, acomodando nos ombros a bolsa dela, que ficou empoleirada de um jeito cômico.

Benita segurou a mão do homem. Envoltas no calor da palma cheia de calos, a mão parecia dele um pequeno e vulnerável marisco. Ela ficou alguns passos atrás, desfrutando da sensação de segui-lo, de ser guiada por alguém tão maior e mais forte. E de saber que isso era uma ilusão. Quando estavam juntos, ela é que estava no comando.

Quando Franz foi libertado do campo de concentração, era um homem magro, curvado, de olhos vazios e ar pesaroso. Tinha pegado uma carona até Braunschweig — primeiro com soldados americanos que o chamaram de “meu velho” e lhe ofereceram uma barra de chocolate, que mais tarde vomitou numa vala, e depois com um amigável “Tommy²⁴” que dirigia um jipe. Isso foi no terrível inverno de 1946. Benita sabia de tudo isso pelas cartas que ele lhe escreveu logo após a libertação. Cartas gentis, simples, perguntando como ela estava, como Martin estava, se o castelo estava quente o bastante...

No começo, ela se sentiu insegura em responder. Nunca tinha sido boa com palavras na escola, ou mesmo com ortografia. Mas então lhe pareceu algo cruel não responder. E ela gostava de Franz Muller. Sentia saudades da quieta e forte presença na floresta. Assim, se obrigou a responder as cartas.

E quão divertida se tornou essa troca de correspondência! Fez com que observasse mais, pensasse mais, e encontrasse humor e interesse nas pequenas coisas. As galinhas que Marianne estava criando se mostraram uma diversão infinita — era um milagre que sobrevivessem sob os cuidados dela! E as travessuras de Fritz e Martin se tornavam menos irritantes quando escrevia sobre elas. A vida era tão mais alegre e dinâmica quando achava motivos para observá-la de perto.

Tudo servia de assunto para as cartas. Exceto os russos.

Porém é claro que ele pairava sobre os dois, esse fantasma pessoal. Um homem que ela matou e Franz enterrou. Para todo mundo, ele não existiu. Ele simplesmente tinha desaparecido da face da Terra. Naquele dia na floresta, Franz tinha visto o mais horrendo aspecto de Benita, e ainda assim não a odiava. De alguma forma isso a salvou de odiar a si mesma.

Através das cartas, descobriram mais sobre o outro. Franz era o filho mais velho de um carpinteiro que fazia armários e mobília fina. Aos 19 anos, ele se casou com a filha do sócio do pai, a fim de consolidar o negócio. Ela era uma garota enfermiça, cinco anos mais velha. Tiveram uma filha, Clotilde, e a esposa morreu dois anos depois. Então Franz e seu pai criaram a menina, que agora tinha 11 anos, a mesma idade de Martin. Ele só foi recrutado em 1942; era mais velho, tinha quase trinta e cinco quando a guerra começou, e era o único proprietário do negócio. Por fim, acabou sendo enviado para o leste, um grupo local de reservistas. Como foi essa experiência, onde esteve... ele não

escrevia sobre essa época. De qualquer forma, ela sabia como tudo terminava: Burg Lingenfels, cortando árvores e partindo lenha.

Depois que foi libertado do campo de concentração, ele reuniu a pequena família. Seu apartamento tinha sido bombardeado, a loja, destruída, e ele encontrou Clotilde e o velho *Herr Muller* dividindo com os vizinhos um apartamento úmido e abarrotado. Então ele empacotou tudo e se mudaram para o sul, no setor americano, onde havia mais oportunidades. E onde havia Benita.

Na cidade de Momsen, ele conseguia arranjar trabalho como carpinteiro. *Por que não Tollingen?*, Benita escrevera. *Volte como um homem livre!* Mas Franz tinha um primo que tinha um amigo que possuía uma loja de caixões em Momsen, e garantiram que haveria um emprego lá. *A demanda por caixões era constante*, brincara ele. E a cidade não era longe de Tollingen.

Logo, a troca de cartas continuou. Mas agora também havia visitas.

Nos últimos dois anos, Benita esteve várias vezes no apartamento de Franz, que ficava em cima da loja de caixões. Ela conheceu o velho *Herr Muller*, que era amargo e desagradável, e falava com o filho como se ele ainda tivesse 12 anos — como Franz aguentava? —, e a pequena Clotilde, uma coisinha delicada e meiga, só pele e osso, com enormes e comoventes olhos escuros. Ela obviamente precisava de uma mãe — alguém que a ensinasse a arrumar o cabelo de outra maneira que não uma simples trança, que a ensinasse a olhar as pessoas nos olhos, a cuidar da casa. Eles tinham se sentado nos móveis provisórios que Franz tinha feito com sobras dos caixões e comido os biscoitos caseiros de Clotilde, praticamente intragáveis. E Benita ficou sonhando em como melhorar isso.

HOJE BENITA E FRANZ estavam sozinhos. Clotilde e seu avô tinham tomado o trem para o norte, iriam visitar a irmã doente de Franz.

Tão logo entraram no apartamento, Benita se virou e pôs as mãos na cintura dele.

Franz entrelaçou os dedos nos dela, e os beijou. Ainda segurando, ele a levou até o sofá novo, novo em folha — amarelo, com almofadas duras —, que ficava embaixo da janela aberta.

— O que você está fazendo? — Benita riu, puxando as mãos.

— Levando você até o sofá — Franz respondeu. — Para se sentar. E depois vou trazer uma xícara de chá.

— Mas eu não quero chá — protestou ela, agarrando a mão dele enquanto se sentava pesadamente no sofá.

— Eu insisto — disse ele, puxando a mão. — Uma dama merece chá depois de uma longa viagem.

— Oh, uma dama! Quanta consideração. E como vai este cavalheiro?

— Solitário — Franz respondeu, acendendo o fogão a gás embaixo da chaleira. — Esperando sua visita.

— E agora ele quer esperar ainda mais? — Benita provocou, batendo os cílios, vendo-o corar. Um viúvo, soldado, um homem de quase 46 anos e ainda tão inocente! Com ele, ela retomou seu velho personagem de mulher sedutora e coquete, antigamente sua marca registrada. Ela tirou os sapatos e se sentou sobre os pés descalços.

— Como foi o casamento? — perguntou ele, passando o chá no coador. Ele era tão cuidadoso e atencioso — traços que ela teria detestado quando mais jovem, mas que agora o tornavam imensamente querido. Ela se sentia segura sob os cuidados dele.

— Maravilhoso. A noiva usava um vestido cinza e o noivo o seu melhor *Lederhosen*. — Ela riu em voz alta, imaginando *Herr Kellerman* de calças curtas. — Não, estou brincando, mas foi realmente bonito. Ania parecia feliz, pelo menos secretamente feliz.

Franz entregou a Benita uma xícara fumegante — uma porcelana chinesa branca, fina, do tipo que se podia comprar agora em qualquer mercado, tão diferente das elegantes porcelanas Meissen de Marianne. Benita iria sentir falta disso quando se tornasse *Frau Muller* — desse ar refinado, de elegância antiga. Mas ela não tinha mais ilusões; poderia comer em uma elegante porcelana, mas nunca seria uma aristocrata.

— Franz — disse ela, deslizando os pés pela perna dele, quando ele se virou para pegar a própria xícara. — Franzl. — Ela adorava chamá-lo assim, era um apelido de menino, tão inadequado para o homem frente a ela. — Quando você vai me tornar uma mulher honesta? Tem procurado apartamentos?

O rosto dele ficou rígido, e imediatamente Benita desejou não tê-lo provocado. Franz iria encontrar um bom apartamento quando houvesse

dinheiro suficiente — ela não tinha dúvidas. E então iriam se casar. Era só uma questão de tempo.

— Ainda não — respondeu ele, como se fosse uma notícia horrível. — Desculpe... acho que vou precisar de mais um mês.

— Tudo bem, não importa. Eu só estava brincando. — Ela acariciou com o pé a perna dele, subindo cada vez mais. — Mas agora você é quem deve parar de brincar comigo.

Lentamente Franz se inclinou e tirou da mão dela a xícara de chá, colocando-a na mesinha ao lado. Depois a puxou para si. Ela roçou os seios contra o peito dele, feliz com a aparência voluptuosa e redonda que ganharam com o novo sutiã — branco, rendado, com um decote profundo. Era a primeira *lingerie* que ela comprava desde antes da guerra. Com ela, se sentia jovem novamente, excitada com a própria beleza.

— Assim é melhor — murmurou contra os lábios dele, e desabotoou o vestido.

ELES FIZERAM AMOR mais quatro vezes durante a visita, que durou vinte e quatro horas. E nunca era o bastante.

Benita sempre tinha cultivado habilidades de sedução — Connie não foi o seu primeiro amante —, e o marido certamente se beneficiou da experiência. Heinrich Kohl e Karl Josef vieram antes, rapazes da aldeia bonitos e jovens com quem tinha praticado, na intenção explícita de se tornar uma especialista. Era sonhadora, mas não ingênua. Sempre soube que não era o cérebro que a tiraria de Frühlinghausen. E então aprendeu como deslizar perfeitamente a língua pelo lóbulo da orelha de um homem, como roçar seus mamilos contra o peito dele, um aperitivo excitante enquanto ela deslizava a mão pela barriga e descia até a protuberância no quadril.

Com Connie, ela aliou tudo a um admirável toque teatral, que ele adorava. Para um homem experiente — e isso Connie Fledermann com certeza era —, ele ficou estranhamente encantado com os jogos simples de Benita. E ela usou-o a seu favor. Mas Benita recebia em troca somente a confusa afeição dele, nunca prazer.

Com Franz era diferente. Não havia fingimento. Depois de Berlim, pensou que nunca iria querer sexo novamente. Mas, de alguma maneira, ela descobriu que queria. Queria Franz. E, com ele, não tinha vergonha alguma.

— Franz — disse ela, apoiando-se nos cotovelos, no dia seguinte, antes da hora de jantar. O estômago roncava. Eles não tinham comido nada além das laranjas de Marianne e de chocolates, e o açúcar deixou a cabeça girando. — Vamos ao Lufner's. Eu poderia comer um monte de *Schnitzel*.

Franz deitou de costas. Eles estavam deitados de lado, encostados um no outro na cama portátil dele — uma coisa tão rudimentar que nem mesmo seu próprio corpo cabia inteiramente nela. Ele dormia nisso, o pai no sofá e Clotilde no quarto. O apartamento que Benita visualizava para a futura *Frau Muller* era bem maior, com um quarto para cada um e um guarda-roupa decente para Clotilde. Ela passava horas imaginando tudo.

— Sim, senhora — Franz disse, esticando as pernas compridas para fora da cama. — Tudo o que *Frau Fledermann* quiser.

ENQUANTO FRANZ ESTAVA no banheiro, Benita rabiscou um bilhete para colocar na sua gaveta de cuecas. Era um bilhete bobo, escrito num pedaço de papel de embrulho — *Eu amo você*, e um desenho de uma cabra com coraçõezinhos no lugar dos olhos. Ela não queria bisbilhotar. Mas subitamente, quando puxou a gaveta, lá estavam seus pertences mais íntimos — não apenas cuecas, mas uma fotografia emoldurada de uma mulher, provavelmente a mãe (de queixo quadrado e rosto régio, com a testa alta de Franz), outra de Clotilde quando bebê, e uma caixa cheia das cartas que Benita tinha mandado. Embaixo da caixa, notou outra correspondência, algo oficial e datilografado. Quase sem pensar, puxou a carta. Era uma diretiva vinda de *Spruchkammer*, o conselho local de desnazificação, datada de agosto de 1946. *Declaramos que Franz Muller pertence ao Grupo III, de Criminosos Menores, e está sujeito às respectivas sanções.*

O Grupo III era uma designação infeliz, um passo além do *Mitläufer*, ou “Companheiro de Viagem”, título que todo alemão gostava de achar que merecia. Não era tão ruim quanto *Belastete*, ou “Predisposto”, o que significava culpado (o próprio termo era estranho). Mas mesmo assim significava culpa. Uma designação no Grupo III envolvia restrições; não podia, por exemplo, dar aulas ou se candidatar a algum cargo político. Por que Franz tinha guardado a carta? No último ano, com o chanceler Adenauer, tais designações tinham se tornado quase irrelevantes. A Alemanha agora participava da Guerra Fria. Os soviéticos eram de novo os inimigos, não os nazistas.

— Desculpe — disse Franz, sua voz surpreendendo Benita.

— Pelo quê? — perguntou ela, enrubescendo. Ainda segurava a carta.

— Eu deveria ter lhe contado.

— Contado o quê? Que todo mundo é culpado? — Franz não parecia bravo, para seu alívio. — Você não acha que os americanos já não deixaram isso bem claro?

Franz continuava solenemente:

— Você nunca me perguntou a respeito da guerra.

— E por que eu deveria? — Ela se aproximou. — Você foi reservista, foi para o leste. Lutou contra os russos. Não preciso saber mais.

Franz ficou em silêncio.

— O que foi? Não preciso! — Em algum lugar dentro dela, uma pequena cápsula de medo se abriu, e de lá saiu a dúvida, a confundindo. — Preciso?

— Não sei, Benita. — Franz suspirou. — Eu não posso lhe dizer o que você precisa saber.

Benita começou a andar, mas parou a um metro dele, sentindo a distância entre eles se abrir como uma prensa. Sentiu o pânico invadi-la. Não poderia perdê-lo. Não iria sobreviver a isso.

— Eu conheço você — disse ela, jogando-se nos braços dele. — Isso é tudo que preciso saber.

Franz, tenso, evitou olhar para ela.

— Franzl — implorou. — Somos novas pessoas agora. Essa é nossa segunda vida.

Durante um terrível momento, ele não se mexeu. E então, devagar, como se navegasse em alguma substância viscosa, estendeu os braços e a abraçou, beijando seus cabelos. *Obrigada, Deus!* Mas enquanto se abraçavam, ela pôde sentir a presença do passado — um grande e desconhecido continente de experiências separando-os, cheio de montanhas traiçoeiras e vales áridos. Ela não queria explorá-lo.

QUANDO VOLTAVAM do *Biergarten* Lufner, viram a porta do apartamento se abrindo pelo lado de dentro.

— Papai! — Clotilde gritou. Seus olhos se iluminaram e depois se arregalaram, quando percebeu que o pai não estava sozinho.

— O que aconteceu? — Franz gaguejou. — Vocês voltaram mais cedo... está tudo bem?

— Barbel estava doente, mas não muito, só um pouco indisposta, então resolvemos tomar um trem antes para deixá-la descansar em paz. — Ela continuava olhando para Benita.

— Você se lembra de *Frau Fledermann*? — Franz perguntou, recompondo-se.

— Olá, *Frau Fledermann* — Clotilde disse, inclinando educadamente a cabeça, para logo depois levantá-la, olhando curiosamente para Benita e o pai.

— Não deixe a corrente de ar entrar — o velho *Herr Muller* gritou de dentro. — Você trouxe carne para o jantar? — perguntou ele, quando entraram. Estava reclinado no sofá amarelo, olhando para a porta.

— Pai... — Franz disse, e se virou, lentamente. *Herr Muller* viu Benita. Seus olhos se arregalaram, e ele ficou de boca aberta.

— Você se lembra de *Frau Fledermann*? — Franz disse, colocando a mão no cotovelo dela.

Herr Muller assentiu, mas continuou sem fala.

— Não se levante — Benita disse, cruzando a sala com a mão estendida.

O velho olhou para ela. Era alto, mesmo agora, e tinha o rosto muito parecido com o de Franz, embora não tão bonito ou gentil. Uma série de emoções — confusão, raiva e suspeita — passou por ele. E Benita se lembrou da valise, que jazia aberta na cama de armar de Franz. Será que *Herr Muller* a tinha visto?

— Fizeram uma boa viagem? — perguntou rapidamente. Por um momento, Clotilde e o velho apenas a encararam.

— *Frau Fledermann* também vai pegar o trem em breve — Franz interrompeu. Seu próprio rosto ficou corado, tingido de vermelho. — Vou levá-la até a estação e pegar a carne na volta.

Herr Muller acenou peremptoriamente. Nas maneiras dele, e na súbita incerteza de Franz, Benita viu a relação dos dois. Lá estava o pai dominador, por quem Franz havia se casado com uma mulher doente e se tornado carpinteiro.

— Posso ir também? — Clotilde perguntou, quebrando o silêncio. — Por favor?

— Acho que não... — Franz começou.

— Ah, por que não? — Benita disse afetuosamente. — Você pode nos contar tudo sobre a viagem no caminho.

— Por favor — Clotilde implorou.

— Tudo bem. — Franz inclinou a cabeça.

— Essa é a sua valise? — Clotilde perguntou, inocente, apontando para a cama de armar.

— Obrigada — Benita respondeu, calma. — Guardamos aqui durante o dia para que pudéssemos caminhar no parque. Franz? — Ela se virou ele, que subitamente tinha se transformado num menino envergonhado. — Pode levá-la para mim?

— Ah, claro. — Ele atravessou a sala em três grandes passos.

Benita sorriu alegremente para Clotilde.

Franz levou de novo Benita até a porta, carregando a valise.

— *Frau* Fledermann e eu vamos nos casar — anunciou ele, quase agressivamente, pegando o braço dela. E por um momento, todos — Benita, *Herr* Muller e Clotilde — ficaram olhando para ele de boca aberta.

Clotilde foi a primeira a falar timidamente:

— Parabéns!

— Obrigada — Benita disse, sorrindo amplamente, surpresa com a enormidade da sua felicidade.

[24](#). “Tommy Atkins”, ou só “Tommy”, apelido dado pelos alemães a soldados do exército britânico desde o século XIX (N.T.).

EHRENHEIM, JUNHO DE 1950

A fotografia no jornal mostrava Ania de rosto assustado e Carsten com uma aparência orgulhosa e tola.

— Você estava certa — anunciou ele, amargo. — Teria sido melhor não convidar aquele fotógrafo.

— Não, não — Ania mentiu. — Ninguém vê essas fotografias, de qualquer forma.

Um mês tinha se passado desde então e, até agora, isso tinha se provado verdade.

Porém toda noite ela tinha sonhos terríveis. Neles, ela não estava mais na marcha. Era uma menina, na casa do pai. *Ania, Herr Doktor Fortzmann* dizia em sua voz sonora e inflexível, é vaidade achar que se pode mudar o destino. Ela acordava suada, o colchão de penas totalmente encharcado. E quando contemplava seu próprio reflexo no espelho, ela o confundia com um fantasma.

A VIDA DE CASADA não era muito diferente de quando era inquilina. Quando se tornou inquilina na fazenda de Carsten, Ania captou as intenções dele muito cedo. Ele certamente não era de flertar — pelo amor de Deus! Até mesmo a ideia era alarmante —, mas era solícito. E suas responsabilidades já eram as de uma esposa: cozinhar, limpar, passar as camisas... Portanto, a sincera e direta proposta de matrimônio de Carsten não foi uma surpresa. E depois que ela tinha aceitado, não havia sentido em permanecer com as antiquadas tradições recatadas. Não eram religiosos. Nem virgens. E, para ambos, a união era um arranjo utilitário. As visitas silenciosas e rápidas de Carsten não tinham pretensão de romance. Eles dormiam em quartos separados, mas desde o primeiro dia de noivado, manteve uma agenda regular de visitas: terças e sextas-feiras. Nunca faltava a esses encontros.

Isso explicava o motivo de Ania se descobrir inegavelmente grávida logo no começo do casamento. Já tem cinco meses, o médico da cidade confirmou,

não escondendo seu divertimento. *Herr Kellerman certamente vai ficar feliz.* Ele sorriu.

Só que Ania não achava nada divertido. Ela tentou se proteger negando o fato o máximo que pôde — seus ciclos eram irregulares desde a guerra e tinha se convencido que que estava velha demais para ter um bebê. Enquanto isso, a barriga ia se arredondando, e ela sentia fome o tempo todo. As bochechas estavam gordas e coradas. Já não era mais possível se livrar dela, a gravidez estava num nível muito avançado.

Mesmo assim, ela tentou. Andava de carroça por terrenos irregulares, subia ladeiras praticamente se arrastando, entrava nos lugares estranhos em que as galinhas botavam ovos e depois pulava de lá, iniciou um rígido programa de chás amargos e banhos escaldantes. Ela não contou a novidade a Carsten. Mas o bebê era teimoso. Agarrou-se a ela como um crustáceo; ela imaginava suas mãozinhas agarrando o tecido macio do seu ventre. Ele estava determinado a sobreviver.

Quando, por fim, ela contou a Carsten, ele ficou feliz e envergonhado ao mesmo tempo. Nunca se referia à gravidez pelo nome e fez mudanças na rotina diária de ambos — exceto pelas visitas conjugais, que cessaram imediatamente. Ania não contou a mais ninguém. Deixou que Carsten e *Doktor Schrenke*, o velho fofoqueiro, espalhassem a notícia.

AO ANOITECER, CARSTEN gostava de sentar com ela na sala de visitas — um cômodo desconfortável e escuro sem nada de interessante nele a não ser o fogo no braseiro. Ouviam as notícias no rádio e ele se forçava a ler a Bíblia, uma penalidade que se autoinfligia, já que nunca ia à igreja. Quando lia, os lábios formavam o som da palavra. Ania se sentava ao lado numa poltrona reclinável que ganhou de presente de casamento de Carsten, cerzindo meias e ouvindo as notícias.

Às vezes, Wolfgang aventurava-se e entrava no pequeno casulo que mantinham, com alguma dúvida sobre as tarefas de escola. Ao contrário do irmão, era um péssimo aluno. Ele se curvava forçosamente sobre os livros, como um homem fugindo de uma briga. Os assuntos mais fáceis lhe eram extremamente difíceis — as vagas, mas preventivas parábolas da história, as formulações densas e imaginativas da literatura. Ele mal podia esperar para trabalhar na fazenda em período integral e gostava genuinamente de fazer as rondas com seu padasto, aprendendo como empilhar os fardos de palha,

quando dar banho nos porcos, onde reforçar a cerca. Ele não se importava com as ordens minuciosas e exigentes de Carsten. No próximo outono, ele iria começar oficialmente como aprendiz. Ainda assim, Ania sentia uma pontada de tristeza ao ver a cabeça morena inclinada sobre o dever da escola.

Ele foi o seu erro, pobre criança, nascido numa época em que somente a iniquidade era trazida ao mundo. Era o produto de seu ventre faminto, alimentado à base de ração, e do seu ralo e insuficiente leite. Era uma jovem mãe, não teve tempo de cuidar dele. Quando ficou doente com escarlatina, ainda bebê, ela o prendeu ao pé da cama com uma coleira, deixando-o de quarentena. A fazenda de Carsten era sua forma de reparação.

— Aqui tem algo para você — Carsten disse de sua poltrona, estendendo a ela um envelope escrito *Frau Ania Kellerman* na frente. O bebê soluçou em sua barriga.

— Obrigada — Ania disse, o coração subitamente disparado.

Ela não reconhecia o endereço — uma rua em Momsen. Mas o nome — R. Brandt — a deixou sem fôlego.

Ela se sentou, completamente imóvel, rígida, apavorada com a possibilidade de Carsten perguntar sobre o remetente. A torrente de substâncias químicas enviadas a seu ventre fizeram o soluço parar.

Felizmente, Carsten estava absorto com um catálogo de sementes.

Ania retomou o conserto da meia. Os minutos se passaram. As páginas da revista de Carsten farfalhavam quando ele as virava. Era a época de desmame, e lá fora as vacas mugiam, gritando pelos seus bezerros. Do outro lado do pasto, no celeiro, os bezerros mugiam em resposta.

Quando havia se passado tempo suficiente, Ania pediu licença.

Atrás da porta fechada do quarto, ela rasgou o envelope.

Dentro dele, uma fina folha de papel do correio aéreo, o texto escrito com uma letra tremida, mas familiar.

Ania? Ela leu. É você?

Sempre seu,

Rainer

As palavras dançaram em frente a seus olhos. Ela tentou se concentrar na tinta irregular, na minuciosa elegância do A e do D — parecidos com letras do alemão antigo, cuja caligrafia ele havia praticado. Depois de tudo, aparentemente essa pretensão permaneceu.

De onde ele tinha surgido? *Desaparecido, declarado morto*. Isso era o que ela tinha encontrado no escritório da Cruz Vermelha. *Morto*, pensou. No final das contas, ela conhecia o Warthegau. E conhecia Rainer, ou pelo menos um dia o conhecera.

Porém lá estava ele, nesse pedaço de papel, deslizando para dentro de sua vida.

A verdade sempre aparece, seu pai dizia. Apesar de até agora, segundo a experiência de Ania, isso não se provar verdade. A verdade estava nas mãos de Deus. Ou nas mãos do Diabo, mais provável. A própria palavra “verdade” parecia singular. Onde ela esteve escondida durante o reino da *obediência, orgulho e dever*?

Ania se deitou na cama e contou nas cortinas as fileiras de pequenas flores, tentando acalmar o caos em sua cabeça. Mas olhou através delas. Em sua mente, portas abriam-se e fechavam estrondosamente. O fedor de lama descongelando na primavera, o extenso horizonte branco do leste. A crueldade dos meninos brincando no frio. Uma mão de bebê puxando distraidamente a sua orelha. Por baixo, outros fragmentos, mais suaves. Rainer, não o homem que tinha visto pela última vez, mas o Rainer menino, sentado no sofá de crina de cavalo, na sala de espera do consultório, esperando o pai, envelhecido de forma prematura, voltar com uma nova leva de comprimidos. Nessa época, ele já era o homem da casa. Com seus olhos e cabelos negros, os pés mal alcançando o chão, e ainda assim o homem da casa.

Ela se levantou abruptamente e foi até a escrivaninha. Precisava responder a carta. Uma das coisas mais importantes que aprendeu na vida era agir logo. Levantar e enfrentar os obstáculos no caminho. Sentar e esperar significava a morte.

Ela pegou uma folha de papel da mesa.

Lamento, você se enganou, escreveu. *Não conheço ninguém de nome Ania ou Rainer Brandt. Boa sorte em sua busca.*

Ela ficou sentada por um longo momento contemplando as palavras e o nome *Brandt*, outrora tão íntimo. Depois lacrou o envelope e atravessou a sala na ponta dos pés, até o quarto que seus filhos dividiam. Ficou parada na frente do quarto, escutando. Consequia ouvir as vozes deles — o murmúrio baixo de Anselm, e a voz mais inflamada, rápida, de Wolfgang. O que fariam com essa

notícia? Seus meninos, por quem ela sempre fez tão pouco e de quem exigiu tanto: confiança irrestrita, esquecimento total e perdão completo.

Algo a fez hesitar. Uma nova intenção se desenhou em sua mente enquanto estava parada, em meio à escuridão. Iria assumir essa nova incerteza sozinha. Afinal de contas, era sua responsabilidade. Ficou escutando um pouco mais atrás da porta, permitindo que sua coragem fosse fortalecida pelas armadilhas da vida simples que tinha arranjado: trabalhos domésticos, jantar, afazeres, cama. E então, se movendo com rapidez, silenciosa, ela se virou e voltou para a sala.

TOLLINGEN, JUNHO DE 1950

Marianne estava no meio de um sonho quando a campainha da porta tocou. Era um doce e distante sonho da sua vida passada. Ela estava sentada no jardim em Weisslau, fazendo um piquenique embaixo da castanheira com as crianças, os cães e Albrecht. E então a alegria se evaporou. Ela não estava mais em Weisslau, mas no apartamento em Tollingen. O plano deu errado. Weisslau estava perdida. Albrecht estava morto.

Marianne se levantou. O sol de fim de tarde entrava pelas janelas, banhando o quarto, iluminando partículas de poeira e camadas desiguais de cera no assoalho. Ainda era dia. Sem o seu trabalho no campo, ela se flagrava cochilando em momentos inapropriados e lendo até tarde da noite. Era embaraçoso. Ela se levantou do sofá. Provavelmente era Benita, que obviamente se esqueceu de levar sua chave.

— Bem-vinda! — disse ela, abrindo a porta, desejando que o travesseiro não houvesse deixado marcas em seu rosto. — Onde está sua chave?

— Desculpe. — Benita corou. — Devo tê-las deixado na mesa... ou quando estava...

— Venha, venha — Marianne ordenou. — Está muito frio no corredor. Como está sua irmã?

— Minha irmã — Benita repetiu, parecendo surpresa. — Ah, sim... ela está bem. Obrigada por perguntar.

— Bem? — Marianne perguntou. — Achei que ela estivesse de novo doente.

— Bem na medida do possível.

Marianne estudou o rosto de Benita. Ela estava, como sempre nos últimos tempos, em um estado de perpétuo bom humor. Parecia extremamente empolgada, na verdade. Algo tinha acontecido. Ela não conseguiria passar por um gato morto na rua sem que isso transparecesse em seu rosto, horas depois do ocorrido.

— Vamos, você deve estar cansada da viagem. Venha tomar um café com bolo de passas — disse Marianne, indo em direção à cozinha. — As crianças

comeram quase tudo, mas pedi que guardassem um pouco para você.

Benita a seguiu.

— Vou fazendo o café, pode ir se lavar — Marianne disse, como se Benita fosse uma criança. E como uma filha obediente, Benita fez o que ela mandou. — Estava pensando — , Marianne começou a dizer, assim que ela voltou —, deveríamos fazer uma viagem com as crianças, mostrar para eles um pouco da Alemanha. Podemos primeiro ir a Berlim e visitar Georg Bucher. Connie o apresentou a você? Eles sempre foram tão amigos... ou talvez até Munique ver a *Marienplatz* e a *Asamkirche*? Os meninos estão crescendo tão rápido e o que sabem do nosso país? Nada, só as coisas ruins.

— Tudo bem — Benita assentiu, cutucando com o garfo sua fatia de bolo.

— Ou — Marianne arriscou —, podíamos visitar Helmut Kressing... o que foi? — ela se interrompeu, ao ver a expressão de Benita. — Você realmente o acha tão desagradável assim?

— Não! Não, não — Benita disse, inquieta em sua cadeira. — É só que... tem algo que preciso lhe contar.

— Claro — Marianne disse, sentando-se. — Você parece tão séria. — Ela riu. — É uma questão de vida ou morte?

Para sua surpresa, Benita não sorriu.

MARIANNE NÃO CONSEGUIU dormir naquela noite. Tentou acreditar que foi por causa do cochilo. Mas é claro que não. A notícia de Benita era como um rato rastejando pelo seu cérebro, mordiscando os fios, mijando e cagando em suas memórias, criando curtos-circuitos elétricos. Benita Fledermann, esposa de Martin Constantine Fledermann, iria se casar com um ex-nazista, um carpinteiro qualquer, ex-membro da *Orpo*²⁵, um homem com sabe Deus quanto sangue nas mãos.

Na mente de Marianne, ele aparecia como na manhã em que trouxe Benita da floresta: um gigante embalando uma garota nos braços, coberto de sangue. Como um monstro de folclore. O que aconteceu naquela manhã ela jamais entendeu. Benita tinha saído do castelo para alertar *Herr Muller* sobre os russos acampados na frente do estábulo e foi atacada. Ela esfaqueou seu agressor. E o homem tinha fugido. *Herr Muller* a encontrou e a trouxe de volta. Essa era a história confusa que Benita narrou. Mas Marianne nunca acreditou. No dia seguinte, os russos apareceram procurando um deles, que

havia desaparecido. Marianne não disse nada, mas é claro que pensou a respeito. Não conseguia imaginar a frágil Benita, com seu cérebro de passarinho, esfaqueando alguém. Não, Marianne tinha certeza de que *Herr Muller* o tinha matado. Possivelmente em defesa de Benita, possivelmente não. O que era mais um assassinato na conta de um homem que serviu em Lublin? Ela agiu bem em dizer a Peterman que não o queria mais ali. Só que já era tarde demais.

E agora, de repente, ele voltou. Dessa vez, estava ainda mais perto, aparecendo inesperadamente perto do seu projeto de família, o pequeno barco que estava pilotando. Porém, durante todos esses anos ele esteve nadando ao lado dela, acima da superfície. Era um choque, uma traição.

Falhei com você, Connie, Marianne pensou. Isso lhe soou melodramático. Mas era verdade. *Cuide da minha esposa*, Connie a instruíra. *Cuide do meu filho*. Não deixe ela se casar com um porco nazista, não deixe um assassino tomar meu lugar. Estava implícito.

Marianne pulou para fora da cama, se enfiou no roupão e foi até a cozinha. Para sua surpresa, havia luz por baixo da porta — o brilho levemente esverdeado da lâmpada fluorescente do teto. Ela hesitou por um momento... E se Benita estivesse lá? A ideia de que isso fosse mantê-la longe da própria cozinha lhe deu uma verdadeira descarga de adrenalina.

Ela abriu a porta, o rosto implacável, preparada para a batalha, mas encontrou Martin sentado à mesa, lendo.

— Tia Marianne! — disse ele, com uma expressão culpada ao ver o semblante dela.

— Querido Martin, pobre Martin, doce menino — Marianne tentou sorrir e amenizar qualquer traço de raiva que ele possa ter vislumbrado.

— O que você está fazendo aqui a essa hora? — perguntou ela. — Você tem aula amanhã!

— Não consegui dormir — disse ele simplesmente, e lhe ocorreu que essa não era uma situação incomum para ele.

— Tentou beber leite? Leite quente? — Ela procurou dentro da pequena geladeira e achou uma garrafa. — Isso sempre ajuda.

Ele balançou a cabeça.

Marianne pôs um pouco de leite para cada um deles em uma caçarola e acendeu o fogão.

— O que você está lendo?

— Karl May. — Martin mostrou o livro; era uma edição antiga de *Winnetou*, pertencente à própria Marianne, com encadernação em couro rachado e os relevos dourados desbotados, tão familiar a ela como um velho amigo. — Fritz me emprestou.

— Você gosta dele? — Marianne perguntou.

— Adoro.

Marianne sentiu uma onda de amor por ele. Ele parecia mais com ela do que seu próprio filho, que declarou que o livro era tolo e nada realista.

— É meu escritor favorito — disse ela.

Eles ficaram em silêncio. O leite ferveu na panelinha sobre o fogão, e a lâmpada estalou no teto.

— Você é feliz aqui, não é, Martin? — Marianne perguntou. — Digo, morando conosco... todos juntos, você, sua mãe e a minha família?

— É claro! — O garoto pareceu surpreso.

— Você por acaso ficaria feliz — ela desligou a boca do fogão, colocou dois copos e pires no balcão —, se sua mãe se casasse de novo, e você fosse morar em outro lugar com um padrasto?

O jovem rosto expressou confusão. Por um momento, Marianne se arrependeu da pergunta.

— Não — respondeu ele. — Por que... você acha que minha mãe e eu deveríamos morar sozinhos?

— Ah, não! Não, não — Marianne exclamou, quase se queimando. — Claro que não. Só queria saber como você se sentia a respeito dessa possibilidade.

Ela analisou belo rosto dele, ainda surpreso. Ele desviou os olhos, ao sentir a intensidade do olhar.

— Martin — disse, séria. — Sabe, seu pai gostaria que fosse assim.

QUANDO MARIANNE ACORDOU, algumas horas depois, estava faminta e cheia de determinação. Eram quase oito da manhã. Fritz e Martin já tinham saído para a escola. Benita estava sentada, tensa, à mesinha da sala de estar, fazendo uma das horríveis bonecas de pelúcia que ultimamente ocupavam boa parte do seu tempo. Quando Marianne entrou na sala, ela levantou o rosto pálido, com olhos vermelhos de tanto chorar.

— Marianne — começou ela. — Desculpe-me por não ter contado antes... não consegui dormir. Eu...

— Não importa — Marianne cortou. — Não posso dar minha benção a esse seu casamento com *Herr Muller*. — Ela continuou: — Pensei muito nisso e não me parece certo.

Benita olhou para ela com um rosto triste.

— Por quê? Por ele ter sido nazista? Mas todo mundo era nazista. Ele é um bom homem...

— Porque não é certo você se casar com alguém que trabalhou a favor do que o seu marido morreu combatendo! — Marianne pôde ouvir sua própria voz estridente.

Benita começou a chorar. Ela parecia uma criança frágil em seu sofrimento. Marianne se sentiu velha. Lá estava ela, fazendo novamente o papel de mulher dura e insensível enquanto Benita encarnava a donzela em apuros.

— Você sabe pelo menos o que ele fez na guerra? — Marianne perguntou. — Vocês conversam sobre isso?

Benita enxugou os olhos.

— Não sei e não me importo.

— Ele fez parte da Orpo. Isso você sabe, não? — exigiu. — Sabe o que eles fizeram lá no leste?

Benita se levantou rapidamente e foi até a janela. Quando se virou de novo, seu rosto estava repleto de desespero.

— Você nunca vai deixar isso para trás, Marianne? Nunca vai esquecer? Não quero saber o que ele fez. Não quero olhar para trás eternamente. Foi uma época terrível. E agora é passado!

Marianne a encarou. Era tão egoísta e covarde da parte dela! Seu sangue subiu. Benita sempre estava em busca do próprio interesse, do próprio conforto.

— Você acha que o passado é uma de suas bonecas de pelúcia? Que você pode simplesmente desfazer e recomeçar de novo? Em um estalar de dedo? Você é esposa de um herói! De um homem que morreu para tornar o passado um pouco menos horrível do que ele já é. Não acha que lhe deve pelo menos um pouco de respeito?

Agora Benita começou a chorar convulsivamente. Seus ombros tremiam e soluços terríveis e inarticulados escapavam de sua garganta.

— Faça o que quiser. — Marianne suspirou. — Mas não vou deixá-la arrastar Martin.

Ao ouvir isso, Benita levantou os olhos. Pegou um lençinho no bolso e assoou o nariz.

— Pense nisso — Marianne disse, com uma voz um pouco mais suave. — É fácil confundir...

Benita a interrompeu:

— Você é cruel, Marianne. Connie sempre disse isso, mas eu nunca reparei. — Olhou diretamente para ela. — Mas agora vejo que é verdade.

O DIA INTEIRO Marianne sentiu essas palavras doerem fundo na alma. Quando Connie disse aquilo? Era uma traição. *Dura*, pôde imaginá-lo dizendo. *Exigente*. Até mesmo *inflexível*. Mas não *cruel*. Era como uma flecha cravada no coração.

— Katarina — perguntou ela, quando a filha veio dizer boa-noite. — Você me acha cruel?

Os olhos negros de Katarina piscaram de surpresa. Não era do feitio da mãe perguntar coisas desse tipo.

— Cruel? — repetiu ela. A palavra a deixou chocada: ela era uma autêntica Von Lingenfels. — É claro que não! Por que pergunta?

Marianne suspirou.

— Quem sabe todos nós somos cruéis sem querer.

— Você não — Katarina disse, com tamanha confiança que fez Marianne sorrir.

— Até mesmo eu. — Marianne pôs o braço em volta da filha e encostou seu rosto no ombro dela. Apesar de tudo, ela ainda era apenas uma criança.

Marianne ansiava pela voz reconfortante de um adulto. Iria perguntar a Ania na próxima vez em que a visse.

[25](#). Abreviação para *Ordnungspolizei*, polícia uniformizada nazista (N.T.).

EHRENHEIM, JUNHO DE 1950

Ania recebeu outra carta no sábado seguinte. Dessa vez não foi entregue pelo correio, mas por *Frau Metzger*, a mulher do queijo.

— É de um *homem* — *Frau Metzger* disse com um sorriso coquete, puxando o envelope enrugado da sacola. — Ele foi ao mercado na semana passada.

Ania a encarou.

— E então. — *Frau Metzger* sorriu. — Não vai abrir...? Ou talvez você já saiba de quem é. — A mulher piscou.

— É claro que não — retrucou Ania.

— Ah. — *Frau Metzger* suspirou, obviamente desapontada. — Ele não parecia bem. Voltou recentemente do leste.

— Hmm. — Ania franziu a testa, confusa. — Muito obrigada.

Dessa vez, não havia o endereço do remetente.

Eu te perdoo. Você fez o que achou melhor. Mas ainda não se livrou de mim.

No meio da carta dobrada, se é que podia ser chamada assim, havia uma fotografia. Um casal jovem usando roupas formais, de pé, lado a lado no topo de uma escada imponente. O vento agitava os cabelos de ambos e levantava a saia da mulher. O homem olhava fixamente de lado enquanto a mulher sorria, destemida, de um jeito tão direto quanto francamente duvidoso.

Ania estava lá, com o vento soprando na orelha, seus melhores sapatos lhe apertando os dedos, e uma sensação de grande importância que a deixava irracionalmente atordoada. Ela se sentia como alguém prestes a pular de um avião, experimentando a leveza de um compromisso a um caminho imutável. Parecia uma personagem de um dos romances que lera na juventude.

Ania pôs de lado a fotografia. Lá fora, o sol da tarde brilhava, amarelado, e o vento espalhava pedacinhos de tília secas pelo ar. Era a hora de preparar o café de Carsten e mandar Wolfgang levá-lo para o campo. No pasto, as mães vacas, chorosas, ainda mugiam, chamando seus bebês. O pranto ainda não havia terminado.

NO DIA SEGUINTE, Ania visitou o endereço de remetente da primeira carta. A viagem exigia um ônibus, um trem e uma longa caminhada. Ania deixou Inge, a jovem aprendiz, a cargo do almoço e do café da tarde, pediu que ela lavasse a louça, preparasse o pepino em conserva e cuidasse do jardim — e então saiu.

Era uma viagem desconfortável para uma mulher grávida de seis meses. Por causa do calor, dos pés inchados e da dor aguda nas costas, Ania não teve muito tempo de pensar no caminho. Portanto, quando chegou em frente à *Mauer Strasse*, 19, foi invadida por um sentimento de perplexidade. Era um lugar real, com janelas de verdade e uma porta de verdade. Havia uma campainha na porta e uma lista de nomes embaixo dela: uma pensão. A vizinhança era maltrapilha; fedia a urina e a sopa de repolho.

Um homem mais velho saiu pela porta do prédio e a viu ali parada. Não era Rainer, mas certamente alguém que tinha passado por maus bocados. Ele a encarou com desconfiança e um ressentimento latente.

— Hein? — disse ele, com rispidez. — Aqui está bom o bastante para você? — Ela levou um segundo para perceber que ele a confundira com alguém em busca de quarto.

Ania endireitou os ombros e subiu os degraus.

Uma velha de olhar duro apareceu na porta.

— Não permitimos crianças — disse, olhando diretamente para a barriga de Ania.

— Não, não... Não procuro um lugar para ficar — Ania explicou. — Estou procurando uma pessoa...

A mulher ficou ainda mais carrancuda. Tinha olhos pequenos e perspicazes.

— Não sou balcão de informação — cortou.

— Estou procurando um homem. — Ania tirou o envelope com o endereço de remetente e mostrou.

— É um assunto particular? — perguntou a mulher.

Ania corou.

— Não é... — começou a dizer, e depois desistiu. O que importava? — Sim, é pessoal. Rainer Brandt.

Os olhos da mulher se fixaram brevemente no nome, sem aparentar reconhecimento. Rainer sempre foi o tipo de pessoa que conseguia passar

despercebido, um homem com um rosto e um jeito banal. A mulher deu de ombros.

— Aqui não tem ninguém com esse nome, no momento.

— Ele deixou o novo endereço? — Ania perguntou.

A mulher inclinou de lado a cabeça.

— E o que eu faria com isso? Vá embora. — Ela balançou a cabeça e disse, com uma voz mais suave: — Não vale a pena encontrá-lo.

ENTÃO ANIA FOI FORÇADA a esperar pelo próprio Rainer. Ela continuou vivendo seu dia a dia distraidamente, desempenhando as habituais tarefas com desatenção. Ela se cortou descaroçando cerejas, queimou as batatas que cozinhava, deixou um balde de leite azedar no celeiro.

— Você está bem? — Inge perguntou.

— Espere só até você chegar nesse ponto da gravidez — Ania replicou, mais severa do que pretendia.

Era uma desculpa conveniente. As semanas se passaram, e ela foi ficando cada vez mais irritada. Todo dia ficava tentada confidenciar a Anselm e Wolfgang, mas então se continha. Anselm estava imerso nos estudos e Wolfgang passava os dias com Carsten preparando a colheita, alimentando o gado.

O próprio Carsten não percebeu nada. Ele a tratava com um cuidado constrangido, dardejando olhares de esguelha, em vez de olhar diretamente. Durante a meia hora que passavam juntos após o jantar, ele fez um grande espetáculo ao tentar desligar o rádio para ela, e ajudá-la com a cadeira. Isso a teria enlouquecido se não estivesse tão distraída. Com a abstração, mal notava toda essa ajuda.

E ela via Rainer em toda parte: saindo da padaria, dirigindo a nova e reluzente ceifadeira de *Herr Darmler*, subindo a estrada para a cidade. Toda vez que o cachorro latia, Ania tinha certeza de que era ele. O que ela iria dizer e fazer quando aparecesse? Ela pensava em milhões de coisas, e não chegava a nenhuma conclusão. Ela podia ver seu corpo delgado e rijo, o jeito convulsivo com que olhava sempre por cima do ombro, a linha firme da boca quando precisava desempenhar tarefas desagradáveis. Na sua mente, era um corpo derrotado, arrastando com ele as más escolhas que ela mesma fez, como um monte de algas marinhas.

UM DIA, MARIANNE veio visitá-la trazendo uma cesta com delicados pãezinhos da padaria Bemmelman's. Ainda era estranho recebê-la como *Frau* Kellerman, a senhora da fazenda, em vez de inquilina. Ania sentiu vergonha da bagunça da cozinha e do vestido amarrotado. Ao ver o rosto familiar da amiga, sentiu-se oprimida pelos seus próprios segredos. A querida e rabugenta Marianne, sempre tão generosa e otimista desde o início. Ela abrigou Ania e seus filhos sem hesitar, sem questionar e nunca olhou para trás. Essa bênção se transformou em uma bomba. A qualquer momento, iria estourar no rosto de Ania.

O constrangimento fez Ania agir de modo formal. Ela espalhou os preciosos biscoitos de lata de Carsten num prato, com um arranjo bonito.

— Não me trate como uma visita — Marianne disse, empurrando o prato de lado. Ela parecia distraída. — Tenho que lhe perguntar algo — falou de uma só vez, e o coração de Ania disparou. — Você já me viu agir de forma cruel?

Ania quase riu.

— Nunca.

Marianne suspirou.

— Por que pergunta?

Marianne desviou o olhar da janela, a qual estivera encarando.

— Você sabia que Benita manteve contato com *Herr* Muller? O prisioneiro. Lembra dele?

Herr Muller. Uma imagem surgiu na mente de Ania. Um homem alto, de queixo quadrado, olhos claros. Ela o viu exatamente como se lembrava dele naquela manhã dos russos, carregando Benita no colo: um homem com um rosto cauteloso e incerto. Um companheiro de segredos.

Marianne esperou pela resposta.

— Eu me lembro. Por quê? — perguntou ela, olhando de relance para a janela. O curral estava vazio. Essa inspeção constante tinha se tornado um tique nervoso.

— Aparentemente ela tem se encontrado com ele. Todo esse tempo... escrevendo cartas e visitando.... ele vive nas imediações... em Momsen! E ela pensa que o ama! — Marianne parou. — Nunca me contou nada. Durante todo esse tempo.

Ania serviu uma xícara de café e se sentou em frente a Marianne. Ela estava surpresa, mas não chocada. Já se perguntara se havia algo entre eles naquela época. Mas não imaginou que o caso continuaria. Benita, ao contrário do prisioneiro, não sabia guardar segredos.

— Quando ela lhe contou isso? — perguntou.

— Nessa mesma semana. Como se eu fosse ficar feliz! — Marianne olhou fixamente para a xícara de café e então levantou o olhar, encontrando o de Ania. — Ela nunca contou nada a você?

Ania balançou a cabeça.

— Ela mentiu esse tempo todo! — exclamou Marianne.

Ania hesitou.

— Ela não mentiu. Só não dividiu a verdade conosco.

Marianne franziu a testa.

— Ela escondeu o que andava fazendo. Qual é a diferença?

Ania começou a enxugar a louça, fingindo indiferença.

— Pense numa fotografia em que as pessoas não têm rosto. O que você vê é real, só que incompleto.

— Mas quem são as pessoas sem seus rostos? — Marianne disse, impaciente. — Como você pode conhecer um homem se não consegue ver o rosto dele?

QUANDO RAINER FINALMENTE veio, era meados de julho, e fazia muito calor. Ania estava sentada embaixo da castanheira descascando ervilhas. O suor pingava pelo corpo, deixando as coxas grudentas. O calor subia da pedra calcária do curral em ondas deslizantes e distorcidas.

Ele já estava na metade do caminho quando Ania o viu. Tinha imaginado esse momento tantas vezes que a realidade era estranhamente sem graça. Uma única corrente de adrenalina passou por ela, seguida por algo parecido com alívio.

Era óbvio que ele não estava bem. Estava mais magro do que nunca e andava com uma bengala. O rosto branco como cera, com olheiras profundas e escuras. Respirava com dificuldade.

Quando chegou a quatro metros de distância, ele parou.

Ania viu um estranho ao olhar para ele. Não alguém que ela amou, não alguém que odiou. Só alguém que não conhecia mais. Era simples, mas aterrador.

Por um longo tempo nenhum deles falou. Só havia o som da respiração dele, o zumbido das abelhas nos galhos e o leve farfalhar das folhas.

Rainer olhou para sua barriga redonda. Ela colocou a mão nela.

— O que você quer? — perguntou ela.

Tirando um pano sujo do bolso do casaco ainda mais sujo — quente demais para o calor que fazia —, Rainer limpou a testa e fechou os olhos. Ele parecia um homem que precisava se deitar urgentemente. Parecia um homem prestes a morrer.

E subitamente, depois de todo tempo que passou com medo desse momento, Ania soube o que fazer.

Ele abriu de novo os olhos e a encarou.

— Estou falando com Ania Kellerman ou Ania Brandt?

MOMSEN. JULHO DE 1950

Marianne levantou e pegou o trem a Momsen para ver Franz Muller antes que Benita acordasse.

Ela já tinha feito essa viagem inúmeras vezes, e mesmo assim a paisagem lhe era estranha. As montanhas escarpadas e os vales verdes e planos pontilhados de vacas, os trechos de floresta e os casebres de palha saídos de contos de fadas — complexos, sombrios e intrincados. Tão diferentes das vastas terras aráveis de Weisslau. Ela ainda sentia tanta falta de lá. Nada podia ser escondido nas planícies do norte da Silésia — exércitos, visitantes, o clima —, todos eram visíveis a quilômetros de distância. E Marianne se sentia em casa com essa transparência.

Por um breve trecho, o rio Isar corria junto aos trilhos. Ele brotava das montanhas altas e vinha descendo, rápido e pálido, cheio de minerais que o deixavam com uma vívida cor verde-esbranquiçada, quase artificial. Para Marianne, fedia a morte. As cinzas de Ribbentrop, Keitel e Frick — arquitetos do horror nazista — foram espalhadas nessas margens. Por decisão de quem? Tarefa aleatória de um autômato do governo? Ou desejo deles? Ali havia alguma energia simbiótica que esses homens sentiram? Do outro lado se erguiam os picos recortados da montanha.

Quando Marianne veio pela primeira vez nessa região, era o fim da guerra, e pilhas de terra fresca jaziam ao longo do rio. Ela tinha ido a Momsen de carroça com Carsten Kellerman, e viram homens e mulheres de joelhos nas margens, cavando.

O que estão fazendo?, perguntara.

Procurando pelos seus, respondera ele, olhos inescrutáveis. *Essa foi a cova de centenas de pessoas.*

O ponto final para grupos de prisioneiros miseráveis que marchavam do oeste, vindos de campos de concentração. Por quê? E por que motivo marcharam? Naquele ponto, era certo que a guerra tinha acabado. Todo mundo sabia. Mas ainda assim a SS fez esses prisioneiros marcharem até

caírem de exaustão, e depois que caíam, atiravam. Então os mortos ficaram deitados ali até que os moradores da cidade os enterraram embaixo dessa pilha de terra. Depois da capitulação, um pequeno número de irmãos, pais, amigos e primos voltaram para procurar pelos entes queridos. Marianne nunca iria se esquecer disso.

Os moradores da cidade, porém, voltaram aos seus negócios como se isso nunca tivesse acontecido. Eles pescavam, nadavam e passeavam nas beiradas ao anoitecer. Ninguém falava dos prisioneiros que tinham visto tropeçar e morrer naquelas margens. Ninguém ergueu um marco sobre os ossos deles.

MARIANNE DESCEU na estação de Momsen. Ela tinha se preparado para o encontro, mas agora que estava lá, sentia as mãos frias e pegajosas, o rosto afogueado. Melhor ser rápida e acabar logo. As crianças iriam se perguntar onde estava e, deixados lá sozinhos, certamente iriam se esquecer de estudar. Fritz iria se meter em alguma encrenca... Quando se tratava de disciplina, Benita era igual às crianças.

Marianne planejou contar o plano a Ania, mas algo a impediu. Ania pareceu surpresa ao saber do caso de Benita, mas não chocada. Era claro que não partilhava do sentimento de afronta moral de Marianne — e por que deveria? Ela não conheceu Connie. E pelo que Marianne pôde depreender, a própria experiência do marido de Ania como rebelde tinha sido inexpressiva. Ania ficou em profundo silêncio com relação ao assunto. Marianne suspeitava de tragédias conjugais que iam muito além da morte do marido. E tinha como princípio moral não perturbá-la — que bem faria reabrir uma ferida cicatrizada? Então não insistiu no assunto, apesar de, no fundo, ter ficado desapontada com a indiferença. O casamento com Kellerman colocou uma distância entre elas. Mas ao contrário de Franz Muller, pelo menos Carsten Kellerman era um homem decente.

Desde que Benita tinha anunciado o noivado, um mês antes, um ar forçado, de estranhamento, tinha se instalado no apartamento. Marianne e Benita evitavam se encontrar, e conversavam fria e educadamente apenas quando necessário. Felizmente, as crianças estavam absorvidas demais nas próprias atividades para notar o gelo. Martin e Fritz logo iriam para o internato em que Katarina e Elisabeth já estudavam, e estavam muito ocupados aproveitando as férias de verão, perambulando pelas colinas e campos ao redor de Tollingen.

Porém esse silêncio no apartamento não poderia durar para sempre. Mesmo com raiva, Marianne amava a amiga. Benita precisava de proteção. Ela era uma presa fácil — tão frágil, romântica e imensamente influenciável. Marianne imaginava que Muller poderia até mesmo ter nutrido uma falsa esperança sobre a fortuna de Benita e acreditar que fosse rica. Afinal, quando ele a conheceu, ela vivia num castelo. E quem saberia dizer quais eram os seus prospectos e se ele tinha dívidas?

Foi fácil encontrar a loja onde *Herr* Muller trabalhava. Só havia uma loja de caixões em Momsen. Ficava no primeiro andar de um prédio grande e grosseiro, com marcas de fumaça de carvão e ainda perfurado por buracos de balas. Nos últimos dias de guerra, a Juventude Hitlerista e a milícia locais tinham se envolvido numa batalha feroz e irracional, que destruiu prédios e pontes e na qual morreram incontáveis pessoas. E o insano capitão responsável por esse grupo heterogêneo agora era membro do conselho da cidade. Momsen era tão ruim quanto Ehrenheim, na opinião de Marianne.

À esquerda da loja, Marianne viu uma entrada com uma lista de nomes. Um dizia MULLER. Então ele também morava ali. Marianne não conseguia imaginar Benita chamando esse lugar de casa. Era uma mulher que vivia para suas necessidades pessoais e belos vestidos. Para Marianne, a visão do lugar só reforçou o sentimento de que estava agindo certo em poupar a amiga de um destino assim.

Uma menina abriu a porta quando Marianne bateu: pálida, morena e excepcionalmente magra, com olhos imensos e cautelosos.

— Em que posso ajudá-la? — perguntou ela.

— Essa é a loja de Franz Muller? — Marianne perguntou.

A menina assentiu. Ela parecia ter a idade de Martin.

— Gostaria de entrar? — perguntou. — Papai! — chamou então, olhando para a loja.

Marianne estava espantada. Então ele tinha uma filha. Isso o fez parecer menos monstruoso.

A porta de uma alcova escura se abriu, e de algum lugar lá dentro ela ouviu o rilhar de uma serra, que depois parou.

— Clotilde? — Ouviu-se a voz de um homem, e passos pesados no assoalho.

E então Franz Muller surgiu à porta. Em pessoa, o rosto parecia desconfortavelmente comum, livre da perversidade que Marianne tinha imbuído nele em sua lembrança.

— Pode convidar nossa visita a... — começou a falar, e então parou, reconhecendo Marianne. — *Frau Von Lingenfels* — disse ele, surpreso. — Entre. — Ele manteve a porta aberta. — Posso lhe oferecer algo? Não temos muito aqui... mas talvez uma xícara de chá? Biscoitos?

— Está tudo bem — disse Marianne. — Só quero um momento do seu tempo.

— Ah. — Ele assentiu. — Clotilde, pode nos deixar? Suba e veja se o vovô precisa de ajuda.

Os olhos escuros da menina passaram do pai para Marianne com curiosidade. Então ela pegou o casaco que estava pendurado num gancho.

— Que horas devo voltar?

— Eu vou chamá-la — Franz disse. — Vá, mas antes se despeça de *Frau Von Lingenfels*.

— Adeus — disse a menina. — Por favor, volte quando quiser.

Pareceu uma coisa muito curiosa de se dizer — voltar a uma loja de caixões? Eles tinham muitos visitantes habituais? Ou ela tinha confundido Marianne com uma amiga dele? A inocência da menina a desarmou. Marianne ficou observando aquelas costas delgadas desaparecerem.

Depois, ela seguiu *Herr Muller* até a loja. Era um lugar comprido e apertado, com caixões alinhados numa parede, e as tábuas e pranchas de que eram feitos na outra, numa pilha alta — tanta madeira e tantos apetrechos para preservar os mortos. Era um negócio horrível. Havia uma mesa modesta num canto e quatro cadeiras. Talvez fosse lá que *Herr Muller* vendia seus artigos a clientes enlutados e vulneráveis. Isso também reforçou sua determinação.

Ele puxou uma cadeira para ela e se sentou.

— *Herr Muller* — Marianne começou. — Não vou desperdiçar seu tempo... posso ver que você é um homem ocupado. Eu queria, no entanto, dizer a você que Benita me informou a respeito dos planos de vocês. — Ela fez um esforço para não desviar o olhar. Em todas as reuniões infrutíferas que teve com oficiais nazistas, quando Albrecht estava na prisão, ela aprendeu a não desviar o olhar.

— Nossos planos...? — perguntou ele.

— De se casarem. — Ela deixou a palavra pairar entre eles. — E eu gostaria que você soubesse que eu sou contra essa ideia.

— Ah. — O homem pareceu abalado.

— O primeiro marido de Benita era um grande amigo meu — continuou ela. — Um amigo muito querido, e um homem de grande caráter. Ele deu sua vida para lutar contra Hitler e os nazistas, e não acredito que seja correto que sua viúva, e, mais importante ainda, seu filho, se juntem — hesitou, reunindo coragem — a um homem com o seu passado.

Lá fora, uma carroça descia a rua aos solavancos. Mas no cômodo cheio de caixões, *Herr Muller* não se defendeu. Ele tinha olhos espantosamente azuis. Marianne tinha se esquecido desse detalhe.

— Benita sabe que você está aqui? — perguntou ele, por fim.

— Não. — Marianne engoliu em seco.

— Ah. — Ele assentiu.

Marianne esperava uma explosão de indignação. Ela estava preparada para isso. Mas ainda assim ele não disse nada.

— Espero que possamos manter essa conversa entre nós — disse ela, quebrando o silêncio. — Prometi ao marido dela, antes de ele morrer, que eu cuidaria dela. E que cuidaria do seu filho.

— Eu entendo. — *Herr Muller* assentiu.

— Você entende? — Marianne repetiu.

Ele ergueu os olhos.

— Eu amo Benita. Ela é uma boa mulher e merece uma boa vida. E eu... — Ele fez uma pausa. — Gostaria que tudo tivesse sido diferente. Queria que minha vida não fosse o que foi. — Seus olhos azuis brilhavam em direção aos dela. — E lamento profundamente que o seu marido e o dela tenham morrido. Eles foram homens de coragem.

Marianne o encarou. Para seu horror, sentiu que estava prestes a chorar. Ou pior — prestes a soluçar, explodir e jorrar toda a desajeitada e terrível tristeza que vinha guardando dentro dela. E uma vez que começasse, não conseguiria mais parar. Não podia deixar isso acontecer. Então se sentou muito ereta, como uma seta, e se concentrou nos caixões — nos nós escuros de pinheiro e desenhos gravados em carvalho, no brilho das dobradiças.

Eles ficaram imersos num poço de silêncio, dessa vez não um silêncio estranho, mas necessário, como um casulo. Do andar de cima veio o som de passos, vozes abafadas — o doce gorjeio da menina e o tom ranzinza e baixo do avô, ou seja lá quem fosse. Marianne se agarrou a eles como uma tábua de salvação, tentando decifrar as palavras da conversa. O esforço a acalmou. O enorme nó em sua garganta desapareceu.

Com o máximo de dignidade que pôde reunir, ela se levantou.

Herr Muller também se levantou, apressando-se para puxar a cadeira dela. Quando chegaram no umbral da porta, ele acenou.

— Vou considerar suas palavras.

— Obrigada — Marianne conseguiu dizer, inclinando a cabeça.

Quando chegou à esquina, ela parou, com o coração agitado. Pretendia mencionar os russos, a temporada de Muller no leste, e o fato de que Benita era inocente, ingênua e confiava nas pessoas. O que tinha acontecido? De alguma forma a falta de argumentos de Muller havia tornado todo esse preparo irrelevante. Mas ela conseguiu o que queria.

Albrecht, ela o chamou em sua mente, *eu fiz o que era certo, não fiz?* Mas era quase como se estivesse falando consigo mesma.

TOLLINGEN, JULHO DE 1950

Benita iria se encontrar com Franz para conversarem sobre o futuro. Ela não o via desde o noivado — primeiro Clotilde ficou doente, depois o pai, e então havia muito trabalho (muitos mortos, Benita brincara, num momento de bom humor). Mas, por fim, ela tinha conseguido encurralá-lo. Os preparativos do casamento teriam que ser apressados, pois a resposta de Marianne à novidade tinha sido ainda pior do que imaginara, e ela odiava ter que viver com a mulher nesse novo e desconfortável silêncio. Cada dia era como uma punição — e por quê? Porque ela amava um homem que Marianne não aprovava? Era um insulto, e pior ainda, condescendente. Como se não tivesse direito de escolher o próprio futuro. Benita tinha uma dívida de gratidão com Marianne por ela ter encontrado Martin quando já havia dado o filho como morto, e por isso lhe seria eternamente grata. Mas essa dívida não se estendia ao resto da sua vida. Ela esperava por Franz no Café Bemmelman's num estado total de agitação, batendo a colherzinha na xícara de café.

Geralmente Benita ficava feliz de ir ao Bemmelman's. Era um lugar novo, para começar, e ela gostava de novidades. Gostava das janelas altas e reluzentes, e dos elegantes tampos de mesa de metal. Gostava do creme açucarado e da seleção de tortas frescas, feitas com coloridas frutas fora da estação e camadas lustrosas de gelatina.

Benita não tinha reverência por nada velho ou histórico. A história era algo terrível, uma longa e desajeitada cauda de sofrimento. Por trás do presente, a cauda balançava de forma destrutiva, derrubando a compreensão que as pessoas tinham sobre o passado. Em parte, era por causa disso que sentia uma urgência tão premente em se casar de novo. Para Marianne, a história vinha acima de tudo; para Benita, significava a morte.

No momento em que Franz entrou no restaurante, porém, Benita soube que algo estava errado. O rosto normalmente plácido e calmo mostrava preocupação. E parecia que ele não dormia havia semanas.

— Franzl — disse ela, franzindo a testa. — O que foi? Você não parece nada bem.

Ele balançou a cabeça e se sentou na frente dela.

— Não está certo — foram as primeiras palavras que saíram da boca dele. Não “Olá” ou “Como vai você?” ou “Você está linda”. Essa indelicadeza fugia totalmente ao temperamento dele.

— O que não está certo? — perguntou ela.

Franz olhou para a janela, lá fora caía uma garoa.

— Não posso me casar com você, Benita.

Benita fingiu que não tinha ouvido.

— Não pode o quê? — perguntou.

Na rua, um grupo de garotas adolescentes passou correndo, dando risadas.

— Não posso me casar com você. Benita. Não seria certo.

Benita sentiu que o mundo tinha parado e virado de cabeça para baixo.

— *Certo?* — ela conseguiu ecoar. — Para quem?

— Para você. — Franz suspirou. — Para Martin. Você merece coisa melhor.

— Melhor? É por causa do apartamento? — O pensamento a inundou de alívio e ela se agarrou a ele como uma jangada. — Eu não me importo com o apartamento... um dia vamos nos mudar, e, nesse meio-tempo, podemos encontrar um lugar para seu pai... um quarto na casa da esquina, talvez, ou...

— Não é isso... — Franz interrompeu, a voz dura.

Ela sentou na cadeira.

— Você é esposa de um rebelde. Merece um homem com um passado melhor que o meu.

Benita se enrijeceu. Nunca ela tinha utilizado esse termo na frente dele: *rebelde*, referindo-se a Connie, Albrecht e os outros. Era uma palavra de Marianne.

— Por que diz isso? — perguntou ela, procurando a mão dele sobre a mesa. — Marianne disse algo a você? Ela veio aqui...?

Franz desviou o olhar, e respondeu com a voz cansada:

— É a verdade.

— Segundo quem? — Benita exigiu. — Segundo Marianne? Ela veio aqui, não veio? Ela falou com você! Olhe nos meus olhos e diga que ela não veio!

— Não tem nada a ver com Marianne — Franz afirmou. — Não importa o que ela fez.

— Que ousadia! Vir aqui e falar com você pelas minhas costas! Como se eu fosse uma criança... Menos que uma criança, um brinquedo... Algo que ela pode mexer para lá e para cá de acordo com a própria vontade! Ela nunca gostou de você. — Ela baixou a voz, sussurrando: — Ela o culpa pelo russo morto na floresta, e quer saber? Eu o mataria de novo se fosse necessário! Só para mostrar a ela que fui eu que fiz isso...

— Benita....

— É verdade, Franz. Você sabe. Ela não entende. Ela vê tudo segundo os seus próprios princípios e ideais. E não importa! Não importa o que ela acha! E você? Não fica feliz quando estamos juntos? Eu não o faço feliz? — Ela fez uma pausa. — Connie morreu! — A frase saiu asperamente, estava presa na garganta. Ela sabia que falava alto, mas não se importou. Que todos os clientes estúpidos do Bemmelman's ficassem chocados. Que ficassem cochichando e desviando o olhar. — Mas nós estamos vivos! E nós também sofremos! Não merecemos essa felicidade?

— Merecer? — Franz repetiu, baixinho, olhos indiferentes. — Eu não mereço nada, Benita.

— Você precisou abandonar sua família! Você marchou até o leste e quase morreu de fome, quase congelou, e sabe Deus o que mais... e agora isso acabou! A guerra acabou! E finalmente podemos começar de novo!

— Pare — Franz ordenou. — Você não pode dizer isso! Seu marido, o marido de Marianne, eles morreram por algo que sabiam que era certo... E o resto de nós seguiu fazendo o que eles mandavam fazer, desviando os olhos. Não posso apagar isso... não posso simplesmente começar de novo...

— Por que não? E temos outra opção?

Em volta deles, pratos tilintavam e vozes murmuravam. A caixa registradora abriu. Alguém deu risada.

— Sempre podemos escolher. — Franz olhou para ela. — Posso escolher deixar você ir. Pode começar uma vida nova.

— Mas eu não quero começar uma vida nova. — Ela começou a chorar. — Não sem você. Não ligo para o que fez! Não importa! Eu amaria você mesmo se fosse o próprio Hitler!

Franz a encarou, e seu rosto era o de um estranho.

— Você não tem vergonha, Benita — por fim ele disse. — E para mim, a única maneira certa de viver é carregando essa vergonha comigo.

Benita se encostou na cadeira.

Era o fim. Suas palavras estúpidas ecoavam em sua cabeça. No silêncio, Benita pôde ver o futuro: não havia espaço para o apartamento aconchegante com flores na janela e um lugar para Clotilde e Martin estudarem; não havia espaço para a cama ampla e macia onde dormiriam e fariam amor; para uma nova vida, comum, começada do zero, cheia de coisas simples como cozinhar, fazer mercado e caminhar às margens do rio aos domingos. Nada de café nas manhãs ensolaradas, e ambos envelhecendo juntos.

Para Franz, essas coisas tinham surgido apenas como um impulso. Sua alma já estava no inferno. Não foi Marianne quem se colocou entre eles, foi o passado.

MOMSEN, AGOSTO DE 1950

Quando a bolsa de Ania rompeu, o hospital do convento de Ehrenheim ainda estava sendo construído. Carsten a levou, então, para o hospital militar americano, que ficava fora de Momsen. Estava quase vazio. Tão logo ele a deixou sob os cuidados das enfermeiras, deu meia-volta e foi para casa.

Só depois disso Ania pôde gemer, agarrar a barriga e parar de ranger os dentes. As enfermeiras eram gentis, mas estavam preocupadas. Eram moças americanas treinadas para enfaixar feridas e preparar amputações, não para realizar partos. O médico chegou e proclamou que era tarde demais para induzir o “sono do crepúsculo²⁶” e as enfermeiras, aterrorizadas, apertaram as mãos de Ania, acariciaram seu cabelo, tentando transmitir apoio. Mas Ania não estava preocupada. Já tinha parido dois bebês sem essas intervenções — ela sabia apenas que desejava voltar para casa o mais rápido possível. Tinha segredos para guardar.

DE FORMA IMPROVÁVEL, ela tinha conseguido manter Rainer escondido. Como uma horrenda Rapunzel, ele estava trancado no castelo, com a diferença que era livre para ir e vir sempre que quisesse. No momento em que o viu Ania soube o que ele queria. Não queria expô-la ou se vingar. Apesar de toda a raiva e desespero, ele não desejava destruir a vida que ela tinha construído para os filhos. Ele queria ver seus filhos. Estava mortalmente doente, e, como um animal humilhado e derrotado, procurava um lugar seguro para morrer.

Burg Lingenfels estava fechado. No último outono, Carsten tinha pregado tábuas nas janelas, enquanto ela e Marianne cobriam a pouca mobília que sobrara. Eles planejaram reabri-lo nesse verão, mas acabou não acontecendo. Marianne estava muito ocupada com o novo projeto — organizar os papéis de Albrecht — e acabava viajando bastante. No ano anterior, os adolescentes da região tinham usado o castelo vazio e criaram problemas. Era melhor mantê-lo fechado. Só havia camundongos e ninhos de andorinhas nas paredes de

pedra, ratos de água e sapos entocados nas fendas do fosso. Ninguém mais ia lá, com exceção de Wolfgang, a quem Carsten tinha incumbido de checar o castelo de tempos em tempos.

Ania foi forçada a contar aos filhos sobre o retorno do pai. Sempre zelosos, mas com um rancor latente, eles ajudaram Rainer a subir a colina da fazenda de Kellerman, e depois o carregaram. Wolfgang arrumou uma cama de palha na cozinha do castelo, juntamente com um suprimento de água potável. Toda noite, Anselm levava para ele um prato de comida — mas ele mal comia. Possivelmente, enquanto ela estava lá deitada dando à luz a um novo bebê, seus meninos cuidavam do pai, presos numa espécie de inversão bizarra com um homem que nunca se importou com eles.

AS CONTRAÇÕES DE ANIA foram crescendo até que a dor fosse tão constante e ritmada quanto as batidas do seu coração — consumindo tudo, apagando qualquer traço de preocupação. Ela estava quase grata pela dor. Talvez Rainer fosse descoberto, talvez não. Seus filhos iriam cuidar dele ou deixá-lo para os corvos. As vidas deles seriam destruídas, ou continuariam a trajetória que ela lutou tanto para construir. Não havia nada que pudesse fazer.

O bebê veio rápido. Em trinta violentos minutos, Ania a expeliu. Mesmo nascendo quatro semanas adiantada, era tão roliça e macia quanto uma pele de esquimó. Com seus olhos negros e redondos, ela contemplou impassivelmente o mundo, e então adormeceu. Era assim, aparentemente, que um filho de Carsten se comportava. Ou talvez fosse apenas um bebê nascido em tempos de paz: satisfeito, bochechudo e enigmático. Enfaixada em cobertores do exército dos Estados Unidos, ela parecia destinada a um futuro promissor, a viver em outro país que não a Alemanha derrotada.

Ania a entregou à enfermeira e tentou se levantar.

— Não, não — a enfermeira protestou, assustada. — Descanse agora, você precisa recuperar sua força antes de voltar para casa.

E o que ela podia fazer? As enfermeiras a convenceram a tomar alguns copos de água morna e pílulas para dormir. De qualquer forma, Carsten só voltaria para buscá-la na manhã seguinte.

Ania não quis ver o bebê. Ela engoliu as pílulas que ofereceram e embarcou num sono denso e profundo, acordando de tempos em tempos e olhando o

jardim pela janela, para os caminhos pintados de branco entre a grama, como ossos cruzados.

NA MANHÃ SEGUINTE, acordou e viu Benita sentada ao pé da cama. Ania levou um momento para se lembrar quem era ela.

— Benita — ela conseguiu dizer. — Você veio me ver? — A ideia parecia incrível. Ela não via Benita há tanto tempo, possivelmente desde o casamento.

— O que tem? Fui à fazenda ontem e soube da novidade. — Benita não parecia bem. Ania pôde ver. As bochechas não mostravam o rosado habitual e o cabelo estava bagunçado, não arrumado com esmero. Ela vestia um cardigã marrom surrado. Estava com olheiras.

— Está tudo bem? — Ania começou, mas uma enfermeira apareceu, segurando a bebê. Sua bebê. Ela ainda não tinha se acostumado a essa ideia. Ania olhou a criatura toda enfaixada em panos não sentiu absolutamente nada por ela.

— Aí está ela! — Benita exclamou. Por um momento, o entusiasmo restaurou sua beleza. Ela era o tipo de mulher que se iluminava na presença de um recém-nascido. Seu amor por Martin sempre fez Ania se lamentar pelos seus próprios filhos, amados de forma tão menos pródiga.

— Posso segurá-la? Por favor? — Benita perguntou.

Ania assentiu.

A enfermeira colocou o bebê nos braços de Benita.

— Você tem tanta sorte — disse ela, os olhos se enchendo de lágrimas. — Ela é linda! E você pode brincar com ela. Não precisa protegê-la da guerra, de bombas, de tudo isso... — Ela hesitou, então achou a palavra: — Segurança. Sabe, quando Martin era bebê eu tinha tanto medo de que ele fosse esmagado por uma bomba que transformei nossa geladeira num berço. Pensei que lá ele ficaria protegido se o teto caísse — como se uma geladeira pudesse protegê-lo! — Ela embalou o bebê, que arrulhou baixinho. — Eu era uma criança.

— Todas nós éramos crianças. — Ania suspirou.

— Eu não pretendia desrespeitar a memória de Connie, sabe — Benita anunciou com súbita ferocidade. — Se eu me casasse com *Herr Muller* isso não teria manchado a memória dele.

— Se você casasse...? — Ania repetiu.

— Estávamos noivos. — Benita sentou de novo. — Pensei que Marianne tinha lhe contado. — Ela olhou para o teto e lágrimas rolaram pelas

bochechas. Ela chorava tão tranquilamente, como se tivesse passado toda a vida chorando e as lágrimas simplesmente transbordassem.

Ania balançou a cabeça.

— Marianne não aprovou.

Não precisava de mais explicações. A vontade de Benita nunca coincidiu com a de Marianne.

— Então você decidiu não... — Ania arriscou.

— Decidiu! — Benita cortou e levantou, ainda segurando o bebê. Ela foi até a janela e depois voltou. — Eu não decidi nada. Mas Marianne disse a Franz que era contra o casamento e ele... bem, não importa. Eu fui uma idiota em imaginar que poderia ser feliz de novo. — Ela arrumou as faixas do bebê e limpou as lágrimas com as costas da mão. — De qualquer forma, não foi por isso que vim. Vim dizer adeus. Depois de levarmos os meninos para Salem, vou voltar para Frühlinghausen.

— Para Frühlinghausen? — Ania repetiu. Isso a surpreendeu tanto quanto o que Benita havia acabado de contar. — Para cuidar da sua irmã?

Benita tentou sorrir para o bebê em seus braços.

— É o meu lugar.

Ania a encarou. Benita sempre odiou a cidade onde nasceu.

— O que Marianne achou disso?

— Ela não sabe.

Ania olhou para essa mulher que conheceu tão bem e que, ainda assim, nunca conheceu de verdade. Suas vidas se entrelaçaram numa época tão estranha — sem contexto, separada do passado, antes do futuro. Uma época ditada pelas necessidades mais básicas. O que realmente sabiam umas das outras?

— Tem certeza? — perguntou ela, as palavras soando obtusas mesmo a seus próprios ouvidos.

As mãozinhas do bebê apertavam e soltavam o pescoço de Benita.

— Nada é certo, não é mesmo? — Benita disse, quase sonhadora. — É isso que Marianne não entende.

O bebê começou a chorar.

— Tome. — Benita se inclinou e a colocou nos braços de Ania.

A enfermeira apareceu na porta.

— Você quer alimentá-la, *Frau* Kellerman? Ou devo dar a mamadeira?

— Alimente a bebê — Benita disse a Ania com uma autoridade surpreendente. — Tome conta dela. Isso é o mais importante. *Auf Wiedersehen*.

— Ela se inclinou para beijar a bochecha de Ania.

— *Mach's gut* — Ania disse, e segurou a mão dela. *Fique bem*. Uma velha expressão que sua própria mãe usava.

— Você também. — Benita apertou seus dedos e os levou aos lábios. E então ela se foi.

— A bebê já tem um nome? — a jovem enfermeira perguntou depois que Benita saiu.

Ania começou a balançar a cabeça para negar. Então um nome surgiu, primeiro como uma piada — quase uma piada, e depois, algo real —, um nome talismã, o nome da mulher mais forte, teimosa, difícil e sábia que ela já conheceu na vida.

— Marianne. Seu nome é Marianne.

A enfermeira sorriu.

— Marianne — repetiu, com sotaque americano. — Lindo nome! — Ela olhou para a criança, que tinha se agarrado ao seio de Ania com voracidade.

— Seja boazinha, pequena Marianne.

[26](#). Técnica de anestesia que utilizava uma droga amnésica (N.T.).

CASTELO DE SALEM, SETEMBRO DE 1950

No dia em que estava programado para os meninos comparecerem ao internato Castelo de Salem, o céu estava limpo, mas o ar era frio e o vento cortante — algo incomum na região, conhecida pelo clima úmido, chuvoso e a baixa pressão, que, por sua vez, provocava nas pessoas dores de cabeça, enfermidades e desespero. Um revigorante vento de outono soprava dos Alpes, espalhando luz do sol sobre o lago Constance e soprando tão forte e ruidosamente que parecia uma plateia aplaudindo.

Marianne tinha contratado um motorista para a viagem. Estava sentada no banco do passageiro, encostada muito ereta no assento, o pescoço esticado, olhando de tempos em tempos pela janela para lembrar às crianças de uma parte importante da história ou apontar um monumento. E sentada atrás, prensada entre Martin e a porta, Benita a odiava com todas as suas forças.

Você se acha tão esperta!, ela queria dizer. *Mas você não sabe nada! Você nunca esteve apaixonada!* Benita compreendeu isso depois de todos esses anos morando com ela: Marianne, que antes lhe parecia tão sábia e intimidadora, era na verdade uma ignorante. Era uma sonhadora à seu modo, uma matemática cega tateando na superfície da vida, acreditando no poder salvador da lógica, da razão e da informação, subestimando a vastidão nebulosa do sentimento e do instinto animal, o real motivador do comportamento humano, o verdadeiro autor da história.

Desde que Benita voltara para o apartamento depois do seu terrível encontro no Bemmelman's, Marianne tentou várias vezes formular algo próximo de um pedido de desculpas. *Sabe, se você quiser, posso voltar e dizer a Herr Muller que eu não tinha direito de dizer o que disse*, Marianne falara numa noite em que Benita apareceu cambaleante e de olhos vermelhos na hora do jantar, saindo do quarto pela primeira vez no dia. Benita apenas a encarara. Essa mulher achava realmente que era tão simples assim? Que algumas palavras bem formuladas poderiam desfazer tudo? Ou era somente um plano

engenhoso de conseguir o seu perdão — uma forma de se exonerar, mas sem ceder o território já conquistado?

Não, Benita replicara. Ao contrário de Marianne, compreendia que o ocorrido não fora causado pela interferência dela, mas apenas trazido à tona. Havia uma pequena caverna negra no lugar onde antigamente ficava o coração de *Herr Muller*, ou algo além do seu coração — a sua essência como ser humano. Ele a perdeu na guerra, e não havia como recuperá-la. Havia apenas um desvio cuidadoso em volta desse lugar — onde, sem saber, Benita tinha dançado, feliz, uma dança de ignorância que acabou dominando à perfeição. E agora esse era um caminho sem volta.

MARIANNE ESTAVA EUFÓRICA com o fato de que finalmente todas as crianças, incluindo Martin, estariam estudando no excelente internato alemão em que Albrecht e Connie, e seus pais antes deles, haviam frequentado. Salem era uma escola de reputação notavelmente imaculada, sem filiação com o nazismo — era frequentada pela aristocracia, fundada por um judeu. Marianne acreditava que tudo poderia ser resolvido com uma boa educação. *Vejam a vasta ignorância dos nazistas!*, gostava de exclamar. Se eles compreendessem música e arte, se tivessem lido Kant, Goethe e ouvido Mozart em vez de queimarem livros, o mundo poderia ter sido poupado. Benita entendia o que ela queria dizer, mas não concordava. O propagandista Goebbels, que vendia tão bem o ódio, era doutor em Filosofia!

Na traseira do carro, Fritz e Katarina discutiam agressivamente. Elisabeth descansava a cabeça contra o vidro e fingia estar incomodada, com ar de sofisticação. Martin, absorvendo o desespero da mãe, estava em silêncio. Por causa dele, Benita tentava se animar.

— Será que vão servir uma refeição quente no jantar dessa noite?

— Nunca servem prato quente na primeira noite — Elisabeth informou, inclinando a cabeça o suficiente para responder. — Peixe seco, presunto defumado e pão de centeio. — Ela franziu o nariz. — Espero que não esteja com fome.

Quando fizeram a última curva da estrada, o Castelo de Salem saltou à vista, com seus tetos vermelhos e angulosos, as paredes brancas se erguendo do campo como uma elegante cidade em miniatura.

Fritz deixou escapar um grito de felicidade e Elisabeth um suspiro teatral de alívio.

— Ah! — Marianne se virou, com um enorme sorriso. — Está vendo, Martin? Não é lindo?

Martin assentiu, mas o rosto continuou sombrio.

— Bem-vindo — Marianne disse solenemente, virando para frente de novo — à sua nova casa.

Benita colocou a mão na perna do filho e a apertou, mas ele, como o rapazinho que era, evitou o contato.

NA ENTRADA DO CASTELO, havia uma multidão: alunos, empregados, monitores de classe e outros funcionários, de aspecto severo e agourento, dando ordens. Malas e valises elegantes, caixas de instrumentos musicais e enormes baús de viagem estavam empilhados em pequenas montanhas. Os Von Lingenfels se misturaram imediatamente à multidão — Elisabeth e Katarina chamando os amigos, Marianne cumprimentando professores; até mesmo Fritz parecia à vontade, lutando por um lugar de destaque entre a aglomeração. Martin e Benita ficaram parados ao lado do carro.

— Venham, venham. — Marianne foi a passos largos até eles, vendo que olhavam tudo passivamente — Os carregadores virão descarregar a bagagem.

Benita e Martin a seguiram através do mar de jovens brilhantes, toda uma geração de alemães ávidos por saber. Eles seriam poupados dos pecados dos pais, como Adenauer prometeu. Ninguém falava da guerra, dos campos de concentração, dos milhões de mortos. Os próprios pais pareciam aliviados, se não céticos. Estavam mandando os filhos para longe, para uma instituição — venerável, consagrada e cuidadosamente controlada, mas ainda assim temiam os perigos da doutrinação. Mesmo Marianne, com toda sua empolgação, não era imune à dúvida. Benita detectou tensão sob a demonstração de alegria. Agora seus três filhos estariam fora de casa. Qualquer mãe sofreria nessa situação.

Benita, por outro lado, se sentia estranhamente vazia e apática, sem vontade de chorar. Ela se resignara, há muitos anos, a esse peculiar destino aristocrático: seu filho — seu bebê — seria totalmente tragado por esse castelo austero, ocupado há séculos pela classe social que sua própria e humilde família de camponeses já tinha servido. Ele seria completamente admitido

nesse mundo. Isso era progresso, não? Mesmo criando uma distância entre eles.

— Aqui está ele — Marianne avisou um jovem monitor, apontando para Martin. — Martin Constantine Fledermann.

O nome inteiro lhe soava desagradável — Benita nunca o usava.

— Ah. — E o monitor se apresentou com uma voz cristalina e rebuscada, à maneira de um ex-integrante da Juventude Hitlerista. — Siga-me, vou levá-lo a seu alojamento.

E por um momento pareceu a ela que era a hora de dizer adeus.

Então Martin se virou e abraçou sua mãe com a impetuosidade de uma criança pequena.

— Adeus, mamãe — disse ele, enquanto abraçava Benita. E a palavra a encheu de felicidade. *Mamãe*. Acima de tudo, ela tinha dado à luz a ele.

BENITA E MARIANNE seguiram em silêncio para a pousada. Marianne tricotava, as agulhas batendo de leve umas nas outras. Nos últimos anos, tinha aprendido esse talento com Ania, e o tratava como um pitoresco e leve ofício em vez de como uma enfadonha questão de necessidade, como ele era visto no lar dos Gruber.

A pousada era ordinária — uma feia casa em estilo enxaimel, com o teto rachado e janelas estreitas de vidro amarelas no piso térreo.

— Vou mandar servir o jantar — Marianne anunciou. — Você pode se juntar a mim se quiser.

Benita relutou. Queria ficar sozinha. E, de qualquer forma, não estava com fome.

Elas se separaram no alto da escada.

Mas, quando Benita fechou a pequena porta inclinada do seu quarto sob o telhado e viu a cruz simples de madeira pendurada na parede, a sombra marrom da lâmpada e a colcha surrada da cama, soube que morreria se ficasse ali.

Então, desceu a escada, atravessou o saguão sujo e foi para a rua. A pousada ficava numa via estreita de pedestre, e na frente dela passavam crianças indo para casa jantar, carregando sacolas de mercado. Benita se sentiu inexperiente e exposta. Ela tinha sido despida do amor que vestira como uma capa protetora. Sem Franz. Sem Martin. Subitamente, enxergava tudo no estado bruto, duro. Sentiu a vida pulsante das pessoas que moravam dentro das

pequenas e pobres casas por onde passava: egoístas ou generosas, gentis ou rudes, feias ou toleráveis, e quase todas tristes. E ela viu a história dessas pessoas passando como raios x estampados nos rostos — traços rebeldes, feios, de luz e sombra: uma mulher que denunciou a vizinha, um homem que atirou em crianças, um soldado que carregou o amigo moribundo nos braços. Ainda assim, lá estavam eles, carregando compras, segurando a mão de crianças, levantando as golas contra o vento. Era como se seus momentos de verdade — as decisões pelas quais seriam julgadas e pelas quais elas mesmas se julgariam — ainda não tivessem surgido e desaparecido. Essa nova Alemanha atual era uma farsa! Uma época irrelevante — uma luta insana para votar, depois que o veredicto já tinha sido alcançado.

Detrás do portão da pousada se ouvia um ruído abafado de canecos de cerveja se chocando, algazarra e gente ralhando, em reprimenda. Benita foi em direção ao barulho e descobriu uma *Biergarten* precária por trás de uma parede de pedra: mesas longas, talhadas grosseiramente em madeira, se alinhavam sobre o cascalho. Estava quase vazia. Um grupo de homens mais velhos sentados num canto, outro grupo de pé no bar. Um cheiro forte de fumaça de cigarro estragado pairava no ar. Benita sentou no canto de uma mesa vazia e pediu um *Schnapps*.

Ela pensou em sua mãe, na pobre e trabalhadora Ilse Gruber — como ela amava seu copo de *Schnapps* antes de dormir. E agora estava morta. Benita nem ao menos tinha se despedido. *A você, mamãe!*, pensou, enquanto engolia o líquido forte e ácido, se encolhendo com o calor que desceu pela garganta. Ela sentiu um ímpeto de tristeza por sua própria perda e pela vida decididamente opaca da mãe, uma mulher que viveu completamente distante do amor. E agora ela, Benita Gruber, se tornaria igual. Voltaria a Frühlinghausen em desgraça, para ser consumida pelas próprias raízes.

Benita terminou seu primeiro *Schnapps* e pediu outro. O mundo ficou menos desolador. Sentiu o garçom a encarando com curiosidade: uma mulher com mais de trinta anos, em um vestido respeitável, bebendo sozinha. Por acaso ele viu algum traço da moça que um dia fora? Da Benita que Connie gabava ser capaz de virar a cabeça até de um homem cego? Da mulher cujo sorriso fez Franz Muller corar? Seus joelhos começaram a amolecer. E a dura tragédia do mundo foi envolta numa névoa suave, misericordiosa. A cervejaria começou a encher. Um pequeno grupo de adolescentes se sentou no outro

canto da mesa. Eram moças e rapazes ruidosos, garotos pobres, trabalhadores precoces. As meninas vestindo saias plissadas no moderno estilo americano, mas com os cabelos arrumados no jeito simples das camponesas.

Um homem se sentou na frente de Benita. Era jovem, um garoto na verdade, e bonito, com o tipo de beleza e viço juvenil que não costuma durar, e que, mesmo agora, parecia se turvar e dissolver.

— Outro *Schnapps* para a senhora — gritou ele — e uma cerveja para mim. — Ele agia como um adolescente presunçoso.

Que maravilhoso ver que esse impulso ainda existia! Que um jovem ainda podia se importar o bastante com algo ou alguém para fingir ser o que não era. E também as garotas — isso viu subitamente, essas jovens e inseguras mulheres, bebericando suas cervejas com limonadas, fingindo sofisticação. Era, ao mesmo tempo, horrível e maravilhoso. Ela se sentiu com mil anos de idade.

— O que uma mulher linda como você está fazendo bebendo sozinha? — o garoto perguntou. Os cachos do seu cabelo saíam pelo boné, suados, pequenos e perfeitos caracóis. Por baixo da mesa, Benita sentiu o calor da perna dele contra a dela.

— E o que um moço como você faz com uma linda mulher bebendo sozinha? — ela se viu perguntando, a velha e afiada língua voltando à ativa.

Logo depois dois outros rapazes se juntaram a eles — saídos diretamente do trabalho na construção civil, crostas de poeira em seus casacos e embaixo das unhas. E de repente tudo era uma grande festa! Mais *Schnapps* e cerveja, salsichões com *curry* e *ketchup*, e *Brötchen*²⁷ crocante. Quando foi a última vez que a comida lhe pareceu tão deliciosa?

A noite foi esfriando, e quando Benita estremeceu, o rapaz — homem, agora que ela tinha entrado no jogo — lhe ofereceu seu casaco. Ainda estava quente, cheirava a tinta e serragem, e, embaixo disso tudo, exalava o cheiro dele. Fazia tanto tempo que não ficava bêbada. Franz nunca tinha bebido mais do que uma ou duas cervejas, o equivalente a um dedal de água para um boi, e nunca tinha lhe ocorrido sair para beber com ele. Antes, durante a guerra, com os russos e sua catinga de vodca, ela nem queria saber de bebida. Ela se lembrou de anos passados, do começo do seu romance com Connie, quando ele a entupia de uvas e *champagne*, vinho espumante com suco de pêsego, e deliciosos e exóticos coquetéis Brandy Alexander. Ela enxergava tudo em

dobro, experimentando o mesmo torpor adorável, uma espécie de dormência no rosto. Connie querido. Ela sentiu uma onda de amor por ele — no começo era tudo tão bom. Uma vez ele tinha lhe dado de presente uma reluzente estola de pele de raposa que a fez se sentir como uma estrela de cinema, com a maciez e a suavidade do adereço envolvendo seus ombros. Era uma mulher que todos invejavam. E Connie, confiante, a envolvia preguiçosamente nos braços, desfrutando da atenção tanto quanto ela.

No meio desse devaneio, Marianne apareceu.

Ela parou na entrada do bar sujo, o familiar xale jogado nos ombros, os olhos procurando entre a multidão. Por um instante, seu olhar encontrou o de Benita, tão evidentemente surpreso e até mesmo espantado que Benita sentiu o mesmo choque. Não havia como reunir esses dois mundos — a existência ordenada de Marianne, de um lado, e de outro, esses rapazes, esse lugar, esse sentimento de ébria irresponsabilidade. Por isso, Benita desviou o olhar. Foi mais um instinto do que uma decisão. Ela jogou a cabeça para trás, mostrando todo o pescoço, de uma forma que ela sabia ser convidativa e sedutora. Deu uma risada alta e indiscreta. Com o canto do olho, viu Marianne hesitar, como se considerasse se deveria interromper a conversa.

Mas não o fez. E num momento depois, não estava mais lá.

Benita ficou ao mesmo tempo desapontada e aliviada.

O rapaz colocou a mão no seu joelho, apalpando de forma grosseira o tecido do vestido contra a coxa, a ponto de incomodar a pele. Mas o que importava? Benita apoiou a cabeça no ombro dele — ela era a vagabunda idiota que Marianne sempre achou que fosse. Não passava de uma garota estúpida. A soleira da porta onde há pouco estivera Marianne — sua amiga, sua colega de apartamento, praticamente a sua família — era como um buraco negro.

NO ANDAR DE CIMA, em seu quarto sob os beirais, tudo aconteceu de forma rápida e confusa. Benita se viu flutuando, como se estivesse fora do corpo e visse tudo de cima: as mãos suadas nos seus seios e o hálito do rapaz cheirando a salsicha, a cálida e surpreendente maciez da barriga dele, como a pele de um bebê, as coxas rijas. Ele não tinha experiência. E o mais surpreendente, ele tinha uma perna falsa presa embaixo do joelho direito, uma dura haste de madeira que pressionava sua canela através das calças que insistiu em manter. Por acaso era sua imaginação falando? Ela tentou tocar na

perna, mas ele afastou sua mão. E então ela o deixou terminar sem saber ao certo se aquilo era verdade.

Ela só pode verificar depois que ele dormiu, abraçado a ela, satisfeito, roncando levemente. Levantando com cuidado a barra da calça, ela sentiu a madeira lisa do membro falso e a apalpou até chegar à extremidade, encaixada na coxa com tiras rústicas de couro. Um coto com uma delicada cicatriz cobria o osso, desigual e ondulado, ainda assim macio ao toque — tão delicado quanto a cabeça de um pênis. Ela estremeceu e o rapaz se mexeu na cama.

Benita ficou sentada ao lado dele por um tempo, sob a luz do poste que entrava pela janela, iluminando o corpo desajeitado e danificado do rapaz. Um ferimento de guerra, provavelmente, apesar da juventude. Talvez ele fosse um daqueles infelizes meninos enviados ao front quando não havia mais ninguém para mandar, que eram fuzilados na hora se olhassem para o lugar errado. Ou talvez ele tivesse sido uma cruel criança soldado e realizado alguma façanha terrível.

Da forma mais silenciosa que pôde, ela juntou suas coisas, a pequena sacola que continha seus pertences, os sapatos que tinha tirado, a saia jogada no chão. Pisando com cuidado, ela se vestiu, atravessou o quarto e desceu as escadas, dessa vez sem questionar por um momento seu destino, com a calma indiferente e aliviada de quem possui um objetivo; e ao fechar atrás de si a porta da estalagem, sentiu um propósito gratificante no ruído que cortava as amarras dessa estranha vida intermediária.

BURG LINGENFELS, OUTUBRO DE 1950

Sem Benita e as crianças, o apartamento em Tollingen parecia quieto demais. Nada de Fritz andando para lá e para cá, machucando-se nos rodapés do corredor, nada de sapatos empilhados perto da porta, nada de Martin deitado no chão, nos tacos de madeira iluminados pelo sol, lendo seus livros. Nada do cheiro do café de Benita pela manhã ou do perfume de gardênia que emanava do seu quarto à noite. Nada de melodias sentimentais chegando até a sala, vindas da preciosa vitrola dela, apesar de ela a ter deixado para trás. Teoricamente, Marianne poderia ter escutado um disco. Ela mesma tinha dado a vitrola para Benita, contudo, não era da natureza de Marianne escolher um álbum, colocá-lo no prato e ouvir. Uma autoconsciência inata, ou mesmo uma inexplicável ansiedade, a impedia. Uma noite, foi até a prateleira e mexeu nos discos, indecisa — ela não conhecia praticamente nenhum dos nomes e rostos ali —, até se deparar com Benny Goodman. Esse ela conhecia. Mas quando a agulha encostou no disco, as notas soaram incrivelmente altas, ressoando por todo o aposento, e quando conseguiu de algum modo abaixar o volume, ainda estava abalada, constrangida demais, na verdade — como uma pessoa xeretando nas coisas de outra —, para querer continuar ouvindo.

Agora, quando andava pelo apartamento, ouvia somente os leves passos do próprio sapato de ficar em casa. Ela juntou um pãozinho com geleia e manteiga, e uma fina fatia de presunto. Em vez de usar a grande mesa da cozinha, comeu na escrivaninha — uma majestosa Biedermeier polida que tinha herdado de um dos primos Von Lingenfels. Ela a tinha colocado no meio da sala de visitas, perto da janela panorâmica, de onde podia ver a praça da cidade lá embaixo e escrever para as crianças, uma carta por noite.

A escrivaninha era seu novo lar. E por trás dela, ela se lançou a um novo projeto: documentar a história da resistência alemã. Todo dia ela esboçava planos, escrevia listas e tomava notas. Escrevia a velhos amigos e conhecidos, pedindo jornais, fotografias e cópias de cartas. Ela organizou os papéis de Albrecht, mas estava inquieta, agitada demais para lê-los.

BENITA TINHA VOLTADO para sua cidade natal, onde Connie a tinha “descoberto”. Além disso, Marianne não sabia nada sobre o lugar. Ela escreveu para Benita perguntando como estava e quando voltaria, mas não obteve resposta. A última imagem que Marianne guardava dela era horrível: a garota sentada no colo de um jovem grosseiro no bar.

Sozinha no apartamento, sem ninguém para distraí-la, Marianne pensou a respeito da partida de Benita. Ela tinha dado um passo maior que a perna. Não deveria ter falado com Franz Muller. Ao se sentir traída, tinha permitido que isso influenciasse suas atitudes. E quando tentou pedir desculpas para remediar a situação, algo nesse pedido fracassou.

Em suas cartas para a escola, as crianças perguntavam por que Benita havia se mudado. Apenas Martin não comentava o assunto. Até então, ele tinha escrito obedientemente duas cartinhas detalhando sua vida: ia à capela logo cedo, depois tomava um banho frio e assistia infundáveis aulas de matemática. Obviamente, ele também tinha escrito para sua mãe. E o que ela disse sobre sua decisão de voltar a Frühlinghausen, um lugar que sempre citava com desprezo? Marianne tinha medo de perguntar.

Ela começou a escrever outra carta para Benita, em que tentava oferecer um pedido de desculpas mais complexo. Mas por onde começar? *Nosso apartamento parece vazio sem você. As flores na varanda estão secas e enrugadas sem você para cuidar delas, e quando percebi, joguei água demais nos vasos, e agora parecem secas, enrugadas e afogadas, se isso for possível. Herr Dressler pergunta de você todo dia quando passo pelo apartamento dele.*

Eu lhe devo desculpas, ela escreveu, e então riscou logo depois.

Em vez disso, escreveu: *Errei ao me intrometer nos seus planos de casamento, e sinto muito por isso. Se você quiser, irei até Herr Muller e pedirei desculpas. Fiz o que achava certo, mas às custas da sua felicidade. Agora eu vejo que me intrometi demais. Isso também não lhe soou correto. Havia uma reprimenda implícita. Muita justificativa.*

A verdade era que Marianne tinha entendido errado o relacionamento deles. Ela achou que o caso com Franz era uma mera diversão, um devaneio de Benita. Não tinha compreendido como aquilo era primordial para a felicidade dela. Se soubesse... faria o quê? Deveria aplaudir a escolha? Um ex-nazista para a viúva de um rebelde? Ela nunca poderia celebrar uma coisa dessas. Mas foi errado interferir. Isso era que precisava transmitir na carta.

Contudo era tão difícil dizer a verdade e, ao mesmo tempo, escrever as palavras certas! Em sua escrivaninha, na solitária sala de visitas, uma forte sensação de melancolia ameaçou se abater sobre Marianne. Através da amizade com Benita fora transformada em um pântano de complexidades. *Não complique as coisas*, sempre aconselhara Albrecht. Há um certo e errado em cada situação e é nossa tarefa descobrir qual é o *quê*.

Ela parou abruptamente e balançou a cabeça, pôs a tampa na caneta e dobrou a carta. Depois terminaria de escrever.

Uma brisa cálida entrava pela janela aberta. Era um atípico dia quente de outono. O tipo de dia em que as últimas papoulas do campo floresciam e as abelhas trabalhavam freneticamente para terminar o trabalho na estação. Anos atrás, estaria preparando a festa da condessa — encomendando vinho e *champagne*, bolos e cortes de carne. O pensamento lhe deu vontade de subir a colina até Burg Lingenfels. Ela não visitava o castelo havia tempos, desde que pregaram as tábuas nas janelas.

ERA ESTRANHO SUBIR a colina sozinha, sem as crianças correndo em volta, colhendo flores ou jogando ramos de trigo umas nas outras, e sem Benita atrasando o passeio, parando o tempo todo para descansar. A luz do sol e o novo rebanho de vacas de *Herr Kellerman*, pastando na colina, não contribuíram muito para dissipar a solidão de Marianne. *O que devemos fazer com o castelo?*, perguntou a Albrecht enquanto caminhava. *Doe para o governo*, ela o imaginava dizendo, sua voz extraordinariamente clara em sua cabeça. A resposta era fácil de adivinhar: ele era aristocrata demais para sugerir vendê-lo. Esse pensamento a fez rir. Albrecht von Lingenfels, intelectual, revolucionário, herói, sim, ele era tudo isso... mas um péssimo homem de negócios.

E lá estava ele — achatado, amarelado e impenetrável. Nesse dia, Marianne sentiu apenas prazer com a intransigência do castelo. Era como rever um velho amigo. Apressou o passo. Lá estava a velha tília. Lá estava sua parte favorita da parede de pedra. Lá estava a pinguela, e logo depois a grande abertura, como uma enorme boca negra. Contornou o caminho pela lateral até chegar à ponte menor que levava à cozinha, parando subitamente.

Ouviu vozes vindas de dentro. Marianne não conseguiu distingui-las claramente, mas uma delas era feminina. Discutindo. Ela ficou imóvel e ouviu. Era a voz de Ania.

O coração de Marianne deu um pulo incoerente — de alívio, por saber que era a amiga e não qualquer intruso, e de consternação, pelo estranhamento de chegar no meio de uma discussão. Com quem Ania estava discutindo? Nunca tinha escutado a amiga levantar tanto a voz para alguém. Ania parecia tensa. Possivelmente tinha ido verificar se estava tudo bem no castelo e foi abordada por um algum vagabundo perigoso que se escondia dentro daquelas paredes. Eles deveriam ter trancado melhor o castelo!

Marianne inclinou-se para agarrar uma enorme pedra e tentou abrir a porta. Estava destrancada. Ela entrou de uma só vez, o coração acelerado.

Porém a cena com que se deparou não pareceu violenta.

À mesa, um homem se sentava frente a uma tigela de sopa. Estava macilento, com olheiras profundas, obviamente doente. Ania estava do outro lado do aposento, recostada contra a velha e ressecada pia. Ao ver Marianne, uma série de emoções passaram pelo rosto dela. Choque, tristeza e, então, algo como resignação.

Marianne parou, ainda segurando a pedra, imóvel.

— Desculpe — começou. — Eu não sabia...

O homem olhou para ela, para Ania, e para ela de novo. Com a mão frágil, empurrou a tigela de sopa.

— Esse castelo é seu, não precisa pedir desculpas — ele disse para Marianne.

As palavras lhe pareceram estranhas, Burg Lingenfels não era dela, na verdade.

Será que ele era um técnico agrário, um auditor fiscal, algum tipo de vendedor? Sua mente ficou procurando possíveis explicações.

Ania permanecia em silêncio.

— E Ania não lhe falou sobre mim — disse ele, frustrando as possibilidades.

Marianne olhou para a amiga, que agora encarava o chão. Havia duas manchas escuras de leite na blusa dela.

Marianne sentiu uma vontade esmagadora de se sentar. Lá fora, ouvia-se o barulho das andorinhas. Lá dentro, o aposento estava escuro, com o ar parado de uma cripta.

— Eu ia contar — Ania disse, por fim, levantando os olhos. — Você tem que acreditar em mim.

Marianne a encarou.

O rosto que a olhava de volta era estranho — abatido, desalentado, mas assustadoramente sereno.

— Este é meu marido.

QUANDO MARIANNE DEIXOU o castelo, o dia continuava espantosamente igual. O sol da tarde se derramava generoso sobre o restolho do campo, as papoulas tinham desabrochado... mas ela não as enxergava. Sua mente dava voltas, mas, como um dardo, o pensamento acabava voltando, como um pássaro cujo ninho tinha sido destruído. Sua própria atitude no castelo lhe pareceu uma confusão desordenada.

Ele não pode ficar aqui, Marianne tinha dito com frieza, olhando para o homem que Ania havia se referido como seu marido. Ania baixou a cabeça.

Mesmo enfermo, o homem emanava crueldade. Ele estreitou os olhos e deu de ombros. *E onde você esperava que ela me levasse? Para a casa do seu novo marido? A algum hospital americano?* Eram mais ameaças que perguntas.

Mas não era isso que Ania merecia? Ela tinha mentido para Marianne, para Carsten, para todos em sua vida. Ela tinha se aproveitado do mal-entendido, abusado da generosidade de Marianne e tirado vantagem do seu desejo de ajudar. Ela tinha casado com um homem sob falsas promessas. E agora tinha trazido aquele estranho para morrer em Burg Lingenfels. Por todos esses motivos, deveria ser desmascarada.

Porém precisava pensar em Carsten. Com certeza, saber que a esposa o havia enganado acabaria com ele. E ele merecia mais, ao contrário de Ania. Ele merecia terminar sua vida da forma pacífica e honrada com que vivera. E aqueles pobres meninos, Anselm e Wolfgang, de quem Marianne nunca gostara — de repente sentiu pena deles. Eram a armadura que a mãe usou em suas mentiras.

Então Marianne domou sua própria natureza e foi embora. Ela deixou o homem, esse Rainer Brandt, ou quem quer que fosse, morrer em Burg Lingenfels. E deixou Ania, que nem era mesmo Ania, que na verdade era uma mentirosa e uma falsa amiga — uma mulher que tinha fingido ser alguém que não era —, acorrentada à morte dele. Ania, ou quem quer que ela fosse na realidade, Marianne não se importou em saber. Que ela apodreça com esse homem no castelo.

Tudo que Marianne podia fazer era dar as costas a eles.

PARTE III

DORTMUND, 11 DE JANEIRO DE 1923

Uma das memórias mais antigas de Ania era do dia em que os soldados franceses chegaram em Dortmund.

Ela tinha 12 anos, e seu pai a proibira de sair do quarto.

Mesmo assim ela conseguia ouvir o rumor das tropas. Primeiro os tanques, depois os cavalos, então os soldados africanos que os franceses tinham trazido das colônias para ajudar com a ocupação. *Frau* Richter, a governanta e cozinheira dos Fortzmann, disse que eram homens sedentos de sangue, prontos para ferir com lanças as crianças alemãs e depois devorá-las ao menor sinal dos supervisores franceses. Ela disse que o mais baixo deles tinha mais de dois metros de altura, que respiravam fogo e cuspiam chamas, e que iriam marchar quase nus pelos continentes, as cabeças lisas como bexigas. Em comparação a eles, os soldados franceses pareceriam camundongos — homenzinhos maltrapilhos e magros, desonestos, que ali estavam para roubar os primeiros indícios de uma produção relevante da indústria alemã no pós-guerra.

Ania era grande o bastante para saber que *Frau* Richter era uma mulher irracional e supersticiosa, sem nenhuma educação formal. Mas também que seu marido e filho morreram na guerra que todo mundo viria a conhecer como a Primeira Guerra, mas que por ora ainda era simplesmente (numa perspectiva otimista, na verdade) definida como A Guerra. Essa perda granjeava a *Frau* Richter certa autoridade sobre assuntos militares.

Os franceses estavam ali para tomar as fábricas de carvão que empregavam a maioria dos habitantes da cidade. Era a melhor indústria de toda a Alemanha. *Reparação* uma palavra ruim na boca de todo alemão. *Parece que estamos na escola*, dizia *Frau* Richter, revirando os olhos. *Tomamos o dinheiro do almoço deles, e agora vão tomar o nosso*. No mês anterior, oito homens tinham sido presos — homens elegantes, de cartola e fraque, donos de várias fábricas da região. *Que vergonha*, dissera *Frau* Richter, olhando para a fotografia deles no jornal. *Não basta tomar as fábricas? Também tinham que tirar a dignidade deles?*

Quase tudo que Ania sabia a respeito de política vinha de *Frau* Richter. O pai de Ania, o *Doktor* Fortzmann, tinha a velha crença de que crianças deveriam ficar quietas na frente de seus superiores. Ele era contra política de maneira geral e ansiava pela restituição da monarquia. Eles não tinham visto nada além de tumulto e inflação nos últimos cinco anos, desde que Guilherme II tinha abdicado. E Ania sabia que não deveria mencionar os comunistas. O pai ainda não tinha se recuperado do choque da breve tomada da Bavária, que, por algumas semanas em 1919, havia se tornado a República Soviética da Bavária. Se ele comesse a falar no assunto, ninguém na casa ouviria mais nada por dias. Para o *Doktor* Fortzmann tudo estava melhor com o *Kaiser*. E em sua própria casa, ele mesmo era o *Kaiser*.

Como seu pai era médico, a pequena família de Ania conseguia viver relativamente bem trocando mercadorias como moeda — ovos e batatas em troca da sutura de ferimentos, ajuda para empilhar lenha ou limpeza de calha em troca do tratamento de uma criança doente. E sempre havia crianças doentes, pois os trabalhadores das fábricas de carvão da região viviam em péssimas condições. Ao contrário de muitos moradores locais que dependiam de salários em dinheiro em um período de escassez de alimentos e inflação, os Fortzmann pelo menos estavam bem aquecidos e alimentados.

Frau Fortzmann não saía do quarto desde que o irmão mais novo de Ania morrera. Dor nas costas. Dor no peito. Ela tinha uma constituição delicada. Não se aventurava a ir além dos confins da sala de estar. *Minha doce Ania*, dizia ela, quando Ania levava o café da manhã que *Frau* Richter preparava toda manhã. Ela passava a mão pelo cabelo de Ania e seus olhos se enchiam de lágrimas. Ania mal conseguia olhar. Seu hálito cheirava a camomila, dos chás que vivia bebendo, e por baixo disso tudo exalava outro cheiro, algo azedo — a essência da inércia. *Conte-me as novidades*, ela pedia. E Ania obedecia: *Frau Richter arrumou uma nova capa para a chaleira, que sua irmã tricotou. O pai leu um versículo dos Coríntios na noite passada. Na escola, estamos estudando frações. Alguns homens em Munique tentaram matar o presidente.* As novidades eram sempre as mesmas. Ela não fazia ideia do que contar à mãe, não fazia ideia do que poderia interessá-la. *Frau* Fortzmann escutava sem ouvir. Dava palmadinhas na mão de Ania se ela estivesse por perto, ou alisava a pele macia da filha com o dedão. Para Ania, narrar tudo isso lhe dava vontade de vomitar. Quando

terminava, imediatamente fugia para o calor morno da cozinha, para ouvir mais das conversas impudicas de *Frau Richter* sobre política.

No dia em que as tropas francesas chegaram para ocupar o Vale do Ruhr, Ania já tinha visitado a mãe e completado a cota diária de bordado. *Frau Richter* tinha saído para resolver alguns “afazeres” e certamente poderia ser encontrada entre a multidão que observava o avanço das tropas. *Herr Doktor Fortzmann* estava lendo em seu consultório, franzindo a testa com as últimas notícias das indignidades alemãs. Somente Ania não tinha o que fazer, presa no quarto com o armário opressivo e escuro, o quadro da avó paterna, de aspecto cruel, e a cama rigorosamente arrumada, na qual supostamente não deveria se sentar. No mundo lá fora, nem a dois quarteirões de distância, um exército de conquistadores estava tomando sua cidade, e lá estava ela, trancada numa câmara de relíquias. Parada perto da janela, buscando fiapos na meia, ela teve uma ideia. A ideia mais radical e transgressora que já teve na vida. Iria trepar na janela, andar em cima do teto da cozinha, descer pela ameixeira e de lá para o jardim. Se alguém a pegasse, certamente iria receber a surra que espreitava por trás de todas as ordens do pai, implícita no açoite detrás do porta guarda-chuva e no perpétuo ar de violência contida que ele exibia. Ela preferia morrer a levar essa surra. Então, ia dar um jeito de não ser pega.

Ania rastejou de lado, como um caranguejo, da borda da janela até o telhado plano, com movimentos tão ágeis que até a surpreenderam. Ao chegar na borda, desceu escorregando pelo tronco de árvore áspero e aterrisou no chão. De lá, correu em disparada por entre os canteiros mais afastados do jardim para a ruazinha atrás de casa. Respirando com dificuldade, olhou em volta. Tinha conseguido escapar. Era a primeira vez que desobedecia seu pai, e a sensação era excitante e, ao mesmo tempo, nauseante.

Ania se aproximou da *Uhland Strasse* e ouviu o ronco estrondoso dos tanques se afastando — tinha perdido o espetáculo! — e os cascos dos cavalos ressoando alto. Contudo, ao dar a volta e chegar à esquina, encontrou todo mundo: ali estavam os cidadãos de Dortmund, alinhados em ambos os lados da rua, observando, inquietos.

Os franceses marchavam no meio da rua, orgulhosos, do alto de seus cavalos, baionetas posicionadas em seus ombros como imensas agulhas. Por baixo dos capacetes, porém, exibiam rostos decepcionantes de tão comuns. Não havia africanos com mais de dois metros de altura. Nada de grandes

senhores franceses que respiravam fogo e tinham cara de fuinha. Mas o desprezo dos soldados pela multidão era um insulto declarado. O ar estava repleto de raiva e hostilidade.

Ania caminhou em direção à multidão. Ela alcançou a linha de frente a tempo de presenciar um espetáculo humilhante. Um dos soldados a pé, que marchava à frente do batalhão, quebrou a formação para investir contra um homem na multidão que tinha esquecido de tirar seu chapéu. O soldado o derrubou no chão com pancadas.

O golpeado — jovem, robusto e de aparência viril, o tipo de rapaz que *Frau Richter* chamaria de *ein richtige deutsche Bursche*, um autêntico e perfeito jovem alemão — tentou revidar o ataque, golpeando o soldado, mas as pessoas em volta seguraram os braços dele. Isso causou um alvoroço na multidão, e, coletivamente, todos prenderam o fôlego. Depois que o soldado voltou para a formação, as pessoas soltaram os braços do jovem, e Ania o viu abrir espaço na multidão, apressado, para recuperar o chapéu, que tinha rolado até o meio da rua, perigosamente perto do estrépito de cascos. Quando se viu frente ao enorme cavalo, ele foi obrigado a acenar para o cavaleiro — um pequeno e degradante gesto de autopreservação.

Isso não era nada comparado ao panorama geral (afinal, tinham acabado de passar por uma guerra), contudo, na época, Ania ficara chocada. O jeito bruto com que o soldado arrancou o chapéu da cabeça do homem — como se o jovem alemão fosse uma criança desobediente, ou pior, um animal. O fato alterou sua percepção sobre o significado de sua nacionalidade alemã. Era uma manifestação pessoal de derrota. Isso era o que acontecia com os cidadãos de uma nação derrotada.

A PRÓXIMA TRANSGRESSÃO de Ania foi mais complicada.

O chanceler da Alemanha encorajou os cidadãos do Ruhr a se engajarem em atos de resistência passiva contra os ocupantes. As tropas de moças da Academia de Ginástica de Munique carregaram cartazes que diziam: NÃO QUEREMOS SER SEUS ESCRAVOS. Os siderúrgicos estavam em greve. No sul, havia violentos confrontos entre os comunistas e milícias *Freikorps* de direita. Talvez Ania estivesse sob influência desses protestos. Ou talvez apenas tivesse chegado à idade da rebeldia.

No primeiro domingo da Quaresma, Ania deveria acompanhar o pai em visita à avó e à tia. Era uma tradição que Ania odiava, como muitas no lar dos Fortzmann. Tia Gudrun acreditava que era sua evidente responsabilidade moldar Ania e transformá-la em uma jovem decente. Já que a mãe dela tinha decidido se tornar uma inválida inútil, Gudrun ensinava Ania a lavar e esfregar, a “dominar as prendas do lar” e a sentar absolutamente ereta e silenciosa enquanto os adultos comiam. Logo, Ania era forçada a sentar no sofá de crina de cavalo e mordiscar biscoitos digestivos enquanto os adultos comiam fatias de torta de groselha com creme. O tique-taque autoritário do relógio, o cheiro azedo do aposento, e as pelancas rugosas que pendiam do rosto da avó faziam Ania pensar na morte, em uma morte sufocante e opressiva.

Nessa tarde em particular, quando chegou a hora de ir à casa de Gudrun, ela se escondeu atrás do salgueiro no fundo do jardim dos Fortzmann. Os galhos pendiam até o chão e lhe forneciam um abrigo frondoso e espesso.

O tranquilo recanto era um dos lugares prediletos de Ania. Ela adorava o cheiro de estuque em decomposição que vinha do muro do jardim, o solo úmido, o calor que emanava das mãos depois de brincar com galhos, folhas e minhocas. Ela escondia objetos embaixo dos galhos do salgueiro. Por exemplo, o romance barato que encontrou no banco de parque, que ela sabia que o pai iria desaprovar — para ele, algo moderno e sensacionalista demais. Ele acreditava que os únicos livros válidos eram a Bíblia e os livros de Schiller. Mesmo Goethe lhe parecia liberal demais. Ania também escondeu atrás do salgueiro o doce que surrupiou da festa de formatura de sua sala de aula, um esqueleto de cobra e um broche colorido de mosaico que roubou da penteadeira da mãe três meses antes.

Por que esse salgueiro ocupava um lugar no suburbano e ordeiro jardim dos Fortzmann? Não havia lago, canal ou rio para matar sua sede. A árvore era uma remanescente, alguém disse a Ania uma vez — talvez *Frau* Richter, que, em seu âmago era uma romântica, ou seu tio Dierck, considerado jovem e imprestável, e que recentemente fugira de casa para trabalhar num navio. A árvore era a remanescente de um tempo em que todo o bairro era um pântano, repleto de lagoas, lamaçais e grandes aves aquáticas. A haste, curvada como uma pessoa enlutada, era um produto do seu próprio anseio. Quando Ania deitava embaixo dos grandes galhos cortinados ela sentia o mesmo

anseio — suas células ficavam sedentas pela massa de água extinta, seus ouvidos ouviam os balbucios fantasmagóricos de um riacho que secara.

Nesse domingo em especial, Ania não foi para o esconderijo sozinha. Estava acompanhada do vizinho e melhor amigo, Otto Smeltz. Quando ouviu *Frau Richter* chamando, ela agarrou a mão dele e a apertou.

— *Shhhhhh* — cochichou impetuosamente, e os olhos de Otto se arregalaram, surpresos.

Ele era um garoto frágil, etéreo como uma ninfa: pálido e magro, de cabelos negros. Ele e Ania brincavam por horas embaixo do salgueiro, criando hospitais para animais doentes. Às vezes Otto fingia ser menina e deixava Ania trançar seu cabelo basto. Eles inventam jogos com a lama gelada e macia, usando pedrinhas como peças.

Ninguém mais na *Langebein Strasse* brincava com Otto Smeltz. Por uma razão: seu pai não era médico ou advogado como os outros homens da rua. Era um comerciante que possuía um mercadinho no centro da cidade. Também havia outro motivo: sua família era considerada boêmia, pelo menos em comparação às outras famílias. Além disso, também eram judeus, imigrantes poloneses.

De vez em quando, quando o dia estava bonito, sua família tocava música no jardim. *Herr Smeltz* tinha um violino e sua esposa uma harpa judaica. A filha deles, Susi, uma garota rebelde, com cabelo desgrenhado e ar insolente, tocava acordeão. Isso era considerado inapropriado — *Um carnaval*, segundo *Frau Richter*, que teria um ataque do coração se soubesse quanto tempo Ania passava com o pequeno Otto. Nas noites quentes de verão, Ania abria a janela do quarto e ouvia a música, deitada sozinha na cama.

Nessa tarde, a insurreição de Ania deixou Otto nervoso.

— Quando você vai sair? — sussurrou ele. — E se eles não forem embora sem você? O que seu pai vai fazer quando a encontrar? — As perguntas eram como um balde de água fria em seu bom humor.

— Cale a boca — silvou ela, subitamente ciente da sua própria autoridade sobre a amizade. Ela era um ano mais velha, mais alta e também possuía uma autoridade mais intangível. — Fique quieto.

— *Ania*. — Otto puxou a manga dela, e ela a sacudiu, se livrando do puxão.

— Cale a boca. — Ania cobriu a boca dele com a mão e viu um medo animalesco e instintivo surgir em seus olhos. Relutante, ele ficou ao lado dela

e não gritou.

Mais tarde, quando por fim ela foi encontrada por um vizinho policial que *Frau* Richter conseguiu convencer a participar das buscas, Ania ficou ao mesmo tempo apavorada e exultante.

— Por que você fez isso? — *Doktor* Fortzmann perguntou gravemente, sentado na grande cadeira de couro em seu estúdio. — Esperava mais de você. — Ele usava sua voz mais profunda e moralizante. O açoitado estava encostado contra a cadeira.

— Ele me obrigou — disse ela, envergonhada, olhando para o carpete.

— O garoto Smeltz?

O policial também encontrou Otto. Mas, ao contrário de Ania, ele foi arrastado pelas orelhas até a delegacia.

Ela assentiu, lembrando da expressão do oficial.

— Foi ideia dele — continuou ela e seu coração disparou. — Ele não me deixava sair.

Algo mudou no comportamento de *Doktor* Fortzmann — suas mãos espalhadas sobre os joelhos, ligeiramente apertadas.

— O que você quer dizer com isso?

A história de Ania ganhou força.

— Ele me segurou. Colocou a mão na minha boca quando eu quis gritar.

Herr Fortzmann franziu as sobrancelhas.

— Você não vai mais brincar com ele. Está entendendo?

— Sim — assentiu ela. — Entendi.

Para surpresa de Ania, o açoitado permaneceu onde estava. Foi mandada sem jantar para cama e mais tarde, naquela mesma noite, *Frau* Richter passou para ela, às escondidas, uma tigela de sopa de ervilha com uma fatia de presunto.

— Pobre criança — a mulher disse, balançando a cabeça e estalando a língua. — Deveríamos ter protegido você desse menino.

Isso deixou Ania com uma sensação estranha, como se a mentira fosse um objeto palpável, preso na sua barriga. E, apesar de estar faminta, não conseguiu comer. A noite estava linda, mas não havia risadas ou música vindo da casa dos Smeltz.

MAIS TARDE, as pessoas jogaram pedras nas janelas da família Smeltz. Alguém pintou uma faixa na diagonal na porta. O que estava escrito, ela não

lembrava. Otto não voltou à escola.

Na verdade, Ania o viu novamente apenas uma vez. Ele estava andando pelo parque, os ombros curvados por causa do frio, e ficou surpresa em ver o quão pequeno ele era. Ficou com uma sensação esquisita — a forma como o cabelo escuro se agitava, como penas voando ao vento, e a magreza das pernas nas calças curtas, parecendo finos gravetos. Então Ania repetiu a si mesma a história que tinha inventado: ele era uma criança manipuladora que a forçou a desobedecer seu pai e colocou sua mão suada e suja na boca dela. Ela imaginou isso tão detalhadamente que parecia real.

E então, numa manhã, a família Smeltz desapareceu. No meio da noite, carregaram uma carroça com tudo o que havia na loja de *Herr Smeltz* e abandonaram a casa para morar em um bairro judeu.

Nas longas e enfadonhas tardes que Ania passou na *Langebein Strasse 34*, nos dias e anos seguintes, sentiu falta do amigo. E à noite ela se deitava em seu quarto silencioso e tentava se lembrar da música que a família costumava tocar. Sentia uma dor no coração. Ela sabia que a música acabou por culpa dela.

DORTMUND, 1934

Na próxima fuga de Ania, Otto Smeltz tinha se reduzido a não mais que uma linha em suas memórias de infância.

Dessa vez, decidiu deixar sua casa para ingressar no convento das Irmãs do Sagrado Sacramento. Ela tinha 23 anos, uma jovem mulher, mas, sob o teto do pai, ainda era considerada uma menina. Terminou o colegial com boas notas e mérito, mas não ia para a universidade. *Herr Doktor* Fortzmann não achava que as mulheres deveriam cursar o ensino superior. Achava que era dever de Ania cuidar da casa para ele, agora que a mãe havia morrido. Um dia ela iria se casar e ter filhos, então para que precisaria de diploma superior?

Ania, por outro lado, não estava interessada em cuidar da casa ou em casamento, e sequer em ter filhos. Era uma garota atlética, com mente rápida e literal, acostumada a passar a maior parte do tempo sozinha. Ela não se destacava entre as moças. Possuía uma estatura comum, um cabelo louro comum e traços comuns. Talvez os olhos fossem um pouco largos demais, os lábios, um pouco finos demais, e as pernas, desengonçadas. Ela não se importava com nada disso. Seu corpo era forte e saudável, e na turma de ginástica era a garota que corria mais rápido e saltava mais alto. Sua firmeza de caráter e a boa cidadania a tornavam uma pessoa querida por todos. Era sempre convidada para dançar nos bailes dados pela administração da cidade, frequentados por todos os jovens. Contudo, aceitava os convites apenas por educação. Qual era o sentido em se envolver romanticamente? Parecia uma distração de coisas mais importantes.

E estas eram, em ordem de importância: o vasto mundo (não a Alemanha, mas o planeta todo, que abrigava a mais estranha variedade de vida humana — ela devorou todos os livros da coleção de *Herr Doktor* Fortzmann sobre civilizações estrangeiras e pesquisas antropológicas) ciência, de maneira geral, e condicionamento físico (ou mais precisamente, a sua adesão ao grupo esportivo local para moças).

Assim, Ania pretendia deixar sua casa e ir para o convento não porque desejava ser freira, mas porque queria ir para a África. O convento tinha uma missão na antiga colônia da Namíbia, criada pela dinastia Habsburgo. Ela se imaginava ensinando rechonchudas crianças nativas a ler e a cozinhar seus vegetais, e se via adormecendo sob os mosquiteiros, escutando os gritos dos macacos. Ansiava por uma oportunidade de ver a imensidão do mundo. E também de sair de Dortmund.

Ania não perguntou ao pai o que ele achava da ideia. Ela sabia a resposta. Apesar de toda a crítica que fazia ao governo atual, e igualmente aos nazistas e comunistas, *Herr Doktor* Fortzmann nunca havia botado os pés para fora da Alemanha. Era seu lar, seu *Heimat* e, na sua opinião, a única nação verdadeiramente civilizada da Terra.

Depois da morte da esposa, seu pai se tornou ainda mais distante. À noite, jantavam em silêncio, ouvindo o retinir metálico dos talheres. Ela sentia saudade dos dias em que ele lia para ela sobre os pecados dos comunistas, as glórias do *Kaiser* e seus heróis germânicos favoritos — Hermann, Carlos Magno e o general Bismarck. Até mesmo seus pacientes o estavam abandonando. Os nazistas tinham inaugurado um novo hospital no outro lado da cidade que fornecia atendimento gratuito para os operários das fábricas. Com isso, *Herr Doktor* Fortzmann se trancava em seu consultório durante tardes inteiras, lendo e espiando os jornais com desconfiança.

Enquanto isso, o mundo em volta da rígida infância de Ania desabrochava. O ar estava carregado de excitação; era um novo dia para a Alemanha. O jovem Hitler — tão bonito, tão vibrante, tão diferente dos velhos e cansativos intelectuais que, nos últimos quinze anos, tinham atrapalhado o crescimento da nação e provocado tumultos, desemprego e conflitos políticos — tinha acabado de se tornar chanceler. Os jornais exibiam profusamente seus planos e ideias audaciosos. Ele possuía a visão e a energia ideais para engrandecer a Alemanha. Capturou os comunistas que tinham queimado o *Reichstag* e evitou a revolução que muitos alemães temiam havia anos. Até mesmo *Herr Doktor* Fortzmann lhe dava crédito por isso. E *Frau* Richter era uma apoiadora fervorosa. *Ainda bem que temos Hitler*, dizia. *Ele vai nos salvar dos bolcheviques*.

Sob o governo dele, a Alemanha seria uma única nação, em vez de uma coleção de facções rivais que criticavam umas às outras diante da derrota.

Juntos iriam criar a melhor e mais esplêndida civilização da Terra! E Hitler dizia que os jovens é que iriam concretizar esse ideal.

Seria a morte ficar presa na casa Fortzmann.

NO DIA QUANDO Ania partiu, Rainer Brandt esperava por ela na esquina. O que ele era? Seu amigo? Seu namorado? Seu improvável confidente? Não havia um rótulo adequado ao relacionamento. Ela o conhecia desde criança. Frequentaram a mesma escola e a igreja. Esperaram na mesma fila por comida, foram aos mesmos funerais e iam aos mesmos brinquedos do parque de diversões. O pai dele, um dos pedreiros do hospital, era paciente de *Doktor* Fortzmann. Quando pequenos, ela e Rainer jogavam gamão na sala de espera durante a consulta semanal de *Herr* Brandt.

— É sua última chance — disse ele, levantando da mureta onde estava sentado. — Em vez de se juntar a esses fanáticos religiosos, pode fugir comigo.

— E ir aonde? — Ania perguntou, tentando manter a voz tranquila, embora se sentisse prestes a sucumbir.

Ela não tinha dado adeus a ninguém — a seu pai, que a proibiria de partir, ou a *Frau* Richter, que iria chorar e torcer as mãos. Não era mais uma criança, mas ainda assim estava efetivamente fugindo.

Rainer pegou a mala da sua mão.

— Por que ir para a África quando tem tantos alemães precisando da sua ajuda? Estou falando sério.

Eles tinham debatido esse assunto com frequência. Rainer era um nazista recém-convertido. Ele planejava ocupar a primeira fileira do maravilhoso novo império de Hitler. Já tinha se inscrito como líder da *Landjahr Lager* — uma etapa do programa do serviço nacional na qual jovens alemães passavam um ano trabalhando na terra, desenvolvendo as habilidades necessárias para quando a Alemanha voltasse a ser uma sociedade agrária sob o governo de Hitler. Logo seria obrigatório para todos os jovens do país. Rainer seria preparado para subir de patente do programa.

Ania conseguia ver a beleza daquele sonho, mas, ao mesmo tempo, desejava ir além. Queria viajar para mais longe, ir além da terra alemã. Sentia o chamado da África, com sua selva luxuriante e as tribos primitivas.

— Pense em tudo que você vai perder aqui — Rainer continuou. — O começo de uma nova Alemanha!

— Oh, Rainer. — Ela suspirou, incapaz de pensar em algo além da visão do pai dormindo em sua cama estreita, decrépito como um ancião. Antes de sair ela deu uma espiada no quarto dele e ficou surpresa com a aparência enxovalhada. Ele dormia em cima da colcha, de boca aberta, roncando, o colarinho da camisa aberto, só de meia. — Já escolhi meu caminho.

Rainer ergueu as sobrancelhas. Sempre fora um menino quieto, intimidado pela pobreza da família, pela saúde frágil do pai e o rude dialeto suábico falado pela mãe. Mas agora era um membro do partido nazista e se destacava entre os outros com uma atraente e recém-descoberta confiança. As garotas começaram a reparar. Ele não era bonito — seu rosto era anguloso e comprido demais e queixo tinha um quê de truculento —, mas era muito enérgico, intenso de uma forma extremamente convincente. E não tinha olhos para mais ninguém além da amiga de infância.

— Eu lhe dou três semanas no convento — disse ele, chutando uma pedra para a rua. — Você vai voltar.

NA VERDADE, ANIA durou apenas duas. As freiras do claustro foram sinceras:

— Você vai ficar doente a maior parte do tempo — Irmã Catherine contou. — As pessoas de lá não falam alemão, então você terá que aprender francês. Não existe batata lá. Todo mundo vai querer tocar no seu cabelo.

Ania não se importava. Ela já conhecera bem o desconforto e a doença. Estava genuinamente curiosa a respeito dos nativos. O problema, para ela, era Deus.

— Você deve pensar n'Ele e tê-lo sempre em seu coração — disse Irmã Anne Marie. — Se não fizer isso, Ele vai abandoná-la.

Porém quando Ania tentava manter Deus no coração, uma sensação de vazio a invadia, não sentia fervor nem tranquilidade. Ela fazia suas preces todas as noites e ia à capela toda manhã. Sentia o tecido áspero do hábito contra o cotovelo, o joelho amortecido ao se levantar nas difíceis madrugadas, mas ainda assim não sentia Deus. Ao contrário, sentia pavor e medo da morte. E isso a preocupava. Ela era uma garota séria. Levava os conselhos das freiras a sério. Afinal, ela era filha de *Herr Doktor* Fortzmann.

No segundo sábado no convento, Rainer a convidou para assistir uma apresentação da *Landjahr* local. O dia estava ensolarado e maravilhoso, e fora dos muros do convento o ar parecia explodir de vitalidade. Um grande

número de pessoas se reuniu do lado de fora da prefeitura da cidade e, ao contrário da multidão irritada e belicosa da qual se lembrava de sua infância, não estavam lá para brigar ou protestar. Estavam lá para celebrar. Queriam desfrutar de uma pequena partícula desse novo espírito de possibilidade e intimidade.

E a apresentação foi maravilhosa! Os jovens tinham entre 14 e 15 anos, vestiam calças curtas e gravatinhas pretas, os cabelos com franjas cortadas rentes. Pareciam felizes, saudáveis e inocentes no palco improvisado. Marcharam em uníssono extraordinário e cantaram canções animadas e baladas tradicionais, louvores à beleza da natureza e aos prazeres da caminhada ao ar livre. Encenaram uma peça de teatro que eles mesmos tinham escrito sobre o grande herói alemão Hermann e sua batalha vitoriosa sobre os romanos. O figurino era simples e as falas não eram especialmente poéticas, mas atuaram com seriedade e fizeram até mesmo algumas boas piadas. Quando a peça acabou, os atores ficaram de pé, eretos e altos frente a seu líder: um jovem bonito não muito mais velho que Rainer. O jovem falou sobre orgulho, autocontrole, disciplina, e, acima de tudo, união — filhos de siderúrgicos, donos de lojas de departamento, pescadores e nobres, todos juntos, vivendo um ano inteiro semeando a terra. Atrás dele, cinco garotos hastearam flâmulas da Juventude Hitlerista com sua elegante e solitária faixa riscando a bandeira. Era, provavelmente, a coisa mais bonita que Ania já vira.

Eles encerraram com uma canção devocional à Pátria Mãe Alemã:

*Estamos todos unidos sob uma bandeira de solidariedade
Desde que descobrimos que somos um só povo
Ninguém mais está sozinho, somos todos muitos gratos,
A Deus, a nosso Líder, a nosso sangue,
Elevados em nossa fé, felizes em nosso trabalho, realizado por todos
Todos nós almejamos ser uma só nação
Alemanha, estamos alegremente a seu lado
Queremos que essa grande aliança seja vista em toda sua glória!*

Ania ficou surpresa com as lágrimas que brotaram. Ela não tinha percebido, até aquele momento, o quão solitária e isolada esteve. Durante todos os momentos de sua vida ela permaneceu sozinha. Ia dormir sozinha e acordava sozinha — não teve mais irmãos depois que seu irmãozinho morreu e não

recebeu nenhum cuidado maternal fora os resmungos de *Frau Richter* insistindo que ela engolisse sua colher costumeira de óleo de fígado de bacalhau. E achou que era feliz em sua solidão!

Até este dia, tinha compreendido o sentimento de unidade como algo faccionário: os grupos de agitadores da sua juventude pós-guerra, unidos somente por causa do inimigo em comum. Mas ela não tinha inimigos. E nem aqueles jovens em cima do palco, que pareciam tão sinceros e felizes com a companhia uns dos outros. Eles tinham uma causa: a solidariedade e a Alemanha.

Provavelmente era isso que Hitler quis dizer com *Kraft durch Freude*: “Força através da alegria”. Força através de comunidade, música e felicidade. Era o oposto da criação de Ania. A sensação que experimentou com esse espetáculo só podia ser descrita como religiosa.

— E então? — Rainer disse, depois que os jovens foram para trás do palco. Ela se sentia a milhares de quilômetros de distância das freiras, do claustro úmido, com cheiro de mofo, e do obsoleto projeto missionário.

— Sim — Ania disse, sem fôlego. — Você tem razão.

E então, não por conformismo, mas por rebeldia, Ania Fortzmann se filiou ao partido nazista.

DORTMUND, 1935

Ania e Rainer se casaram na prefeitura da cidade. Ela vestia um conjunto azul adequado à situação, e ele, o seu melhor uniforme de líder de *Landjahr*.

Ania achou a solenidade da ocasião engraçada. Ela se sentia como uma criança brincando de ser adulta. Mas Rainer estava tão sério quanto num enterro. Ele continuou dois passos à frente dela quando subiram os degraus do prédio. Mesmo quando ela se apressava, ele não a deixava alcançá-lo.

Seguindo esse novo Rainer, rígido e sem nenhum humor, Ania sentiu um arrepio de dúvida. *Você o ama?*, sua amiga e parceira de ginástica Ulrike lhe perguntara quando Ania tinha contado que estavam noivos. A questão a pegou de surpresa. Ela e Rainer se conheciam desde a infância. Eles partilhavam a paixão pelo trabalho e pelo progresso da Alemanha. E Rainer dizia que sempre soube que se casaria com ela. Essa certeza era irresistível. Ania costumava seguir a liderança de homens com opiniões fortes. Mas estaria “apaixonada”? Ela nem sabia ao certo o que isso significava. Nos romances, o amor parecia algo tempestuoso e irracional, cheio de caos e urgências da carne. Ania nunca tinha experimentado tais sensações. E não queria experimentar. O que ela queria era um parceiro.

Ela estava casando com Rainer porque, como marido e mulher, eles poderiam liderar juntos uma *Lager*. Nessa fazenda, receberiam sua própria tropa de rapazes, vindos de todo o país. Iriam ensiná-los a cultivar a terra, plantar vegetais, a serem orgulhosos cidadãos do *Reich*, puros e fisicamente aptos. Mesmo que ela e Rainer não soubessem nada de agricultura. Tinham adquirido algumas habilidades básicas no treinamento e trabalhariam em conjunto com os fazendeiros locais. Eles teriam para oferecer sua paixão pelo movimento e seus ideais de união, igualdade de classe e orgulho nacional.

Quando Rainer chegou ao topo da escada, ele se virou e estendeu a mão a Ania.

— Meu quase marido — chamou ela, sorrindo e corando levemente.

Ele deu um passo para trás e fez um gesto para que ela andasse na sua frente. Juntos, desceram até o porão bolorento onde trabalhava o funcionário da prefeitura que cuidava desses assuntos.

AS DUAS PRIMEIRAS fazendas foram realmente idílicas. Foram os melhores anos da vida de Ania. Ela sabia que era verdade, até mesmo mais tarde, quando era vergonhoso admitir. É claro que nunca iria confessar que os melhores anos da sua vida foram dirigindo um programa nazista direcionado à juventude. Seus filhos nunca a perdoariam; sua filha morreria de vergonha. Contudo, suas memórias desses primeiros anos eram verdadeira e imensamente positivas: cheias do puro e satisfatório sentimento de trabalho físico, da alegria do canto e da dança, da camaradagem do trabalho em equipe... Quando não estavam ocupados com os afazeres do campo, praticavam exercícios vigorosamente. De acordo com a filosofia nazista, Ania e Rainer acreditavam no poder civilizatório dos esportes. Qual era a melhor forma dos jovens aprenderem a ter persistência, fidelidade ao grupo e autossacrifício?

A primeira fazenda ficava ao sul, perto de Saarbrücken, em uma bela propriedade rural abandonada pelos moradores originais. *Abandonada*, Ania depois perceberia, não queria dizer ociosa, como achava. *Desocupada sob coerção* seria mais preciso: os antigos donos eram judeus, e as leis de Nuremberg já tinham sido adotadas. Mas à época tudo que sabia era que os donos tinham sido devedores imprudentes que emigraram para a América. A cavalo dado não se olha os dentes, não é mesmo? As terras vizinhas à propriedade pertenciam a poucos e prósperos fazendeiros locais, descendentes dos servos que originalmente haviam cultivado esses mesmos campos. A Alemanha tinha avançado tanto desde então! Rainer e os meninos saíam todas as manhãs para ajudar uma fazenda ou outra. Havia muito o que fazer no final do verão e do outono, e relativamente pouca coisa no inverno.

À noite, como os anões do famoso conto de fada, voltavam para a fazenda, na qual Ania, a Branca de Neve em pessoa, tinha preparado um saudável jantar, com pudim de sobremesa. Comiam juntos em uma mesa comprida, faziam as tarefas domésticas e se reuniam para contar histórias, cantar e jogar.

A casa senhorial era extraordinariamente bela, com enormes aposentos de teto alto, quadros de molduras douradas, afrescos pintados de deuses gregos e

querubins solenes. Toda manhã, quando Ania acordava, ela ia até a varanda privativa do quarto e contemplava o terreno: o encantador gramado, coberto de vegetação, o pomar com lindas árvores floridas, a quadra de tênis (imagine só!) e a impressionante horta que ela mesma havia plantado. Certamente tinha sido um árduo trabalho, mas muito satisfatório. Ela descobriu que levava jeito para plantar morangos na terra fria e fazê-los crescer, exuberantes; plantou frondes de ruibarbo vermelhas e também de um verde intenso; excelentes safras de feijões verdes e ervilhas. Na casa dos Fortzmann, nunca pôde cultivar uma horta — só um pobre pedaço de terra com algumas batatas e groselhas que sucumbiram sob os cuidados de *Frau* Richter. Tal como o trabalho físico, a ciência do cultivo atraía Ania. Rainer permitiu que ela planejasse o regime de preparo físico dos meninos. Ela os desafiava a competir em saltos com barreiras, corridas simples e até mesmo com obstáculos, treinos que preparava com base em seus exercícios favoritos do grupo de ginástica.

E os meninos eram tão inocentes, de rostos puros, mais jovens do que Ania imaginava, tinham apenas 12 e 13 anos, entrando na adolescência. Eram criaturas gentis, empolgados em deixar suas casas na cidade, em ficar longe das tradicionais matérias enfadonhas como latim, aritmética, literatura e geografia.

Nas noites quentes, ela e Rainer levavam os meninos de carroça até um lago próximo, que refletia a colina e o céu e tinha uma água escura e gelada. Os meninos brincavam de nadar e flutuar na água, de lutar uns com os outros. O menino maior e mais forte era sempre coroado “Rei”. Ania deitava num cobertor na relva à beira do lago e observava a brincadeira. Às vezes Rainer nadava até eles e participava da luta, o corpo pálido e rijo tão diferente do corpo deles — mais maduro e, de alguma forma, mais aguçado, severo e determinado, com pelos escuros e crespos no peito.

Ela não gostava do aspecto físico do casamento, mas o tolerava. E o próprio Rainer não era um amante ardente. Ele só a procurava de vez em quando, na escuridão, de forma rápida e sem preâmbulos. Depois de um breve momento o ato estava consumado, e nenhum dos dois tocava no assunto.

Nas noites de sábado, Rainer preparava uma grandiosa fogueira enquanto os meninos cantavam e competiam entre si — quem pulava mais rápido, quem saltava mais longe, quem conseguia ficar mais tempo pendurado num

galho de árvore. Rainer ficava à vontade ali entre tantos jovens que o adoravam e buscavam seus ensinamentos.

No futuro, a filha de Ania iria mandar seus filhos para um acampamento de verão americano. Lá eles praticariam arco e flecha, jogariam futebol, pescam, acampariam e aprenderiam a ser bons cidadãos e bons amigos, e a ter confiança em si mesmos, diria a Ania. Contaria tudo isso com um tom de sarcasmo que sugeria que não levava esse acampamento muito a sério. *Mas isso é lindo*, Ania responderia. *Era isso que fazíamos em nossa Lager.*

Com a diferença de que no Acampamento Wykona eles não ensinam a matar judeus!, exclamaria a filha. *Meu Deus, mãe! Você não pode estar falando sério, comparar um acampamento de verão da Nova Inglaterra com uma Lager da Juventude Hitlerista!*

Mas nós não os ensinamos a matar judeus, Ania protestaria suavemente. *Nem falávamos sobre judeus.*

A filha a encarou como se ela fosse louca.

Mas Hitler matou, dizia, como se falasse com uma criança. *Você não o escutava?*

Não, Ania dizia, balançando a cabeça. *Eu era muito ocupada. Ou muito estúpida.*

Porém isso não era exatamente verdade. Ela era ocupada, mas não estúpida. E *tinha* escutado Hitler falar, apesar de não se lembrar do que realmente *ouviu*. Ela se lembrava de todos reunidos em volta do rádio, na elegante sala de jantar repleta de murais com cenas pastorais pintadas nas paredes. Ela se lembrava dos meninos em seus pijamas, exaustos depois de um dia inteiro de esforço físico, espalhados no piso de madeira, exalando um cheiro de palha fresca e suor. Havia grande animação sobre o discurso do *Führer*. Ela se lembrava das exortações e da energia dele, de como falava em construir e unificar o *Reich*, as qualidades singulares e maravilhosas do *Volk* alemão. Mas não se lembrava das horríveis citações com as quais sua filha a confrontava.

Talvez porque na época em que ela as ouvira isso não parecesse algo radical.

Ouvindo rádio em seu primeiro acampamento em 1936, Ania acreditava nas afirmações de Hitler de que os judeus eram ricos empresários que tinham lucrado com os problemas da Alemanha e roubado os melhores empregos dos

alemães. E que os judeus pobres, a maioria vinda do leste, emigrados da Polônia, Romênia e da região do Báltico, eram aproveitadores e bolcheviques. Todos seguidores de Trotski, a mesma gente que tinha incendiado o *Reichstag* e criado a “República Soviética da Bavária”. Sua compreensão dos detalhes era vaga, mas sabia que esse último grupo de agitadores era perigoso. Ela aceitava isso de forma abstrata, é claro. Os judeus que ela conhecia eram diferentes. *Herr Goldblum*, o verdureiro, ou as meninas *Cornbluth*, que conhecera na escola primária, por exemplo, não eram nem ricos nem bolcheviques. Eram bondosos, gente comum que por acaso pertencia a um grupo de pessoas ruim. Mas como Hitler sabia quem era um “bom judeu” e quem não era? Era mais fácil evitar todos os judeus e impedir infiltrações. Para onde iriam? Voltar para a Polônia, Romênia, ou seja lá de onde vieram? América? Israel? Madagascar? Ania não se importava.

No interior, na região em volta do acampamento, não havia judeus. Havia apenas o fantasma de Otto Smeltz. Na mente de Ania, o garoto se fundira com a história que ela contou. Ele se tornou um híbrido incômodo em que preferia não pensar.

Ania também aceitou a declaração de Hitler de que os poloneses, eslavos e os povos do Leste Europeu pertenciam a uma raça inferior, e estavam representados de forma desproporcional nos elementos criminais da civilização. Em seu treinamento para liderança da juventude, aprendeu a ciência que havia nisso tudo: genética, formato do crânio, medidas da testa, estatísticas tiradas dos prisioneiros encarcerados por roubo, estupro e assassinato. O jornal *Völkischer Beobachter* fazia circular histórias perturbadoras sobre a falta de higiene e hábitos preguiçosos desses povos. Eles se reproduziam feito coelhos e viviam nas melhores terras de cultivo, que, em sua maioria, pertenciam à Alemanha antes da guerra. Eles precisavam da ordem, da modernidade e da administração alemãs. E Hitler era o homem certo para isso — era só ver as maravilhas que tinha feito com a taxa de criminalidade da Alemanha! Ele não resolvera somente o desemprego; sob sua liderança, o país tinha se tornado um lugar mais seguro, tranquilo e organizado.

Mas você não ficou alarmada com o tom racista? Com os discursos inflamados falando do “vírus judeu” e os “nobres alemães”... Você lê quatro frases do homem e já percebe que ele era um racista fanático, a filha de Ania a pressionava.

Eu não percebi, era tudo que Ania podia dizer. E era verdade, por mais estranho que parecesse. Nunca a tinham ensinado que fazer distinções entre raças era perigoso. Na Alemanha, não havia essa história de direitos iguais. Por milhares de anos, a população tinha sido dividida entre a classe camponesa empobrecida e desprovida de direitos, e a aristocracia rica no poder. O único ensinamento que a fazia hesitar era a noção cristã de bondade e tolerância. Contudo, mesmo as igrejas não faziam muito alarde sobre a dura retórica de Hitler. Ele dizia que cristianismo era superstição — um paliativo contra as brutais realidades da vida.

Isso foi antes da guerra. Antes das estrelas costuradas dos judeus, das batidas policiais, deportações em massa e campos de extermínio.

E, na verdade, Ania estava muito ocupada com sua própria vida.

FOI NESSE PRIMEIRO acampamento que Ania teve seus dois bebês: em 1936 nasceu primeiro o doce Anselm, uma criança tranquila, que ficava contente no berço enquanto ela lavava, limpava e cozinhava. Ania não teve uma mãe para ensiná-la a enfaixar o bebê e fazê-lo arrotar, aplicar pomada na pele assada e impedi-la de rachar, a como colocar sopa de ervilha na mamadeira para manter o bebê sempre satisfeito. Então precisou aprender essas coisas por conta própria. Mas de alguma forma conseguiu. E tinha orgulho disso.

Em 1937 Ania deu à luz Wolfgang, e ele foi mais difícil. Em seu coração, ela o culpava por diminuir a qualidade de vida de todos. Ele teve icterícia ao nascer e vivia doente. Suas fezes eram moles e constantes — ela já tinha bastante roupa para lavar sem aquelas dez fraldas extras por dia. E tinha Anselm para cuidar, agora uma criança pequena — e todos os meninos do acampamento. Com frequência deixava Wolfgang chorar sozinho até dormir.

Quando os meninos tinham dois e três anos, a Alemanha invadiu a Polônia. Ninguém queria guerra — só tinham se passado 21 anos desde a última! —, mas Ania acreditava nas histórias que lia nos jornais alemães, que chamava a atitude de “guerra de autodefesa”. De acordo com os jornais, os poloneses tinham feito várias incursões em solo alemão, assassinado cidadãos inocentes e assumido o controle da estação de rádio em Gleiwitz. Ela era uma mulher inteligente, mas não cética. Se os jornais noticiavam, devia ser verdade.

A *Lager* seguinte também foi boa. Foi em 1940. A Alemanha estava em guerra. A maioria dos jornais alemães ainda chamava a situação de guerra de autodefesa. Enquanto isso, os aliados da Polônia, França e Reino Unido

declaravam guerra à Alemanha. Ninguém queria que chegasse a esse ponto. Mas estava dando tudo certo para o país. Esse acampamento era em Luxemburgo, uma nação conquistada, atropelada na rápida e incrivelmente bem-sucedida invasão da França. Mas *conquistada* era como ela, Rainer e o resto da Alemanha a conheciam. Luxemburgo tinha se tornado “Luxemburg”, e era bem-vindo ao *Reich*. Seu povo não tinha do que reclamar. As baixas de guerra totalizavam 75 pessoas quando o exército alemão invadiu o país. E tinham oportunidades asseguradas como cidadãos do *Reich*, incluindo participação nas fazendas. Contanto que não falassem francês.

Dessa vez, a *Lager* consistia de quartéis modestos, erguidos como se fossem realmente edifícios. Não era esplêndida como a de Saarbrücken, mas era confortável. O trabalho era bom, a vida, plena, e a guerra ainda estava distante. Subitamente havia um fluxo de objetos elegantes vindos de Paris: no Natal, Rainer deu a Ania meias de seda (e onde poderia usá-las?) e um belo e robusto relógio. Havia patê de fígado de ganso para os meninos provarem, e champanhe para os adultos. A comida habitual era racionada de forma mais estrita — ovos, carne de porco e leite eram separados para as tropas. Mas o acampamento recebia uma parte da comida que ajudavam a produzir — farinha, batata, cevada, frutas frescas no verão, cenouras e beterrabas. Era uma pena estarem em guerra, claro, mas Ania saboreava a ordem e a plenitude da vida.

Ainda estavam nesse acampamento quando a Alemanha declarou guerra à Rússia em 1941. Tudo mudou de forma inquietante. Ania não foi a única a sentir as sementes de dúvida sendo plantadas. *Uma guerra preventiva*, os nazistas a chamavam. *Melhor atacar do que ser atacado*. Mas o exército alemão estava cansado. Qualquer um podia ver que era perigoso um país travar guerra em duas frentes de batalha. E os Aliados tinham começado a bombardear pesadamente o país — os ataques aéreos eram a nova medida da vida urbana.

Ania sabia que Rainer seria chamado ao front, mas mesmo assim a ordem veio como um choque. Ela e seus filhos deveriam voltar para casa. Mas para onde? *Herr Doktor* Fortzmann estava morto. O velho *Herr* Brandt também. A mãe de Rainer era uma inválida. E a *Lager* seria fechada.

Na semana seguinte, Rainer deveria escoltar os meninos da *Lager* até a estação de trem, e de lá se apresentar para o serviço militar. Na manhã prevista para partir, ele virou e desceu da cama, sem nem ao menos olhar para ela.

Nunca tinha mostrado afeição pela esposa e pelos filhos na frente dos subordinados, e isso não mudou.

— Cuide-se bem — disse ele, acenando.

Então Ania teve que empacotar todos os pertences da família e encontrar um novo lar. Logo, ela e seus filhos estavam num trem com destino a Dortmund, onde a tia Gudrun concordou em recebê-los.

A viagem era longa. A RAF tinha bombardeado os trilhos e ficaram sentados por horas aguardando os reparos, sob o sol escaldante de setembro. Wolfgang, de quatro anos, estava doente com escarlatina. Seu corpo ardia como tijolos de lareira.

— O menino precisa beber mais água — um homem mais velho disse bondosamente, ao passar por eles na plataforma em Frankfurt.

Ele estava acompanhado da esposa, que usava um grosso casaco de inverno, e carregava um monte de malas. Eram judeus, Ania percebeu quando viu as estrelas amarelas. As estrelas eram uma nova exigência, e era a primeira vez que via uma. Na verdade, fazia muito tempo que não via um judeu. Ela ficou espantada com a bondade do homem. Como não tinha contato com judeus, ela os imaginava de acordo com a propaganda nazista: nariz curvado, criaturas nefastas. Mas esse homem e sua esposa pareciam pessoas comuns e tristes. Ela agradeceu e pensou em Otto, amigo e colega de outrora. Onde ele tinha ido parar?

Em Dortmund a vida não era tranquila como na fazenda. Tia Gudrun cerrava os dentes quando Wolfgang chorava e batia nas juntas de Anselm com uma régua quando ele arrastava o pé, esquecia-se de dizer obrigado ou acidentalmente quebrava um prato. As bombas vinham como numa avalanche, às vezes caíam a noite inteira por uma semana, e então sumiam por um mês. Eles se acostumaram a descer correndo ainda sonolentos até o porão.

Anselm começou a frequentar a escola e Ania e Wolfgang ficavam em casa com a língua afiada de tia Gudrun e seus suspiros forçados de contrariedade. Comiam repolho cozido e batatas, e dormiam com os cobertores finos da *Lager*, encostados uns nos outros em busca de calor. No rádio decrépito de Gudrun, ouviam Goebbels e Hitler proclamarem o sucesso da frente russa na “Rádio do Povo”, mas nas ruas circulavam outras histórias. O exército alemão estava congelando na Rússia e as batalhas eram sangrentas. Para cada russo que matavam, mais dois brotavam em seu lugar. E havia rumores ainda mais

sombrios: nos guetos para onde mandaram os judeus poloneses as pessoas morriam de fome e doenças; a SS e a polícia local estavam matando vilas inteiras de judeus; e a *Wehrmacht* atirava em prisioneiros de guerra russos, ou pior, os mandavam para campos de extermínio para morrerem de fome. Ania teria gostado de ouvir as transmissões estrangeiras, mas o rádio não era dela, e mesmo assim, se pedisse a Gudrun, ela a denunciaria. Rainer mandava cartas curtas e apáticas: as botas estavam gastas, eles estavam parados em alguma cidadezinha russa aguardando ordens, um homem da unidade era da região de Aplerbeck, em Dortmund. O que ele fazia ou sentia ela só podia tentar adivinhar.

Um dia, depois de quase um ano em Dortmund, Ania passou pelo quartel da *Winterhilfswerk* — “Auxílio de Inverno ao Povo Alemão” — e viu um cartaz sinalizando a distribuição de cobertores, casacos, roupas quentes e outros objetos necessários. Ela hesitou — afinal, ela e seus meninos não precisavam de caridade — até ver várias mulheres bem-vestidas. Lá dentro, o antigo restaurante tinha sido transformado em loja, com pilhas de objetos e roupas organizados por utilidade, cuidadosamente arrumados por tamanho e tipo: casacos de lã, suéteres, mantos e travesseiros de penas e botas de couro. Os voluntários distribuíam cupons para os que esperavam: dois casacos por família, duas peças de roupa de cama, sapatos para todos. Que presente inesperado! Ainda bem que tinha chegado cedo para pegar os melhores itens. Escolheu um adorável casaco de lã cor de canela com botões prateados para Anselm (muito melhor do que qualquer outro que ele já tivesse usado), uma grossa capa de lã verde para Gudrun, duas mantas de penas e um par de sapatos do tamanho de cada um. Não lhe ocorreu perguntar de onde tudo aquilo tinha vindo até que fosse ao caixa. *Redistribuído*, o voluntário carimbou no papel que listava os itens escolhidos.

— Redistribuído de onde? — Ania perguntou.

— De deportados — o voluntário respondeu secamente.

Então esses eram pertences que os judeus mandados ao leste tinham deixado para trás. Esse pensamento era desalentador. Algum menininho precisou abandonar seu lindo casaco. Mas isso também confirmava o que o *Führer* vinha dizendo — os judeus da Alemanha tinham se tornado excessivamente ricos. Quem deixaria para trás um casaco como esse, a não quer que possuísse um ainda melhor para levar?

Levar para onde? Esse era um conceito cada vez mais desconfortável, apesar de ainda estar fora da esfera de preocupação imediata de Ania.

No começo da guerra, Ania imaginava que os campos de realojamento fossem lugares modestos, mas organizados como sua *Lager*, focados na reeducação e dirigidos com a eficiência alemã. No começo de seu treinamento *Landjahr*, recebeu um reluzente folheto sobre um campo para judeus na Polônia, um lugar organizado e limpo, com um hospital e programas de treinamento vocacional. A palavra *relojamento* trazia a imagem de um vilarejo vazio, cujos habitantes tinham sido realojados para outro vilarejo vazio, cujos habitantes também haviam sido realojados para outro lugar e assim por diante — cada população era empurrada para lugares cada vez mais distantes, em direção ao vasto e amplo leste. Um continente de pessoas se deslocando para gerar o *Lebensraum*, o espaço vital para a explosão demográfica alemã. A lógica era simples. Afinal, *havia oitenta milhões de pessoas vivendo em quinhentos mil quilômetros da Alemanha* — Ania tinha memorizado os fatos anunciados por Hitler. Eles precisavam de mais espaço, mais recursos.

Contudo agora todos sabiam que os “assentamentos” eram, na realidade, apenas campos, e os campos não eram melhores do que as esqueléticas “casas de judeus”, onde os poucos judeus restantes nas cidades alemãs tinham sido confinados. No mês passado, quando “limparam” Dortmund, pediram aos cidadãos que cobrissem suas bocas com panos ou ficassem dentro de casa enquanto os soldados conduziam os últimos judeus para os trens.

Muitos anos depois, em sua outra vida nos Estados Unidos, Ania entrou com a filha em uma loja de roupas usadas e foi tomada por um horror instintivo. *Você sabe de onde vêm essas roupas?*, perguntaria à filha.

De pessoas que não precisam mais delas, sua filha responderia, dando de ombros. *Por que a pergunta?*

QUANDO RAINER VOLTOU para casa, de licença, ele estava distante, ainda mais indiferente e severo. Isso era esperado, é claro. Como poderia lutar na guerra e voltar feliz? Ania sabia. Mais ainda assim sentia falta das velhas piadas, mesmo daquelas que a faziam revirar os olhos. E desejava que ele pudesse demonstrar um pouco de afeto aos filhos. Ele falava com eles de maneira formal e seca, às vezes até com desdém.

Um dia, quando Anselm voltou da escola chorando porque um menino mais velho havia roubado seus lápis, Rainer lhe deu um tapa na orelha.

— Não deixe que lhe batam de novo, está entendendo — disse com brutalidade. — O futuro não é para meninos que não sabem lutar.

Ania tentava não lamentar pelo velho Rainer, que sabia como inspirar e instruir com humor, e fazer aflorar o melhor nos jovens.

Eles fizeram amor poucas vezes, se é que o ato podia ser chamado assim. Rainer era menos cuidadoso e ainda mais bruto fisicamente. Mais de uma vez Ania sangrou depois. Mas isso também era de se esperar, não? De um soldado de licença? Ela reprimia sua repulsa. Só a faria sentir pena de si mesma.

Na primavera de 1943, Rainer foi dispensado. Tinha sido ferido, e depois de passar três meses num hospital militar dinamarquês ainda tinha estilhaços no joelho. Ele não podia voltar ao combate. Então lhe deram uma nova tarefa: liderar uma *Lager* em Warthegau, um distrito alemão na Polônia conquistada. Os meninos seriam mais velhos — ficariam lá dos 13 aos 17 anos. E a *Lager* seria parte do movimento “soldado-fazendeiro”, o *Wehrbauer*, utilizado para manter os territórios orientais. Eles deveriam levar as modernas técnicas de agricultura para o retrógrado interior da Polônia e produzir os grãos tão necessários para alimentar o *Reich*. Eles seriam os pioneiros do plano *Blut und Boden* de Hitler — membros da raça superior unidos em um solo igualmente superior (um solo rico e negro que escorregava entre os dedos como seda) e prontos para defendê-lo caso fosse necessário.

A tarefa estava associada à guerra de forma assustadoramente palpável, mas a guerra também estava presente em Dortmund. A região do Ruhr vivia constantemente sitiada, e as bombas britânicas e americanas caíam todas as noites, causando muito estrago. Os últimos habitantes remanescentes da cidade tinham se tornado pessoas más e desesperadas: denunciavam quem não fazia um *Heil* adequado, quem ouvia as rádios estrangeiras ou quem falava de forma “derrotista”. Uma noite, Ania dissera, *Nossos pobres soldados*, enquanto lia o jornal, e Gudrun a olhara duramente. *Nossos bravos soldados*, corrigira. *Você pode ir para a prisão por falar desse jeito*.

A presença de trabalho escravo também se tornou algo onipresente — os escravos eram, em sua maioria, prisioneiros de guerra soviéticos trabalhando nas fábricas de carvão e munição da cidade. Vagavam pelas ruas magros e parecendo assustados — um grupo faminto e miserável. Mas na Rússia, os

prisioneiros de guerra alemães recebiam o mesmo tratamento, se não pior, dizia Rainer, Hitler, Goebbels e toda a alta patente do partido nazista. De qualquer modo, Ania estava ficando cansada dos homens e de suas conversas. No último ano, também tinha visto grupos de prisioneiras. Lindas jovens ucranianas e polonesas eram vendidas em plena estação de trem como babás e empregadas domésticas. E um grupo de mulheres desnutridas usando uniformes listrados passava pela cidade todas as manhãs, em direção à fábrica de munições. Eram judias de um campo de trabalho temporário. Não havia algo análogo na Rússia, com relação a prisioneiros alemães.

Rainer não demonstrava nenhuma alegria com a perspectiva de liderar outra fazenda. Quase toda noite acordava gritando. Quando o médico prescreveu pílulas para dormir, ele as engolia logo depois do jantar e caía imediatamente num estado de torpor e abstração.

Logo, coube novamente a Ania empacotar os pertences da pequena família. Eles só podiam levar uma mala cada, assim como os judeus. Isso lhe causava incerteza.

No último ano, Ania tinha ouvido novas histórias de horror: nos campos de concentração os prisioneiros trabalhavam tanto que caíam mortos, assassinavam mulheres e crianças na floresta, queimavam judeus em fornos gigantes. Ela não acreditava nesses terríveis relatos. O *Führer*, que tinha idealizado as fazendas da *Landjahr* e o “Domingo do Prato Único”²⁸, jamais ordenaria algo tão inconcebível. Uma coisa era deportar judeus, outra, assassiná-los. Isso lhe cheirava a propaganda aliada — parecia com os folhetos que os pilotos da RAF lançavam dos aviões.

Ainda assim, eram histórias perturbadoras.

No futuro, quando Ania tentaria explicar à filha, faltariam palavras. Ela sabia dos horrores, e ao mesmo tempo não sabia. Ela *meio* que sabia — mas não havia uma palavra para isso. Ela sabia da forma que você sabe que algo está acontecendo lá longe, em uma terra distante, algo sobre o qual não possui o menor controle: vítimas de um terremoto vivendo em sórdidas condições ou vítimas em uma guerra estrangeira.

Mas não era uma guerra estrangeira, era no seu país!, a filha iria insistir.

É verdade, Ania admitiria. *Mas naquela época não parecia assim.*

Isso até chegarem em Warthegau.

Para a vida na *Lager*, Ania embalou roupas quentes, um pequeno álbum de fotografias, cobertores para os meninos, pregos, um martelo, uma colher de pau, um descascador de batata e sua preciosa faca de cozinha. Essa prática de “enxugar” pertences e levar só o essencial seria útil no futuro, embora não soubesse disso ainda. A *Lager* teria móveis e utensílios, mas os itens que Ania levava consigo não eram mais encontrados em lugar algum.

A jornada ao leste era tão espartana quanto a paisagem. Os Brandt viajavam num trem militar, em um vagão reservado para “colonos civis”. Seus companheiros de viagem eram um grupo de mulheres jovens, da Liga das Moças Alemãs, que iam propagar a “cultura doméstica e a higiene do povo alemão” aos camponeses ignorantes do leste; e muitos ex-soldados como Rainer — homens feridos ou velhos demais para o serviço militar, mas ainda capazes de cultivar a terra e trabalhar como policiais. Ela era a única mãe com filhos. Wolfgang ficou doente a maior parte da viagem e Anselm, com sete anos, olhava pela janela, fascinado com os veículos militares que encontravam pelas estações. Ele nunca tinha visto tantos homens da SS, com seus longos e farfalhantes casacos e botas pretas.

Anselm foi o único a apontar o trem em Schwerin: uma fila comprida de vagões de gado abarrotados de seres humanos, os rostos aterrorizados visíveis pelas janelinhas de cima.

— Por que essas pessoas estão nos vagões de animais? — perguntou.

— Não tem vagões normais para todo mundo — Ania arriscou.

Contudo, era uma visão estarrecedora. Em Dortmund, os transportes para judeus que vinham da França e da Holanda eram trens de passageiros superlotados; aparentemente não era assim no leste.

— Tem banheiro nos vagões? — Anselm insistiu. — Para onde estão indo?

— Talvez tenham penicos — Ania respondeu. — Estão indo para campos no leste.

— Chega de perguntas — Rainer rosnou. Foi uma das únicas vezes em que falou algo.

— Olha! — Anselm a cutucou.

Ele apontou com o queixo o primeiro compartimento depois do motor, um vagão de transporte de cargas aberto, sem teto. Ali, Ania conseguiu ver as pessoas claramente. Todas de pé, porque o vagão estava muito cheio para sentar. Nas laterais, que chegavam até a altura dos quadris das pessoas, uma

fileira de rostos olhava fixamente para fora: crianças. De olhos arregalados, observavam o trem ganhar velocidade. Quando os dois trens ficaram lado a lado, Ania se viu encarando uma mulher em particular. Ela não era velha, mas também não era jovem. Era uma mãe segurando um bebê nos braços. Por um instante, seus olhares se cruzaram. E havia tanto desespero nos olhos da mulher que Ania prendeu o fôlego.

Ao lado dela, Wolfgang vomitou.

Nesse momento, Ania compreendeu que estavam indo a um lugar terrível.

[28](#). *Eintopfsonntag*, em alemão. Regra imposta pelo partido nazista, na qual no segundo domingo de cada mês só se deveria preparar refeições sem carne em solidariedade aos pobres (N.T.).

WARTHEGAU, 1943

O acampamento em Warthegau era um antigo matadouro. Por mais que Ania esfregasse o chão, as paredes e a grande mesa da cozinha, continuava cheirando a sangue.

E os meninos de lá eram mais grosseiros do que nas fazendas anteriores. Alguns eram órfãos. A maioria vinha de grandes cidades industriais. Tinham sido mandados para lá a fim de escapar dos bombardeios, mas também porque exibiam certas características físicas e mentais promissoras. Estavam ali para trabalhar para os fazendeiros locais, semear no leste bons cidadãos alemães e também para ficarem “calejados”, a fim de se transformarem em futuros guardas da SS. Esse projeto era novo para Ania.

— Se esse é o objetivo, qual é meu papel nisso? E Anselm e Wolfgang? — Ania exigiu saber, durante uma das primeiras discussões com ele no acampamento.

— Você implorou para vir comigo — ele disse friamente. — Foi escolha sua.

— Mas eu não sabia o que estava escolhendo!

— Eu disse a você que seria diferente — foi a resposta de Rainer.

E Ania foi pega de surpresa pela verdade presente na frase. Seu desespero para deixar o apartamento de Gudrun e uma Dortmund sitiada por bombas a tornou estúpida. Ela deveria ter feito mais perguntas. Iria lamentar pelo resto da vida a falta de curiosidade, a capacidade de enxergar apenas o que queria.

Entregaram a Rainer uma leva de novos folhetos e ele os partilhou com Ania depois que se instalaram. Eram propagandas repletas de citações inflamadas de Hitler e de Baldur von Schirach, o bonito líder da Juventude Hitlerista do Reich.

Aqueles que desejam viver, que lutem, aqueles que não desejam lutar nesse mundo de eterno combate não merecem viver.

Só quem possui a juventude possui o futuro.

Eu quero uma juventude brutal dominadora, destemida e cruel... O predador livre e magnífico deve novamente brilhar em seus olhos.

Toda a amistosa retórica de solidariedade tinha desaparecido, juntamente com qualquer celebração de um estilo de vida mais pleno e simples.

— Cruel? — Ania perguntou a Rainer. — Esses meninos precisam mesmo ser cruéis?

Rainer deu de ombros, evasivo. Esse novo Rainer era austero e quieto em todos os momentos — parecia mais um companheiro de quarto suspeito do que um parceiro. À noite, ele bebia vodca e ficava ainda mais mal-humorado, rosnando para os meninos num tom sarcástico. Ania tinha um pouco de medo dele.

Tudo que ela podia dizer sobre os meninos da *Lager* é que eles já eram cruéis e dominadores. Não era a primeira *Lager* deles — muitos foram mandados para fora das cidades bombardeadas e moraram em orfanatos por anos. Quando tinham um tempo livre, o que era frequente, improvisavam brincadeiras maldosas: no arremesso de bolas, quem perdesse recebia pauladas nas costas; na corrida, o vencedor caminhava em cima dos perdedores com as botas de trabalho, cheias de pregos grandes que machucavam. Tudo era uma competição de força e poder — espancavam uns aos outros para decidir quem iria dormir no beliche de cima, quem iria tomar o primeiro banho gelado, quem teria que limpar a latrina. Eram sempre os mesmos meninos que ganhavam. Quando Ania tentava impedi-los, Rainer intervinha:

— Por que se meter? Eles precisam ser duros.

— Mas eles ainda podem ser humanos, não?

Foi a primeira vez que Rainer a esbofeteou. Veio do nada. Ele estava parado ao lado dela enquanto ela lavava a louça e, no início, quando o arco da mão veio em sua direção, Ania pensou que era um prato voando para fora da pia. Ela recuou, em choque.

— Não fale assim — ordenou ele, quando ela levou a mão até o lábio sangrento. — Para seu próprio bem.

Não havia mais passeios ao entardecer pelos campos verdejantes de trigo, entoando canções folclóricas alemãs. Não havia mais caminhadas nas manhãs de domingo, nem brincadeiras na fogueira. Não havia mais aquecimento, roupas ou comida decentes.

Rainer ruminava, amuado, e passava horas polindo suas botas. Seu rosto assumiu uma expressão amarga, cristalizada. Ele não possuía mais nenhuma paixão — não pelos ideais que tinham, não por Hitler e certamente não por Ania. Em Warthegau, ele nem ao menos tentou ter relações com ela. Ele dormia em um quarto vazio, fora do dormitório dos meninos, enquanto Ania dividia um quarto ao lado da cozinha com os filhos.

Na noite anterior ao tapa, ela tinha batido à porta dele, tomada por uma mistura de solidão e determinação. *Posso entrar?*, perguntara, corando, puxando a camisola para o pescoço. Mas ao abrir a porta, Rainer olhara para ela com uma mistura de piedade e aborrecimento. *Está tarde para conversas, Ania. Vá para cama.*

O cotidiano de Ania envolvia longas chapinhadas na lama até chegar ao correio, onde suas rações e suprimentos eram entregues. Como uma mula, carregava nos ombros uma vara com fardos e ainda puxava uma carroça com caixas de batatas, farinha e carne de porco salgada. Ela mantinha Anselm e Wolfgang sempre a seu lado na cozinha. Rainer não aprovava, mas ela insistiu. Seus filhos eram novos demais para correr com os outros. E não era apenas a idade que os tornava vulneráveis — eram mais delicados. Hitler ainda não os tinha “desmamado” da mãe. Ela podia ver que isso deixava Rainer constrangido.

Um dia, Ania encontrou um grupo de garotos atrás do celeiro forçando os meninos mais jovens e menores a engolirem sapos vivos.

— Parem com isso! — gritou ela, apesar das instruções de Rainer. — Parem com essa loucura! Vocês não são animais!

Eles olharam para ela, atônitos. Alguns rostos estavam claramente aliviados, outros desafiadores. Heiner Mohrer, um dos maiores e mais malvados do grupo, curvou os lábios e tirou um chapéu imaginário.

— É claro, madame — disse ele. Mas ela pode ouvi-los recomeçando a brincadeira depois que foi embora.

Rainer fez de Heiner seu assistente, ou algo semelhante. Ele era tão alto quanto Rainer e ainda mais largo, vinha de uma família de estivadores de Hamburgo que morreu durante o bombardeio. Ele escolhia rotineiramente os meninos pequenos e derrubava a tina que carregavam no chão, fazia-os tropeçar quando levantavam da mesa. E falava de forma desrespeitosa com Ania.

Você está bonita hoje, Frau Brandt, dizia de maneira insolente, como um garoto que já travara contato com certo tipo de mulher. Em uma outra vida, antes de Warthegau, Rainer teria dado um tapa na orelha de qualquer pessoa que falasse assim com a esposa. Mas o novo Rainer fingia que não estava ouvindo.

A terra em torno da *Lager* era tão ruim quanto a própria fazenda. Os campos se estendiam à frente, extensos, e naquela época do ano não passavam de quilômetros e quilômetros de lama congelada. O vilarejo, um amontoado de casas modestas com teto de palha, quase vazio. Os camponeses que tinham construído essas casas foram “realojados” para mais longe, ao leste, ou mandados para outros lugares como trabalhadores do *Reich*. Dos moradores originais, poucos ficaram para trás.

— Como escolheram quem ficaria no vilarejo? — perguntou a *Herr Beinecke*, um morador local que fora transformado em membro da polícia nazista. Ele olhou para ela com desconfiança.

— Foi fácil. Eliminamos os *Partisans*. — Essa palavra tinha se tornado uma espécie de denominador comum: comunistas, judeus, nacionalistas poloneses e qualquer um que não se prontificasse a trabalhar para os nazistas.

— Mas eram tantos assim? — Ania insistiu.

— Quase todo mundo — replicou *Herr Beinecke*.

E depois ela ouviu dizer que os moradores do vilarejo não tinham sido “realojados”, mas levados até a floresta e assassinados pelos *Hilfswillige* locais, ou “voluntários”, e por um grupo itinerante da *Einsatzgruppe*, sob comando da SS. Os *Hilfswillige* eram os únicos moradores vivos da aldeia. Ser “voluntário” aparentemente significava não morrer. Ela ouviu tudo isso da boca do menino mais novo, Gerald Eisenblatt, um garoto gentil de 15 anos, vindo de Essen, cuja mãe, uma costureira viúva, tinha escrito uma carta para Ania assim que ele chegou na *Lager*: *Obrigada por cuidar do meu filho. Ele é um bom menino. Prometo que não vai lhe causar problemas. E agradeço de antemão tudo que você fizer por ele.* Ania podia imaginá-la, a pobre mulher, pequena como Gerald, pálida de preocupação, os dedos cheios de picadas de agulhas. E em sua própria solidão, ela se sentiu como em uma família. Na tentativa de proteger Gerald dos outros, ela o convidava para ajudá-la na cozinha sempre que possível. Ele lhe contava coisas que os garotos viam nos campos e ouviam dos fazendeiros em cujas terras trabalhavam.

— E as mulheres e os filhos dos *Partisans*? — perguntou a Gerald, embora em seu coração já soubesse a resposta.

Ele a olhou de soslaio, como se avaliasse se ela conseguiria lidar com a informação.

— Eliminados.

Ania não tinha dúvidas de que ele estava dizendo a verdade. Podia sentir a crueldade no ar.

Ela tinha medo dos locais que ainda viviam na cidade e dos membros da *Wehrmacht* e da SS que passavam por lá. De noite, sonhava com os moradores mortos, cujas casas humildes e pertences foram deixados para trás: um balde pendurado no portão, um solitário girassol crescendo num jardimzinho, o varal de roupa estendido entre uma árvore e o parapeito.

OS BRANDT VIVIAM na *Lager* havia um ano quando os órfãos vieram. Eram muito pequenos. Tinha dois e três anos de idade, e um bebê de colo. Chegaram na traseira de um caminhão de transporte da SS, supervisionados por um jovem oficial que achava divertido fazê-los beber goles de uísque. Os bebês pareceram surpresos e cuspiram o líquido. Um deles nem andava ainda — era um menino grande e bonito que engatinhava por todo lado e então sentava, observando tudo com olhos grandes e imperturbáveis. Eles ficariam somente uma noite. Ania descobriu que a *Lager* servia como ponto de encontro. Segundo os oficiais, membras da Irmãs Marrons, uma divisão feminina da SS, viriam buscar os bebês.

Ania ficou horrorizada.

— Para onde vão levá-los? — perguntou. — Orfanato? Famílias de adoção?

O homem da SS deu de ombros.

— As Irmãs Marrons vão decidir.

— Decidir o quê?

— Para onde vão levá-los.

— Chega de perguntas, Ania — rosnou Rainer.

Enquanto esperava, ela sentiu um frio na barriga. Ania esperava que as Irmãs Marrons, como mulheres, fossem solidárias. Mas não estava otimista. As moças da LMA que conheceu no leste pareceram duras, severas e solitárias o bastante para vir até ali com a intenção de transformar as teimosas moradoras locais em “boas cozinheiras”, ensiná-las a lavar as mãos e sabe Deus o que

mais. As moças da LMA a olharam com desconfiança quando descobriram que era esposa de um líder de *Lager*, algo inédito nessa região do leste. E as Irmãs Marrons estavam um escalão acima da LMA.

Ania entregou-se aos cuidados com os bebês, que estavam famintos, com frio e molhados. Os meninos do acampamento estavam fora, ajudando um colono local a matar porcos. Anselm e Wolfgang eram seus ajudantes: rasgaram um velho lençol para transformá-lo em fraldas, mexeram o ralo mingau de aveia para alimentar os órfãos, brincavam de esconder. Ania embalou os bebês mais inquietos para fazê-los dormir, balançando suavemente, cantarolando, como fez com os próprios filhos. Os homens da SS bebiam vodca e observavam. Num dado momento, o soldado mais jovem parou na frente de um dos bebês deitados no cobertor e o cutucou com a bota.

— Pelo amor de Deus! — exclamou Ania, pegando o bebê, e o homem riu.

Seu favorito era o bebê rechonchudo que parecia ter quase dois anos, mas ainda não sabia andar. Quando ela o erguia no colo, ele aflagava sua orelha com a mãozinha. Quando Ania se virava e sorria para ele, o bebê parecia surpreso, como se achasse que a orelha dela pertencesse a outra pessoa.

Quando as Irmãs Marrons chegaram, Ania viu que eram apenas duas: uma moça dócil, com rosto de lua cheia, que parecia não ter mais de 18 anos e quase não falava, e sua superiora, que se apresentou como Irmã Margarete. Era uma mulher baixa, de modos secos, solteira e sem filhos, mas cheia de informações precisas sobre como lidar com bebês. Podiam ser resumidas a uma frase: severamente. Ela não reparou na adorável covinha no queixo que um deles tinha, nem na forma adorável como o outro passava a mãozinha na cabeça. Para ela, os bebês nitidamente eram uma carga a ser transportada. O frio na barriga de Ania se transformou em pânico.

Margarete observou os bebês e tomou notas. Ela mediu altura e peso, comprimento da testa, circunferência dos crânios. E não permitiu que Ania a ajudasse a segurá-los, preferindo a assistência dos homens da SS, que pareceram tão incomodados quanto Ania.

— Para onde vão levá-los? — Ania quis saber.

— Cada um vai para um lugar diferente — Margarete respondeu.

— Casas de adoção?

— Se estiverem aptos.

— E se não estiverem? — Ania tentou perguntar de forma casual. Ela sentiu os olhos de Rainer a dizendo para calar a boca.

— Isso é confidencial — Irmã Margarete cortou.

— Podemos ficar com eles — Ania disse. As palavras brotaram numa torrente. — Podemos cuidar deles e deixá-los aqui com os meninos até que a guerra acabe.

— Isso é impossível — disse a outra mulher. — E a ideia é completamente inapropriada para uma pessoa em sua posição.

Ania olhou para o chão e mordeu os lábios. *Que eles sejam aptos*, rezou. *Por favor, Deus, faça com que encontrem lares bons*. Ela temia pela menininha de cabelos pretos — tão linda, com grandes olhos castanhos, mas sem a típica aparência germânica. Irmã Margarete gastou um tempo extra analisando as medidas dela.

Ania pegou o bebê rechonchudo e o abraçou. Ele imediatamente tentou pegar a orelha dela.

Quando Margarete terminou de medir as crianças, anunciou que ela e sua assistente não iriam passar a noite. Queriam chegar até Posen antes do anoitecer.

— Então você vai levar todos eles? — Ania conseguiu falar, apesar do nó na garganta.

— Esses quatro — Margarete disse e gesticulou como se estivesse falando de algumas peças de carne. Ela e sua assistente já estavam levando o primeiro bebê para o carro, cuja traseira estava apinhada com banheiras de metal envoltas em cobertores, como berços improvisados.

Nos seus braços, o bebê começou a chorar.

— *Scharführer* Meister e *Unterscharführer* Haberman vão levar os outros.

Os outros eram o bebê rechonchudo que estava nos braços de Ania e a menininha de cabelos pretos.

— Para onde? — Ania perguntou, mais alto que o choro do bebê. — Para onde vão levá-los? — Sua voz estava estridente, começando a ficar histérica.

— Ania. — Rainer pôs a mão no braço dela. O bebê em seu colo começou a chorar.

O mais jovem guarda da SS deu de ombros.

— Chelmnó. Mas pode ser que a gente atire neles na floresta.

— Não! — Ania quase engasgou. — Não podem fazer isso!

— Não assuste a mulher — o soldado mais velho disse a seu compatriota.
— Vamos levá-los a um campo.

Quando o homem pegou o bebê, o pequeno se agarrou a Ania, chorando alto. Mas isso não fez a menor diferença para o guarda, que o arrancou dos braços dela.

Do lado de Ania, Rainer a segurava firme.

Nos anos seguintes, Ania iria lembrar dessa ocasião como o fim de Ania Fortzmann. Não no momento em que pegou seus filhos e saiu furtivamente antes do amanhecer, desaparecendo em direção ao oeste. Não no abrigo antiaéreo destruído, sob a estação de trem de Dresden, quando pegou os documentos no vestido da amiga morta.

Por anos, iria revirar em sua memória, em meio à confusão de suas próprias lágrimas, do choro das crianças, e da voz de Rainer lhe dizendo para se calar — ela iria procurar alguma partícula de ação. Tentaria lembrar de si mesma correndo atrás do guarda da SS, tirando o bebê dos braços dele, ou pelo menos tentando. Mesmo se o resultado fosse o mesmo. Teria feito diferença para *ela*.

Mas a lembrança não estava lá.

Ela simplesmente ficou parada observando, chorando. E eles foram embora.

LOGO APÓS A VISITA das Irmãs Marrons, Rainer recebeu ordens de mandar dois dos seus melhores rapazes a um campo de trabalho próximo. Eles estavam fechando o campo e transferindo os prisioneiros para o oeste, em direção ao *Reich*. Os garotos deveriam ajudar com o transporte dos prisioneiros. Rainer selecionou Heiner, o valentão que intimidava os outros, e Gerald Eisenblatt.

Porém na manhã da partida, Rainer não saiu do quarto.

— Você terá que fazer isso — disse ele, quando Ania bateu à sua porta. Estava deitado na cama, com o braço no rosto, ainda de pijama.

Ania o encarou, estarrecida.

— Não.

Rainer se virou para a parede.

E então Ania, uma criatura obediente, escrava do próprio medo de punição, os levou até lá. Arthur Greiser, governador de Warthegau, era famoso pela

inclemência com que punia insubordinação, e ela tinha que pensar nos próprios filhos.

Ela beijou Wolfgang e Anselm, e mandou que ficassem no quarto, fingindo que estavam doentes.

Quando o dia despontou, Ania e os dois rapazes partiram. Uma fraca luz cinza iluminava a estrada através da névoa invernal. Em Warthegau, a neblina estava sempre presente, uma nuvem branca de vapor que subia do esterco depositado no campo e pairava no ar.

Heiner via a viagem como uma oportunidade de perseguição desenfreada, que ele pôs em prática atirando pedras contra as costas magras de Gerald.

— Pare com isso! — Ania ordenou. — Pare com isso já.

Mas Heiner riu.

— O que você vai fazer, me mandar de volta?

— Vou contar ao seu supervisor no campo, seja lá quem ele for.

— Nossa, essa é sua melhor ideia? É isso que vai fazer se eu não obedecê-la?

Ele riu, deliciado com a própria esperteza, e começou a atirar pedras ainda maiores no outro rapaz. Gerald uivou de dor, e subitamente se virou, golpeando Heiner com a mão espalmada. Em um instante ambos estavam no chão, engalfinhados.

— Parem! Parem com isso! — Ania gritou, batendo nas costas de Heiner.

Eles estavam num trecho extenso da estrada vazia, e sua voz soou tão insignificante quanto o piado de um pássaro. A única coisa que podia fazer era ficar parada olhando para eles. Não podia ajudar Gerald. Em que momento, em que estalar de dedos o seu entusiasmo pelo serviço nacional, por moldar jovens e ajudar a construir a comunidade se transformou nisso?

— Você deveria se envergonhar — ela disse a Heiner, mas também a si mesma.

Quando eles se separaram, Gerald estava sangrando. O lábio partido sangrava, e ele tinha um olho roxo. Ela tirou o lenço do bolso, cuspiu nele e limpou os cortes do menino.

Eles continuaram o resto do trajeto em um silêncio abençoado, quebrado ocasionalmente pelo assobio desafinado de Heiner. De Gerald ouvia apenas uma respiração entrecortada. O rosto dele estava inchado, arroxeadado; ela tentava não pensar na mãe do rapaz. Caberia a Ania explicar o que aconteceu com ele às autoridades.

A ESTAÇÃO EM Kutno estava abarrotada de gente. Desde a Batalha de Stalingrado os russos vinham avançando. Os galos vinham recuperar o galinheiro. Todo mundo no leste sabia, independente do que Hitler, Goebbels e o tabloide nazista *Der Stürmer* dissessem. E lá estavam as primeiras evidências: avós encarquilhadas, jovens mulheres e seus bebês, as roupas enlameadas, anciãos de rosto longo e ar desesperado, todos fugindo do avanço das tropas russas.

Ania e os garotos eram os únicos a irem na direção oposta, os únicos esperando do outro lado dos trilhos. O campo para onde iam era ainda mais longe, mais ao interior. Hitler tinha ordenado aos alemães desses territórios que não se movessem, mas, enquanto isso, Himmler levava silenciosamente os prisioneiros para algum lugar escondido no *Reich*.

— Vamos escoltar os prisioneiros até o oeste de trem? — Gerald perguntou.

Ania não fazia ideia. Na verdade, não tinha pensado muito nos detalhes da tarefa. Ela se tornou especialista em não pensar muito em qualquer outra coisa que não os próprios filhos.

Eles chegaram no fim da tarde. O céu se estendia, vasto e cinza. A estação não tinha nome, e não havia cidade ou vilarejo à vista — apenas uma cerca em volta de quartéis compridos, de teto baixo, ao lado de uma enorme pedreira. Ania ficou confusa. Achava que o campo fornecia trabalho para uma fazenda da SS. Mas isso não parecia uma fazenda.

Até mesmo Heiner pareceu assustado. Eles seguiram a cerca até chegarem ao que parecia ser o portão principal, flanqueado de cada lado por duas cabines rudimentares, de onde surgiram dois guardas da SS.

— Alto! — um deles gritou.

Ania e os rapazes congelaram.

Um silêncio inquietante se seguiu, quebrado pelo zumbido e martelar de maquinaria pesada. Os homens estavam se aproximando.

Ania percebeu que esperavam que ela falasse.

— Viemos da *Lager* 428, em Warthegau. Vim trazer os ajudantes.

O guarda mais velho estendeu a mão para verificar os documentos. O mais novo sorriu, apontando com o queixo o rosto inchado de Gerald.

O homem ergueu o rosto dos papéis e observou Heiner e Gerald, demorando para analisar o olho roxo do último. Então assentiu. Aparentemente estavam no lugar certo.

Ele gesticulou para que os rapazes o acompanhassem.

Quando atravessaram o portão, puderam ver o que acontecia no outro lado. Os prisioneiros estavam levantando pilhas de pedras e as carregando até vagões que as levariam até a fábrica de cimento. Um grupo puxava uma carroça de aparência grotescamente pesada. E enquanto os observava, Ania percebeu uma coisa: eram mulheres.

Ania parou e as encarou.

— Vá andando — o guarda da SS rosnou, e Ania obedeceu automaticamente.

Porém continuou olhando para as mulheres. Enquanto olhava, uma delas caiu, os joelhos cedendo, atrapalhando a fila — as outras continuaram puxando, mesmo com a mulher ainda pendurada pelo arreio de corda. Seu corpo pendia pela metade, as pernas dobradas, mas sem cair no chão. Ninguém parou, e por um momento medonho, ela foi arrastada, quase atropelada. E então o guarda que as acompanhava avançou e cortou a corda que a prendia, e ela tombou no chão. A mulher ao lado dela conseguiu se manter de pé, jogando o corpo para o lado, para evitar as rodas.

Sem pensar, Ania parou e cobriu a boca com as mãos.

— Que é? — O mais jovem dos guardas sorriu. — *Arbeit macht frei*.

Ania conseguiu entender as palavras, apesar do sotaque polonês. Uma paródia nefasta de uma frase que ela já tinha ouvido: o trabalho liberta. Reeducação por meio do trabalho, a promessa de Hitler de redenção por meio do trabalho duro.

Do outro lado da cerca, a mulher caída conseguiu se levantar. O corpo de Ania tremeu de alívio. Ela estava bem! Mas então, no momento seguinte o guarda a golpeou com a coronha do rifle. Ela caiu de lado, dessa vez de frente para o portão.

— *Frau Brandt!* — o SS mais velho disse ríspidamente. — *Unterscharführer Pretski* vai levar seus rapazes para os alojamentos. Siga-me para assinar os papéis. Há um trem previsto para daqui a meia hora que vai levá-la de volta.

Como se estivesse submersa, ela olhou para os dois, para os meninos de 15 anos que tinha trazido até esse inferno.

— Heil Hitler! — Heiner disse em voz alta, saudando. Gerald, com voz mais trêmula, o imitou.

Ania sabia o que tinha de dizer. Mas não conseguiu mexer o braço nem abrir a boca.

Todos a encaravam.

— Fiquem bem — ela disse, num fio de voz, enquanto, do outro lado, arrastavam a mulher caída.

NO CAMINHO DE VOLTA ao acampamento, Ania ficou pensando nos meninos. No horrível Heiner e no doce Gerald, e no fato de que foi ela quem os levou àquele lugar. Pensou na mãe de Gerald, sem saber o que aconteceu, em algum apartamento pardacento, sentindo saudades do filho. E pensou em Otto Smeltz, o primeiro menino que ela traiu. Ela não era melhor do que os guardas da SS que levaram os bebês. Em todos aqueles anos tinha dado um passo de cada vez, pensando em si mesma como uma boa pessoa, uma boa mãe, alguém que trabalhava por uma causa justa.

E pensou na mulher pendurada na carroça, na forma como ela caiu, seu corpo dobrado ao meio como uma boneca de pano. Quando ela rastejou e conseguiu levantar, olhando na direção de Ania, seu rosto era como uma página em branco, onde se via apenas dor e um derradeiro vestígio de vida. Algum dia tinha sido o rosto de uma mãe ou esposa. Provavelmente de uma irmã, tia ou de uma melhor amiga. E por baixo das camadas do tempo, o rosto da filha de alguém, de uma garotinha cuja mãe trocou, alimentou e embalou.

Sobre Ania, a lua estava quase cheia e as estrelas brilhavam como sempre. *Cassiopeia, Órion, Aracne...* Ela podia ouvir o nome das constelações na voz do pai. Elas estavam no lugar certo, um atenuante contra o caos e a indiferença do universo.

Errado era tudo que jazia embaixo delas, nessa lama.

QUANDO ANIA CHEGOU no acampamento, eram quase três da manhã. Porém, ela não foi direto para a cama. Impelida por um horror ainda palpável, embalou sua faca de cozinha, um chouriço e um pão. Não pegou nenhuma lembrança, nada sentimental. Apenas o que precisavam para sobreviver. Quando terminou, ela acordou os filhos e os guiou para fora de casa, para o amanhecer. Sua urgência era tão premente que não pediram explicações.

Dessa forma, a noite em que Ania entregou Heiner e Gerald a seu destino se tornou a mesma noite em que Ania e seus filhos se juntaram ao fluxo de refugiados, de pessoas apartadas de si mesmas.

FRÜHLINGHAUSEN, DEZEMBRO DE 1950

A Frühlinghausen para a qual Benita retornou estava chocantemente inalterada. Por fora se via algumas mudanças na cidade, obviamente. O hospício sumira, por exemplo — o prédio queimou até a fundação. Os pacientes provavelmente tinham torrado juntos, Benita imaginou, com seu recente humor negro, adquirido no pós-guerra. Não havia mais o poço de fertilizantes exalando um cheiro horrível perto da fábrica de conservas, nem a encardida *Krensig Strasse*. O velho teto de palha embolorado se provou inflamável quando bombardearam um trecho próximo da via ferroviária. Benita não ficou surpresa. Há cinquenta anos esses chalés vinham esperando a oportunidade de se autodestruir.

Mas Frühlinghausen ainda era o lar das mesmas pessoas idiotas de quem Benita sempre quis fugir. O outrora promissor e jovem prefeito nazista tinha se transformado num roliço criador de porcos de meia-idade, acrescido de um par de óculos verdes que lhe davam um ar sinistro. A destemida *Fräulein* Brebel, ex-líder da tropa da LMA da qual Benita fazia parte, era agora professora da escola secundária — que bela desnazificação! E os rapazes que cortejavam Benita estavam todos mortos ou casados; trabalhando na fazenda da família ou na fábrica de conservas. A impassível igreja católica de tijolos vermelhos, à qual *Frau* Gruber arrastava seus filhos todo domingo de manhã, estava novamente cheia de gente, os vitrais estilhaçados substituídos por uma feia vidraça de um vidro amarelo ondulante.

Da família Gruber, apenas Gertrud e Lotte ainda permaneciam lá. *Frau* Gruber morreu antes de a guerra começar de verdade, e os irmãos de Benita jaziam ao lado dela no cemitério da cidade: Georg, o mais novo, morreu sabe Deus em que lugar da Rússia, e Hans morreu de infecção num hospital militar. Sophie, a segunda filha mais velha, havia se casado com um soldado americano e se mudado para um lugar chamado Kansas. Para Benita, isso era maravilhoso e irritante ao mesmo tempo. Como a singela e quieta Sophie,

sempre tão contente de viver em Frühlinghausen, foi a única que conseguiu escapar?

Lotte e Gertrud viviam lado a lado numa fileira de chalés de estuque com cortinas de renda combinando nas janelas e jardinzinhos cheios de alimentos úteis: batata, repolho, cenoura e salsinha. Benita teve vontade de chorar.

— Cansou da vida no castelo? — Foi a primeira coisa que Lotte disse, com um sorriso afetado, quando Benita desceu do trem.

Gertrud foi mais gentil.

— Mamãe ficaria contente de saber que você voltou.

Infelizmente, porém, Benita iria ficar com Lotte, cujos filhos já tinham saído de casa. A filha tinha se casado com o açougueiro da cidade e o filho estava estudando em Braunschweig para ser escriturário do governo. Os Gruber (agora Freiholz, graças a Gephardt, o desagradável marido de Lotte) estavam subindo na vida. Benita achou graça na piada. Mas não havia ninguém com quem dividi-la.

O COMEÇO DE dezembro marcava três meses da chegada de Benita. Lotte, que sempre fora implicante, estava absolutamente rabugenta. Era impossível saber se o humor derivava da presença contínua da irmã ou da ausência prolongada de Gephardt. Logo depois da chegada de Benita, seu marido tinha viajado para o sul a fim de visitar a mãe doente, e nas últimas duas semanas Lotte vinha aguardando seu retorno com impaciência. Talvez o atraso a fizesse lembrar dos longos anos que passou criando os filhos enquanto ele fazia sabe Deus o que num campo de trabalho na Sibéria. Ou talvez o constante esforço de viver em expectativa, todo dia preparando um jantar quente, a deixasse sempre no limite. Benita se esgueirava pela casa nas pontas do pé, como alguém tentando não acordar um bebê. Mas ainda assim conseguia tirar Lotte do sério.

Numa tarde, quando Benita entrou no chalé, Lotte falou:

— Benita, você já pensou em tentar arrumar um emprego na Weseman's?

Benita nem ao menos tinha tirado o cachecol.

A loja Weseman's tinha aberto recentemente — um mercadinho estreito sem janelas e com cheiro forte de cigarro, prateleiras longas com latas e produtos embalados. Não havia grande demanda para um mercado em Frühlinghausen, onde quase todo mundo ainda plantava seu alimento, fazia

sua compota de frutas e comprava a carne do açougueiro. Benita tinha colocado os pés lá somente uma vez.

— Lotte, deixe a pobre Benita respirar primeiro — Gertrude a censurou, sentada na mesa da cozinha, quebrando nozes para os biscoitos de Natal.

— Mas não é isso que ela estava fazendo? Passeando por aí, tomando um ar?

— Tudo bem, vou tentar — Benita disse, tirando o casaco. Era melhor concordar do que bater de frente com Lotte. — Eles estão contratando?

— Acho que sim, ouvi Trude reclamando das longas horas de trabalho, de manhã à noite e ninguém para atender além dela e Horst. Aparentemente ela nem o vê mais... Apesar de achar que ela nem deveria reclamar disso... — Lotte começou a imitar um homem com dor nas costas e um rosto sofrido. A irmã sempre tinha sido a palhaça da sala, uma garota impetuosa e divertida, de ossos largos, de quem todo mundo tinha um pouco de medo. De vez em quando ela ainda mostrava esse comportamento como adulta.

— Lo-tte — Gertrud repreendeu. — Horst é um bom homem.

— E eu disse que não era? — Lotte esmagou uma noz com particular violência.

Ela e Gertrud tinham uma forma de comunicação especial — um tipo de proximidade conquistada por meio de anos de vizinhança, em que dividiram o profundo e o mundano. Benita existia inteiramente fora desse mundo, era mais o assunto da conversa do que participante.

— Bem, ele é agradável — Gertrud disse a Benita. — Isso é verdade.

Obviamente elas já tinham discutido a questão do emprego; Benita era um problema de ambas.

Ela já tinha tentado arrumar emprego. Primeiro, no jardim de infância local, mas não tinha experiência. Depois com *Frau Kurtzdorf*, a costureira da cidade, mas não sabia como operar uma máquina de costura. Tinha até mesmo se apresentado a uma loja de departamentos, que ficava a uma longa distância de ônibus, em Bremel, mas falaram que era velha demais. Velha demais! O holandês corpulento que conduziu a entrevista a lançou olhares lascivos mais de uma vez, até mesmo quando disse isso. Ela ficou furiosa e depois desesperada.

Mas o que podia fazer, além de continuar procurando? Lotte precisava de dinheiro para carvão e provisões. Gephardt não podia ou não queria trabalhar,

não ficou claro qual hipótese era a certa. Em todo caso, ele não contribuía com nada para a renda familiar, e por baixo da atitude desdenhosa, Lotte estava exausta. Trabalhava longas horas no escritório da fábrica de conservas. Benita não podia culpá-la por querer apoio, e ela não queria ser um fardo.

De pé na pequena e gélida sala de visitas, com a lamparina familiar em cima da mesa — a mesma que *Frau* Gruber mantinha num lugar de honra em sua própria sala de visitas encardida —, Benita soube que deveria se sentar ao lado de Gertrud e ajudá-la a quebrar as nozes, que deveria entabular uma conversa e perguntar se havia notícias de Gephardt, ou perguntar o que a igreja tinha planejado para o primeiro Domingo do Advento ou se as crianças de Gertrud tinham sarado da gripe. Mas não conseguiu.

— Estou com dor de cabeça, vou me deitar por um momento.

— É claro que está — Lotte replicou, erguendo a sobrancelha e olhando para Gertrud. — Essa é a nossa Benita.

NO ANDAR DE CIMA, Benita afundou na cama estreita e olhou para a fotografia de Martin, pendurada ao lado dela. Nela, ele estava com cerca de nove anos; os braços estendidos, o cabelo bagunçado pelo vento. Foi tirada no campo embaixo de Burg Lingenfels. A grama chegava até os joelhos e Benita quase podia ouvir a algazarra das cotovias e andorinhas, o barulho farfalhante dos gafanhotos. Tinha sido uma linda tarde de sol — um piquenique com Marianne, Ania e as crianças, um pouco antes de deixarem o castelo. Houve certa resistência ao plano no começo: Elisabeth queria ficar no castelo lendo seu livro, Fritz reclamou de uma dor de dente e a própria Benita queria ir até Tollingen comprar um chapéu novo. Mas Marianne venceu — era um dia perfeito para um piquenique, insistira. E, além disso, ela queria tirar fotografias com sua nova câmera. Fotografias de um piquenique! Ela e Ania ficaram estupefatas. Na experiência delas, câmeras eram ferramentas delicadas e preciosas, reservadas exclusivamente para retratos formais — não brinquedos carregados para todo lado e para tirar fotos de crianças suadas e indisciplinadas, correndo livremente. Mas Marianne estava certa em insistir! O dia foi maravilhoso — um dos mais felizes da vida de Benita. E na fotografia de Martin correndo, Marianne tinha capturado um momento raro e despreocupado de alegria. Era a coisa de que Benita mais tinha orgulho na vida: criou um menino capaz de sentir tal emoção. De alguma forma, apesar de tudo, ele pôde ter essa experiência.

Por que você decidiu voltar a Frühlinghausen?, Martin perguntara em sua primeira carta, e ela respondera da melhor forma que pode: não havia mais motivos para depender da hospitalidade de Marianne. E era importante ficar perto das irmãs; Lotte precisava de ajuda com a casa... Ela sabia que as respostas eram insuficientes. Mas Martin pareceu tê-las aceitado, pois não perguntou novamente.

Na última carta, ele contou que recebeu um convite.

Um colega de classe rico, de uma família tradicional, o convidou para passar as férias de inverno esquiando com eles na Suíça. Ele relutava em aceitar. *Não quero deixá-la sozinha no Natal, mãe*, escreveu. *Eu poderia ficar com você em Frühlinghausen. Lotte tem espaço para mais um?* O pensamento deixou Benita deprimida. Ela odiava a ideia de vê-lo ali entre Lotte, Gertrud e suas famílias. Ele teria que se sentar ao lado de Gephardt no banco sujo de igreja que ela abominava quando criança. Ele teria que comer com pessoas que engoliam a comida em silêncio e limpavam a boca nas costas da mão. Não era para isso que o criou.

Não, insistiu. Aceite o convite. Você pode vir me visitar no próximo ano. Será bom aprender a esquisar. E então ele passaria o Natal nas encostas de St. Moritz com alguma família feliz de duques e duquesas. Era melhor assim, mas, ao mesmo tempo, sentia seu coração apertado. Ela se contentaria com a fotografia e as cartas, sabendo que ele estava feliz.

NO DIA SEGUINTE, Benita se preparou para a uma entrevista na Weseman's. A primeira coisa que Lotte fez, sendo Lotte, foi ir até lá bem cedo preparar o terreno. Só Deus sabe as coisas embaraçosas que ela disse. Em todo caso, ela reportou, os donos da loja ficariam felizes de entrevistar Benita. Na verdade, Trude Weseman lembrava dela, de quando estiveram juntas na LMA.

Benita ficou surpresa. Não se lembrava de nenhuma Trude Weseman.

Lotte a encarou com impaciência. Trude *Schultz*. Ela casou com Weseman.

Um rosto surgiu em sua memória: pálida, olhos grandes, pele espinhenta e cabelo negro puxado para trás em tranças apertadas. É claro que se lembrava! Benita sentiu um frenesi de esperança. Elas tinham partilhado uma experiência — não propriamente amizade, mas uma ligação: as longas horas com *Fräulein* Brebel cantando *Volkslieder* nazistas e sofrendo nas cansativas caminhadas de domingo. Aquele ridículo treinamento de dona de casa: batendo manteiga,

aerando a massa e aprendendo habilidades que a guerra provou serem inúteis. Talvez teriam algo do que rir juntas.

Mas quando chegou, não reconheceu a mulher que abriu a porta. Trude tinha engordado com os anos. E suas espinhas deram lugar a marcas permanentes. O cabelo ficou prematuramente grisalho. Benita percebeu, consternada, que já tinha visto essa mulher na cidade duas ou três vezes e não a tinha reconhecido.

— Trude! — ela cumprimentou afetuosamente, oferecendo seu melhor sorriso.

Trude fez um breve aceno com a cabeça, rejeitando o tom familiar de Benita.

Será que ela se sentiu esnobada quando se encontraram recentemente na rua? Benita resolveu usar um tom especialmente autodepreciativo e elogioso.

— Faz tanto tempo! Desde a época da *Fräulein* Brebel. E você está maravilhosa. Não envelheceu um só dia.

— Eu certamente estou mais velha — Trude disse, fungando e balançando a cabeça. — Por aqui, Horst está na sala de visitas.

Benita a seguiu.

Trude gostava dela quando moça? Ela não conseguia se lembrar. Mas pode ser que gostasse de alguém que gostasse de Benita, e isso tenha gerado ressentimentos... Será que Trude desejava ardentemente Paul Henike? Ou Axel Pittman? Aqueles anos vinham à memória de Benita de forma nebulosa e sem sentido. Seguindo as costas rígidas da mulher até a sala de visitas, Benita censurou sua versão adolescente. O que tinha feito nessa época? E por que tinha sido tão leviana?

Na sala de visita, Horst levantou detrás de uma escrivaninha bagunçada. Era um homem magro e careca, de ombros caídos e ar cansado, bem como Lotte o imitou.

Benita estendeu a mão.

— Muito prazer em conhecê-lo. Frühlinghausen tem sorte de contar com sua loja.

Trude fez um gesto de impaciência.

— *Ach*, sente-se, sente-se — cortou bruscamente as palavras de Benita.

Ofendida, Benita obedeceu. Horst também. Era óbvio quem estava no comando. Horst lhe ofereceu um sorriso de desculpas.

— Bom, *Frau* Gruber... Perdão... *Frau Fledermann*. Você está procurando uma vaga de balconista — Trude declarou categoricamente. — Quais são os dias em que precisamos de ajuda em nosso calendário?

— Bem — Horst folheou ruidosamente os papéis na mesa. — Podemos verificar os dias que *Frau Fledermann* tiver disponíveis como...

— Ora, Horst — Trude interrompeu. — Veja as horas no calendário que está na sua frente.

— Sou muito flexível — Benita ofereceu. — Tenho certeza de que...

— Você tem experiência com caixa registradora? — Trude atalhou.

— Não, com caixa registradora não — Benita começou —, mas poderia aprender...

— Então você não tem experiência com caixa? — Trude perguntou, como se isso fosse um absurdo.

— Não. — Benita balançou a cabeça.

Em sua escrivaninha, Horst limpou a garganta.

Trude soltou uma risada sarcástica, quase um latido.

— Mas então... certamente não pensou que a contrataríamos por caridade, não é?

Benita a encarou. O rosto dela era a personificação de Frühlingshausen, da maldade e da mesquinharia que Benita sempre desprezou — só que transformadas, por uma força indiferente, em um tipo específico e desagradável de poder, com um veneno extremamente forte ao qual unicamente ela era suscetível.

— Não — Benita disse com o máximo de dignidade que pôde reunir, pegando sua bolsa e seu chapéu. — Eu sei que vocês não fariam nada disso.

ELA ANDOU PELA cidade às cegas. Em sua humilhação, nem percebeu os sinais do retorno de Gephardt — o chapéu e as botas na entrada do vestibulo, o prato sujo e o guardanapo sobre a mesa. Ela subiu as escadas sem nem tirar o casaco.

Em seu pequeno quarto sobre o beiral, foi recebida com uma surpresa: um baú de viagem desconhecido, uma velha maleta e uma familiar bolsa de feltro.

A visão desses objetos fez Benita esquecer momentaneamente a tristeza. Seus pertences. Ela tinha pedido a Marianne para entregá-los a Gephardt; a mãe dele não morava muito longe de Tollingen. Marianne ficou contrariada. Por que Benita não ia pessoalmente fazer uma visita e aproveitava para levá-

los? Mas Benita foi resoluta. E Gephardt, apesar do mau humor habitual, foi estranhamente passivo e aceitou bancar o carregador de bagagem. Talvez estivesse curioso para ver onde Benita morava, ou para conhecer a “Condessa Marianne” (um encontro que Benita imaginava ter sido ao mesmo tempo cômico e horripilante).

Em todo caso, ele obviamente tinha retornado. E com ele, a sua antiga vida.

Benita ficou parada no meio do quarto, escutando, mas a casa estava silenciosa. Suas posses, empilhadas no pequeno tapete do chão, pareciam totalmente desvinculadas do aposento. A elegante caixinha de joias de porcelana que Marianne lhe deu, os belos lenços, os sapatos de salto alto que comprou em Munique no ano passado, seus vestidos favoritos. A ideia de manter esses tesouros nessa casa em Frühlinghausen a deixou deprimida. Para quem ela se arrumaria nesta cidade? Mesmo se houvesse alguém, ela não se interessaria por ele. Sentia tanta falta de Franz que chegava a doer. Ele a conhecia — realmente a conhecia, as melhores e piores partes dela. Ele era a ponte estreita que ligava essas duas partes.

Ela ouviu passos no corredor, do lado de fora do quarto.

— Quase dei um mau jeito nas costas carregando tudo isso escada acima — Gephardt resmungou à porta. Ele era um homem desagradável, de olhar zangado, outrora um bom partido pelos padrões de Frühlinghausen, que havia endurecido com o tempo e ficado ainda mais grosseiro. Agora ostentava uma enorme barriga de grávida e olhos maldosos que faziam Benita estremecer — só Deus sabe o que ele fez quando fazia parte da SS.

— Me desculpe. — Benita suspirou. — Obrigada. — Ela olhou para baixo, sentindo a fisgada da própria dependência. Trude Weseman estava certa. Ela era um caso de caridade.

Gephardt não se mexeu da porta.

Quando Benita ergueu os olhos, ele estava olhando para ela com uma expressão avaliativa e desdenhosa, um braço estendido na porta, barrando a passagem. Ela ficou sobressaltada.

— Onde está Lotte? — perguntou.

Ele bufou, irritado.

— Onde está Lotte? — repetiu ele, ainda a encarando. Com um arrepio, ela reconheceu o olhar, a particular mistura de raiva e desejo.

Ela se empertigou.

— Vamos — disse ela. — Não seja infantil.

— Infantil? — repetiu ele, dando um passo à frente, em direção a ela, ofegando.

Por sorte, do andar de baixo veio o som da porta da frente se abrindo.

— Lotte? — Benita chamou, tentando manter a voz tranquila. — É você?

— E quem mais seria? — Lotte replicou.

Gephardt encarou Benita.

— Gephardt? — Lotte exclamou, aparentemente notando os sinais do retorno, que Benita havia ignorado. — Você voltou?!

Por um momento, ele não disse nada. Benita o encarou de volta.

— Estou aqui — respondeu ele, por fim, se virando.

Depois que ele saiu, Benita fechou a porta e se encostou a ela pelo que lhe pareceu uma eternidade.

NAQUELA NOITE, FINGIU estar com dor de cabeça e não desceu para jantar. Em vez disso, ficou no quarto e abriu o baú. Fez isso mais por um senso de dever do que por prazer. A primeira coisa que viu foram os cremes e perfumes que tinha comprado no último ano, conforme as lojas começaram novamente a comercializar tais produtos. Depois os pentes de cabelo, os cachecóis, o broche que Franz tinha lhe dado.

E, embaixo disso tudo, papéis — os formulários que Marianne lhe ajudou a preencher como *Opfer*, os recados de escola de Martin, a licença de casamento, escrita na difícil linguagem nazista, indecifrável, que a fazia estremecer só de olhar. Ela considerou queimá-la. E então viu a caixa de sapato com as cartas de Franz, amarradas cuidadosamente com um laço de fita vermelho e branco. Ela mesma preparou o pacote e atou as cartas com a fita, e se imaginou relendo as cartas com ele quando ambos estivessem velhos. Agora ela mal conseguia olhá-las. Mas quando tentou recolocá-las no lugar, viu algo familiar. Um envelope maior e mais fino, muito manuseado e levemente amarelado.

À *minha esposa*, Benita Fledermann estava escrito na frente, com uma letra conhecida e elegante. O sangue subiu tão rápido à sua cabeça que a deixou tonta. A carta de Connie. A carta que Marianne lhe entregou tantos anos antes. A carta que nunca abriu. Tinha esquecido completamente que ela existia.

Do andar de baixo, Benita podia ouvir a conversa de Lotte e Gephardt, o trinado agudo da voz da irmã e os grunhidos baixos e insolentes do marido.

Pingos de chuva tamborilavam no telhado inclinado. Ela pegou a carta cautelosamente, como se esperasse que ela se desvanecesse ao toque.

Como pôde esquecer?

Era absurdo. Que tipo de mulher esqueceria uma carta do marido morto? Por que nunca a tinha lido? No começo, estava tão furiosa. Isso era verdade. Mas depois... depois simplesmente se esqueceu da carta. Benita se sentiu envergonhada.

Abriu o envelope. Não era uma carta longa. À primeira vista, os olhos se recusaram a aceitar as palavras que flutuavam e pulavam na sua frente. Gradualmente, porém, tudo se encaixou.

Minha amada Benita, leu. Pôde ouvir a voz de Connie. Há tanto tempo que não a ouvia. Se está lendo isso, significa que o plano pelo qual dei minha vida falhou. Significa que Hitler ainda está no poder e que estou morto.

Ela sentiu aquela época ressurgir e pairar diante dela — o apartamento em Berlim, Martin jogando bolinha de gude no chão. A incessante solidão e a raiva.

O guincho da sirene antiaérea.

Desculpe-me se coloquei este espinho entre nós por nada. Isso era o que eu mais temia.

Nunca quis guardar segredos de você, meu amor. Só quis protegê-la. Quanto menos soubesse, mais segura estaria. Não podia deixar que a responsabilizassem pelas minhas ações. E eu nem mesmo sei se concorda com elas. Nosso amor é único, algo à parte dos acontecimentos do mundo e da política. Nosso amor sempre foi nosso próprio país.

Benita, sinto tanto por tê-la machucado, e de tantas formas. Eu sei que não fui o marido com que sonhava. Fui tolo. Fui egoísta. Agi em nome dos meus interesses, e, no fundo, em nome dos interesses da nação. Contudo, sempre acreditei que o nosso futuro como indivíduos está entrelaçado ao futuro da Alemanha. E se eu, como ser humano, não agisse contra Hitler, não poderia viver em paz. Se nós, alemães, não acabarmos com o demônio que criamos, ele nunca será exorcizado.

Minha amada, escrevo esta carta como uma forma de justificativa, se desejar uma.

Porém o que eu mais desejo dizer é que amei você no exato momento em que a vi no dia do Anschluss, perto do moinho de água, com seu uniformezinho todo solene. E desde então nunca deixei de amá-la. Mesmo nesse momento em que lê esta carta. Seja

feliz. Cuide de nosso filho. Crie nosso filho para conhecer a felicidade, como você a conhece. E estarei a seu lado.

Sempre seu,

Connie

Benita largou a carta. Connie — seu querido Connie, a quem ela nunca disse adeus. A quem ela odiou por tanto tempo. Ele sempre foi forte. Ele viveu a vida com planos de grandes ideais, certos e errados que a tudo englobavam. Suas opiniões foram maiores que as armadilhas da própria vida. E ela foi o ratinho que não conseguia ver além do próprio nariz, tropeçando em raízes e pedras, alheia à tempestade que se aproximava.

Ela se sentou por um longo tempo. Lá fora, a noite foi ficando ainda mais escura. A chuva passou e as estrelas começaram a brilhar. Um pedacinho de lua surgiu, opaco.

Sua coleção de objetos jazia amontoada, não mais significativa do que os restos de folhas e papel que um pássaro poderia juntar para montar o ninho. Em algum lugar, lá fora no mundo, Franz Muller seguia em frente com a vida, servindo o jantar a Clotilde e seu pai na mesa com a toalha amarela, ou trabalhando até tarde na loja de caixões. E em algum lugar Marianne estava fazendo... Sabe Deus o que ela estava fazendo: escrevendo, organizando algo, jantando com amigos — Marianne nunca estava simplesmente sentada. E Martin, o próprio filho — Benita o imaginava em seu quarto, em Salem, a cabeça inclinada sobre os livros, melhorando de vida.

Havia um propósito para cada um. Mesmo Franz era responsável pelo velho *Herr Muller* e por Clotilde. Apenas Benita não tinha um propósito. Ela já tinha criado o filho. Agora só iria atrasar a vida dele, puxá-lo para trás. Era uma mulher feita para o amor. Mas o amor estava morto — pelo menos para ela e sua geração. Não havia mais lugar nesse mundo para isso. E, ainda assim, ela não desejava mais nada.

No escuro, tirou o vestido, as joias, e se deitou na cama. Ela engoliu uma das pílulas que o médico de Lotte receitou para ajudá-la a dormir. E quando chegou a sensação de sonho, flutuante e morna, virou o frasco na mão. Viu o rosto de Connie no dia em que ele a procurou, em sua última noite, e quase foi possível voltar no tempo, virar para ele e dizer *adeus, boa sorte*. Dar a ele sua

bênção. E ela viu Martin em seus braços, um bebê, o rosto doce e inocente se iluminando quando ela se debruçava sobre ele. Ela também podia rever essa cena.

Ela engoliu mais algumas pílulas, e depois o resto do frasco, de uma vez só. E então deitou de costas.

FRÜHLINGHAUSEN, DEZEMBRO DE 1950

A viagem de trem de Tollingen a Frühlingshausen era longa e cheia de baldeações. Três minutos para trocar de trem em Frankfurt, sete em Kassel, vinte em Göttingen... a pontualidade alemã voltou a se atuar em praticamente tudo. Nas cidades, destroços de prédios bombardeados se integraram estranhamente ao fluxo da vida que seguia em frente — como amputações incorporadas, visíveis apenas para os estranhos, como aqueles que se encontram em trens.

Nessa última etapa da viagem, Marianne e Martin conseguiram achar um compartimento vazio. Não era uma hora ruim para se viajar: no meio do dia, no meio da semana, as crianças na escola, os adultos no trabalho. Todo mundo capturado pela teia reconfortante da indústria. Apenas os viajantes é que tinham fracassado.

— Quando a guerra acabou, por que minha mãe resolveu ficar com você, em vez de voltar para a família dela? — Martin perguntou, olhando para Marianne.

Ela quase se esqueceu que ele estava sentado à sua frente, envolto em seu próprio manto de pesar. Ele tinha crescido bastante nos últimos meses de escola, e suas pernas compridas se estendiam pelo corredor, os ombros curvados para a frente como asas dobradas.

— Na época fazia sentido — Marianne respondeu. — Tudo estava uma bagunça. Ninguém estava onde deveria estar. E eu não acho... — Ela interrompeu o que dizia. Não tinha certeza do que Benita revelou a Martin sobre sua família.

— O quê? — Martin pressionou.

Marianne suspirou.

— Não acho que ela era muito próxima da família.

Martin se virou para olhar pela janela. Uma após outra, fazendas dilapidadas passavam pela janela — a prosperidade tinha voltado à Alemanha, com exceção desse canto do país. Martin não fez a pergunta óbvia: por que,

então, Benita não voltou para Frühlinghausen em setembro? Sua mãe deve ter lhe dado algum tipo de explicação. E fosse qual fosse, não o tinha feito se virar contra Marianne. Ela era grata por isso. Benita “morreu enquanto dormia”, dizia o telegrama. Mas Marianne entendeu o que isso queria dizer. A morte de Benita era culpa sua. Sua intromissão a matou. Ela nunca sobreviveria a isso.

O que Martin captou a respeito da morte da mãe permanecia incerto.

Ele era um garoto inescrutável. Sempre foi, não apenas de luto. Sempre aonde Martin ia ele era querido, ao contrário de Fritz. Era popular com colegas e professores, o tipo de menino que os pais ficavam felizes de convidar para suas casas. Era agradável e se destacava nos estudos, mas do que realmente gostava, e qual era sua verdadeira paixão, isso ninguém sabia. Tinha herdado o carisma do pai, sem a veia rebelde e a determinação.

— Você consegue reconhecer suas tias? — ela perguntou a ele.

— Lotte e Gertrud? — Martin pareceu preocupado. Ele as tinha encontrado pouquíssimas vezes.

— Não se preocupe — Marianne disse. — Vamos procurá-las juntos.

MARTIN AS RECONHECEU, no entanto, graças a Deus, porque Marianne nunca conseguiria reconhecer as duas mulheres insípidas de meia-idade que esperavam na plataforma como as irmãs de Benita. Uma era alta, de queixo quadrado, com óculos de gatinho pontudos. O cabelo grisalho estava arrumado cuidadosamente em ondas naturais. A outra era de média estatura, de aparência mais suave, com um rosto amplo e mole, e brilhantes olhos azuis. Nem de longe se pareciam com Benita. De quem ela herdara a beleza?

— Tia Lotte? Tia Gertrud? — Martin perguntou, aproximando-se das mulheres com uma hesitação infantil.

A mais alta das duas assentiu. Mas não ofereceu um sorriso, uma saudação calorosa, nenhuma expressão de condolência — somente um aceno rígido e um aperto de mão, um para Martin, outro para Marianne. Pelo menos a irmã de rosto mole, que se apresentou como Gertrud, deu a Martin um desajeitado tapinha no ombro. Marianne sentiu pena da amiga morta — como uma mulher que amara tanto a beleza e tudo que era belo conseguiu viver nesse lugar feio, com essas irmãs severas?

Uma memória surgiu em sua mente: um dia logo no início do verão, pouco antes de se mudarem de Burg Lingenfels. Ela, Benita, Ania e todas as crianças tinham feito um piquenique na colina — com uma velha toalha de mesa de

Weisslau, bordada pela avó de Albrecht, uma cesta com almôndegas frias, salada de batata, pickles, ameixas frescas, uma garrafa térmica de café e o bolo amanteigado com passas de Ania. O campo estava cheio de insetos zumbindo, rouxinóis, e exalava um cheiro de grama quente e urtigas floridas. Abaixo deles, um campo de colza desabrochava em um amarelo brilhante e sobrenatural. O ar ondulava de calor. Marianne tinha trazido uma câmera, sua primeira máquina fotográfica, e tirou fotografias das crianças correndo livres. *É para isso que vivemos, não é?*, Benita tinha dito, o rosto inundado de felicidade.

Nesse dia frio de dezembro, Frühlinghausen era o oposto. Da estação de trem, Lotte e Gertrud os levaram diretamente ao cemitério. Elas queriam mostrar a Martin o jazigo da mãe antes do velório e do enterro, previsto para o dia seguinte. *Provavelmente porque esperam que ele arque com os custos*, foi o pensamento nada caridoso de Marianne.

Devemos enterrá-la aqui em Frühlinghausen?, Lotte tinha perguntado a Marianne quando falaram ao telefone. Onde mais? Não ao lado de Connie, cujos restos mortais tinham sido descartados como os de um traidor — enterrados em alguma vala ou descartados num crematório nazista. Ninguém sabia exatamente onde. Marianne sentia repulsa frente à insistência do enterro. Corpos era tão preciosos em vida e subitamente tão estranhos e terríveis na morte. Marianne queria ser cremada, suas cinzas espalhadas do alto do castelo. Não haveria esse frágil equilíbrio entre preservação da terra e podridão.

As irmãs contrataram um fazendeiro da região para levá-los de carroça até o cemitério, e rodaram em silêncio. Marianne apertava a mão de Martin enquanto o cavalo andava aos solavancos pelas ruas de pedra.

O cemitério ficava numa região humilde no outro extremo da cidade, cercado por um muro feio de cimento. Numa ponta era rodeado de campos arados, convertidos em nada mais do que torrões sujos nessa época do ano, que se estendiam até o horizonte. E do outro, havia a última fileira de uma sucessão de chalés de tijolos encardidos. Dois meninos chutavam uma bola de futebol no quintal, que voou pelo muro do cemitério. Tirando isso, o único som que ouviam era o vento soprando na relva e um corvo crocitando no céu. O motorista da carroça deu um sorriso forçado e acenou enquanto desciam, como se estivessem indo a uma festa.

As sepulturas eram erguidas do jeito tradicional — pequenos jazigos do tamanho dos caixões, cercados de pedras e flores esparsas e mortas. Lotte os

levou à vala que já haviam cavado para Benita, ao lado da mãe: ILSE GRUBER 1880–1940. Marianne lutou ferozmente contra as lágrimas que afloravam. Não era a hora nem o lugar para chorar. Ela sentia Martin parado como uma estátua ao lado.

— É um bom lugar — Lotte declarou firmemente. — As pessoas cuidam das sepulturas. Gertrud e eu já vínhamos uma vez por semana visitar a mãe e nossos irmãos, portanto estaremos aqui com frequência. Ali tem uma roseira amarela. — Ela apontou para um caule cortado, amarrado para suportar o inverno. — E aqui nós plantamos amores-perfeitos e alfazema; hera também é boa porque cobre bastante... — Ela ficou discursando sobre as flores, mas Marianne quase não prestava atenção.

Era lá que Benita repousaria, voltando para as raízes que tentou tão desesperadamente deixar para trás, uma parte da sua vida que Marianne nunca conheceu. Mas o que sabia? Muito pouco, talvez. Não sabia do romance de Benita, ou de Ania, que não era Ania, e com quem ela não mais falava desde aquele dia do castelo. De pé, na frente da cova, Marianne subitamente teve consciência de sua própria cegueira; suas amigas mais queridas eram como sonhos dos quais havia despertado. Como não percebeu o que acontecia?

— O que é isso? — Martin perguntou, trazendo-a de volta ao presente. Ele apontou para um pequeno carrinho de mão ao lado de uma pilha de terra.

— Rotatividade — Lotte disse, vendo o que ele apontava. — A cada trinta anos desenterram os caixões para dar espaço a novos.

— Oh. — Martin assentiu, com o choque estampado nos olhos.

— Se houver uma lápide ele irão preservá-la, é claro — Lotte continuou, em seu jeito objetivo. — Mas geralmente não há nos túmulos velhos. — Ela fungou. — Isso mantém o cemitério... — ela hesitou, procurando a palavra —, fresco. Nenhum túmulo é esquecido porque ninguém lá está morto há mais de trinta anos.

Marianne a encarou. Ela pensou no jazigo de sua família na Pomerânia, com seus túmulos antigos — seus avós e bisavós, e os pais deles, todos à sombra de uma enorme castanheira; e no cemitério Von Lingenfels em Weisslau, com seus jazigos do século XVIII. Certamente não tinha sobrado ninguém para cuidar deles. Será que os poloneses, que tinham tomado as terras, mudaram o cemitério para o campo de trigo ao lado? Aparentemente era assim que faziam as coisas agora — uma rápida rotatividade de corpos.

— E depois de trinta anos? — Marianne perguntou. — Ninguém mais é lembrado?

Lotte olhou para ela com uma expressão vazia.

— Lembrado, talvez seja, mas não cuidado. Não *conservado*.

MAIS TARDE, DEPOIS do funeral e depois que Marianne levou Martin de volta à escola, ela retornou a Tollingen. Não havia ninguém lá para recebê-la. Andou da estação de trem até a praça da cidade e olhou para cima, para seu apartamento. As janelas pareciam escuras e tristes à sombra da tarde, e não conseguiu entrar.

Atrás dela, na praça, funcionários do Wild Boar começavam a colocar as mesas na calçada. Mães levavam os filhos para casa, na hora do jantar, trabalhadores das lojas fechavam as persianas, namorados passeavam de mãos dadas. E novamente se via homens nas ruas, fumando cigarros e se apressando para voltar para casa, para suas famílias, felizes de voltarem à vida cotidiana. Ela sentiu uma pontada de tristeza por Albrecht, por Connie, por todos aqueles que não viveram para ver essa nova vida.

Ela não conseguiria subir as escadas e preparar um ovo com torrada na cozinha que outrora dividiu com Benita. Não conseguiria se sentar na sombria sala de visitas e organizar os papéis de Albrecht. Não conseguiria passar na frente de todos aqueles quartos vazios — o quarto de Benita, de Martin, de seus próprios filhos. E não conseguiria visitar Ania, sentar em sua cozinha quente e com ela lembrar-se de Benita, e por ela ser confortada.

Marianne deixou sua bagagem atrás da escadaria no saguão e andou até o rio, no limite da cidade. Pelo menos lá poderia se sentar e prantear a amiga, entre os ossos daquelas pobres almas que morreram às margens do rio. Podia deitar na grama e contemplar as estrelas e ser ninada pelo fluxo de venenos que corria na água. Mas conforme foi se aproximando, percebeu que não estava só. Uma figura, quase inteiramente oculta pelas sombras, estava de costas para a água, balançando o corpo para os lados. Seus lábios se moviam levemente e ela pôde ouvir a voz baixa, murmurante, falando um idioma incompreensível. E então ele se calou.

— Com licença — disse ela quando ele se virou e notou sua presença.

Ele era um homem jovem, com cerca de 25 anos, apesar do rosto parecer muito mais velho. Ele usava um chapéu preto e o cabelo em longos cachos:

um judeu, provavelmente de um dos poucos campos para refugiados que sobraram.

— É permitido — respondeu ele. Marianne olhou, confusa. — É permitido rezar aqui — esclareceu.

— É claro. — Ela recuou, assustada com o fato de que ele achasse que ela questionaria isso. — Você conhecia alguém? Entre os mortos?

O homem fechou a cara e então estreitou os olhos, tentando descobrir o que ela pretendia com essa pergunta.

— Eu os conhecia, todos eles. — O peso das palavras pairou entre os dois.

— Eu também vim até aqui para rezar — Marianne disse, percebendo, enquanto dizia isso, que era a mais pura verdade.

Acima deles, as primeiras estrelas da noite ficaram subitamente visíveis como buracos em uma roupa fina, revelando uma luz intensa por trás da escuridão. O rio brilhava com uma luz sobrenatural, pálida e violeta.

O homem a observou atentamente e Marianne se viu esperando por algum tipo de veredicto.

Por fim, ele inclinou a cabeça.

— Bem, então faça isso. Você poderia ficar aqui para sempre cumprindo essa tarefa. — Ele se virou para ir embora.

— E você? — Marianne disse.

Ele se virou, olhando para ela.

— Eu parto amanhã para a América.

E olhando para ele, esse jovem estranho de rosto velho, Marianne sentiu a verdade em suas palavras e em seu cansaço. Porém, além disso, ela ouviu a palavra *América* como se fosse a primeira vez. Não como o nome de uma nação inimiga ou aliada. Não como a criadora das bombas, responsável pelas laranjas e pelos chocolates, ou a responsável pela papelada que preencheu incansavelmente para tantos refugiados. Ela a ouviu como um lugar onde alguém poderia recomeçar a vida.

Muito tempo depois que o homem partiu, a palavra voltava à sua mente, como um tentador pedaço de papel de cores brilhantes, acenando a sugestão de uma nova vida.

PARTE IV

DEER ISLE, MAINE, JULHO DE 1991

O caminho para a casa de Marianne, na costa do Maine, era tão sinuoso e adorável quanto o próprio nome Von Lingenfels, que Martin sempre achou belo, apesar de ter perdido um pouco da leveza na língua inglesa. Mas Martin não era americano, mesmo depois de tantos anos morando na Nova Inglaterra. Ele era alemão, como essa visita o fazia lembrar. Um alemão que estava mais de uma hora atrasado, o que não era um bom começo.

Mas esse atraso até que se adequava a ele. Sempre se atrasava quando criança. Ele pôde sentir o velho padrão de comportamento surgindo, sua tendência a preencher a narrativa de outras pessoas, geralmente a um certo custo para si mesmo. Então ele deveria ser o adolescente infeliz, Marianne a parente arrogante, implicando com a lentidão da mãe dele. Mesmo que agora ele estivesse na casa dos cinquenta e ela com 83 anos, e ele não a visse há sabe-se lá quanto tempo. Ela escreveu dizendo que tinha uma proposta. E embora ele não fosse muito receptivo a propostas desde seu último divórcio, não podia dizer não a Marianne. Sempre foi assim.

A saída da Estrada 114 para a casa de Marianne levou a um pequeno “caminho” cheio de conchas espalhadas, marcado por uma profusão de ameixeiras em flores, que ela não tinha mencionado nas orientações fornecidas. Possivelmente porque em sua idade não se aventurava mais muito longe de casa, logo, não podia vê-las, mas ainda mais possivelmente porque uma infinidade de flores e frutinhas roxas brilhantes não eram o tipo de coisa em que Marianne repararia, enquanto a sólida caixa de correio de alumínio, quase completamente coberta pelos arbustos, certamente o era.

A casa dela era a última de sete ou oito alinhadas na estrada. Quando Martin encostou o carro, ficou impressionado não apenas com a beleza — um pequeno chalé de pedra acinzentado, com telhado pontudo e varanda transpassada —, mas com a aparência completamente americanizada. Tinha sido construído em estilo rústico, e parecia uma casa temporária. As largas portas de correr de vidro passavam a imagem de franqueza despreocupada.

Era um enorme contraste com Burg Lingenfels. *Os americanos podem enfrentar o mundo de braços abertos*, dissera uma vez Marianne, *pois o mundo ainda não tentou derrubá-los*.

Antes que ele saísse do carro, a porta da frente se abriu e lá estava ela: Marianne von Lingenfels, totalmente reconhecível e, ao mesmo tempo, completamente mudada. Ela andava com uma bengala e usava óculos quadrados de armação grossa, mas o cabelo grisalho estava afastado do rosto e puxado para trás da mesma forma prática de sempre, com um grampo de cada lado, bem em cima da orelha. E sua voz incisiva, chamando o nome dele, parecia evocar diretamente o passado.

— Marianne — Martin disse, batendo a porta do carro atrás de si.

Um sorriso amplo e luminoso se espalhou no rosto enrugado. Lá estava ela, livre das circunstâncias que, para ele, sempre a tinham definido — pelo amor de Deus, ela morava nos Estados Unidos, no Maine. Ainda assim, ao contrário de Martin, um camaleão que se adaptava às mais estranhas situações, Marianne tinha permanecido ela mesma, completamente inalterada.

Da costa veio o som das ondas quebrando, e, acima deles, as gaivotas berravam. A porta da frente se abriu de novo e surgiu uma mulher negra, de rosto pesaroso e cabelo trançado rente à cabeça.

— Você está bem, Marianne? — ela perguntou gentilmente.

— Ah, sim — Marianne disse, os olhos pousados em Martin. Seu sorriso permaneceu fixo, transbordando felicidade. — Alice, este é meu querido amigo Martin.

Martin subiu os degraus e estendeu a mão, que Alice apertou timidamente. Então ele se virou para Marianne, segurou os dedos retorcidos e beijou a bochecha frágil e murcha.

— *Ach, Martin* — disse ela, segurando as mãos dele. — *Du bist das Ebenbild deines Vaters*. — *Você é o retrato fiel do seu pai*.

Martin continuou sorrindo, mas as palavras trouxeram à tona a velha e familiar desolação. Seu pai, o rebelde, o grande homem, o que por um triz não libertou a Alemanha e salvou milhões e milhões de vidas. Marianne sempre destacava de forma inspirada o abismo que havia entre Martin e esse homem.

— Venha, vamos tomar uma xícara de café. Ou talvez você prefira algo mais forte depois dessa viagem. Uma taça de *Schnapps* — Marianne disse, falando agora em inglês.

— Um café está ótimo — Martin replicou.

— Sente-se — ela ordenou quando chegaram à parte coberta da varanda, onde um conjunto de móveis descorados de palha estavam agrupados como um bando de pinguins encarando o mar. — Alice vai trazer.

Martin obedeceu. De lá, era possível ver ao longe uma doca em formato de T, cravada como uma cruz na água. O sol que incidia nas pedras era brilhante e forte.

Marianne sentou lentamente na poltrona oposta à de Martin, que parecia tão desconfortável quanto a dele. Aparentemente, nesse momento, o conforto era tão relevante para Marianne quanto quando ela era jovem.

— Bem, e como vai você, Marianne? — disse Martin, tentando soar jovial.

— Oh, Martin — respondeu ela, suspirando. — Tão bem quanto uma pessoa da minha idade pode estar. Sou uma mulher de sorte.

— Você não parece velha — Martin respondeu, ciente, no momento em que falou, que ela acharia a declaração ridícula. — Parece maravilhosa.

— Obrigada. — Marianne sacudiu a cabeça pacientemente. — E você, Martin Fledermann? — Ela sorriu. — Creio que a última vez em que nos vimos foi em Nova York, não?

— Sim, foi lá mesmo — Martin aquiesceu, a lembrança do dia surgindo nítido em sua mente com a menção de Marianne.

Ele tinha ido visitá-la em algum prédio grande e inexpressivo do Upper East Side, no qual ela estava morando no momento. Beberam chá e comeram *Pfefferkuchen*, biscoitos amanteigados, e observaram a cidade do alto, de uma janela panorâmica que deixava entrar uma forte corrente de ar e estava cercada de objetos velhos — armários Biedermeier escuros e mesas com pés ornamentados, espessas e brancas cortinas bordadas e o retrato empoeirado da avó Von Lingenfels, feito com ponto-cruz. Martin tinha acabado de se divorciar de sua segunda esposa, um assunto que ele preferiu não mencionar e que agora emergia da sua memória como se a ex-esposa estivesse presente nesse exato momento — uma presença adorável, cheia de tristeza e reprovação. O resto da visita, sobre o que ele e Marianne falaram, tinha sido apagado de sua mente.

— Você estava trabalhando em algo... Um livro... Não me recordo agora do assunto.

— Ah, sim, verdade. — Martin assentiu. — Ainda estou trabalhando nele.

— Ainda? — Marianne ergueu a sobrancelha. — No mesmo livro?

— O mesmo livro — Martin tentou dizer com seu humor autodepreciativo, mas a resposta lhe saiu amarga.

A verdade era que aquele livro tinha se tornado a maldição da sua vida. Ele começou a carreira de professor com um lampejo de glória — recebeu muitos elogios com seu primeiro livro sobre arquitetura antifascista do pós-guerra, vários prêmios da Academia e estabilidade em uma universidade americana famosa. Mas depois foi acometido de asfixia paralisante. Ele precisava escrever um livro que abordasse algo maior do que a arquitetura da renovação. Ele precisava escrever um livro que seria, de certa forma, relacionado a seu pai, o herói e rebelde. Mas esse livro se recusava a sair.

Ele se recostou e foi recompensado com uma espetada nas costas, um pedaço de vime solitário, que escapou da poltrona.

— Faz bastante tempo. — Marianne franziu a testa, estudando o rosto dele.

Um silêncio intimidante pairou enquanto ela o sondava.

— Como você encontrou esse lugar? — Martin perguntou. — É tão... — Ele procurou uma palavra. A primeira que se apresentou foi *primevo*, mas Marianne era alemã demais, e ele mesmo era alemão demais para usá-la sem constrangimento. — Obscuro — completou.

Marianne riu.

— Foi difícil para você chegar até aqui, imagino.

— Não, não. — Martin sufocou a irritação. — Digo, esse canto do país... não parece ser o tipo de lugar que Elisabeth e Katarina visitem com facilidade, não é?

Elisabeth e Katarina, as garotas com quem ele passou tanto tempo em sua infância, agora viviam suas vidas insondáveis no oeste americano, um lugar sem graça e sem história. As duas, suas companheiras de brincadeiras de Burg Lingenfels, também tinham sido arrastadas até esse continente de novos começos. Da família Von Lingenfels apenas Fritz, um advogado de direitos autorais, permaneceu na Alemanha.

— Não, não, Katarina saiu de férias, está no México... ou no Caribe. — Marianne encerrou a questão: — E Elisabeth nunca tira férias.

— Bem, e é um longo caminho de Burg Lingenfels para cá.

— Ah! Devo dizer que sim. — Marianne riu. — E você ainda está em New Hampshire, Irena me contou...Falo mais com ela do que com você! Pelo

menos ela me manda um cartão de Natal.

— Manda? Irena? — Martin estava perplexo. Ele tentou imaginar sua filha, a inescrutável professora suburbana, escrevendo para Marianne.

— Todo ano, e no último Natal ela mandou uma foto dos bebês. Umas coisinhas adoráveis. E pensar que você é avô, Martin!

Martin balançou a cabeça. Realmente era incrível. Ele estava com 52 anos. Irena foi a filha que teve na juventude. Era jovem demais, tinha apenas 24 anos quando Irena nasceu, e agora ela mesma já era mãe — também jovem demais, em sua opinião. A paternidade tinha deslizado por entre seus dedos e, de tropeço em tropeço, o tempo foi passando. E agora ele era avô. *Tarde demais! Tarde demais!*, seu *status* de avô parecia zombar. *Você não pode voltar no tempo e decidir ser pai agora.*

— Acho que não sou um bom avô — Martin afirmou.

— *Ach* — Marianne também encerrou essa questão. — Tenho certeza de que é.

Martin não respondeu. Sentado naquela varanda castigada pelo tempo, com suas cercas frágeis e o monótono barulho das ondas quebrando no mar abaixo, ele sentiu aflorar uma triste sensação de fracasso. Era por isso que não via Marianne há tanto tempo. Ela era a jardineira que cultivou essa flor horrível. E sabia exatamente como expô-la ao sol.

Ele ficou aliviado ao ouvir Alice abrindo a porta de correr, carregando uma bandeja com o bonito bule de Marianne (azul-pálido com florzinhas brancas, que ainda lhe era tão familiar), uma caixa de leite semidesnatado e duas canecas brancas simples, que substituíram a porcelana Meissen de antigamente.

— Não temos uma jarra para o leite? — Marianne franziu a testa. — Isso não me parece certo.

— Não, senhora — Alice murmurou. — Não temos jarra.

— *Ach*, bom. Que seja. — Marianne suspirou. — Mas certamente temos um açucareiro.

Alice assentiu e voltou para procurar um açucareiro.

— Ela é de Ruanda — Marianne declarou. — Seu marido foi morto no genocídio. E o filho também.

— Meu Deus. Que horror.

— Ela é uma boa mulher. Muito honesta.

Martin concordou com a cabeça. Marianne sempre se sentiu confortável com pronunciamentos generalizados sobre moral.

— Você sabe — Marianne disse, sorrindo —, que eu sempre gostei de viver cercada de viúvas.

— Acho que sim. — Martin tentou sorrir de volta.

— Sinto falta da sua mãe, sabe — Marianne disse. — Ela não era feita para viver numa casa de viúvas.

O comentário o abalou. Raramente a mãe era mencionada em suas conversas habituais.

— Mas ela viveu em uma — Martin disse.

— Fico pensando nesse homem com quem ela se encontrava — Marianne continuou, mirando o ancoradouro. — Depois da guerra. Um ex-nazista.

— *Herr Muller* — Martin sugeriu, apesar de sua lembrança sobre ele ser, no mínimo, nebulosa.

Ficou atônito quando Marianne lhe contou a respeito do caso da mãe, tantos anos antes. Mas chocado. Suas memórias sobre o homem eram positivas. Ele tinha dividido seu chocolate de Natal com ele naquele dia, há muitos anos.

— Eu fui muito dura com ela quando soube — Marianne continuou. — Afinal, se ela o amava e ele a amava... — Ela balançou a cabeça. — Isso é o que importa, não?

Nesse momento, Alice reapareceu, trazendo uma tigela de cereal cheia até a metade com açúcar.

— Ahá, muito bem — Marianne disse, quebrando o tema sombrio da conversa. — Vivemos de forma elegante aqui, não é, Alice?

— Acho que sim. — Alice sorriu timidamente. Ela tinha uma cicatriz no pescoço, uma fina linha branca que serpenteava até a orelha.

— Estávamos dizendo que amor é o mais importante de tudo, não acha? — Marianne perguntou.

Alice olhou de Marianne para Martin.

— Sim, senhora — concordou, quando ficou claro que Marianne estava falando com ela. — O amor é tudo.

— Está vendo? — Marianne disse a Martin. — É isso o que eu quis dizer: o amor é tudo.

De repente, Martin se sentiu terrivelmente exausto. O peso da conversa, a estranheza do momento — o que mais ele esperava que fosse acontecer?

— Deseja algo mais? — Alice perguntou com sua voz suave, de sotaque forte.

— Não, não... só um *Schnapps* para Martin. Creio que ele precisa de um.

FOI SÓ UMA ou duas horas depois, com o sol abrandando, como se pedisse desculpas pela inclemência da tarde, que Marianne fez a pergunta. Na verdade, não era uma pergunta.

Ela colocou um envelope na frente dele — um papel branco, grosso como um convite de casamento. O endereço do remetente lhe chamou a atenção: Burg Lingenfels.

Dentro havia um cartão-postal com uma fotografia em preto e branco de uma mulher piscando para a câmera, protegendo os olhos do sol, o pé calçado com uma bota de borracha apoiado numa mureta. Era Marianne, na cisterna.

MARIANNE VON LINGENFELS: COMPASSO MORAL DA RESISTÊNCIA estava escrito embaixo da foto.

Martin ergueu os olhos e a encarou, surpreso.

— Sim, sou eu. Uma biografia. — Marianne fez um gesto de desprezo.

— Isso é maravilhoso — Martin disse, virando o cartão. — A extraordinária história de uma mulher no cerne de um dos mais corajosos levantes contra o mal em nosso tempo... — começou a ler.

— Oh, é um pouco exagerado — Marianne disse, embora não conseguisse disfarçar totalmente o orgulho. — Mas não é essa a questão. Haverá uma festa no outono. Em Burg Lingenfels.

Martin se encostou na poltrona.

— Um final de semana com discussões, palestras e reflexões sobre o tema da resistência — ele leu em voz alta.

— Martin — Marianne disse, inclinando-se à frente —, quero que você me leve até lá. E quero que encontre Ania e a leve também. Quero que você e ela sejam meus convidados.

Martin suspirou.

— Eu adoraria, Marianne, mas não sei...

— Pare. — Ela levantou a mão. — Não diga não. Não vou deixar dizer não. Pense um pouco primeiro. É o desejo de uma velha. Se quiser, pense nisso como meu último desejo.

Martin olhou para ela: o cabelo fino e grisalho, a pele frágil como papel.

— Por que quer que eu vá?

Ela inclinou a cabeça de lado.

— Por que você acha, Martin Fledermann?

— Porque eu sou filho do meu pai. — Ele suspirou.

— Não — Marianne disse, franzindo a testa. — Porque você é filho da sua mãe.

A QUESTÃO NÃO foi decidida nesse momento.

O sol estava mais baixo, mergulhando, e depois da formidável insistência de Marianne, Martin levou-a para nadar.

— Nadar onde? — perguntou ele, depois que ela propôs a ideia.

— Onde? — Marianne riu. — Olhe à sua volta, Martin Fledermann. O mar.

A roupa de banho que ela lhe entregou estava dobrada na prateleira de cima do armário de toalhas: um enorme calção de banho todo empoeirado, com uma estampa florida brilhante — um estilo que fazia Martin lembrar vagamente dos seus primeiros anos na América. Aparentemente era do genro dela. Martin era um bom nadador, ainda que enferrujado. Quando garoto, foi a estrela da equipe de natação de Salem. Mas fazia anos que não nadava no oceano, e nunca nadou em companhia de uma octogenária.

O traje de banho de Marianne consistia num maiô com saia azul, estampado com violentas manchas roxas. Contrastando com a roupa, a pele tinha um tom pálido, verde-acinzentado, primorosamente coberto de rugas. Havia algo semelhante a uma grande boia rosa-choque enfiado no braço dela.

— Ah — ela disse, radiante. — Meu companheiro de mergulho.

— Você quer mesmo fazer isso? — perguntou ele, da forma mais gentil que pôde, embora na verdade estivesse levemente assustado. Ele poderia ser responsável pelo afogamento de Marianne von Lingenfels. As pessoas iriam sacudir a cabeça e se perguntar que tipo de idiota permitiria que uma velha senhora entrasse no frio oceano do Atlântico norte.

— Venha — Marianne chamou. — Vamos viver uma aventura. — Ela envolveu a mão no braço dele e o apertou contra sua caixa torácica ossuda.

Da varanda, seguiram por um caminho poeirento e desceram uma série de degraus de madeira sobre as pedras, que levavam até a doca. Seu pé descalço sofria em contato com a terra áspera e um pequeno riacho de suor escorria até

o pequeno monte de pelos em seu peito. Ainda fazia um calor flamejante, com o sol batendo diretamente neles, mas Martin não fraquejou.

E, andando, subitamente foi surpreendido por uma memória: ele, depois da guerra, nadando no pequeno lago alemão com margens de cascalho onde faziam piquenique aos domingos.

— Nadem! — Marianne vociferava com sua mãe, Ania e as crianças. — Não fiquem aí sentados!

Para Marianne, sentar, comer e atirar pedras sem antes mergulhar e nadar pelo menos até o barco era equiparável à pura preguiça. Ela mesmo nadava todo o trajeto até o outro lado, com sua versão bizarra, porém eficaz, de *crawl*, sempre com a cabeça acima da água. Era tão intrinsecamente alemã nesses momentos, tão determinada e preenchida pela crença romântica na atividade física e na beleza da inocência, que era difícil separá-la das forças teutônicas contra as quais ela, Albrecht e o pai de Martin tinham conspirado em vida. E seria com um ressentimento latente que Martin ficaria atrás dela, que a alcançaria e nadaria até seus pulmões estourarem.

— E agora? — perguntou ele quando chegaram à doca. Ondas batiam contra as rochas da costa e sugavam tudo o que viam pela frente, retrocedendo, deixando redemoinhos apressados nas rachaduras.

— Tem uma escada no fim — Marianne disse. — Vá você primeiro — ela lhe entregou a câmara de ar — e segure isso para mim.

— Tudo bem. — Martin aceitou o anel de plástico. As placas de metal assobiaram ao vento.

Martin deu um breve grito quando o pé descalço pisou na superfície reluzente da doca. Ele correu e, com um pulo desajeitado, mergulhou na água.

Seu corpo sentiu um choque com a temperatura fria. Ele deu algumas braçadas e observou Marianne enquanto ela, mais esperta, seguia pela doca com calçados emborrachados, segurando com as duas mãos no corrimão. Quando chegou ao fim da doca, ela tirou os óculos e os amarrou no corrimão pelas alças compridas. Depois ficou parada, olhando para baixo, forçando a vista para enxergá-lo.

— Está muito gelada! — Martin gritou, protegendo os olhos do sol com uma das mãos. — Tem certeza?

À guisa de resposta, Marianne começou a difícil tarefa de descer a escada, seu pé chapinhou o ar uma primeira vez, uma segunda, e então encontrou apoio no primeiro degrau. Sob o sol brilhante, os membros pálidos e nus reluziam como um perigoso e chamativo farol, acenando para as forças mais sombrias do mar. As veias grossas das pernas pareciam parasitas traiçoeiros, estrangulando os frágeis membros. Mas quando seus pés tocaram a fria água, ela não hesitou.

— Traga para cá essa rosquinha — ordenou. — Segure firme enquanto sento nela.

Martin obedeceu.

E então, surpreendentemente, com uma grande sacudida e esguichando água para todo lado, ela entrou no mar. Apesar do esguicho e das ondas que se formaram, Martin segurou firme. Ele conseguiu abrir os olhos, com a água escorrendo do rosto, e lá estava ela, sentada em sua rosquinha, como um delicado ovo recém-chocado em um ninho pós-apocalíptico.

— Você está bem? — perguntou ele, afastando o cabelo dos olhos.

— Sim — Marianne disse, acomodando-se. — Sim. — E, enquanto repetia, o olhar de desconforto desapareceu. — Está muito agradável aqui.

— Está muito agradável — Martin repetiu, percebendo que era verdade. Seu corpo inteiro formigava prazerosamente com o frio. A água que ondulava em volta do pescoço dele era leve como uma pluma.

— Viu só? — Marianne disse, sorrindo através dos borrifos de água. — E agora me prometa que voltará comigo para Burg Lingenfels.

E olhando para o pequeno e frágil corpo, Martin sentiu o ressentimento e a relutância da tarde se esvaírem. Como poderia recusar? Ela era Marianne von Lingenfels.

— Tudo bem — disse, agarrando o fio que ligava à boia, como um animal marinho de carga, e nadando pelo mar.

CAMBRIDGE, MASSACHUSETTS, JULHO DE 1991

Ania Kellerman voou cinco mil quilômetros, percorreu mais 120 de trem, levou receitas sobressalentes de seus remédios para pressão e coração, suspendeu a entrega de pão e leite por três semanas, procurou, encontrou, lavou e dobrou sua velha, mas ainda funcional capa de chuva, e encheu metade da mala com o melhor chocolate alemão que pôde encontrar, em parte para que sua filha pudesse lhe mostrar a casa diante delas. Era imensa, acinzentada e bela, construída naquele gracioso estilo americano com tábuas de madeira e pórticos em colunas a que se referiam como “vitorianas”, em uma homenagem confusa ao império que tinham sobrepujado. Certamente era bem diferente da maioria das casas inglesas. Ou, nesse sentido, das alemãs, em sua maioria casas de pedras, estuque ou tijolos — nunca algo tão precioso e impermanente como madeira.

— E então, o que achou? — perguntou Marianne — ou Mary, como ela era chamada na América.

— Podemos sair do carro antes? — Ania disse, olhando fixamente para o teto pontudo da casa.

Marianne fechou a cara. Era um olhar demonstrativo, destacando o modelo de severidade, injustiça, ou melhor ainda, de inépcia da mãe. Nos dias atuais, as pessoas queriam ser tratadas com o máximo de delicadeza, e Marianne se incluía nessa leva. Ania sabia, mas era teimosa demais para agir assim — e, de qualquer forma, não sabia como fazer isso.

Ania esperou enquanto Mary contornou o carro para abrir a porta, uma regra desnecessária que sua filha tinha estabelecido depois de um incidente no estacionamento do aeroporto, no qual, segundo a estimativa de Mary, Ania quase tinha morrido. Não era verdade: Ania olhou pela janela antes de abrir a porta do carro e a minivan que estacionou na vaga ao lado estava, no mínimo, a meio metro de distância. Mas Mary tinha uma imaginação muito fértil, especialmente quando se tratava de catástrofes. E Ania gostava de ser cuidada dessa maneira. Quando sua filha abriu a porta, colocou os pés para fora, no

meio-fio, e se levantou com relativa facilidade. Tinha sorte de estar tão em forma aos oitenta anos.

Ania usou a bengala de Carsten para se apoiar enquanto parava na frente da casa. Era nesse lugar que Mary pretendia criar os filhos após o divórcio. Ela tinha comprado com seus próprios meios. A casa tinha três andares, o superior ficava embaixo de um íngreme telhado triangular. Venezianas negras, altas e elegantes, emolduravam as janelas; no segundo andar, tinham esculpido em um painel cor de creme representando uma taça transbordante de frutas e, sobre ele, talhada de forma menos ostensiva, uma bandeira com uma data, 1864.

Ania observou as ripas de madeira, revestidas de camadas de tinta mal raspada. O parapeito marrom da janela do terceiro andar tinha apodrecido no lugar onde se encontrava com o vidro.

— E então? — Mary pressionou. — Você não disse uma palavra!

— É uma linda casa — Ania disse, a contragosto.

— Então por que essa cara trágica?

Ania balançou a cabeça.

— É velha demais.

Mary riu.

— Esse é a melhor parte! Não fazem mais casas assim. Eu adoro esse ar antigo.

Ania olhou para a filha, para a jovem americana que ela tinha se tornado nos vinte anos em que morava lá. Mary acreditava honestamente que poderia modernizar o sistema elétrico, recolocar os tijolos na chaminé, reforçar a fundação e cobrir o passado com uma fina camada de tinta fresca, e assim que fizesse isso, em vez de uma pilha de coisas frágeis, velhas e cheias de cicatrizes, teria uma casa novinha em folha. Estava tão americanizada que atribuía um valor moral à idade da casa.

Aos 41, Mary era uma bela mulher, com um espesso cabelo cor de mel e um rosto comprido e inteligente. Contudo, estava envelhecendo como uma autêntica americana: tinha linhas profundas entre as sobrancelhas e nos cantos da boca. Sorria demais. Expunha muitas emoções. Era um país jovem, que confundia o teatro da expressão com honestidade. Se Mary tivesse vivido como uma alemã, pareceria dez anos mais nova.

— Você realmente não gostou dela? — Mary perguntou, mostrando uma profusão de novas linhas de expressão, o rosto transformado em surpresa.

— Eu gosto — Ania respondeu.

— Então qual é o problema?

Ania deu de ombros. Era um gesto corriqueiro que sempre mostrava a seus filhos adultos — uma espécie de isenção de responsabilidade sobre sua falta de conhecimento ou compreensão do mundo moderno, algo como “E o que sei eu?”.

— Está morta — Ania disse, por fim. — Tudo que usaram para construí-la já teve seu tempo de vida.

— Ah, não — Mary disse, verdadeiramente enfurecida. — Quer dizer que agora objetos inanimados também podem morrer. Entendi. Que maravilha.

Ania pôde ver todas as camadas de irritação da filha: o histórico de desapontamentos que tinha herdado da mãe, todas as vezes em que Ania a tinha repreendido, julgado e interpretado mal, todas as vezes em que sua natureza pragmática e nada romântica tinha esmagado as alegrias juvenis de Mary. E então pôde ver as camadas superficiais de ansiedade a respeito da compra da casa, que, segundo palavras da própria Mary, era a maior decisão financeira da sua vida. A quantia que pagou parecera a Ania completamente exorbitante, um sinal de como sua noção de valor era outra, uma linguagem fundada em palavras de raízes diferentes.

Ania respirou fundo e pensou em Jesus, em quem não acreditava, mas cujos ensinamentos, como os depreendia da Bíblia, em sua idade avançada, pareciam lhe fornecer um mapa sensato para a vida. Estendeu a mão e tocou a bochecha de Mary, macia e levemente cremosa por causa do hidratante.

— Filha, a casa é linda. Eu sou uma velha... não ligue para o que digo.

— Claro, claro, claro — Mary respondeu atravessado, parecendo mais alemã do que nunca. — Você é só uma velha que por acaso também é minha mãe, por que, então, eu pediria sua aprovação?

Ania desviou o olhar. *Leveza, leveza, leveza*, disse a si mesma. Era isso que o momento exigia. Ela reprimiu a vontade de suspirar, de balançar a cabeça, refletindo sinceramente sobre o imenso abismo que havia entre elas, e, em vez disso, sorriu.

— Você já a tem. Sempre terá minha aprovação.

MAIS TARDE, no carro, quando Mary conseguiu voltar a falar com a mãe (resultado da sua natureza comunicativa, assim como da sua reflexão obsessiva sobre a compra), começou a expor seus planos.

— Não preciso consertar tudo de uma vez. Vou consertar peça por peça. Você sabe bem como é, viveu na fazenda. Você e o pai fizeram isso a vida inteira.

Em sua mente, Ania via a fazenda de Carsten como da primeira vez em que colocou os pés nela. O banheiro escuro, com o piso de laje sempre gélido, a privada no fim do corredor que bombeava os dejetos por um cano longo até a fossa.

— Se fosse possível viver em outro lugar, eu teria vivido — Ania disse, com um suspiro. — Se tivéssemos dinheiro para derrubar tudo e construir uma nova casa, teríamos feito isso. Para mim, coisas velhas significam mais trabalho. Não algo romântico.

— Bom, também não são *românticas* para mim — Mary afirmou.

Do lado de fora da janela, a vida americana passava voando — carros enormes; placas coloridas e ecléticas sinalizando academias de ginástica; lojas de roupas; *fast-foods*; supermercados e postos de gasolina com bonecos infláveis se agitando tolamente ao vento. Assim como os *bunkers* de concreto obsoletos de cadeias de supermercado, restaurantes chineses falidos e lojas de eletrônicos — todos vedados com tábuas, deixados para trás como dentes podres em um sorriso que, se não fosse por eles, seria radiante. Mas não importava. Havia espaço para tudo. Era um país livre. Não havia nada para se envergonhar em seu passado.

Na Alemanha, Ania vivia em um asilo de idosos perto do lago Constance. Não era longe da fazenda de Carsten nem de Burg Lingenfels — uma hora de carro, talvez —, mas nunca mais voltou a ambos. Por dez anos, depois da morte de Carsten, Wolfgang administrou a fazenda com sucesso mínimo. Seu pedaço de terra era pequeno demais para competir com os grandes conglomerados agrícolas que a Alemanha tinha estabelecido no antigo leste. O plano *Lebensraum* de Hitler tinha sido alcançado, dessa vez com paz. Então Wolfgang vendeu a fazenda e se mudou para o norte, perto de Lübeck, onde gerenciava uma loja de máquinas agrícolas.

Na porta do moderno e insípido bloco de apartamentos em Newton, onde Mary morava após o divórcio, havia um grande e grosso envelope de papel-manilha.

Mary olhou o remetente e o enfiou embaixo do braço, enquanto virava a chave na fechadura. Parecia desanimada. Ania sentiu uma pontada de culpa.

Feriu os sentimentos da filha. E por que motivo? Não havia propósito nesse desentendimento. Ela era velha. E sua opinião era mais inútil e ainda mais irrelevante do que a casa.

A porta se abriu e o som exuberante de crianças brincando veio do andar de cima.

— Chegueeeei — Mary gritou, jogando o envelope na mesa que havia na entrada.

Martin Fledermann. Ania leu o nome no canto do envelope e sentiu uma descarga de adrenalina.

— Você tem contato com Martin? — perguntou.

— É para você — Mary disse por cima do ombro, enquanto subia as escadas que levava aos quartos. — Mas não abra agora, quero que as crianças a vejam primeiro.

Ania olhou fixamente para o envelope, absorvendo o acontecimento. Uma carta para ela, enviada por Martin Fledermann, o homem alto, bonito e bem-sucedido, cujo nariz ela já tinha assoado, cuja testa febril já tinha enxugado, o homem para quem ela tinha feito a bainha das calças curtas, cujas camisas e suéteres tinha remendado e vestido um em cima do outro para garantir que seguisse bem aquecido no longo trajeto até a escola. Atualmente era professor universitário, também na América.

— Mamãe! — gritou Gabriel, o filho de seis anos de Mary, de pijama, correndo até os braços da mãe, envolvendo as perninhas finas em sua cintura e enterrando a cabeça na barriga dela. Era maravilhoso ver como as crianças de hoje em dia eram espontâneas, ver que um menino podia saudar a mãe de forma tão afetuosa e desenfreada.

— Posso pedir uma pizza? — perguntou calmamente a irmã de Gabriel, Sarah, de nove anos, surgindo de um dos quartos.

— Sim! Pizza, pizza, pizza! — Gabriel repetiu, libertando a mãe e pulando de alegria. — Eu adoro pizza!

— Você descongelou a sopa? — Mary chamou Perla, a jovem que buscava as crianças na escola e passava a tarde com elas.

Mary era advogada em uma espécie de organização sem fins lucrativos dedicada a proteger os direitos dos imigrantes. A relevância do seu trabalho, sendo ela filha de uma ex-nazista, não tinha se perdido com Ania. Que país espantoso era esse.

— Eu deixei na geladeira, mas não descongelou ainda — Perla replicou, e sua voz vibrou, suave, enfatizando delicadamente as vogais, acompanhada pelas interrupções veementes e ansiosas de Gabriel e pontuada pelas perguntas de Mary, em um tom mais baixo.

Os olhos de Ania pousaram novamente no envelope. Ela tinha esperado que Martin fosse até New Hampshire para vê-la, mas “o momento não foi favorável” a tal reencontro, e ela tentou ocultar o desapontamento. Ele era a única pessoa do castelo com quem ela mantinha contato. Mas agora surgiu essa carta — ou seja lá o que fosse. Ela ficou feliz de saber que ele fez o esforço de lhe enviar algo, e que ele e Mary tinham conversado sobre isso. Eles foram crianças em dois diferentes capítulos da sua vida, e se conheceram somente porque ela os apresentou. Quando Mary nasceu, Martin era quase um adolescente, que estudava fora em um internato.

— Oi, *Omi* — Gabriel chamou-a de “vovozinha” do primeiro degrau da escada, e Ania percebeu que tinha ignorado seu cumprimento anterior. Sua mãe o cutucou, certamente, pela forma com que estava parada ao lado dele, com uma mão em seu pequeno ombro.

— Ah! Olá, meu menino! — Ania disse em seu melhor inglês escolar, juntando as mãos.

— Olá. — Gabriel ficou subitamente tímido, esfregando a cabeça contra o quadril da mãe, dobrando a perna e agarrando seu tornozelo. Ele era um espécime estranho para Ania: uma exótica flor de estufa, um produto dessa época de abundância. Ela o achou ao mesmo tempo irritante e adorável.

— Você terminou o quebra-cabeça? — perguntou, escolhendo cuidadosamente as palavras. Por muitos anos ela se espremeu em uma pequena carteira na escola primária local e recebeu aulas noturnas de inglês, a fim de aprender o idioma que os netos falariam. Mas agora que precisava delas, parecia que as palavras tinham afundado em areia movediça.

Gabriel balançou a cabeça, um pouco triste.

— É muito difícil para mim.

— Não — Ania disse. — Não pode ser. Venha mostrar à sua *Omi*.

O menino não se moveu. Era uma criança intuitiva, e parecia compreender que devia agir com particular respeito e delicadeza com a avó. Mas não parecia ser alguém que gostasse naturalmente de agradar os outros. Ele vivia em seu próprio mundo, com as próprias prescrições e leis, as quais não tinha o hábito

de mudar. Ania agora podia enxergar esse tipo de coisa, no privilégio de sua idade avançada. Como seus próprios filhos tinham sido, o que eles amavam e odiavam... Não havia tempo para essas reflexões quando eram jovens. Ela sentia uma pontada de tristeza ao olhar para Gabriel e ver que o conhecia tão bem.

— Vamos lá — sua mãe disse, dando-lhe um leve empurrão. — Aposto que a Omi pode ajudá-lo.

Então Ania sorriu e estendeu a mão, tentando mostrar que entendia sua relutância e não usaria isso contra ele, que ela na verdade não era tão assustadora assim, apesar de ser tão velha. Mas ele não olhou para ela. Deixou que os dedos frios dela envolvessem a mãozinha quente e guiou a avó pela sala, como se arrastasse um fardo. Mary tinha sido teimosa quando criança. Ania se lembrava bem disso. Ela não tinha agraciado a criança com mais sutileza e compreensão. Mary nasceu no começo do *Wirtschaftswunder* — aquela época absurda de súbita abundância que varreu a Alemanha como num sonho. Eles eram pobres em comparação com os colegas de classe de Mary, que viviam na cidade, mas em comparação a Anselm e Wolfgang, Mary teve sorte e foi criada em meio a uma vida luxuosa: bebeu leite, comeu ovos, chocolate, recebeu sapatos novos e, quando completou cinco anos, até mesmo andava de carro, no automóvel que dividiam com os Gleber. Ao contrário dos seus meio-irmãos, Mary cresceu numa época sem tifo, difteria e estupros. Não viajou espremida em trens superlotados e veículos de transporte, não cresceu em campos para refugiados fétidos, lotados, sem água encanada, cheios de almas embrutecidas pela guerra. Ela sempre teve escola, roupas, remédios e um teto sob a cabeça.

E, acima de tudo, nunca precisou mentir.

Ania acabou usando isso contra ela? Foi por isso que muitos anos depois, quando Mary era uma garota comum de 11 anos que queria um par de sapatos bonitos para a aula de dança ou que reclamava da lentidão do ônibus que pegava na volta para casa, Ania iria se enfurecer e chamá-la de mimada? Numa ocasião, trancou a filha na sala de defumação por uma tarde inteira, em meio à completa escuridão e aos presuntos sangrentos ainda não curados, e a pedaços de *bacon* pendurados do teto. Muitas vezes tinha gritado com a filha e a ameaçado com punições absurdas às menores infrações. Ania se sentia fisicamente doente com a culpa que sentia ao pensar naquele tempo. Sua

maldade a assombrava quando contemplava os rostos inocentes e delicados dos filhos de Mary.

Porém, de alguma forma, ela e Mary tinham superado tudo isso. De alguma forma, até mesmo se tornaram próximas. Era como se os quatro mil quilômetros que Mary colocou entre elas tivesse dado o espaço que necessitava para perdoar a mãe. Elas se falavam pelo telefone todo domingo de manhã. E a cada outono, Ania atravessava o oceano de avião para ficar com sua filha por três semanas. E Mary a amava, por mais improvável que fosse.

Mary lhe mandava livros com letras grandes e lâmpadas especiais para leitura, fotos dos filhos, remédios homeopáticos para dor nas costas e artrite. Quando ela visitou a Alemanha, foi com Ania ao cinema, apresentou-lhe a música de câmara e a levou até o cemitério onde Carsten estava enterrado. Era sua filha mais sensível e atenciosa. Anselm e Wolfgang eram obedientes, mas nenhum nunca pensou em como fazer Ania rir, se sentir menos solitária, mais confortável ou melhor informada. Mary, por outro lado, tentou compreendê-la. Ela tentou fazer pela mãe o que sua mãe nunca fez por ela.

MARY NÃO MENCIONOU novamente a carta até depois do jantar, quando as crianças foram postas na cama de forma elaborada e penosa (havia dever de casa para ajudar a fazer, luzes noturnas para acender e lanchinhos para trazer para cima, como se as crianças estivessem se preparando para uma assustadora e árdua jornada, em vez de um sono privilegiado). Eram quase nove e meia quando Mary surgiu, parecendo exausta. Ania sentou-se à mesa de jantar costurando uma saia na máquina de costura que tinha dado a Marianne tantos anos atrás e que agora ela mesma usava, toda vez que vinha visitá-la, para fazer um novo vestido para a filha ou peças de roupas para os netos.

— Outro *Schnapps*? — Mary perguntou à mãe, esperançosa, enquanto servia a si mesma mais meia taça de vinho da garrafa aberta na bancada. Ania aceitou, embora não sentisse mais nada quando bebia *Schnapps* — os inúmeros medicamentos que precisava tomar na velhice tinham entorpecido os receptores, até mesmo as papilas gustativas. Mas não queria que sua pobre e cansada filha bebesse sozinha.

Mary encheu a taça de Ania e ia se sentar quando deu um pulo, as mãos erguidas para o ar.

— A carta! Eu quase esqueci!

Ela desapareceu na sala de entrada e surgiu com o envelope em mãos. A visão da carta causou um pequeno arrepio profético em Ania.

— Então. — Mary entregou o envelope para a mãe e se jogou na cadeira. — Deixe essa costura para lá. Já trabalhou demais por hoje. — Ela fez um gesto com as mãos, como se a costura de Ania fosse uma bobagem frívola.

Essa condescendência era o preço que Ania tinha que pagar pelos seus anos de luta. Era um preço pequeno. Obediente, dobrou a saia que estava costurando e desligou a máquina.

— Bem, então vamos abri-la logo! — Mary disse.

— Quer que eu abra? — Ania perguntou.

— Vá em frente. Eu sei do que se trata! — Mary deu um gole do vinho.

Ania lutou com o fecho do envelope bojudado até que Mary o arrancou de suas mãos e o partiu com um afiado abridor de cartas, feito expressamente para esse propósito. Ela jogou depois o envelope aberto na mesa, perto da mãe.

Dentro havia uma folha de papel dobrada sobre um envelope branco grande, de aparência formal, endereçado a Ania Kellerman, com uma letra inquietantemente familiar.

Querida Ania,

Seria uma grande honra se você se juntasse a nós nesse acontecimento. Faz tanto tempo. Gostaria de convidá-la a vir a Burg Lingenfels como minha convidada, para que possamos passar um tempo juntas e nos conhecermos novamente.

Sua sempre,

Marianne von Lingenfels

Ania sentiu que a sala rodava e suas mãos começaram a tremer. Fazia quase cinquenta anos desde que viu pela última vez sua amiga mais querida.

— Vamos, mãe, olhe dentro do envelope — Mary ordenou.

Dentro ela encontrou uma fotografia de Marianne exatamente como se lembrava dela, com botas de borracha e a calça de *tweed* inflada como um balão. Ania também reconheceu o balde — era um objeto tão precioso, de metal e amassado num dos lados, elas o usavam para praticamente tudo. Mesmo na sombra, era possível ver a intensidade da expressão de Marianne,

desafiando quem visse a imagem a rir dela — a jovem condessa vestida de lavadeira.

Uma festa para celebrar o lançamento de *Marianne von Lingenfels: compasso moral da resistência*. Um livro escrito por alguém chamada Claire Weiss. Às cinco da tarde do dia 21 de outubro de 1991, no Instituto Falkenberg, Burg Lingenfels, em Ehrenheim, Alemanha.

— *Frau* Von Lingenfels está convidando você, e a mim também, se quiser minha companhia. E Martin também estará lá. Falei com ele. — A excitação de Mary era palpável.

Ania olhou fixamente para a fotografia. O cheiro de pedra calcária, água estagnada, da castanheira florida e da particular abundância de repolho brotaram a seu redor.

Involuntariamente, pôs o envelope de lado.

— Oh, *Mutti*! — o rosto de Mary expressou decepção ao chamá-la de “mãezinha”. — Acho que devemos ir, não? — Ela segurou o cartão e analisou a fotografia. — Nunca entendi por que você e *Frau* Von Lingenfels brigaram. Foi uma época tão importante da sua vida! Ah, muito importante — exclamou, olhando para o rosto de Ania. — Não importa. — Colocou o cartão dentro do envelope. — Achei que você ficaria empolgada! Sua amiga perdida... era para ser uma bela surpresa.

Porém Ania estava subitamente imersa em outro tempo e local — a mal iluminada cozinha de Burg Lingenfels, com tábuas pregadas nas janelas. Rainer à mesa, o cheiro de doença. E o olhar de ingênua surpresa no rosto de Marianne se transformando em choque.

À distância, o ruído estrondoso, sacolejante e apressado de um ônibus. Mary pegou sua taça de vinho vazia e o copo intocado de *Schnapps* da mãe. Ania ouviu o barulho da torneira, da lava-louça abrindo e fechando, enquanto Mary andava pelos cômodos desligando as luzes. Em volta de Ania, o condomínio se tornou uma paisagem cintilante de brilho artificial — os painéis verdes tremeluzentes do centro de lazer, a luz vermelha brilhante dos sensores, um urso de pelúcia com uma tela digital roxa no lugar do coração. Embalada de forma compacta, misteriosamente animada: assim era a vida no outro lado do apocalipse.

Mary se sentou ao lado de Ania e segurou sua mão.

— Acho que seria maravilhoso fazermos essa viagem juntas. Voltar e ver essas pessoas e aquele lugar. Posso deixar as crianças com o pai delas. Você pode me contar mais sobre essa época da sua vida.

Ania se recostou na cadeira. Na realidade, a ideia era absurda. Haveria muito o que explicar, muitas questões a abordar.

Mas sua doce filha estava olhando para ela, pedindo respostas. Não simplesmente parte da história daquela época, mas a verdade completa.

— Talvez. Deixe-me primeiro pensar um pouco.

BURG LINGENFELS, OUTUBRO DE 1991

Burg Lingenfels agora abrigava o Instituto Falkenberg de Investigação Moral e Ética. Desde o início, Marianne havia sido uma grande apoiadora. O fundador era um primo distante e filho de um amigo membro da resistência. A doação de Burg Lingenfels foi uma dádiva ao instituto. Acadêmicos e intelectuais de várias partes do mundo se candidatavam e concorriam a uma bolsa extremamente agradável: estadia de seis meses em um castelo alemão, acesso a uma biblioteca expressiva e um *chef gourmet* para lhe servir as refeições. Existia melhores condições do que essas para contemplar os desafios morais e éticos da vida civilizada?

Claire Weiss, autora da biografia, foi bolsista do instituto anos antes, e foi no castelo, de fato, que “descobriu” Marianne, segundo ela mesmo dizia, como se Marianne fosse uma estrela de cinema ou uma espécie de mineral raro. Claire era uma força da natureza, uma feminista moderna de batom e salto alto. O que a atraiu especialmente foi o papel de Marianne, como mulher, num mundo masculino, apesar de Marianne nunca ter se sentido particularmente limitada por isso. Afinal de contas, como afirmou a Claire, se fosse um homem, estaria morta.

Nos últimos cinco anos o castelo tinha sido “reprojetado” por um famoso arquiteto. Marianne tinha visto os folhetos e imagens, mas ainda era chocante vê-lo ao vivo. Quando saiu do veículo que a trouxe do aeroporto, sentiu o joelho fraquejar. A velha ponte permanecia lá, graças a Deus, e o fosso estava cheio de água, de aparência notavelmente limpa, contudo. A combalida porta reforçada com metal tinha sido substituída por uma pesada e lustrosa placa de madeira granulada. Para Marianne, parecia uma peça de carne talhada em mármore. Janelas de vidro laminado foram cortadas na decadente pedra calcária e inseridas onde pequenas e fundas aberturas costumavam ficar, e o grande salão de pedra ostentava um enorme candelabro moderno de vidro, feito pelo artista norte-americano Dale Chihuly.

— Diferente, com certeza — disse o diretor, com uma risada nervosa. — Devemos lhe dar algum tempo para descansar antes de continuar com o *tour* completo?

Ao lado dela, Alice apertava a bolsa contra o peito. Ela não queria vir — Marianne teve que persuadi-la, implorar, até mesmo prometer um passeio pelas igrejas da região: Alice desconfiava de alemães e também era muito devota.

— Vamos fazer o *tour* agora — disse Marianne, apesar da tontura.

— Você tem certeza? — Martin perguntou.

Ele tinha voado com elas desde Boston, e, pela enésima vez, Marianne agradeceu pela companhia. Ele estava destinado a vir com ela. Seus próprios filhos a julgariam e seriam céticos demais. E, de qualquer forma, Katarina detestava viagens, e Elisabeth já tinha compromissos marcados. Fritz chegaria no domingo, a tempo de ouvir o discurso de Marianne.

— Não estou cansada — Marianne assegurou, embora não fosse exatamente verdade.

Os grandes aposentos na frente do castelo estavam, em sua maioria, idênticos ao que eram antes, mas no fundo, onde tinham vivido após a guerra, tudo estava mudado. Não existia mais a cozinha — nem o forno gigante, nem a cisterna. Ela tinha sido subdividida em um agrupamento de cubículos com paredes de vidro. A despensa e o banheiro eram agora a nova cozinha, equipada em moderno estilo institucional. Os quartos onde antigamente dormiam se tornaram escritórios, com carpetes felpudos e escrivaninhas brancas elegantes.

Fantasmas olharam por cima do ombro de Marianne, as vozes sonoras em seus ouvidos: a condessa, Albrecht, Connie... e Benita. O que eles achariam dessa transformação? Depois de um tempo, Marianne parou de assentir e sorrir. Martin poderia continuar o papo-furado. Absorver tudo isso era mais exaustivo do que imaginava.

SUBINDO AS ESCADAS, os primeiros quartos que apareciam, onde a condessa outrora alojou seus visitantes mais distintos, eram agora “quartos de hóspedes”. O *tour* terminava ali, e Alice ordenou que Marianne fosse repousar.

Marianne deitou na cama que lhe indicaram, as mãos cruzadas sobre o peito. Ela estava cansada, mas não sonolenta — e o ar no quarto hermético e

modernizado lhe parecia parado demais, o colchão macio demais.

Ania Kellerman deveria chegar esta noite. Uma desconfortável sensação de ansiedade a deixou agitada.

Com algum esforço, Marianne levantou da cama. Fora da janela, funcionários do instituto cobriam mesinhas com toalhas brancas. Sob a brisa leve, tremulavam, lembrando-na dos lençóis desdobrados nas janelas, pendurados nas torres de igrejas — *nos rendemos, nos rendemos, não atirem*. Essa época estava tão presente em sua mente nestes dias. Não a guerra, não a tentativa fracassada de assassinato, não a época que a antecedeu, sobre a qual ela tinha escrito e sido exaustivamente entrevistada — mas o fim, e o que veio depois. Isso ainda não tinha se fossilizado em uma narrativa clara.

Às quinze para as quatro, Alice voltou.

— Hora de se vestir. — Ela suspirou. — Mas você não dormiu.

Primeiro, Alice a ajudou com a meia de compressão que Marianne tinha que vestir embaixo da saia para impedir que seu sangue se acumulasse, ou parasse, ou seja lá o que fosse. Ela se apoiou nas costas fortes de Alice enquanto a mulher mais jovem desenrolava a meia até acima dos joelhos inchados e cheios de pintas. Marianne achou engraçado que Alice estivesse mais familiarizada com seu corpo do que ela mesma.

Depois de vestir a meia, Alice ajudou Marianne a vestir a saia de *tweed* e a blusa de seda cinza. Antes de partir, Elisabeth lhe mandou um túnica azul-marinho e uma jaqueta sem botões feita para a ocasião com um adorável tecido de *cashmere*. *Algo para usar no seu grande dia*, dizia o cartão, como se Marianne fosse uma criança que iria participar de um concurso de soletração. Marianne e Elisabeth não conseguiam dividir o mesmo ar no ambiente. Elas tinham aprendido isso da pior forma, e a aceitação desse fato tornou a vida mais simples. Agora se viam apenas duas vezes por ano, por um final de semana, no começo do verão, e para o feriado americano de Ação de Graças. Em ambas as ocasiões, Katarina, Fritz e seus filhos estavam presentes para dissipar a tensão. Elisabeth nunca se casou. Ela era reitora de uma universidade muito famosa, uma celebridade por mérito próprio. Esse conjunto azul-marinho descontraído era o tipo de coisa que ela usava nas férias com a família ou em *brunchs* de final de semana. Para discursos, premiações ou aparições na televisão sempre usava conjuntos austeros, ao

estilo Angela Merkel. Marianne poderia ignorar o insulto contido no presente, mas decidiu não vestir o traje.

— Como estou? — perguntou.

— Linda — Alice disse. — Autêntica.

No espelho, uma velha com expressão severa a encarava.

NO ANDAR DE BAIXO, a primeira festa do final de semana já tinha começado.

Vários bolsistas — a maioria europeus, alguns africanos, um pequeno grupo de dissidentes chineses — se aglomeravam em volta de uma mesa com vinho e *hors d'oeuvres*: queijos caros, pickles e torradas com presunto, travessas com coquetéis de camarão e *satay* de galinha, uma mistura divertida de cozinha americana, europeia e asiática. A condessa aprovaria tal ecletismo. Contudo, o Instituto Falkenberg em si seria algo sério demais para o gosto da condessa.

Marianne estava impressionada com o nível cosmopolita do mundo representado ali. Tantas culturas e históricos em um castelo construído para proteger algum senhor feudal, provavelmente iletrado e certamente de mente estreita. Houve um momento de sua vida, não muito tempo atrás, no qual a transformação do castelo, a diversidade do seu público, lhe teriam parecido um seguro contra o surgimento de outro regime como o nazista. Mas agora essa conexão parecia obscura. Seus quadris doíam e seu rosto parecia endurecido. Havia tanta gente no mundo. Isso, acima de tudo, era o que Marianne via demonstrado nesse lugar.

Claire chegou e foi diretamente até Marianne, cheia de perguntas e ideias, acompanhada de pessoas que gostaria de lhe apresentar. Ela estava adorável, com o basto cabelo preto preso desordenadamente no topo da cabeça, e uma blusa decotada vermelho viva. Marianne pensou em Benita, que viveu numa época em que era impossível ser, ao mesmo tempo, voluptuosa e intelectual. Sentiu uma pontada de tristeza. Ao contrário de Claire, Benita foi prisioneira da própria beleza.

— Como foi a viagem? Você pediu a refeição vegetariana? O que achou da reforma? — Claire pegou Marianne pelo braço e a guiou pela festa, cochichando informações e fazendo apresentações. Havia uma alemã que estudava Sophie Scholl, uma “fã” suíça de Marianne e um homem que estava organizando as cartas de Albrecht para um novo livro. Marianne apertou a mão de todos, tentou ouvir e absorver. Mas seus olhos continuavam voltando

em direção à porta. Como foi tola, deveria ter escolhido um lugar com mais privacidade para encontrar Ania.

E de repente lá estava ela. Uma velha parada na soleira da porta com alguém que deveria ser sua filha: a pequena Mary. Sua xará. Ania estava menor do que ela se lembrava, e usava uma bengala, mas suas costas estavam surpreendentemente eretas. Seu cabelo caía em volta do rosto em um corte arredondado, simples e prático. E o rosto! Envelhecido, encarquilhado com rugas paralelas, que apontavam em todas as direções. Seu olhar vagava pelo aposento com uma expressão ao mesmo tempo alerta e profundamente triste. Quando viu Marianne, seus olhos se inflamaram. E então ela era novamente Ania — uma mulher com uma força única e inabalável. Ainda era tão familiar, desde o jeito com que projetava a cabeça para a frente até a intensa seriedade do olhar.

— Ah, essa era a convidada que você estava esperando — Claire disse, seguindo o olhar de Marianne. — Você precisa me apresentar a ela!

Ficou claro para Marianne que tinha falado notavelmente pouco de Ania ou Benita a Claire, apesar das longas horas de entrevista. O fato a fez se sentir desconfortável, como se as mulheres fossem segredos que tinha escondido.

De alguma forma, com a ajuda de Martin, que abriu caminho para ela na multidão, Marianne conseguiu chegar até a amiga.

— *Frau* Von Lingenfels! — a filha de Ania exclamou, sorrindo. Ela tinha um rosto atraente, gentil, ainda que estivesse ligeiramente constrangida.

Ania ficou em silêncio, mas seus olhos brilharam enquanto ela estendeu a mão à Marianne. E ao segurá-la contra a sua — rachada, curtida, garra com garra —, ela a apertou.

— Sempre soube que iríamos nos encontrar novamente — Ania disse.

— É claro que sim — Marianne respondeu, mesmo que para ela isso não fosse tão evidente.

A ÚLTIMA VEZ que Marianne encontrou Ania foi no dia anterior à morte de Rainer. Foi no fim de novembro, no inverno de 1950. Ela não via a amiga há semanas, até aquele dia horrível em que subiu a colina e descobriu Rainer no castelo. Wolfgang tinha aparecido à porta de Marianne, azul de frio, batendo os pés, soprando as mãos. Ele estava magro e ossudo, quase como um bezerro crescido, e se mexia desconfortavelmente. Pela primeira vez, possivelmente, Marianne sentiu certa ternura genuína por ele.

— Não fique aí parado no frio — ordenou, como se ele fosse seu próprio filho.

Um silêncio embaraçoso pairou entre eles enquanto ela abria e fechava os armários vazios, em busca de café e leite para servir.

— Como posso ajudar? — perguntou quando ele estava sentado na mesa da cozinha com uma xícara de café nas mãos.

Wolfgang limpou a garganta. Aos 13 anos, ele ainda tinha um jeito de menino, embora sua voz fosse grave e houvesse pelos esparsos em seu queixo.

— *Herr Brandt...* meu pai — seus olhos dardejaram em direção aos dela —, está muito doente. Ele não consegue dormir. Minha mãe quer saber se você não tem um pouco de láudano.

Mariane olhou para o menino. Sua face mostrava um grande desconforto. Vergonha? Dor? Tristeza? Provavelmente os três.

— Não tenho — respondeu ela. — Mas devo conseguir um pouco.

— Obrigado — balbuciou ele. — Minha mãe vai ficar muito agradecida...

— Você recebeu uma tarefa ingrata — ela disse, interrompendo. — Mas não é sua culpa. — Ele se mexeu desconfortavelmente na cadeira. — Você não é responsável pelos erros dos seus pais. — As palavras brotaram da boca dela sem pensar, inspiradas pelo rosto consternado do rapaz. Mas eram verdade? Ela mesma não ensinou seus filhos a aceitarem o heroísmo do pai como parte da sua herança? Então isso também não serviria no caso de Ania? Ela ficou parada por um momento, olhando até que ele erguesse os olhos. — Para quando você precisa do láudano?

ELA MESMA FOI entregar o remédio.

Dentro do castelo, o cheiro era de doença e fumaça de carvão. O homem jazia num colchão ao lado do fogão. Estava mais pálido e esquelético do que quando Marianne o conhecera. Seu rosto pingava suor.

Quando Marianne entrou, ele não pareceu notar.

Ela entregou o pacote de láudano para Ania. *Doktor Schaeffer* tinha sido generoso. *Uma dor de dente*, dissera a ele.

Marianne não se aventurou a andar pelo aposento. O que antes era um santuário tinha sido maculado.

— Obrigada, Marianne — Ania disse de um jeito estranho, penitente, os olhos baixos. — Ele estava gritando... — ela falou com uma voz sumida. Com

suas palavras, a ameaça da descoberta pairava ao redor.

— *Doktor Schaeffer* disse para tomar quatro cápsulas misturadas com água pela manhã — disse Marianne. — De novo ao meio-dia e então só à noite. E, se necessário, pode tomar no meio da noite também. Não mais do que isso. — Marianne continuou: — Ele foi bem enfático com essa prescrição.

Ania ergueu os olhos.

Não mais do que isso. Nesse momento, Marianne compreendeu. Ela sentiu uma onda de frio, e então, de calor. Como não percebeu a intenção de Ania desde o começo?

Do colchão, o homem tossiu de um jeito horrível, sufocado.

Ela pode sentir o olhar de Ania, implorando por algo. Permissão? Perdão? O corpo inteiro de Marianne recuou frente a esse pensamento.

— Marianne — Ania disse, por fim. — Você é uma boa mulher.

Marianne não respondeu.

Mas descendo a colina, as palavras da amiga ecoavam em sua cabeça, não como uma afirmação, mas como uma pergunta.

E no dia seguinte Rainer estava morto.

NÃO FOI DIFÍCIL para Marianne e Ania deixarem a festa. Claire estava preocupada em fazer contatos. E quando se é velho, é possível fazer tudo que deseja sem grandes problemas.

Martin e Mary, seus acompanhantes, as guiaram para fora da multidão e as deixaram confortavelmente instaladas na biblioteca, com pratos de salgadinhos e copos de água, como se fossem duas crianças. Através das portas de vidro, Marianne os via conversando. Mary era casada? Divorciada? Não conseguia se lembrar. Mary jogava a cabeça para trás, rindo, os brincos dançando no pescoço. Martin se recostava contra a pedra exposta, as mãos enfiadas nos bolsos, o rosto virado para o lado, sorrindo daquele jeito ligeiramente confuso que sempre fazia as mulheres desejarem agradá-lo. Tirando o cabelo grisalho, ele parecia o adolescente de que Marianne se lembrava. A imagem do pai dele surgiu em seus olhos: a mesma postura, o mesmo sorriso, o mesmo jeito de olhar — Martin olhava dessa maneira nesse preciso momento, com as sobrancelhas erguidas — irresistivelmente incrédulo. Um lampejo brilhante de sol.

Logo haveria um concerto, e a festa se deslocaria para a sala de música. Mas Marianne e Ania iriam permanecer na biblioteca. Esse era o principal motivo

pelo qual Marianne viera até ali, afinal — pela chance de conversar com Ania, de consertar o passado.

— Fale-me de Anselm — Marianne pediu.

— Ele é farmacêutico. Mas não é feliz. — Ania balançou a cabeça.

— Por quê?

Ania encolheu os ombros. Era um velho gesto seu, de autodepreciação, em vez de indiferença.

— Não acho que ele vá conseguir um dia. Nunca lhe ensinei isso.

— Você lhe deu uma boa vida — Marianne disse.

O verdadeiro assunto estava à espreita — todas as perguntas que Marianne nunca tinha feito.

— Eu não sei — Ania continuou. — Fiz o que achei certo. Mas não acho que estou em posição de julgar.

— Ah! Toda a nossa geração é assim, não?

Ania balançou a cabeça com esse novo ar trágico que adotara na velhice. Ela era séria demais para rir.

Lentamente, foram chegando passo a passo até o passado.

Wolfgang vivia no norte da Alemanha e não tinha filhos, somente uma esposa sisuda e antipática. Anselm era casado e tinha duas filhas, trabalhava em uma farmácia, em vez de ser o químico que outrora sonhou tornar-se. Fritz vivia em Berlim e continuava tão bem-humorado como sempre, tinha três filhos, um cachorro e uma esposa bonita quinze anos mais nova, que trabalhava no meio artístico. Katarina era professora em Denver. Elisabeth dava suas palestras... Marianne tagarelava.

— Você falou de Rainer para seus filhos? — Ania perguntou, mergulhando, por fim, no assunto.

Marianne olhou para ela.

— Nunca contei a ninguém.

Por um momento, ficaram em silêncio. O som da festa no aposento ao lado entrava, entrecortado, pelas portas de vidro.

Ania sacudiu a cabeça e olhou para a lareira do outro lado da sala — foi na frente dessa mesma lareira, ocorreu a Marianne pela primeira vez, que ela e Connie se sentaram juntos após a última festa da condessa. A memória daquele beijo, tanto tempo atrás, brotou em sua mente. Ela ainda tinha vívida a sensação de surpresa e excitação.

— Desculpe-me — Ania disse. — Desculpe-me por não ter sido honesta com vocês desde o começo.

— *Ach.* — Marianne fez um gesto com a mão. Ela não estava lá para ouvir desculpas. — Estamos muito acima disso. — Ela se inclinou à frente. — Mas agora eu gostaria de saber tudo que não quis saber naquela época.

— Sobre Rainer? — Ania perguntou, em dúvida.

— Sobre você — Marianne respondeu. — Ania Brandt. Não Ania Kellerman ou Ania Grabarek.

Ania suspirou. Do outro aposento, Marianne pode ouvir a risada alta e contagiante de Claire. O fogo estalava e chiava.

— Tudo bem — Ania disse, respirando fundo.

BURG LINGENFELS, OUTUBRO DE 1991

Ania não acreditava em céu. Nem em Deus ela acreditava.

Porém, uma coisa era engraçada. Quando olhava para trás, seguindo a trilha serpenteante da sua vida, os altos e baixos, as mudanças radicais, o lamaçal degradante que quase arruinou o caminho, sentia uma necessidade urgente de julgar. De pesar o bem e o mal de maneira que, de coração, religiosamente, poderia examinar suas pequenas e grandes escolhas que contribuíram para deixar sua marca no mundo.

Houve ações que a faziam pender para o céu: seu trabalho no campo para refugiados, sua paciência como esposa de Carsten, vários pequenos atos de bondade na jornada para o oeste. E então houve aquelas que a puxavam para o inferno: as mentiras que contou e perpetuou, os sacrifícios que pediu aos filhos, o fato de que foi nazista, não apenas no título, mas na realidade cotidiana. E nesses momentos de avaliação moral — geralmente deitada na cama, às duas ou três da manhã — eram aqueles bebês que a lançavam diretamente ao abismo. O fato de que ficou parada enquanto os levavam embora.

Agora não havia nada que ela pudesse fazer a respeito. Você é o que faz. No final da vida, o que você fez permanece. Foi isso que ela tentou reforçar aos filhos. Embora provavelmente não tenha conseguido. Afinal, as atitudes falam mais alto que as palavras.

Seus meninos, Anselm e Wolfgang, sempre souberam que ela era uma pessoa mais pragmática do que propriamente boa. E agora que Mary viera para Burg Lingenfels, ela também soube disso.

Você deixou Frau Von Lingenfels acreditar que era outra pessoa? Algum dia você teria confessado se o seu marido não aparecesse? Mary ficou mais do que furiosa. Ficou horrorizada. Em sua última visita aos Estados Unidos, Ania confessara tudo à filha, que até então sabia apenas de parte da sua vida: que Ania foi casada antes de Carsten, sim, sabia disso. Mas que seu primeiro marido ainda estava vivo quando ela casou de novo, não, isso ela não sabia. Que a mãe havia

liderado um programa *Lager*, que guiava jovens alemães em um ano de imersão na terra, sim, sabia. Que tinha deixado sua melhor amiga acreditar que era outra pessoa, não, não sabia. Sua mãe, sobre quem um dia na escola escreveu uma redação intitulada “Minha heroína”, não apenas era nazista como também mentirosa! E pior do que mentirosa, era uma farsa! Ela ficou furiosa, ralhhou, e Ania teve que aguentar tudo. Mary estava certa. Ela não tentou se defender. Não havia defesa.

Devo ir embora amanhã?, perguntara.

Essa não é a questão!, Mary havia dito. Como se realmente houvesse *uma questão*.

Mary ficou sem falar com ela por vários dias.

E depois, lentamente, de alguma forma, Mary a perdoou. *Você fez o que teve que fazer para sobreviver*. De alguma forma Ania ainda possuía o amor de sua filha, se não o seu respeito. Contudo, havia uma nova distância entre elas, o que a deixava triste. Mas afinal, era uma punição bem mais branda do que ela merecia.

BURG LINGENFELS ERA menor do que Ania lembrava. Em sua mente, ele era gigante, um castelo como o da Bela Adormecida, com enormes salões proibidos e uma vastidão de quartos gélidos fechados.

Ania acordou cedo, antes de servirem o café da manhã, segundo o pequeno manual encadernado em couro ao lado da sua cama. *Um guia para ajudar os visitantes a navegar*, como o coordenador dos hóspedes e bolsistas o definiu, como se ela e Mary fossem navios traçando seu caminho em mar estrangeiro. Isso a irritou, esse jeito de falar. No fundo, ela era uma autêntica esposa de fazendeiro. Tantos anos vivendo ao lado de Carsten a fizeram desconfiar de palavras bonitas. Ou talvez sua experiência como nazista a tornou desconfiada de metáforas, eufemismos e figuras de linguagem.

Na cama ao lado, Mary dormia, roncando baixinho, o cabelo espalhado no travesseiro. Ania sentiu uma onda de ternura pela filha, sempre tão cansada. Essa viagem deveria ser como férias para ela, não apenas dedicação às necessidades da mãe. A pobre menina (ela sempre seria uma menina para Ania) merecia um descanso — sempre cuidando incessantemente dos filhos após longos dias no escritório. Todos os horários que precisava cumprir, as aulas, os compromissos e as ansiedades autoimpostas da vida moderna.

Ania pôs as pernas para fora da cama e tentou alcançar a bengala. Com esforço, levantou e foi até o banheiro. Ao olhar para o espelho, ficou surpresa com seu rosto, mesmo agora, depois de tantos anos. Quando pensava em si mesma, não lhe vinha à mente todas essas rugas, todo esse cinza. Mas não importava. Lavou o rosto, o pescoço e penteou o cabelo. E então, tomando cuidado para não fazer barulho, voltou para o quarto e mexeu ruidosamente nas roupas penduradas na cadeira, de forma atrapalhada.

— Mãe? — A voz de Mary veio da outra cama.

— Shhh — Ania disse. — É cedo. Volte a dormir.

— Precisa de ajuda? — Mary perguntou, sentando-se.

— Não, não — Ania respondeu, mais ríspida do que pretendia. — Como você acha que eu me viro em casa?

— Está bem — Mary resmungou, e se deitou.

Lá fora, o céu assumia um tom rosado. Braços longos e ondulados de luz solar chegavam até a encosta, que lhe parecia mais nua do que antes. O antigo trecho de floresta agora era terra cultivável. A Alemanha se tornou o milagre agrícola que Hitler jamais imaginara, cada metro de terra abrigava plantações, moinhos de vento e infinitas casas com painéis solares se estendendo pela estrada. Não havia um só espaço desperdiçado. Até mesmo os trechos de floresta serviam de barreira de som, protegendo as cidades do ruído das estradas, ou de abrigo para esconder as minas de cascalho ou irrigação.

Ania saiu pela nova e elegante porta da frente e começou a descer a estradinha escorregadia.

O trecho de floresta que ficava mais próximo do castelo continuava lá. Os picos pontiagudos dos pinheiros se destacavam como uma cadeia de montanhas às margens da pradaria. De onde estava, parecia que nada tinha mudado. Ania teve vontade de cruzar a grama irregular e entrar no mato, mas não confiava em seus passos nesse terreno sulcado, então sentou no muro de pedra ao lado da estrada e ficou lembrando.

FOI NESSE TRECHO de floresta que ela e seus filhos enterraram Rainer. Eles envolveram o corpo devastado num lençol e o carregaram como se fosse uma criança. Ania não sentiu nada além de alívio. Ele não era mais seu marido, apenas seu segredo, um homem que só fez escolhas erradas em todos os momentos. E ela também tinha feito uma má escolha ao aceitá-lo. Ele era o segundo maior erro da sua vida. O primeiro era ter acreditado em Hitler. E,

no peso desconfortável e distintamente humano do corpo de Rainer — o ombro frio e sem vida batendo contra sua perna a cada passada —, ela sentiu a gravidade da decisão errada.

A cova era rasa, a terra estava quase congelada. Quando o corpo de Rainer atingiu o fundo, Ania e seus meninos ficaram imóveis, em concordância tácita. Ela não rezou: pelo quê? E para quem? Um Deus que certamente não existia? Se havia um inferno, Rainer estava destinado a ele.

Porém enquanto estava lá, imóvel, desejou lembrar-se do menino de quem ficou amiga tantos anos atrás na sala de espera do seu pai. Do garoto que carregava o pai doente até o *Doktor* Fortzmann uma vez por semana para receber tratamento, que deixava o velho se apoiar pesadamente em seus ombros frágeis, oferecendo a ele goles de água de um cantil que trazia consigo. Ele era um bom filho. E no começo tinha sido um bom marido: atencioso, apaixonado, zeloso. Foi firme ao declarar seu amor: desde muito jovem estava totalmente convencido de que ela estava destinada a se tornar sua esposa.

E olhando de cima o corpo inerte, com seus filhos, ocorreu a Ania que a escuridão que se apossara dele era culpa dela. Nunca tinha correspondido sua paixão. Nunca o amara o bastante. Talvez os pecados dele também estivessem na conta dela.

Ao seu lado, Wolfgang chutava a terra, taciturno. Anselm era mais inescrutável, a cabeça baixa, as mãos enfiadas no bolso. Ela não podia perguntar o que estava pensando; muitas águas tinham rolado. Mas ainda havia um consolo nessa união. Se havia uma coisa que ensinara aos filhos era o silêncio — eles poderiam velejar entre a correnteza e os cardumes como marinheiros natos. E no mar aberto do silêncio eles se encontraram — três navios com as luzes piscando em meio à escuridão, comunicando-se sem falar como se dissessem *Eu conheço você, viemos do mesmo lugar*.

Duas semanas mais tarde, Ania soube da morte de Benita.

E, nessa morte, ficou sozinha com seu luto. Seus filhos sempre tinham mantido distância da bela e jovem mãe. E Marianne, que certamente compartilhava seu pesar, jamais falaria com ela de novo.

Ania soube da morte da amiga por Martin. Ele mandou uma breve carta informando o dia e local do funeral que, àquele momento, já tinha ocorrido.

Sentada com Carsten na sala de estar da velha casa de fazenda, cheia de correntes de ar, Ania deixou a carta cair no colo.

— Hein? — Carsten perguntou, surpreso pela brusquidão de seus movimentos.

O fogo brilhava no fogão a lenha, o bebê resmungava baixinho nos braços de Ania, adormecido.

— Benita morreu — ela conseguiu dizer.

O marido arregalou os olhos.

— Como?

Ania balançou a cabeça, o corpo fraco com o choque.

— Ela era uma mulher distinta — Carsten disse, balançando a cabeça. E o pronunciamento lhe pareceu mais uma análise do que uma observação. *Uma mulher distinta*. Distinta demais para essa época bruta, para essa realidade feia e animalesca.

Querida Benita, cujo ar sonhador e nada prático lembravam-na de tudo que era belo e leve. Ela sempre fazia Ania rir. Foi o fim do seu relacionamento com Herr Muller que a matou? Ela lhe parecera tão desamparada naquele dia no hospital... Seria bem do feitio de Benita morrer de amor. Mas Ania não tinha ninguém a quem perguntar.

Em sua tristeza solitária, pendurou no vestíbulo ramos de pinheiro e laranjas trespassadas por cravos, do jeito que Benita tinha lhe ensinado. Eles deram à casa um ar alegre e perfumado. E quando Ania passava debaixo deles com a pequena Mary, a bebê virava o pescoço para observar aqueles objetos comuns que se mexiam e brilhavam no escuro, belos em sua suspensão.

NESSA MANHÃ, ENQUANTO Ania permanecia sentada na pedra, o castelo começava a ganhar vida. Um homem abriu guarda-sóis vermelhos no novo e atraente terraço. Alguém rebocava as cortinas pelo vidro laminado até o primeiro andar. Era bom ver o castelo em sua nova vida; tinha se tornado um lugar tão democrático e importante, abrigando todas aquelas pessoas bem-intencionadas de vários cantos do mundo. Elas tentavam compreender inúmeras questões complicadas: o que fazia a humanidade cruel ou boa, e como todos poderiam viver em paz. Ania apreciava esse esforço, embora não acreditasse que encontrariam uma resposta. Hitler sempre dizia que havia gente demais no mundo. Gente demais na Alemanha — um país tão pequeno

com tantas pessoas... Mas depois, é claro, ficou óbvio que a resposta dele a isso não era a solução, mas o sintoma de uma doença. Ele era o rato no labirinto que começava a devorar os demais.

Ania estava prestes a se levantar e voltar ao castelo quando viu alguém se aproximando. Uma mulher, com o cabelo agitado pelo vento. Mary.

Ania levantou a mão, acenando. As mãos de Mary estavam cravadas fundo nos bolsos do casaco — de aparência compacta, emborrachado e impermeável, o colarinho levantado. Era uma estranha peça de vestuário, criada para alguma situação específica, mas usada normalmente — como aquelas calças com milhares de bolsos, alças e cordões ou as roupas lustrosas que Ania sempre associava a ginástica e que agora eram usadas para qualquer situação que envolvesse movimento — por homens adultos pedalando bicicletas, vestindo roupas justas e lustrosas. Ania era velha demais para entender.

— Não consegui voltar a dormir — Mary disse quando se aproximou. — Sinto saudades das crianças.

As crianças — elas pareciam pertencer a outro mundo, outra vida. Levou um minuto para Ania registrar o que a filha dizia.

— Elas vão sobreviver. Mas é normal que você sinta saudades.

Mary suspirou e se sentou ao lado da mãe.

— Que paisagem linda — disse ela. — Esqueci o quão bonito é aqui, nessa parte do mundo.

Ania também tinha se esquecido. Impulsivamente, envolveu seu braço no de Mary. Era o tipo de gesto que não fazia desde a briga.

Para seu alívio, Mary o apertou. Seus olhos se encheram de lágrimas.

— Eu não mereço isso — Ania disse. — Fiz tantas coisas erradas. Vivi da maneira errada.

— Mas agora você sabe disso — Mary falou, virando-se para ela. — Você assumiu a responsabilidade pelos seus erros. Pediu perdão...

Ania ficou tão sobressaltada que quase caiu da mureta.

— Perdão! Deus me livre! — Ela fez o sinal da cruz, o gesto vindo naturalmente com as lágrimas. — Eu *nunca* pediria perdão.

Mary ficou quieta.

— Você admitiu — ela disse, por fim. — Isso já é alguma coisa.

— É mesmo? — Ania perguntou.

— Acho que sim — respondeu Mary.

Ania teve vontade de perguntar: baseado em quê? Ela podia ver que para Mary era muito importante acreditar nisso. Afinal de contas, ela era americana; fora arrebatada pela cultura do diálogo — da crença na psicoterapia e na confissão, dos programas de televisão nos quais as pessoas recuperam sua inocência expressando seus arrependimentos.

Na opinião de Ania, nenhum diálogo do mundo podia mudar o passado.

Se Mary soubesse da história dos bebês, também saberia que assumir a responsabilidade não importava. Isso não os traria de volta. Não os devolveria à vida, a seus pais. E não havia reparação para todas as mentiras que Ania tinha contado a si mesma, em vez de agir — que os bebês estavam indo para um orfanato, para lares de adoção ou sabe Deus que outro fim aceitável, mesmo enquanto agarrava a privada, vomitando. Era por isso que Ania iria pagar: não apenas por sua passividade, mas por seu autoengano, por ignorar o mal mesmo o tendo encontrado frente a frente. Como ela poderia contar isso à filha?

Em vez disso, apertou o braço de Mary e agradeceu pela sua bondade. Sua *compreensão*. Por isso as pessoas tinham filhos, mesmo quando acreditavam que o mundo estava acabando, mesmo quando sabiam que a vida não passava de uma incerteza. Na esperança de serem compreendidas.

BURG LINGENFELS, OUTUBRO DE 1991

Marianne sentou-se à escrivaninha no singular quarto que lhe concederam, destinado a visitantes dignatários, e tentou preparar seu discurso. Não é propriamente um “discurso”, Claire a corrigiu, apenas algumas “observações”. Nada muito complicado. Ela se perguntava se Claire estava preocupada com o que ela iria dizer. Afinal de contas, o livro continha a narrativa de Claire, mas a vida ainda era dela.

Antes de partir para a Alemanha, Marianne preparou anedotas divertidas sobre seu tempo na resistência, algumas parábolas admonitórias, um reconhecimento dos rebeldes contemporâneos em todo o mundo. Mas agora, relendo, o que tinha escrito lhe parecia pomposo, cheio de retóricas exageradas.

Na noite anterior, ela e Ania tinham passado horas conversando na biblioteca. A vida de Ania agora era tridimensional — não, não apenas era tridimensional como tinha três faces: Ania Fortzmann, Ania Brandt, Ania Grabarek. Por que Marianne nunca as tinha conhecido? Em sua mente, esses rostos não se dividiam mais em *bom* ou *mau*, *verdadeiro* ou *falso*. Eles foram expostos, numa sucessão de escolhas e circunstâncias.

Por que você não tentou me contar tudo isso depois que Rainer morreu?, Marianne perguntara à amiga. *Por que não se explicou?*

Porque você não ligaria, Ania dissera. *E estaria certa em não se importar.*

Marianne não protestou. Ela viu a si mesma naquele dia no castelo, parada na porta da cozinha, olhando para Ania e o homem moribundo. Ela não estava interessada em saber nada. A guerra tinha acabado há pouco, a morte de Albrecht ainda era muito recente, a morte de todos. Ela não teria estômago para saber.

Nessa viagem, também a vida de Benita se tornou mais compreensível para Marianne. Passar um tempo com Martin trouxe a mãe dele de volta. Ele era tão atraente quanto Benita: não apenas bonito, havia algo de mais intangível. Sua *aura*, a palavra da tal Nova Era veio à mente de Marianne. Ela sempre

tinha ridicularizado tais caprichos, mas ali, com o antiquíssimo castelo como plano de fundo, nesse último capítulo da sua vida, a ideia de uma “aura” ou “energia” lhe pareceu verdadeira e importante, tão palpável quanto a ação — o estandarte dourado sobre o qual tinha construído sua vida. Era por isso que as pessoas se sentiam atraídas por Benita, por isso que Connie se apaixonou por ela.

Alguém bateu levemente na porta, e antes que ela se virasse, uma criança entrou correndo, seguida pelo seu filho, Fritz.

— Omi! — a garotinha gritou, o cabelo cacheado flutuando desordenadamente atrás dela. A filha mais nova de Fritz, Nicola. Uma menina tão exuberante e descuidada quanto Fritz quando pequeno. De todos os seus netos, era ela quem Marianne mais amava.

— Nicola! — Marianne exclamou. — Que bela surpresa!

— Eu a trouxe comigo. Angela está doente — Fritz explicou, atravessando o quarto e se inclinando para beijar a mãe. — Ela prometeu ficar quietinha, não é mesmo? — Ele se virou para a filha. — Tão quietinha quanto um camundongo durante o discurso da Omi.

— Como um camundongo — Nicola declarou, satisfeita, amassando as bochechas, tentando imitar um camundongo, e andando nas pontas dos pés pelo quarto.

— Ah, seja quem você quiser — Marianne disse, desejando que não houvesse nenhum discurso e nenhuma festa para participar.

— Ahá! Aqui está ele! — Fritz exclamou, vendo o livro de capa dura na escrivaninha ao lado dela. — Finalmente terei uma cópia do livro sobre minha mãe famosa? — Ele pegou o livro e começou a ler a quarta capa, cheia de citações grandiloquentes de acadêmicos e jornalistas.

Por um momento, imerso em sua concentração, ele a lembrou de Albrecht. Alto, os ombros levemente curvados, lendo o livro à distância.

— Oh, Fritzl! — Marianne disse, usando o apelido de infância. — Eu sou sua mãe. Você não precisa desse livro.

Marianne desceu a escada até a recepção numa combinação de pânico e confusão mental. A visita de Fritz e Nicola a tinha afastado de qualquer preparação prévia de fala. Apesar de suspeitar que sua fala não seria muito clara, de qualquer forma.

Mesmo com as súplicas de Alice, Marianne não trocou de roupa. Ela vestia seu cardigã bege, uma saia plissada cáqui e botas de caminhada horrorosas, mas confortáveis. Sua roupa não tinha a menor importância. Pelo menos disso ela tinha certeza.

Quando entrou na sala, ficou perplexa de ver tanta gente. Devia haver umas duzentas pessoas lá, bolsistas, acadêmicos da Humboldt e da Universidade Livre de Berlim, contatos de Claire e do diretor do instituto, e então — Oh, Deus, ela tinha quase se esquecido deles — pessoas que ela mesma tinha convidado: o velho Eberhardt von Strallen e sua filha de meia-idade, Irmgard Teitelman, Mamie Kaltenbrunner, Peter Weber — eles tinham vindo diretamente de Hamburgo! —, velhos amigos que não via há muito tempo. E por acaso era uma das crianças Von Oberst, agora um homem de meia-idade, que ali estava? Ela reconhecia o queixo protuberante, projetado para a frente.

— Aí está você! — disse Martin, surgindo ao seu lado e tocando seu cotovelo para escoltá-la até a cadeira.

Ele não parecia intimidado pela sua aparição. Sua aura podia se assemelhar à da mãe, mas as maneiras e o charme eram todos de Connie Fledermann. Marianne alcançou a mão dele e lhe deu algumas palmadinhas.

Quando ela estava instalada em sua cadeira, o diretor se levantou e foi até o palco.

— Tenho orgulho de estar aqui, de fazer parte dessa celebração de um livro importante escrito por uma ex-bolsista do Instituto Falkenberg. Livro que examina o cerne da resistência e da lucidez moral. O que é preciso para se conseguir identificar e reconhecer o mal como ele se revela? Enxergar com precaução e acuidade...

Marianne ouvia, desconfortável.

Quando ele terminou, Claire se levantou e assumiu o palco. Ela parecia mais séria hoje, em um vestido preto, óculos esquisitos de aro preto, um colar de brilhantes contas vermelhas chinesas em volta do pescoço.

— Tem sido uma grande felicidade transcrever a voz dessa mulher maravilhosa e heroica: uma mulher cujas coragem e força de caráter persistiram e permaneceram firmes em uma época em que a maioria das pessoas se curvou, uma mulher em um mundo cujos círculos intelectuais e políticos eram dominados por homens...

As palavras deixaram Marianne envergonhada. Ela pensou em todos que estavam na plateia, a quem conhecera em tantos lugares distintos e em

caminhos tão diferentes da vida. Certamente não era tão infalível assim.

— Gostaria de convidar Marianne a dizer algumas palavras — Claire chamou.

Por um longo momento, com uma sensação de crescente pânico, Marianne permaneceu paralisada em sua cadeira.

Então Martin se levantou e ofereceu o braço a ela. Ele tinha vindo dos Estados Unidos até Burg Lingenfels a seu pedido. Ela permitiu que ele a levasse até o palco.

O público olhava para ela, em expectativa.

E quando Marianne devolveu o olhar, mais rostos se distinguiram: um primo Von Kreisberg cujo nome ela não lembrava, mas cuja mãe a hospedou com as crianças em seu voo de Weisslau, e lá, ao lado dele, a gentil bibliotecária do Centro de Documentação, e encostadas contra a parede, duas amigas de infância de Elisabeth.

— Quando ela vai falar? — a voz de Nicola, com seus quatro anos de idade, se ouviu no fundo do auditório, com Fritz a carregando no colo. Algumas pessoas da plateia riram.

Marianne respirou fundo. Ela precisava dizer algo. Mas pedir desculpas foi tudo que lhe veio em mente. Pelo que ela pediria desculpas, não tinha certeza.

— Vocês imaginam.. — ela disse, por fim, e sua voz soou diferente a seus próprios ouvidos. — Vocês imaginam, depois dessa introdução, que eu devo ser uma pessoa muito admirável. — Mais risadas. A plateia estava feliz que ela tinha aberto a boca. — E que eu devo ter respostas e segredos sobre como ser uma boa pessoa e... como encarar o mal e resistir a ele, e tudo o mais que Claire disse.

Do lado de fora, um corvo crocitou do parapeito.

— Em vez disso — Marianne continuou —, olho para vocês e vejo tantos rostos familiares... Tantas pessoas que conheci e não conheci, tantas pessoas com quem perdi contato... E eu vejo, acima de tudo, meus próprios pontos cegos.

A plateia ficou em profundo silêncio. Na fileira da frente, Claire pareceu ansiosa.

E enquanto Marianne permanecia de pé, presa ao palco, seus olhos encontraram Ania, sentada na frente, entre sua filha e Martin. Ela era tão pequena — uma pessoa tão pequenina. Como, em todos esses anos, Marianne

nunca notara? E seu rosto, seu rosto querido, tão profundamente sulcado e marcado com rugas e entalhes, o leito de um rio selvagem.

Ania a encarou de volta. E conforme o silêncio se intensificava, ela acenou, embora imperceptivelmente, como se dissesse: *Vamos lá, continue. Estou aqui, não importa o que você diga.*

Uma memória surgiu na mente de Marianne: aquela noite, tantos anos atrás, quando ela e Ania esperaram juntas enquanto os russos se banquetavam. O silêncio sombrio e inquieto do castelo, as sombras bruxuleantes do fogo, e, lá fora, suspensa, a carcaça do corpo de Gilda. Ela pôde ouvir os estalos das faíscas e o som de vozes estrangeiras, masculinas, reunidas em uma canção distante e sobrenatural. O quão grata ficou por ter Ania a seu lado — uma companheira e um ser humano adulto, unido não por lealdade a algum grupo, partido ou a uma forma de pensamento em particular, mas através da realidade do momento, através do desejo de ambas de sobreviverem às próximas horas, ao próximo dia, e assim por diante, e através da determinação que ambas tinham em manter seus filhos em segurança.

O grande arrependimento de sua vida era ter perdido isso — não, ter renunciado a isso. E ter perdido Benita também — sua doce e imperfeita amiga, sua companheira como viúva e ser humano, a quem, Marianne podia perceber agora, ela tinha traído, à sua maneira.

— Quero dizer — ela começou de novo —, eu quero dizer que nem sempre me esforcei tanto para saber o suficiente. Que esse “compasso moral” de que Claire fala pode não ter sido tão útil em minha vida pessoal como foi num contexto político mais amplo. Às vezes é mais fácil ver claramente à distância. E o que está perto, próximo... o que está perto, próximo — ela vacilou —, é mais difícil de enxergar.

Na plateia, alguém tossiu.

— Há tanto cinza entre o preto e o branco... e é bem nesse meio que a maioria de nós vive, sempre tentando...

Marianne ficou desorientada. Tentando o quê? A confusão se instalou nela. Não somente a confusão do momento, com as palavras, mas a confusão maior de todas, da própria vida — o lado totalmente nebuloso, impulsivo, da interação humana, os nós emaranhados da influência e emoção. Uma vasta sopa primordial que ela passou a vida inteira tentando negar.

— ... tentando, e com frequência fracassando, se curvar perante a luz.

Marianne pôde sentir na boca sua língua ressecada. O mundo começou a ficar embaçado e ela ouviu um estranho zumbido. Ela viu o acadêmico chinês a quem tinha sido apresentada na noite anterior. O que sabia dele? Ou de sua experiência? O mundo era grande demais para ser compreendido.

Então, de uma vez por todas, seus joelhos cederam.

Antes de perder a consciência, tudo ficou escuro.

Porém pôde sentir, subitamente, que um par de braços fortes a agarrou, antes de cair, mantendo-a de pé.

— Desculpe-me — ela disse, ou tentou dizer.

— Shhhh... — Ela reconheceu a voz de Martin. — Precisamos dos nossos heróis. Sem mais desculpas.

Depois veio o silêncio.

BURG LINGENFELS, OUTUBRO DE 1991

Martin acordou ao lado de Mary na cama. Não conseguia pensar nela como Marianne, o nome pelo qual gostava realmente de ser chamada. Aparentemente Mary era um apelido do qual ela nunca gostou.

Na noite anterior, quando Marianne voltou a si, o castelo todo ficou exultante de alívio. Graças a Deus! Imagine se ela tivesse morrido no chão do castelo, morta pelo esforço de ir além da lucidez que definiu sua vida. Quando seus olhos se abriram, até mesmo a estoica Ania chorou de alívio. E a comemoração que se seguiu foi uma verdadeira festa. A acadêmica que estudava Sophie Scholl tocou violino e um filósofo russo ensinou um grupo de convidados a dançar a *barynya*. A comida estava excelente: uma delicada truta branca, servida com batatas e cenouras “caseiras”, cultivadas na horta que havia perto da cozinha do castelo, agora um amplo viveiro orgânico. De sobremesa, a comida preferida de Martin: panquecas macias e cortadas em pedacinhos, *Kaiserschmarrn*, uma especialidade local. E, é claro, muita *champagne*. Mary e Martin estavam entre os últimos convidados a ir embora.

Mary não era o tipo de mulher que geralmente atraía Martin. Ela era um pouco dispersa e moderna demais, na verdade. Geralmente ele se sentia atraído por mulheres frias, estáveis, com um estado de espírito imperturbável. Porém, por baixo do charme desordenado de Mary, havia certa firmeza emocional. E ela tinha senso de humor, o que era surpreendente, sendo filha de Ania e Carsten Kellerman, de quem Martin se lembrava como a versão alemã do quadro “Gótico Americano”.

Porém, aparentemente, o que sabia ele?

Na noite passada, Mary tinha lhe contado as revelações da mãe fez. O passado secreto, um marido nazista que ainda estava vivo quando ela se casou com Carsten. Isso contava a favor de Marianne, Martin imaginava, pois ela nunca tinha dividido essa informação com ele. É possível que, com seu costumeiro jeito esquivo, nunca tenha perguntado o motivo dela e de Ania

terem perdido completamente o contato. Como muitos de sua geração, ele fez carreira em evitar perguntas difíceis.

— Você consegue imaginar? — Mary perguntou, enquanto estavam deitados lado a lado. — Minha mãe cuidava de um marido durante o dia e dormia com outro à noite.

Não, Martin concordou, ele não conseguia imaginar a cena. Mas isso estava bem no fim da lista de coisas que não podia imaginar: Auschwitz, Treblinka, a crença em Hitler, a mãe de um menino órfão de pai cometer suicídio. E, na verdade, havia várias histórias que ele mesmo tinha vivenciado e que não podia imaginar: viver num orfanato para filhos de traidores, passar noites inteiras em um abrigo antiaéreo, resgatar a mãe de um ninho de ratos cheio de soldados russos...

De qualquer forma, ele gostava de Mary, e se sentia ligado a ela através desse lugar. Ambos eram produtos do mesmo caos. Ele passou gentilmente um dedo pela testa dela, descendo para o nariz, até chegar aos lábios.

Ela arregalou os olhos e sua expressão de surpresa o fez rir.

— Oh, meu Deus — disse ela, levantando como um raio da cama. — Espero que minha mãe não tenha acordado ainda.

— Você me faz sentir tão jovem. — Martin deu uma risada. — Não me preocupo com a mãe de ninguém desde os 17 anos.

— Ahá. — Mary atrapalhou-se com os lençóis, envolvendo seu corpo desajeitadamente, arrancando a parte que o cobria enquanto se levantava da cama. — Desculpe. — Ela corou.

Mas Martin era velho demais para ter vergonha da própria nudez.

— Não se esqueça disso. — Ele lhe entregou um par de brincos, duas argolas douradas que estavam ao lado da cama.

— Parece que você faz isso todo dia — comentou ela. — Dormir com uma estranha, com quem tem uma conexão bizarra, em um castelo onde passou uma infância traumática.

— Não *todo* dia.

— Só dia sim dia não — Mary brincou, sorrindo.

E ao olhar para ela — essa americana de meia-idade, filha de Ania e Carsten, nua e de pé no piso ancestral de pedra de Burg Lingenfels —, Martin se sentiu invadido por uma desconhecida e esperançosa felicidade.

HAVERIA UM CAFÉ da manhã de despedida no grande salão; depois de comer, os hóspedes iriam se dispersar: Mary levaria Ania de carro até a casa de repouso em Lago Constance, a duas horas de lá (“Você consegue convencê-la a se mudar para os Estados Unidos e morar perto de mim?”), ela tinha implorado a Martin na noite passada); Marianne iria para o hospital de Munique fazer alguns exames. Ela era forte como um touro, mas o desmaio deveria ser analisado propriamente, Fritz e Martin insistiram.

Martin iria para o norte. Primeiro para Fröhlinghausen visitar o túmulo da mãe e também sua tia Gertrud, única pessoa da família de Benita com quem ainda mantinha contato. Depois de Fröhlinghausen, tinha mais uma parada a fazer: visitar Liesel “Falkman”, sua antiga amiga de infância. Ele sonhou muitas vezes com ela quando criança, embora nunca mencionasse isso a ninguém. E então, antes de voltar a Burg Lingenfels, conseguiu rastreá-la e mandou uma carta, e ela respondeu. É claro que se lembrava dele, embora se esforçasse para não pensar muito naquela época. Ela passou o resto da infância vivendo com a tia no apartamento em que ele e Marianne a tinham deixado — uma parte de Berlin que acabou ficando atrás do muro, na parte oriental. Agora que a Alemanha era um só país de novo, ela se mudou para Hamburgo. Ela era contadora, com dois filhos crescidos, e há tempos estava divorciada.

No começo ele se sentiu desanimado com esses detalhes. O que essa vida tão comum tinha a ver com a Liesel inteligente e impetuosa de sua infância? Mas ele afastou sua tendência em evitar possíveis decepções e agendou o voo de volta para Hamburgo. Ele tinha feito uma reserva no Hotel Atlantic para almoçarem juntos. A caminho do café da manhã, Martin parou no patamar da escada. A estudiosa de Sophie Scholl e o filósofo russo escutavam o que Claire dizia, enquanto discursava sobre algo, agitando os braços. E Mary, que conseguiu chegar antes, estava sentada com a mãe, conversando com Fritz. Pareciam muito cordiais um com o outro, e Ania tinha uma expressão feliz no rosto, ou tão feliz quanto seu rosto trágico podia ser.

Marianne presidia a conversa da cadeira de rodas a que fora relegada, enquanto sua neta se mexia sem parar em seu colo. Ela parecia menor do que o normal, e cansada: uma centelha de sua seriedade havia se extinguido. Porém, mesmo assim, do seu assento no centro da conversa ela emanava toda a sua essência.

O grande salão estava exatamente igual ao da sua infância — cavernoso, sombrio e gélido. E lá, de pé, sentiu as camadas arranhadas do tempo, o

inescrutável fantasma de si mesmo como menino colidindo com a volúvel construção de si mesmo como homem de meia-idade. E por todo o lado sentiu a urgência de outros fantasmas, menos conhecidos para ele: Marianne quando jovem; sua mãe, prestes a se casar; os ocupantes nazistas, com suas botas de couro reluzentes; os convidados judeus da festa da colheita e seus terríveis destinos; os moradores da cidade, escondidos e apavorados com a chegada dos americanos; séculos de príncipes que sofriam de gota, condes e servos atribulados. Todos pareciam galgar esses degraus. E seus movimentos carregavam uma inquietude premente.

Através dessa visão, Martin ouviu a voz de Marianne.

— Aqui está ele. Meu convidado favorito.

Martin olhou em volta.

— Martin Fledermann — disse ela, como se fossem as duas únicas pessoas no salão.

Ele sentiu a força do seu amor por ele e isso o encheu de orgulho. Sorrindo de volta, ele se aproximou, estendendo a mão.

BURG LINGENFELS, 1991

Clotilde Muller gostava de levar seus cachorros para passear no terreno do Instituto Falkenberg. Não apenas porque o lugar era lindo, mas porque isso a fazia se sentir mais perto do pai, agora que ele estava morto. Ela podia imaginá-lo cortando o mato e as árvores na outrora floresta densa e incontrolável, que tinha se transformado em um parque cuidadosamente protegido, cheio de caminhos de cascalho bem sinalizados. Ela já frequentava o lugar anos antes de saber do tempo em que o pai passara no castelo, cortando lenha.

Para ser sincera, Clotilde não lhe fazia muitas perguntas. Era uma mulher de poucas palavras, e Franz Muller era um homem de menos ainda. Tudo que uma pergunta rendia era uma resposta, e, em sua experiência, nem sempre era bom ouvi-la. Como jardineira, sabia que se virasse uma pedra, encontraria embaixo dela vermes e praga de batata. Às vezes até mesmo uma cobra. E como alemã, sabia que se comesse a xeretar numa caixa de sapatos cheia de fotografias iria encontrar uniformes nazistas, suásticas e crianças de braços erguidos, saudando Hitler.

E depois, o que faria com isso? Isso ajudaria a amar o pai idoso e mal-humorado, cuja roupa, dentadura e penico tinha que lavar? Isso ajudaria a valorizar o avô cuja demência já testava sua paciência? Clotilde sabia que teve muita sorte nesse quesito. Seu pai era gentil, tranquilo, fácil de lidar, e assim foi até o fim. E seu silêncio era uma bênção.

Mesmo quando o quebrou, não foi para tirar um peso do próprio ombro. Foi para contar a verdade sobre ele. Que, afinal de contas, depois de todos esses anos vivendo juntos, ela nunca soube. Porque nunca perguntou.

E assim foi.

Ele tinha sido convocado para a polícia reserva e enviado para o leste bem no final da guerra, com a missão de lotar caminhões a caminho de Treblinka com judeus, eslavos e outros “indesejáveis”. *Você sabia para onde eles estavam indo?*, Clotilde perguntara. Ele hesitara. *Não no começo, mas depois sim.*

E assim que soube, ele pediu para ser transferido a outro destacamento, e acataram seu pedido. Assim, ele se tornou um mensageiro do correio, levando documentos, indo e voltando com envelopes selados entre grupos de exércitos.

Foi fácil assim? Você só pediu para ser transferido e eles aceitaram?

Ele ficou em silêncio por um tempo, as mãos rígidas espalhadas em cima do lençol do hospital.

Sim, pelo menos no meu caso.

Contudo ele sentiu, à época, que tinha sido egoísta em pedir tratamento especial. Pois isso significava que alguém mais em sua unidade precisou cumprir a ordem de matar mulheres e crianças. Logo, sua resistência nada teve a ver com lucidez moral, mas com covardia egoísta.

Que bobagem. Você fez a coisa certa! A questão é: por que outras pessoas não fizeram o mesmo? Não menospreze sua atitude.

Mas seu pai não admitia.

Ele olhara pela janela do hospital e, depois desse dia, eles nunca mais falaram naquilo.

DURANTE UMA ÉPOCA, Clotilde imaginou uma vida diferente para si, uma vida com marido, filhos e sua própria casa, talvez até em outra cidade. Mas seu pai era um homem de fácil convivência e um cozinheiro surpreendentemente bom. Ela possuía um emprego que adorava, como jardineira no parque da cidade. E tinha seus cachorros. E com base no seu conhecimento de história e na observação do presente, os cães eram uma espécie superior ao homem.

Clotilde se lembrava de Burg Lingenfels como na época de adolescente: um castelo abandonado, cheio de pichações e grafites, as janelas quebradas e a erva daninha crescendo entre as pedras ancestrais. *Frau* Von Lingenfels, a dona, tinha se mudado para os Estados Unidos. E na sua ausência, o lugar tinha se tornado um refúgio para vagabundos e adolescentes mal-intencionados da região. Clotilde foi atraída para lá uma noite por um trabalhador braçal migrante, em uma experiência que não fazia a menor questão de recordar, certamente nada que o castelo não tenha visto antes. Depois disso, ficou longe dele.

Mas agora o castelo voltou a ser grande novamente, habitado por intelectuais de toda a parte do mundo. O Instituto Falkenberg se declarava

como “um lugar de investigação moral”. Os bolsistas vinham até ele com diversas questões. Bem, eles que ficassem com as suas perguntas.

Clotilde vinha até ele não para perguntar, mas para cumprir o desejo do pai.

Seu pai pediu que ela visitasse um túmulo que havia na floresta atrás do castelo. Um corpo que ele enterrou com as próprias mãos. Franz Muller não sabia muito sobre o homem — era um prisioneiro russo, libertado do campo para prisioneiros de guerra local logo após o fim da guerra. Ele chegou a Burg Lingenfels com um bando de ex-prisioneiros: todos famintos, fracos, doentes. E nessa mata ele tinha cruzado o caminho do seu pai. Houve uma discussão. E havia uma mulher presente, uma mulher por quem seu pai se apaixonou. Essa era a parte difícil, pois Clotilde se lembrava da mulher. Ela era linda, com olhos brilhantes e cabelo muito claro. Ela foi apresentada a Clotilde como futura esposa do pai, e Clotilde, uma menina de 11 anos, tinha tecido uma infinidade de fantasias maravilhosas sobre ela: essa mulher seria sua mãe e a ensinaria a costurar, a comprar roupas de baixo e outras peças femininas embaraçosas, talvez até mesmo lhe daria de presente um irmãozinho ou irmãzinha, para que não ficasse mais tão solitária. Mas então, puf!, a mulher sumiu. Não houve casamento, nem namoro, e nunca mais foi mencionada. Foi uma das maiores decepções da vida da jovem Clotilde.

De qualquer modo, Benita Fledermann, e esse era o nome dessa mulher, de alguma maneira surgiu enquanto seu pai e o russo discutiam. E algo aconteceu: o homem a atacou ou ela o atacou, e o homem morreu. *Você o matou?*, Clotilde perguntara ao pai, e ele assentira solenemente. Mas ele nunca fora um bom mentiroso. *Ou ela o matou?*, Clotilde pressionara. *Não importa, respondera. Nós o matamos.*

Esse era um crime punível com morte — assassinar um ex-combatente inimigo, uma violação do cessar-fogo. Então Franz enterrou o homem. E sendo aquela época como era, ninguém apareceu procurando por ele. Ninguém nem reparou que ele havia sumido.

Mas o homem pesava na consciência de Franz Muller, tanto quanto qualquer uma das vítimas do leste por quem ele se sentia responsável. Ele tinha entalhado uma pequena cruz de madeira na árvore sobre o túmulo e o visitava uma vez por mês. Limpava as ervas mais persistentes, trazia flores e,

acima de tudo, ficava lá parado ouvindo a floresta e tentando mostrar seu respeito.

Em algum momento, seu pai fez uma pesquisa sobre o homem no arquivo local e descobriu um artigo, datado da mesma época, do jornal da cidade, que, na verdade, era mais como um informativo dos ocupantes americanos. Ele dizia que um tal Fyodor Ivanov, ex-interno do campo de prisioneiros VIIA, estava desaparecido, sendo visto pela última vez fora de Ehrenheim com seus antigos companheiros de campo. Era uma das muitas listagens, que ocupavam uma página inteira, de pessoas desaparecidas. E Franz não soube como continuar a busca. Ele tinha apenas o ensino primário. Não era um pesquisador. E Ivanov era um nome russo bem comum.

Alguns anos atrás, outro corpo tinha sido descoberto na mesma floresta. Foi bem antes de Franz Muller morrer, e ele acompanhou a notícia com interesse. Os ossos foram submetidos a um processo oficial comandado pelo departamento do governo alemão responsável por descobertas como essa. Eles foram analisados, embalados em um saco plástico e armazenado temporariamente no necrotério da cidade. Um teste de DNA revelou que pertenceram a um homem alemão de aproximadamente 38 anos, com evidências de ferimentos de guerra e morte causada por uma doença debilitante. Não conseguiram estabelecer uma identidade. Os ossos foram enterrados novamente, dessa vez no cemitério de Ehrenheim, numa caixa de papelão.

Os ossos desse homem, seja ele quem fosse, por acaso estavam em melhor situação do que antes de serem encontrados?, Franz Muller se perguntava. Ele honestamente não sabia. Clotilde poderia decidir, quando ele morresse, o que fazer. O segredo do seu pai agora era sua responsabilidade.

Ela ainda estava indecisa. Talvez um dia fosse até as autoridades pedir um processo oficial de exumação. Talvez desenterrassem os ossos e descobrissem informações suficientes para separar esse Fyodor Ivanov específico dos outros declarados mortos ou desaparecidos na época. Talvez sua família fosse localizada em algum lugar na atual Belarus e contatada por algum funcionário incansável do governo alemão, cujo trabalho fosse conduzir esse tipo de pesquisa pós-morte. E talvez isso faça com que alguém supere essa morte, ou incite ódio, ou reabra velhas feridas. Mas não traria o homem de volta.

Por enquanto, Clotilde mantinha a tradição do pai. Visitava o túmulo e cuidava para que não fosse totalmente coberto pela vegetação. Trazia flores do jardim e de vez em quando uma ou outra pedra bonita que encontrara em um passeio. A cruz original que Franz Muller entalhou no tronco de árvore sumira entre a vegetação, e agora havia uma nova marcação, um risco que ele fez na casca da árvore cerca de quinze anos antes, e que também mudou de lugar por conta própria. Qualquer transeunte que passasse pelo lugar acharia que se tratava do túmulo de um animal de estimação ou de uma casinha de fadas feita por alguma criança. Talvez a pessoa parasse por um momento e se perguntasse o que era aquilo. Mas provavelmente ninguém fazia isso.

Quando visitava o túmulo, Clotilde seguia as instruções do pai. Sob a luz mesclada que entrava pelas frestas do grande pinheiro, tentava pensar nas inúmeras e variadas belezas da vida: no jeito vigilante com que seus cães a assistiam enquanto ficava parada em silêncio; nos bulbos de açafrão que brotavam entre a neve derretida; no fato de que os seres humanos eram compelidos a construir catedrais, cantar canções de ninar e criar arte, a se dedicar a causas obscuras e campos esotéricos do conhecimento; na população mundial que aumentava cada vez mais, oitenta milhões de pessoas por ano.

Ela evocava tudo isso em sua mente na esperança de que fizessem algum sentido.

E não dizia uma só palavra.

AGRADECIMENTOS

Este livro demorou sete anos para ser escrito, então, em primeiro lugar, gostaria de agradecer à minha família — meus filhos Tilde, Helen e William por segurarem as pontas durante os altos e baixos do processo de escrita e minhas longas horas na biblioteca. A meu marido, Preble, por sua paciência e bondade, pelas leituras preliminares, e por acreditar em mim.

Não poderia ter escrito este livro sem as muitas e extensas entrevistas com minha avó, e sem as histórias que minha mãe me contou quando eu era criança e que minha tia, Annegret Falter, continuou me contando mesmo depois de minha mãe morrer.

Este livro também não existiria sem as recordações e opiniões que muitas outras pessoas compartilharam comigo. Sobretudo, gostaria de agradecer a Dorothea von Haeften por me contar a biografia e as memórias de sua mãe, e por me introduzir, de maneira geral, à história dos valorosos homens e mulheres da Resistência Alemã. E a Annegret Falter, por me contar histórias e ainda responder um milhão de perguntas, localizar fatos e ajudar a ligar os pontos. A Friedrich-Christoph von Saldern e Ellen von Winterfeld, Mechtilt Reike, Heidewig Ellerman e Constanze von Salmuth (por meio de seu filme), por me oferecerem suas lembranças. A meu pai, John, que acreditou neste livro desde o começo e me forneceu sua sincera opinião como leitor e excelente ouvinte. A Petra e Jürgen Schrewe, que generosamente me acolheram em sua casa.

Também não posso esquecer minha dívida com os muitos e excelentes livros, filmes e biografias que consultei. *Frauen*, de Alison Owings; *Ordinary Men*, de Christopher Browning; *Black Earth*, de Timothy Snyder; *DP: Europe's Displaced Persons, 1945–1951*, de Mark Wyman; todos os livros de Gitta Sereny; os diários de Victor Klemperer; *The Past Is Myself*, de Christabel Bielenberg; *Memories of Kreisau and the German Resistance*, de Freya von Moltke; *Battleground Berlin*, de Ruth Andreas-Friedrich; *On Hitler's Mountain*, de Irmgard Hunt; *Hitler's Children: The Hitler Youth and the SS*, de Gerhard Rempel; *Courageous Hearts*, de Dorothee von Meding; *Backing Hitler*, de Robert Gellately; *The German War*, de Nicholas Stargardt; *Not I: Memoirs of a German*

Childhood, de Joachim Fest; *A Woman in Berlin*; e o emocionante filme de Hava Kohav Beller, *The Restless Conscience*, entre muitos outros.

A meus leitores Karen Schwartz, Risa Miller, Dehn Gilmore e Anjali Singh pela inestimável ajuda nas várias etapas do processo. Meus maravilhosos agentes Eric Simonoff e Raffaella de Angelis. A minha enérgica e rigorosa editora, Jessica Williams, que derramou sangue, suor e lágrimas pelo livro. A toda a equipe da William Morrow — Kelly Rudolph, Liate Stehlik, Lynn Grady e Doug Jones — por me receberem na equipe com *champagne* e entusiasmo.

Também serei eternamente grata a Alexandra Fernholz, Leonie Goetzens, Judith Hintner, Sofia Folkesson e Hanna Ahlin pela gentileza e o apoio. E a MacDowell Colony e a Biblioteca Pública de Brookline por me oferecerem um lugar sossegado para escrever.

PUBLISHER
Omar de Souza

GERENTE EDITORIAL
Mariana Rolier

EDITORA
Alice Mello

TRADUÇÃO
Livia Koeppel

PRODUÇÃO EXTERNA
Balão Editorial

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Osmane Garcia Filho

CONVERSÃO PARA E-BOOK
Abreu's System